

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA**

Atravessando Sertões

Memórias de Velhas e Velhos Camponeses do Baixo-Jaguaribe-Ce.

José Olivenor Souza Chaves

**Recife
2002**

Atravessando Sertões

Memórias de Velhas e Velhos Camponeses do Baixo-Jaguaribe-Ce.

José Olivenor Souza Chaves

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

Atravessando Sertões

Memórias de Velhas e Velhos Camponeses do Baixo-Jaguaribe-Ce.

José Olivenor Souza Chaves

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Jr.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em História.

**Recife
2002**

Ficha Catalográfica

C438a

Chaves, José Olivenor Souza.

Atravesando Sertões: Memórias de Velhas e Velhos Camponeses do Baixo Jaguaribe-CE / José Olivenor Souza Chaves. – Recife, 2002.

338p.

Orientador: Durval Muniz de Albuquerque Júnior
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco

Memórias de Camponeses; Sertão; 3. Baixo Jaguaribe-CE; I. Albuquerque Jr. Durval Muniz; II. Universidade Federal de Pernambuco; III. Título.

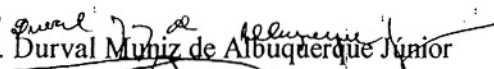
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

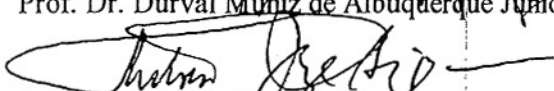
Atravessando Sertões

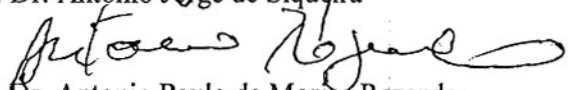
Memórias de Velhas e Velhos Camponeses do Baixo-Jaguaribe-Ce.

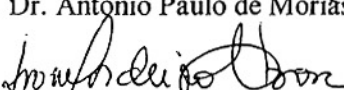
José Olivenor Souza Chaves

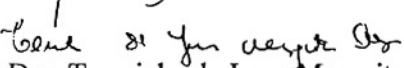
Esta tese foi julgada e aprovada, em sua forma final, pelo orientador, membros da banca examinadora, composta pelos professores:

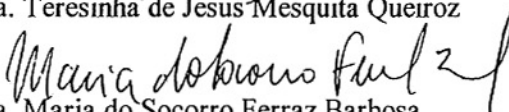

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Junior


Prof. Dr. Antonio Jorge de Siqueira


Prof. Dr. Antonio Paulo de Morias Rezende


Profª Dra. Ivone Cordeiro Barbosa


Profª Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz


Profª Dra. Maria do Socorro Ferraz Barbosa

*Dedico este trabalho ao meu pai Oliveira [in memorium]
pelo exemplo de resignação e coragem*

"...procurei primeiro que tudo conhecer o povo e com ele identificar-me. Acompanhei-o passo a passo no seu viver, e então, nos campos e povoados, no sertão (...), ouvi e decorei seus cantos, suas queixas, suas lendas e profecias, – aprendi seus usos, costumes e superstições; (...) e guardei dentro de mim os sentimentos de sua alma, – com ele sorri e chorei, – e depois escrevi o que ele sentia, o que cantava, o que me dizia, o que me inspirava..."

Juvenal Galeno

Agradecimentos

Foram tantos momentos compartilhados com dezenas de pessoas ao longo da construção deste trabalho, que não seria possível creditar cada um deles no espaço que disponho. Mas gostaria de tornar público meus agradecimentos a todos aqueles que mais diretamente participaram de sua construção, encorajando-me das mais diversas maneiras.

Agradeço a Deus, “inteligência suprema” e “causa primária de todas as coisas”.

À minha família, cerne de minha vida, pelo apoio constante. Que o amor fraterno possa nos unir cada vez mais.

Toda minha gratidão ao Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Jr., orientador deste trabalho, que, com seu vasto conhecimento historiográfico e sua aguçada sensibilidade de pesquisador, muito contribuiu para seu desenvolvimento. É no rito deste registro que torno público meu respeito e minha admiração pelo profissional correto e pelo intelectual de excelência que você é.

Aos professores Jorge Siqueira e Silvia Cortez, membros da Banca de Qualificação, pelas valiosas contribuições. Para mim, a simplicidade e a generosidade que caracterizam a personalidade de ambos, representam uma motivação e uma certeza de que podemos fazer da academia um lugar, também, de produção de valores humanos.

À professora Ivone Cordeiro, pelo incentivo e pelas valiosas contribuições. Quero que saiba que o Sertão - é de fato - Um Lugar-Incomum. Espero que a leitura deste trabalho possa lhe trazer boas recordações dos sertões de sua meninice.

Aos meus colegas de Doutorado, pela convivência alegre que sempre marcou nossos encontros. Agradeço especialmente à amiga Sílvia Couceiro, por imaginariamente ter-me acolhido na cidade do Recife e ao amigo Clarindo, cearense desgarrado que encontrou na

Campina um Grande pouso. "... A Praia do Futuro, o farol velho e o novo..." estão sempre a lhe esperar.

Aos cearenses - Zilda, Sandrinha, Amélia, Hidelbrando e Clésia - que me acolheram na cidade do Recife e com quem mais diretamente compartilhei minhas saudades do Ceará.

Meus agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram diretamente na realização da pesquisa de campo: Evanildo, Rafael e Elismar, em Jaguaruana; Lourdes, Carlinhos e Rogileuda, em Morada Nova; Mônica, em Limoeiro do Norte e Djacir, em Quixeré. Aos amigos de Russas, meu muito obrigado a Elenir, Bernadete, Cristiane, Guacira, Neuciliano, Angélica, Liduína, "Uel", Jarbas e Flávio. À D. Terezinha e toda sua família meu abraço fraterno. Agradeço especialmente à Elisângela e à Verônica que, comigo, atravessaram tantos sertões.

Ao meu amigo Gerson Júnior, antropólogo "das águas marinhas" e poeta que faz da paixão e do sonho sua arte de viver. Obrigado por tudo que aprendi com você, durante nossa convivência na cidade de Limoeiro do Norte, pelas viagens imaginárias que fizemos juntos e por nossas reflexões que sempre estreitaram as fronteiras entre a história e a antropologia. Obrigado à Marinina Gruska, pelo incentivo e pelas contribuições sempre pertinentes.

Ao amigo Hidelbrando Soares, por sua competência, seu profissionalismo e suas valiosas e decisivas contribuições. Espero que este trabalho possa de alguma forma auxiliar suas reflexões sobre a geografia cultural da região do Baixo-Jaguaribe.

À minha amiga Cibele, Ser Humano capaz de iluminar qualquer mundo.

Ao meu amigo João Rameres Régis, legítimo filho do Vale do Jaguaribe.

Às amigas Zilda, Tacileide e Verinha, três mulheres cidadinas que pouco conhecem dos sertões que atravessei. Espero que este trabalho possa mostrar-lhes o quanto este espaço é diverso, é plural.

Ao IMOPEC (Instituto da Memória do Povo Cearense) nas pessoas de Célia e Fátima Guabiraba. À Malvinha, uma amante dos sertões e por quem tenho um profundo carinho.

Aos meus colegas professores do curso de História da FAFIDAM/UECE, que permitiram, em meio a tanta carência, meu afastamento para cursar o doutoramento.

Ao Programa Institucional de Capacitação Docente da Universidade Estadual do Ceará – PICDT/CAPES/UECE, pela concessão de bolsa durante a realização do Doutorado em História, na UFPE.

Ao grande amigo Jorge Fernandes, pelos exemplos de paciência, serenidade e fé. Obrigado por acreditar em mim e por lembrar-me sempre que “a vida é uma luta, menino” sem que tenhamos que desanimar, pois nunca estamos sós. Que o Mestre Jesus lhe abençoe.

A Fabiano e Isa, amigos solidários, pelo apoio incondicional que vocês me deram no momento de finalização deste trabalho. Que a força do amor possa uni-los cada vez mais e que a poesia desse amor possa inspirar um sem número de novas canções. Sou eternamente grato a vocês dois.

Meu obrigado todo especial à Andréia Coelho Ramos, pela paciência, pela compreensão, pelo incentivo, pela ajuda constante e por tudo que aprendi e dividi com você nestes últimos anos. Agradeço à vida que possibilitou nosso encontro. Por não conseguir traduzir em palavras minha emoção, deixo meu coração e meu sentimento pedir a Deus que lhe abençoe hoje e sempre.

Agradeço, enfim, a todos aqueles que se dispuseram a contar-me suas histórias de vida. Com vocês sorri, chorei e aprendi um pouco mais sobre os sertões e muito sobre a vida. Que Deus lhes conceda saúde, descanso e paz de espírito.

SUMÁRIO

LISTA DE FOTOS	11
RESUMO / ABSTRACT	12
INTRODUÇÃO	
<i>Os primeiros passos</i>	13
PRIMEIRA PARTE	
<i>Quando eu morrer cansado de guerra, morro de bem com minha terra</i>	37
PRIMEIRA PARADA	
<i>O camponês e o mundo natural</i>	45
SEGUNDA PARADA	
<i>O camponês e o trabalho</i>	75
TERCEIRA PARADA	
<i>O camponês e a mata</i>	110
QUARTA PARADA	
<i>O camponês e as águas</i>	132
QUINTA PARADA	
<i>Casas de farinha, toldas de cera, serões de trança, vaqueiros e comboeiros</i> . 140	
SEXTA PARADA	
<i>O camponês e as festas</i>	164
SEGUNDA PARTE	
<i>Amarga que nem jiló</i>	185
PRIMEIRA PARADA	
<i>O camponês e as secas</i>	187
SEGUNDA PARADA	
<i>O camponês e as enchentes</i>	250
TERCEIRA PARADA	
<i>O camponês e as doenças</i>	272
TERCEIRA PARTE	
<i>Toda vereda de roça vai descambar na cidade</i>	288
PRIMEIRA PARADA	
<i>O lugar sertão</i>	290
SEGUNDA PARADA	
<i>O não lugar - a cidade</i>	307

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre Lembranças e Saudades..... 322

FONTES e BIBLIOGRAFIA 325

Lista de Fotos

Foto 01 – estiva do rio Jaguaribe no município de Jaguaruana.....	19
Foto 02 – entrevista com o Sr. João Pereira Cunha – Açude do Coelho-Jaguaruana.....	23
Foto 03 – vista do Vale do Jaguaribe – Chapada do Apodí – Quixeré.....	45
Foto 04 – Sr. Chiquinho Pitombeira e D. Lourdes – Riachinho – Russas.....	63
Foto 05 – Sr. Antônio Eugênio na colheita do feijão: inverno de 1999 – Pacatanha – Chapada do Apodí – Jaguaruana.....	75
Foto 06 – D. Ana Francisco – Sítio Tomé – Quixeré.....	86
Foto 07 – Rio Jaguaribe no inverno de 1999 – Jaguaruana.....	107
Foto 08 – vereda entre Lagoa Sta. Teresinha e Riachinho – Russas.....	110
Foto 09 – Sr. Isac e D. Rosa – Lagoa de Santa Teresinha – Russas.....	125
Foto 10 – Açude do Barracão – Santo Antônio – Russas.....	132
Foto 11 – D. Estelita e família – Lagoa de Santa Teresinha – Russas.....	138
Foto 12 – casa de farinha – Sapé – Limoeiro do Norte.....	140
Foto 13 – farinha: processo de torragem da farinha– Sapé – Limoeiro do Norte.....	142
Foto 14 – Carnaubal – Itaçaba.....	145
Foto 15 – Sr. João Delfino – Canto da Cruz – Palhano.....	150
Foto 16 – mulheres da comunidade do Canto da Cruz – Palhano – Traçando a palha da carnaúba.....	154
Foto 17 – D. Luzia – Pacatanha – Jaguaruana.....	155
Foto 18 – o velho vaqueiro João André – Jaguaruana.....	160
Foto 19 – D. Maria Pereira de Almeida – Lagoa de Sta. Teresinha – Russas.....	165
Foto 20 – D. Altina Delfino – Canto da Cruz – Palhano.....	169
Foto 21 – Sr. Amaro – Alto do Ferrão – Itaçaba.....	172
Foto 22 – Sr. Pedro das Neves após entrevista – Vazantes – Morada Nova.....	176
Foto 23 – vereda entre Lagoa Sta. Teresina e Riachinho – Russas.....	187
Foto 24 – D. Altina no momento da entrevista – Sítio Lima – São João do Jaguaribe.....	205
Foto 25 – Sr. Raimundo Mendes e esposa D. Eulália – Aldeia Velha – Tab. do Norte.....	217
Foto 26 – Sr. Francisco Vieira – Aldeia Velha – Tabuleiro do Norte.....	238
Foto 27 – inverno de 1999 - Chapada do Apodí – Jaguaruana.....	250
Foto 28 – Sr. João Pereira – Açude do Coelho – Jaguaruana.....	272
Foto 29 – casa do Sr. Antônio Eugênio da Silva – Pacatanha – Chapada do Apodí – Jaguaruana.....	290
Foto 30 – terreiro da casa de Sr. Antônio Eugênio – Pacatanha – Jaguaruana.....	293
Foto 31 – Sr. Onofre e D. Maria Júlia – Lagoa de Santa Teresinha – Russas.....	294
Foto 32 – Cidade de Russas – 1994.....	307

RESUMO

Articulando memória e experiência pessoal, procurei acompanhar o curso ordinário das experiências registradas pelas memórias de velhas e velhos camponeses da região do Baixo-Jaguaribe-CE, objetivando expressar a pluralidade de sentidos que os camponeses atribuem aos sertões em que nasceram e cresceram.

Assim, através da História Oral de vida, estabeleci outros níveis de compreensão acerca das experiências vividas por esses sujeitos, que pudessem contrapor as interpretações que absolutizam a seca como sendo a única experiência vivida nos sertões do Ceará.

Quanto à narrativa do trabalho, ela sugere ao leitor uma idéia de travessia que se realiza por diversos pedaços de sertões e por várias temporalidades que marcam o tempo da memória de meus entrevistados.

ABSTRACT

Articulating memory and own experience, i tried to follow the customary course of the registered experience by the memories of old countymen from the territory of Baixo-Jaguaribe CE, objectifying to express the aiming sense plurality that the countrymen assign to the hinterland where they had born and grown.

So, through the Oral History of life, i set other comprehension levels about the experience lived by those men, who could compare the interpretation that make absolute the seca as the only lived experience in the hinterland of Ceará.

As forregard to the work narrative, it suggests to the reader an idea of crossing that complete itself in a lot of pieces of hinterland and period which marks the time in my interviewed memories.

Os Primeiros Passos

*“Atravessei a Rua, atravessei a vida
Acreditei que era perto e fui lá ver”*

Luiz Gonzaga Júnior

Roteiro das boiadas que impulsionaram a colonização da Capitania do Ceará nos séculos XVII e XVIII, as ribeiras do rio Jaguaribe representavam a mais importante via de acesso por onde entraram as correntes migratórias oriundas das regiões açucareiras da Bahia e Pernambuco. Ao encontrarem facilidade de água e terras férteis, os primeiros colonizadores foram instalando, ao longo das várzeas do Jaguaribe, currais para a criação de gado, dando início, assim, à prática da pecuária extensiva.¹

Diferentemente das áreas que foram ocupadas na ribeira do Jaguaribe com o criatório de gado, os espaços além várzeas eram considerados territórios impróprios que serviam apenas como “terras de recreação”, ou seja, livres para a pastagem do gado. No entanto, já no final do século XVIII, com a implantação do cultivo de algodão, esses espaços foram incorporados ao processo produtivo em função da formidável adaptação dessa cultura às condições naturais próprias da região. Concomitante ao cultivo de algodão, tanto nas áreas de caatinga como na chapada do Apodi, o uso das terras estava associado à prática de uma agricultura de subsistência.²

No entanto, a partir da segunda metade do século XIX, a extração da cera de carnaúba se tornou a mais importante atividade econômica desenvolvida nas várzeas do Jaguaribe, particularmente no seu baixo curso. Esta atividade, juntamente com a produção de algodão, constituiu-se na principal alavanca impulsionadora da

¹ Cf. Valdelice Carneiro Girão. “Da Conquista e Implantação dos Primeiros Núcleos Urbanos na Capitania do ‘Siará Grande’” e José Borzacchiello da Silva. “O Algodão na Organização do Espaço”. In. Simone Souza (Coord.). *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

² Cf. Hidelbrando dos Santos Soares. *Agricultura e reorganização do espaço: a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte – Ce*. Dissertação de Mestrado em Geografia apresentada a UFPE. Recife: 1999. pp. 40, 42 e 43.

economia da região,³ motivando, assim, a formação de uma elite política e econômica. Contudo, verifica-se, a partir de meados do século XX, o declínio da produção de cera de carnaúba no cenário econômico do Estado. Segundo Hidelbrando Soares, este declínio coincide com o processo de modernização da agricultura brasileira proposto pelo Estado e fundamentado na lógica da integração nacional: *No baixo Jaguaribe esse processo de modernização da agricultura se materializou através do planejamento e execução de projetos e programas que visavam a implantação de uma agricultura irrigada, favorecida pelas boas condições edafo-climáticas e de recursos hídricos, voltada para a produção de alimentos para o mercado nacional. (...).*⁴

Embora essas informações sejam importantes para a compreensão do contexto histórico da região do Baixo-Jaguaribe, o interesse desta investigação reside em estabelecer, através da história de vida de velhas e velhos camponeses,⁵ níveis de compreensão acerca das experiências⁶ vividas por esses sujeitos, que possam contrapor as interpretações que absolutizam a seca como sendo a única experiência

³ Até meados do século XIX, a região do Baixo-Jaguaribe era composta apenas pelos atuais municípios de Aracati (1747) e Russas (1766). No entanto, a partir de 1865, inicia-se o processo de desmembramento destes municípios como se pode verificar no quadro a baixo:

Município	Ano de Emancipação	Origem
Aracati	1747	-
Russas	1766	-
União	1865	Aracati
Limoeiro	1868	Russas
Morada Nova	1876	Russas
Tabuleiro do Norte	1957	Limoeiro do Norte
São João do Jaguaribe	1957	Limoeiro do Norte
Alto Santo	1957	Limoeiro do Norte
Quixeré	1957	Russas
Palhano	1958	Russas
Ibicuitinga	1988	Morada Nova

⁴ Hidelbrando dos Santos Soares. *Agricultura e reorganização do espaço: a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte* – Ce. op. cit. p. 12. Voltarei a essa questão na primeira parte do trabalho, mais especificamente no seu segundo capítulo.

⁵ Embora reconheça que a expressão camponês seja bastante genérica, foi com ela que alguns dos entrevistados se auto-denominaram. Desta forma, gostaria de ressaltar que utilizarei, ao longo deste trabalho, esse conceito para identificar os sujeitos da pesquisa. Numa caracterização geral, podemos defini-los como produtores rurais que praticam uma agricultura de sequeiro, independente de terem ou não a posse da terra. Portanto, incluímos nessa categoria não apenas os pequenos proprietários, mas, todos aqueles que, sob condições específicas, tenham acesso ao uso da terra - rendeiros e moradores, por exemplo.

⁶ Utilizarei o termo experiência no sentido indicado por Thompson, ou seja, como elemento estruturador da vida e da consciência social que se realiza e se expressa, por exemplo, nos sistemas de parentesco e costumes. Cf. E. P. Thompson. “O Termo Ausente: Experiência” In. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981. p. 189.

vivida nos sertões do Ceará. Para isto, foi preciso compreender o quanto este espaço parece ser mesmo “a alma de seus homens”.⁷ Se isso é verdade, e creio que o seja, foi-me preciso vivenciá-lo de forma mais intensa, de maneira a me permitir vê-lo, não apenas como um espaço físico, mas sim, como um lugar de múltiplos significados. Desta forma, a ânsia de encontrá-los, de conhecê-los, motivou a realização desta travessia pelo sertões do Baixo-Jaguaribe.⁸

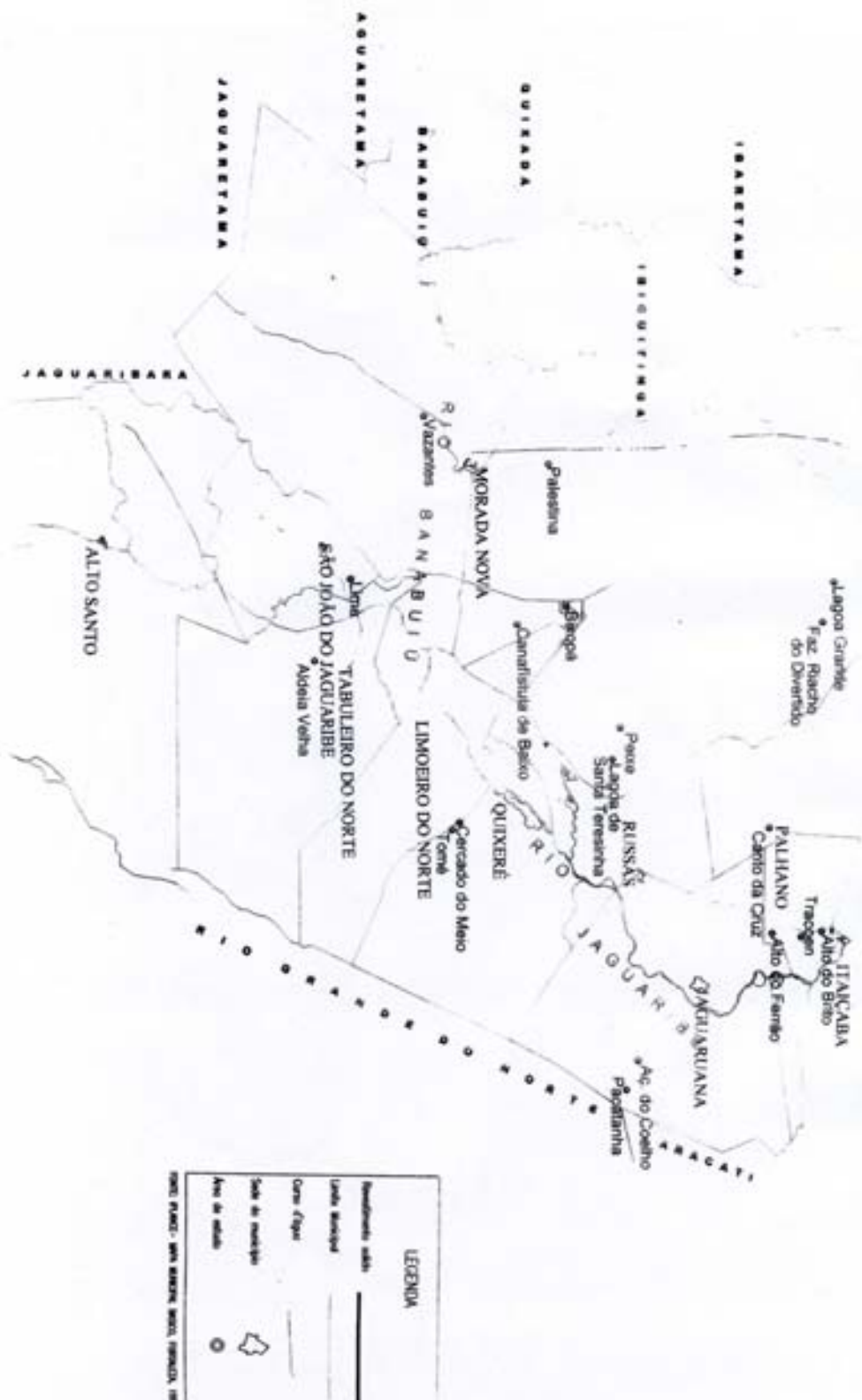
Ao mesmo tempo que me sentia estimulado a abandonar o asfalto e passar a percorrer as muitas veredas de roça que encontrava pelo caminho, sabia que esta não era a única travessia que eu deveria fazer; havia uma outra mais longa: a travessia do tempo. Para isto, precisava viajar um pouco mais pelos caminhos da vida dos homens e mulheres daqueles sertões. Assim, adentrar ao máximo na finitude das memórias dos meus depoentes, mais do que qualquer outro meio, parecia ser o meu ponto de partida.⁹

⁷ Carlos Rodrigues Brandão. *Memória/Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Editorial Cone Sul/Editora UNIUBE, 1998.

⁸ A idéia da travessia pelos sertões do Baixo-Jaguaribe, veio-me da leitura de Carlos Rodrigues Brandão. *Memória/Sertão*. op. cit. Nesta obra, Brandão, ao mesmo tempo que faz uma leitura de Grande Sertão: Veredas, obra de João Guimarães Rosa, refaz, ele próprio, a travessia pelo sertão das Gerais, anteriormente feita por Rosa, que, em muito, encareceu a importância das veredas para a compreensão das experiências sertanejas. De maneira geral, as comunidades onde foram realizados os trabalhos de campo, situam-se, geograficamente, em áreas de Planície Aluvial, ou seja, áreas de várzeas constituídas por solos de aluvião resultante da ação dos rios; Caatingas, caracterizadas por solos de baixa fertilidade natural, além de baixos índices pluviométricos e de Chapada, mais precisamente a Chapada do Apodi, o “mais rebaixado dos planaltos sedimentares do Ceará.” Cf. Hidelbrando dos Santos Soares. *Agricultura e reorganização do espaço: a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte – Ce*. op. cit. pp. 38, 40, 42 e 43. Gostaria de ressaltar, também, que ao longo do trabalho utilizei a expressão serra do Apodi, em vez de Chapada do Apodi, em razão de ser esta a forma como as pessoas da região do Baixo-Jaguaribe se referem a esse lugar. O mapa (p. XX) mostra a divisão territorial da microrregião do Baixo-Jaguaribe e a localização, por cada município, das comunidades onde realizei a pesquisa de campo.

⁹ Utilizando como metodologia de pesquisa a história oral, sob a forma de histórias de vida, realizei quarenta e uma (41) entrevistas com homens e mulheres de faixa etária acima de sessenta anos. Além do critério da idade, a seleção dos sujeitos da pesquisa obedeceu, ainda, a critérios de ordem espacial e econômica, ou seja: camponeses(as) residentes na zona rural, que tivessem na chamada agricultura de sequeiro, aquela que depende exclusivamente das chuvas, sua principal fonte de sobrevivência. Ao final de cada etapa da pesquisa de campo, era realizado, por mim, o trabalho de transcrição das entrevistas respeitando a riqueza e a singularidade da linguagem utilizada pelos depoentes. Após a transcrição de todo material colhido na pesquisa, fiz um cruzamento das entrevistas com o objetivo de mapear o universo temático proposto pelas mesmas. Além das 41 entrevistas realizadas, procurei, durante toda a pesquisa de campo, constituir um acervo iconográfico que pudesse retratar os sujeitos da pesquisa, as diferentes paisagens dos sertões, bem como cenas do cotidiano vivido na região. A revelação deste acervo, no entanto, constituía-se num momento de partilha entre familiares, amigos e curiosos, das experiências vividas por mim a cada etapa da pesquisa. Portanto, além de documentar o que estava vendo, tinha o intuito de compartilhar toda aquela experiência. Assim, ao longo deste trabalho, farei uso, sempre que possível, deste acervo, para poder contar mais do que vi e vivi durante toda a travessia pelos sertões da região do Baixo-Jaguaribe.

BAIXO JAGUARIBE - LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO



Deste modo, fui adentrando em tempos idos e pedaços de chão que ficaram grudados na alma daqueles camponeses. Assim, ao narrar suas histórias, parece que eles as retiram do próprio corpo, das próprias veias, do fundo da alma. São histórias que brotam com a marca do sentimento e que atravessam várias temporalidades.¹⁰

Por isso, iniciei a travessia do tempo sabendo que não poderia fazer de cada história narrada apenas uma estação de ociosa paragem. Ao menos, seria oportuno, antes de prosseguir na travessia, procurar em cada uma delas identificar os cenários, as personagens, as situações dramáticas ou divertidas, enfim, o que foi vivido e hoje é lembrado, ou, o que foi vivido e hoje encontra-se perdido nas zonas do esquecimento. Portanto, era preciso estar sempre em movimento cruzando tempos, espaços e memórias. Pois, na arte de lembrar e narrar, uma história sempre puxa outras histórias, com novas paradas, novos cenários e novas personagens.

Contudo, muitas vezes, para chegar naquilo que me era importante, precisava acompanhar a longa e densa travessia do tempo. Assim, deixando-se guiar pelas lembranças, como querendo saber mais sobre si mesmos, os meus narradores, a cada história que narravam, atravessavam muitas outras. Era preciso o tempo todo estar voltando ao pretérito do que hoje é o passado, assim como ao presente; porque, para se compreender o que se vive agora, é necessário recorrer às coisas de outrora.¹¹

Durante a travessia, os camponeses, que me faziam cúmplice de suas histórias, iam tecendo, em cada narrativa, as linhas

¹⁰ Os marcos cronológicos, pouco rígidos, foram delimitados a partir das próprias experiências de vida dos sujeitos da pesquisa. Desta forma, considero as vivências anteriores e posteriores tanto a seca de 1915 como a cheia de 1974 como as principais referências temporais da pesquisa.

¹¹ Segundo Walter Benjamin, num certo sentido, a narrativa é “uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica”. Cf. Walter Benjamin. “O Narrador”. In. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 205.

de seu passado infinito.¹² Desta forma, cada vez mais estimulado pela polifonia de suas lembranças, fui conhecendo muitos sertões, antes sequer imaginados. Assim, o sertão ia se transformando num campo de inesgotáveis possibilidades, fazendo-me compreender que não seria possível defini-lo precisamente, muito menos torná-lo mensurável, pois o sertão é antes um lugar do pensamento, do sentimento, do desejo da alma. Ele possui o tamanho que o pensamento lhe concede.

No entanto, para melhor conhecer a diversidade das situações experienciadas nestes sertões, foi preciso atravessar não apenas o sertão de areia seca que, no dizer de Gilberto Freyre¹³, chega a ranger debaixo dos pés, paisagens duras que chegam a doer nos olhos; mas foi preciso, igualmente, atravessar o sertão invernososo *do massapê, da argila, do humus gorduroso, cuja terra é pegajenta e melada*. Neste momento, recordo, por exemplo, que em uma das etapas da pesquisa de campo, no município de Jaguaruana, quando estava a caminho da comunidade da Pacatanha, fui surpreendido por uma grande chuva que fez correr um rio de lama, obrigando-me a abandonar a motocicleta em que viajava na companhia de um amigo e caminhar o restante do percurso, atolando pés e pernas, justamente nesta terra *pegajenta e melada* de que fala Freyre. Ao atravessar, pois, este sertão visguento, imagem antípoda do outro, de terra dura, de areia seca, percebi o quanto há de proximidade entre este sertão e a zona da mata estudada por Freyre. Aliás, no período invernososo, torna-se muito difícil o trajeto

¹² Segundo Alessandro Portelli, “(...) informantes são historiadores, de certo modo; e o historiador é, algumas vezes, uma parte da fonte.” Cf. Alessandro Portelli. “O que faz a história oral diferente”. In. *PROJETO HISTÓRIA*: Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP n° 14. São Paulo, SP, 1997. p. 38.

¹³ Gilberto Freyre. *Nordeste*. 6.ed. – Rio de Janeiro: Record, 1989. pp. 41 e 42. Segundo Durval Muniz, “quando se trata da institucionalização sociológica da região Nordeste e de sua invenção,” Gilberto Freyre tem, no seu livro *Nordeste*, sua principal contribuição. “Reconhecendo a diversidade interior ao próprio Nordeste ao se referir ao outro Nordeste de areias rangentes e escaldantes, Freyre tece uma unidade imagético-discursiva que toma como base o Nordeste açucareiro, já que a região de terras duras e secas seria mais propícia para servir de base a um discurso cuja estratégia fosse a denúncia das condições sociais da região. O Nordeste do açúcar serve mais prontamente para seu projeto de resgate de um passado de poder e riqueza que viesse compensar exatamente os problemas sociais e a decadência crescente dessa área do país. Terra que se deixava marcar mais facilmente pelos rastros da tradição. (...)” Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999. pp. 99 e 100.

de qualquer veículo por esta região, uma vez que os caminhos ficam intransitáveis; além do que, a estiva,¹⁴ que serve de ligação entre as duas margens do rio Jaguaribe, é destruída e submersa toda vez que o nível das águas do rio se eleva.

Lembro-me, perfeitamente, do drama que vivi ao atravessar os cento e vinte metros de comprimento da estiva num momento em que as águas do rio já estavam praticamente cobrindo-a. Ao chegar em uma das margens, por volta das 19:00 horas, percebi que o nível das águas havia subido consideravelmente.



(Foto 1 – estiva do rio Jaguaribe no município de Jaguaruana)

Confesso que fiquei bastante receoso de fazer aquela travessia, pois a estiva, construída de pedra e areia, não mede mais do que três metros de largura, os quais, em alguns pontos, já haviam sido destruídos pela força das águas. Era noite, e uma chuva fina tornava ainda mais difícil ver-se o chão de areia e pedra. Os faróis do carro apenas conseguiam focalizar as águas chocando-se com as pedras. O momento de maior apreensão, porém, foi quando um dos pneus caiu dentro de um buraco e o carro estancou. Neste momento, enquanto meu coração pulava descompassadamente, minhas pernas pesaram tanto que pareciam imóveis; pois, temia que, quando desse nova

¹⁴ Estiva é uma espécie de estrada que faz a ligação entre as duas margens do rio Jaguaribe.

partida no carro, o pneu ficasse cada vez mais preso nas pedras. Felizmente isto não aconteceu. Movido por um receio indescritível, consegui guiar o carro, em primeira marcha, até a outra margem do rio. Esta, entre outras agruras vividas na pesquisa de campo, fez-me, por algumas vezes, perguntar a mim mesmo: o que estou fazendo aqui? Não obstante, este questionamento era circunstancial e estéril, pois estava imbuído da certeza de que era preciso vivenciar aqueles locais, usar o “arquivo dos pés”, como nos sugere Simom Schama,¹⁵ pois, só assim, correndo risco, aventurando-me em busca das experiências vividas nestes espaços, seria possível chegar ao passado daqueles que se dispuseram a contar-me suas histórias de vida.

Assim, por tratar-se de algo não realizado e pronto, torna-se impossível pensar e traduzir os sertões por inteiro. Contudo, na companhia de velhas e velhos camponeses que tive a felicidade de conhecer ao longo da travessia, percorri várias temporalidades¹⁶ e conheci diversos pedaços de sertões guiado pela bússola de suas memórias. Muitas vezes percebia que um ou outro dos entrevistados resolvia demorar-se um pouco mais nalgum lugar do passado, limitando-se a olhar, em silêncio, paisagens familiares e queridas que há muito haviam sido deixadas para trás; mas, que, com muita força, ainda, falava-lhes ao coração calando fundo dentro do peito as palavras. Embora sensibilizado e imóvel por alguns instantes, um sentimento de curiosidade pelo mundo do outro dominava-me de tal maneira que as minhas perguntas serviam de contributo para que eles pudessem mergulhar cada vez mais fundo no rio de suas vidas.

No entanto, é preciso não perder de vista a grandeza do sertão. Porque lá é assim: quanto mais se percorre as veredas de roças,

¹⁵ Simon Schama. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 33 e 34.

¹⁶ Segundo Antonio Torres Montenegro, “(...) O tempo da memória é o tempo da experiência de um período de vida, de atividade profissional, política, religiosa, cultural, afetiva... que nos arrebatam e condicionam quase que inteiramente, nos fazendo perceber e reconstruir a realidade de uma determinada maneira. Realizar uma entrevista é sobretudo a tentativa de visitar com o entrevistado esses territórios diversos, que se relacionam e se comunicam através de uma lógica para nós desconhecida.” Cf. Antonio Torres Montenegro. “História oral, caminhos e descaminhos” In. *Revista Brasileira de História* – São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 13, nº 25/26, set-92/ago-93. p. 60.

mais sertão chega até nós. É como se o sertão não fosse um lugar certo; é como se ele estivesse em toda parte, de tal forma que quando menos se espera, mesmo quando já se tem traçado o rumo da travessia, ele chega e oferece uma outra direção a ser seguida.

Mesmo sendo longa e densa a travessia do tempo, os camponeses, ao narrarem as suas vivências, revelaram como estas são sumariamente carregadas de sentidos e de sentimentos. Desta forma, farei um esforço infinito para não deixar escapar os sentidos dos gestos que falam; dos sentimentos que foram silenciados por não ter sido possível traduzi-los através das palavras, mas cujos significados foram tão bem guardados pelas expressões que os próprios sentimentos marcavam em suas faces. Para isto, foi preciso *não fechar os olhos, nem tampouco o coração*, pois é através do coração que mais facilmente percebemos *o invisível da vida e do mundo*.

Os olhos lêem a vida e o mundo. Definem suas cores, traçam suas forças, dimensionam seus movimentos. Os olhos e o visível. Mas é o coração que percebe o invisível da vida e do mundo. Penetra nos seus mistérios, aprofunda suas tramas, inventa seus sentimentos, descobre a magia talvez absurda, que envolve a aventura humana. O visível e o invisível fazem parte da História, são inseparáveis, se o historiador quiser tentar compreender o significado dos labirintos, construídos pelos homens, não deve fechar os olhos, nem tampouco o coração. Ele não, apenas, avista as esfinges, mas deve procurar decifrar seus enigmas, mesmo que se perca nas infinitas trajetórias dos homens, nas aparências múltiplas que o jogo das relações sociais estabelece para encobrir os desencantos e as frustrações. A tarefa do historiador é imensa, necessariamente incompleta, pois os enigmas sempre exigirão novas leituras, dependendo do tempo e do espaço em que são / foram / serão produzidos.¹⁷

Ademais, o contato direto com os sujeitos da pesquisa fez-me refletir sobre o significado que a experiência vivida na pesquisa de campo teve não apenas para minha formação como historiador, mas, sobretudo, para minha formação como pessoa. Assim, ao mesmo tempo em que me encantava com os sertões que iam se descortinando à minha volta, reconhecia que o contato direto com os mais simples dos

¹⁷ Antônio Paulo Resende. *(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997. p.13.

sertões possibilitava-me experimentar tanto a diferença cultural e social que nos separava, quanto a proximidade de princípios e valores que nos unia.¹⁸

Desta forma, ao longo de toda a travessia, fomos construindo uma relação afetiva baseada no diálogo, no respeito e na valorização do outro. Conquanto mantivesse sempre uma relação dialógica com meus amigos de travessia,¹⁹ foi possível exercitar a arte de saber ouvir, tão fundamental aos historiadores que trabalham com a oralidade.²⁰ Assim, fui aprendendo, a cada dia, a respeitá-los,

¹⁸ Gostaria de ressaltar que o contato direto com os sujeitos da pesquisa não implicou a fixação de residência em nenhuma das comunidades em que realizei a pesquisa de campo, embora soubesse que esta convivência diária me possibilitaria uma posição melhor quanto à observação dos seus fazeres cotidianos. Conquanto não tenha fixado residência, pude experienciar este convívio cotidiano quando fiquei, por três dias, hospedado na casa do casal Antônio Eugênio e D. Luzia. Localizada na Pacatânia, no alto da serra do Apodi, a casa do velho casal de camponeses guarda, em boa medida, as características que marcam a maior parte das casas daqueles que foram por mim entrevistados: casas de taipa, construídas a partir de uma armação de madeira, cujos espaços vazios são preenchidos com barro. Em muitas delas, vê-se, facilmente, o madeiramento da taipa descoberto. Poucas são as casas rebocadas, ou seja, alisadas, e pintadas. Todas são, no entanto, cobertas com telha de cerâmica, seguras por velhos caibros de madeira que são na cozinha enegrecidos pela fumaça liberta do velho fogão de lenha. Quanto ao mobiliário, este pouco varia: encontra-se, geralmente, bancos, uma mesa, baús para guardarem roupas e mantimentos, além de muitos retratos de santos e de políticos da região decorando as paredes da pequena sala. Algumas, no entanto, possuem uma cama de casal, um guarda-roupa e um armário para louças. A energia elétrica já chegou em algumas das comunidades, possibilitando, assim, não apenas a substituição da lamparina pela luz elétrica, como, em uma ou outra casa, a aquisição de uma geladeira e de uma televisão. As condições de higiene são muito precárias. As residências não possuem banheiros e a água que é consumida geralmente vem de um poço ou cacimbão. Quando estive hospedado na casa do Sr. Antônio Eugênio, tomávamos água de um cacimbão em que um corujão estava pondo seus ovos. Ao descer para matá-lo, o filho do “seu” Antônio Eugênio retirou não apenas o corujão, que virou, para mim, objeto fotográfico, e para a criançada, objeto de brincadeira, como também ratos e outros insetos. No início da pesquisa de campo, sobretudo na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, procurei entrevistar todos os velhos (homens e mulheres) residentes nesta comunidade. No entanto, como iria realizar a pesquisa em nove municípios da região do Baixo-Jaguaribe, passei a selecionar os entrevistados. Para isto, antes de fazer uso do gravador, mantinha contatos informais com os mais velhos, objetivando perceber a facilidade de rememoração dos mesmos. Algumas vezes minha tarefa foi dificultada pelas atividades que muitos ainda desenvolvem na roça. Por ocasião da minha estadia na casa do Sr. Antônio Eugênio, junho de 1999, várias vezes pude acompanhá-lo a seus locais de trabalho, ocasiões em que aproveitava não só para conversar com ele, mas também para observá-lo na execução de suas tarefas, chegando, inclusive, a participar de algumas delas.

¹⁹ Quando utilizo a expressão amigos de travessia, estou me referindo a todos àqueles que foram por mim entrevistados.

²⁰ Apesar de ter trabalhado com um grande número de depoentes, 41 no total, apenas dois mantiveram-se numa postura mais reservada quando da realização da entrevista. Portanto, a grande maioria, mesmo no momento da entrevista, mantiveram uma conversação descontraída como será possível verificar ao longo deste trabalho. Esta constatação, por sua vez, contraria a imagem clássica do camponês rude, construída, em grande medida, por Graciliano Ramos, na qual o camponês “só sabe que não sabe de nada, que nasceu pra sofrer, para ‘mansar brabo, curar feridas e consertar cercas’, ou seja, remendar os buracos da grade de sua própria prisão de letras”. Cf. Francisco Fabiano de Freitas Mendes. *Tudo era seco: Fome, Fala e Poder em “Vidas Secas”*. Monografia de Graduação em História apresentada a UECE, Fortaleza: 2000. p. 72.

apreciando-lhes e reconhecendo, em muitos deles, as qualidades de caráter, de honestidade e de força moral tão raras nos dias de hoje.



(Foto 2 – entrevista com o Sr. João Pereira Cunha – Açude do Coelho-Jaguaruana)

Decerto, não encontrei grandes dificuldades em transpor as barreiras da desconfiança que normalmente marcam as relações entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Na verdade, as desconfianças foram sendo vencidas com naturalidade, uma vez que procurei ao longo de toda a pesquisa agir com a máxima espontaneidade, partindo sempre do princípio de que, embora entre nós houvesse diferenças, aquelas pessoas, com as quais eu estava convivendo, mereciam respeito e afeto. Assim, ao mesmo tempo que procurava esmiuçar detalhes de suas vidas através de minhas perguntas, procurava, por outro lado, estabelecer uma conversa mais informal na qual eu também expunha um pouco da minha pessoa, da minha vida, da minha história. Dessa maneira, o trabalho de campo significou, acima de tudo, uma oportunidade singular para que eu pudesse, no exercício da ética, relativizar valores e conceitos.

Segundo Alessandro Portelli, o respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo constitui-se numa das primeiras lições de ética para os historiadores que trabalham com a oralidade.

(...). Embora possamos ser doutores em qualquer matéria entrevistando analfabetos, na situação de campo são eles que têm as informações e, gentilmente, compartilham-nas conosco. Manter em mente esse fator significa lembrar que estamos falando, não com 'fontes' - nem que estamos por elas sendo ajudados -, mas com pessoas. A questão não é que tipo de expressões já consagradas pelo uso empregamos em nossa abordagem; as boas maneiras são meramente a manifestação externa de respeito genuíno. Caso contrário, poderemos repetir 'aprender', em vez de 'estudar', o quanto quisermos, mas nossos interlocutores com certeza não se deixarão enganar.²¹

Quanto à travessia, essa percorreu sempre o curso ordinário das experiências registradas pelas memórias de homens e mulheres absolutamente comuns, as quais fizeram-me ver o quanto a vida cotidiana dos sertões engloba práticas diversas que são, no dizer de Michel de Certeau, "artes de fazer". Nesse sentido, os fazeres comuns da vida cotidiana, por serem, ao mesmo tempo, formas de resistência e práticas de reapropriação, possibilitaram-me ler de outra maneira o espaço do sertão, fazendo-me ver o quanto a idéia de lugar-comum é uma realidade vazia. Portanto, estimulado pelas reflexões de Certeau, busquei apreender no espaço vivido alguns aspectos da inventividade que as "artes de fazer" camponesa revelam. Para Certeau, são as práticas e experiências efetivadas pelos sujeitos que constroem o espaço.²² Sendo assim, no dizer de Bachelard, *o espaço convida à ação, e antes da ação a imaginação trabalha. Ela ceifa e lavra.*²³ Essa idéia de espaço como "lugar praticado", é ainda compartilhada por Armand Frémont. Segundo Frémont, os homens apreendem desigualmente o espaço que os rodeia, uma vez que *habitar não é a única maneira de nos situarmos. Todos os*

²¹ Alessandro Portelli. "Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral". In. *PROJETO HISTÓRIA*: Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP n° 15. São Paulo, SP, 1997. p. 25.

²² Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

²³ Gaston Bachelard. *A Poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 31. A exemplo de Bachelard, Simon Schama nos esclarece que é a nossa percepção transformadora que estabelece a diferença entre a matéria bruta e paisagem. Cf. Simon Schama. *Paisagem e memória*. op. cit. p. 20.

*atos da vida, particularmente os que se repetem, implicam certas localizações de formas, de signos, de valores, de representações, e, por conseguinte criam lugares.*²⁴

Embora reconheça a dificuldade em analisar e descrever o cotidiano camponês, não posso esquecer *que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais.* Sendo assim, estou atento ao risco de cair em homogeneizações que venham descaracterizar as práticas cotidianas dos camponeses do Baixo-Jaguaribe.²⁵

Contudo, estou consciente de que não poderei contar mais do que uma pequenina fração do que ocorreu no passado pessoal e coletivo de cada um dos entrevistados, uma vez que é impossível se percorrer toda a imensidão do passado. Desta forma, por haver uma diferença entre os acontecimentos passados e os relatos colhidos sobre esses acontecimentos, não se torna possível recuperar e recontar precisamente o verdadeiro passado.

Primeiramente, nenhum relato histórico consegue recuperar a totalidade de qualquer acontecimento passado, porque seu cotidiano é virtualmente infinito. A narrativa histórica mais detalhada assimila apenas uma fração mínima até mesmo do passado relevante; o próprio fato de o passado ser passado impede sua total reconstrução. Grande parte das informações sobre o passado jamais foi registrada, e a maior parte do que sobrou perdeu-se.²⁶

Desta forma, a única premissa, que é absolutamente dedutível ao historiador, é a de que o passado realmente aconteceu. Nesse sentido, a história diz respeito à capacidade que as pessoas têm de transmitir para seus semelhantes sua própria vivência. Assim, só é possível construir uma imagem do passado a partir dos restos que ele nos legou. Todavia, do acúmulo de acontecimentos que se verifica cotidianamente, muito mais matéria chega à zona do esquecimento do

²⁴ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. Coimbra - Portugal: Livraria Almedina, 1980. p. 133.

²⁵ Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. op. cit. p. 38.

²⁶ David Lowenthal. "Como conhecemos o passado". In. *PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP n° 17*. São Paulo, SP, 1998. p. 111.

que até nós. Isto significa dizer, em princípio, que não é possível história onde não há o registro.

Por outro lado, ainda, é preciso considerar que o passado representa um conjunto de acontecimentos e situações, tornando-se, assim, impossível traduzi-lo através apenas de um relato. Segundo David Lowenthal, nenhum relato pode ser comparado ao passado em razão do fato desse não mais existir. Assim, só é possível julgar a veracidade do relato comparando-o com outros registros e não com os acontecimentos em si.²⁷ Portanto, o papel do historiador assemelha-se ao do fotógrafo, uma vez que não consegue retratar toda a paisagem, fazendo, de sua narrativa histórica, apenas uma história sobre o que aconteceu.

Contudo, é preciso se ter claro que toda ação humana tem o desejo de se projetar para o futuro. Desse modo, todo documento, independente da sua natureza, carrega em si essa mesma intenção. Assim, quando estamos diante de um arquivo, por exemplo, os documentos ali arquivados projetam para o futuro uma determinada expectativa pessoal ou coletiva do que se gostaria que fosse o futuro. O que ocorre, no entanto, é que embora se possa encontrar no passado vários projetos de futuro, apenas um efetivou-se como presente.

O historiador, portanto, tem que se despir de uma certa idéia de presente, para poder investigar com mais lucidez o passado, tendo como pressuposto básico o fato de que esse passado algum dia foi presente com vontade de ser futuro. Este é o enigma que o passado nos coloca e que o historiador deve estar disposto a decifrar. Em outras palavras, o historiador tem que estar consciente de que a verdade do presente representa uma verdade muito provisória e, ainda assim, sujeita a mil impasses, a mil controvérsias.

Portanto, o documento, entendido aqui no seu sentido mais lato, representa a forma pela qual os homens buscam perpetuar a sua

²⁷ David Lowenthal. “Como conhecemos o passado”. op. cit. p. 111.

própria experiência. Nesse sentido, do ponto de vista documental, o depoimento oral possui o mesmo princípio do registro escrito, o qual se traduz no desejo da projeção e da permanência; ou seja, toda pessoa que se disponha a falar dela própria, já projeta, em si mesma, a dimensão da permanência. Neste caso, o discurso produzido pelo depoente, nada mais é do que o resultado da objetivação do seu mundo. Dessa forma, o depoente representa, nele próprio, o registro, o documento. Assim, torna-se imperioso ao historiador, relativizar o fato de que o documento escrito possua maior confiabilidade do que o depoimento oral. Por outro lado, ainda, o historiador não deve apenas se apoiar nos documentos que foram intencionalmente elaborados pelos homens, uma vez que estes costumam deixar rastros, indícios que comprovam a sua existência.

Um outro fator que limita o conhecimento do passado, e, por isso mesmo deve ser considerado, diz respeito ao fato de estarmos presos às nossas próprias estruturas; ou seja, o passado que conhecemos ou vivenciamos está sempre dependente do nosso próprio presente. Desse modo, por sermos produto do passado, o passado que conhecemos não passa de um artefato nosso. Nesse sentido, esclarece Lowenthal:

Acima de tudo, a passagem do tempo que desgasta o passado limita nossa compreensão deste, pois tudo que vemos é filtrado por lentes mentais do presente. Diferentes pressuposições e modalidades de discurso limitam tanto a compreensão do historiador quanto a sua capacidade de comunicação com outros de outras épocas.²⁸

Uma outra questão importante a ser pensada, diz respeito aos silêncios da história, já que nem todo passado conseguiu, com sucesso, projetar-se enquanto futuro. No entanto, o passado atua diretamente no presente, embora seja comum se pensar que o passado representa, simplesmente, aquilo que já se passou. O que ocorre, muitas das vezes, é que o passado está “encoberto” pelo véu do

²⁸ David Lowenthal. “Como conhecemos o passado”. op. cit. pp. 113 e 114.

silêncio. Nesse sentido, é impreterível ao historiador investigar os silêncios da história, procurando apanhar aquilo que o passado carrega de esperança para o futuro. Para isto, o presente, por ser essa agitação permanente de um passado dominante, representa o lugar ideal para se ressignificar os passados que foram silenciados.

Embora o silêncio não seja diretamente observável, ele não representa o vazio. Assim, podemos senti-lo, por exemplo, no nível da percepção. Segundo Eni Orlandi, o silêncio *está 'lá' (no sorriso da Gioconda, no amarelo de Van Gogh, nas grandes extensões, nas pausas). No entanto, para torná-lo visível, é preciso observá-lo indiretamente por métodos (discursivos) históricos, críticos, des-construtivistas.*²⁹

Contudo, se por um lado a história não consegue recuperar a imensidão que é o passado, por outro, ela representa mais que o passado; uma vez que tanto a percepção tardia deste, quanto seu anacronismo dão forma às interpretações históricas. Explicar o passado no presente significa, pois, lidar não apenas com novas percepções, novos valores e novas linguagens, mas com acontecimentos ocorridos após a época examinada.³⁰

No que diz respeito à questão da verdade histórica, as bases do pensamento histórico contemporâneo, ao contrário do que pensavam os historiadores do século XIX, não concebem mais a idéia que atribui à história um estatuto de verdade eterna. Assim, a noção de verdade concebida pela moderna teoria da história, tem como princípio básico a idéia de que a verdade é móvel historicamente.

Se a verdade é móvel historicamente, a história é uma atribuição de sentidos e um lugar do poder. Ela está sempre em busca de uma nova interpretação para o passado; o que a torna, por assim dizer, uma experiência racional. Assim, diante da infinitude do passado, é o historiador que delimita o seu tamanho.

²⁹ Eni Puccinelli Orlandi (org.). *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. 4º ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 47

³⁰ David Lowenthal. "Como conhecemos o passado". op. cit. p. 115.

Na verdade, estamos sempre cercados e preenchidos pelo passado, pois este se refere tanto ao âmbito da história quanto ao da memória. Assim, ao mesmo tempo que temos consciência que o passado coexiste com o presente, sabemos que se distingue dele.³¹

Embora intimamente conhecido, o passado é inacessível na sua totalidade. Nesse sentido, seu caráter depende de como ele é apreendido. A memória, por sua vez, representa a base sobre a qual está fundada toda consciência do passado. Assim, através das lembranças, torna-se possível recuperar a consciência de acontecimentos anteriores, distinguir as temporalidades do ontem e do hoje, bem como confirmar que já se viveu um passado. Todavia, assim como a história, a memória também é residual.

Por mais volumosas que sejam nossas recordações, sabemos que são meros lampejos do que já foi um todo vivo. Não importa quão vividamente relembrado ou reproduzido, o passado se torna progressivamente envolto em sombras, privado de sensações, apagado pelo esquecimento.³²

Entretanto, a vida está impregnada de memória. Assim, dedicamos grande parte do nosso presente a rememoração de algum momento do passado. Segundo Lowenthal, apenas a concentração numa ocupação imediata pode impedir o passado de vir espontaneamente à mente. Desse modo, durante o tempo em que passamos despertos, são poucas as horas que são livres de recordações ou lembranças.³³ No entanto, embora o passado possa vir espontaneamente à nossa mente, as memórias que foram produzidas ao longo da pesquisa de campo constituem-se em memórias voluntárias; uma vez que elas foram, em grande medida, pensadas e articuladas para me serem ditas. Contudo, isto não significa dizer que

³¹ David Lowenthal. “Como conhecemos o passado”. op. cit. pp. 65 e 66.

³² Idem, ibidem. pp. 74 e 75.

³³ Idem, ibidem. p. 77.

as memórias voluntárias não estejam carregadas de memórias involuntárias.³⁴

Conquanto o passado lembrado seja tanto individual quanto coletivo, a memória como forma de consciência é absolutamente pessoal. Nesse sentido, Lowenthal lembra que precisamos das lembranças de outras pessoas tanto para confirmar as nossas próprias quanto para lhes dar continuidade. Desta forma, lembrar o passado torna-se fundamental para nosso sentido de identidade.

Relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória; recordar experiências passadas nos liga a nossos *selves* anteriores, por mais diferentes que tenhamos nos tornado. (...). A perda de memória destrói a personalidade e priva a vida de significado.³⁵

Assim, ao atravessar os muitos tempos da memória através de suas recordações, meus depoentes pareciam trazer o passado de volta à vida. Desse modo, por existir simultaneamente com o presente, o passado, muitas vezes, parecia mais presente que o próprio presente. Na verdade, o conteúdo destas recordações não representa a tradução literal do passado recordado; uma vez que o ato de recordar implica na ampliação de determinados acontecimentos, bem como na reinterpretação destes à luz da experiência subsequente e da necessidade presente.³⁶

Portanto, no processo de interpretação dos fragmentos de memória e de sintetização dos relatos colhidos, foi preciso estar atento para não considerar as memórias um discurso mais verdadeiro, mais próximo do que teria sido, supostamente, a “verdadeira história”. Os relatos colhidos representam apenas um ponto de vista sobre o real, uma singularidade num dado campo discursivo e não uma realidade

³⁴ Sobre memórias voluntárias e involuntárias ver: Durval Muniz de Albuquerque Jr. “Violar Memórias e gerar a História: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um ‘parto difícil’”. In. *Clio* – Revista de Pesquisa Histórica da UFPE - n° 15. Recife, Universitária, 1994.

³⁵ David Lowenthal. “Como conhecemos o passado”. op. cit. p. 83.

³⁶ Idem, ibidem. pp. 92 e 97 [grifo do autor].

individual, uma totalidade em si mesma. Dessa forma, por estar sujeita a constantes deslocamentos, as memórias não podem ser tomadas como a conservação pura do passado.³⁷

Portanto, se a memória não representa a conservação pura do passado, ela não pode ser entendida como sendo a história em si mesma. Nesse sentido, Durval Muniz estabelece uma clara distinção entre memória e História.

As memórias falam de outros apenas enquanto caminho para falar do próprio indivíduo, a História é trabalho de indivíduos que querem conhecer o outro, interpretá-lo. As memórias nascem de uma relação consigo mesmo, a História nasce de uma relação com o outro, com a alteridade. As memórias portanto constroem identidades, a História violenta identidades para descobri-las diferentes internamente.³⁸

Ao estabelecer, por sua vez, a diferença entre História e memória, Lowenthal esclarece que esta diferença não está apenas no modo como o conhecimento do passado é adquirido e confirmado, mas também no modo como este conhecimento é transmitido, preservado e alterado.

A preservação também distingue o conhecimento histórico. Considerando que a maioria das lembranças perece com seus portadores, a história é potencialmente imortal. De fato, preservar o conhecimento do passado é uma das *raison d'être* fundamentais da história: tanto os relatos orais quanto os arquivos têm sido há muito preservados contra os lapsos da memória e o tempo devorador. A história também é menos aberta a modificações do que a memória: as lembranças mudam continuamente para corresponder às necessidades presentes, mas o registro histórico resiste, até certo ponto, a distorções. É evidente que a história é continuamente revisada para dar conta de acontecimentos subseqüentes e para ser compreensível às novas gerações, mas os documentos escritos preservam virtualmente os dados como eles foram originalmente.³⁹

Assim, ao contrário da memória, a história é o resultado da intervenção dos conceitos no processo de elaboração de um passado que coexista com o presente do historiador. Sendo assim, a história não

³⁷ Durval Muniz de Albuquerque Jr. “Violar Memórias e gerar a História: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um ‘parto difícil’”. op. cit. p. 40.

³⁸ Idem, ibidem. pp. 49 e 50.

³⁹ David Lowenthal. “Como conhecemos o passado”. op. cit. p. 111.

passa de uma interpretação a posteriori do fato, de uma violação na medida em que o historiador está sempre emitindo juízos de valor sobre a vida de diferentes grupos e pessoas; os quais, quase sempre, buscam as diferenças uma vez que o passado na História é construído como uma diferença do presente.⁴⁰

Portanto, a experiência que vivi na pesquisa de campo, foi bastante significativa na medida que me possibilitou refletir sobre a visão tradicional que se tem da história, a qual informa que esta matéria lida exclusivamente com o passado e com os mortos. No entanto, através da interpretação da memória de pessoas vivas, percebi, de forma mais amiúde, que passado e presente perdem sua linearidade ao mesmo tempo em que se reúnem, produzindo uma nova dimensão temporal.

Cabe ressaltar, ainda, que as histórias de vida, por serem infundáveis, caracterizam a fonte oral como uma fonte de pesquisa incompleta, porém, viva. Nesse sentido, o diálogo nunca será exaurido. As histórias recordadas são carregadas de subjetividade, não sendo, por isso mesmo, a tradução literal do passado porque são adaptadas às representações atuais.⁴¹

É importante esclarecer, também, que a metodologia do trabalho foi sendo construída no processo da investigação e não anterior a ele. A cada etapa da pesquisa de campo, em virtude sobretudo da riqueza temática que as entrevistas ofereciam, sentia-me estimulado a refletir sobre os objetivos do trabalho, revendo, assim, os passos percorridos até então. Na verdade, não iniciei a pesquisa de campo tendo prontos os supostos do trabalho, embora tivesse como principal referência a idéia de “juntar” indícios suficientes para compor

⁴⁰ Durval Muniz de Albuquerque Jr. “Violar Memórias e gerar a História: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um ‘parto difícil’”. op. cit. pp. 48 e 49.

⁴¹ Segundo Alistair Thomson, “(...) As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. (...). Cf. Alistair Thomson. “Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias”. In. *Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP*. n° 15. São Paulo, SP, 1997. p. 57.

outras memórias dos sertões que parecessem ou não insólitas a já cristalizada idéia de sertão lugar-comum da seca. Contudo, logo nas primeiras entrevistas, alguns temas se tornaram recorrentes enquanto a outros pouco se fazia referência. Desta forma, na medida em que fui identificando alguns temas importantes para a construção do trabalho, passei a sugerir aos entrevistados, para que pudessem elaborar um discurso, os temas sobre os quais, ao meu ver, eles tinham muito a dizer.

A cada descanso que fazia na travessia, procurava olhar o passado sempre das janelas que me eram abertas pelas falas dos entrevistados. Através das múltiplas janelas, algumas mais carcomidas pelo tempo, outras guardando ainda as cores, os cheiros e sabores do passado, procurei ver não apenas as ações dos homens, mulheres e crianças dos sertões, mas, também, as ações do Estado, da Igreja e das elites no cotidiano e no espaço vivido dos camponeses. Muitas das vezes, porém, foi preciso buscar em outras fontes de pesquisa, especialmente nos jornais e nos Livros de Tombo da paróquia de Russas, bem como na própria historiografia, outros ângulos que me fizessem compreender o conjunto das situações experienciadas por aqueles que me guiaram na travessia dos sertões do Baixo-Jaguaribe. Do ponto de vista metodológico, a busca de outros suportes de pesquisa, possibilitaram-me inferir o quanto as fontes orais e escritas não são mutuamente excludentes, embora cada uma delas requeira instrumentos interpretativos diferentes e específicos. Aos historiadores, não apenas aqueles que trabalham com a oralidade, portanto, interessa compreender que *a depreciação* assim como *a supervalorização das fontes orais terminam por cancelar as qualidades específicas, tornando estas fontes ou meros suportes para fontes tradicionais escritas ou cura ilusória para todas as doenças.* Segundo Alessandro Portelli, *o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. (...) Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez,*

*mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. (...).*⁴²

Hoje, após a conclusão da pesquisa de campo, retorno às narrativas colhidas, buscando encontrar nelas os registros das emoções vividas por todos aqueles que compartilharam comigo não apenas seus dramas e incertezas, mas, sobretudo, suas alegrias e esperanças. Assim, ao folhear as páginas que condensam os fragmentos de suas memórias, percebo o quanto é fascinante o passado dessas pessoas. Decerto, parte desse fascínio reside, justamente, no fato desses narradores, que fizeram parte do passado, ainda estarem presentes guardando com eles, para além das marcas objetivas, os processos subjetivos que marcaram o passado pessoal e coletivo de todos eles.

Ao longo, pois, de toda a travessia realizada pelos sertões do Baixo-Jaguaribe e pelos vários tempos da memória de meus depoentes, foi possível perceber que os discursos produzidos pelos sujeitos desta pesquisa nasceram da própria vivência camponesa marcada pela normalidade dos invernos, ou pelos fenômenos da seca e das grandes invernadas. Cabe ressaltar, no entanto, que esta vivência, esta experiência de vida é ainda transmitida através da oralidade, manifestando-se, também, em atitudes e comportamentos. Portanto, os capítulos que compõem o corpo deste trabalho estão fundamentados numa estreita articulação entre memória e experiência pessoal, na medida em que se reconhece que o ato de lembrar constrói a memória da experiência e esta é coletiva.⁴³ Gostaria de ressaltar, ainda, que, se durante a pesquisa de campo foram os camponeses que me guiaram na travessia, nesse momento eles serão por mim guiados. Enquanto narrador, *sou agora uma das personagens e o contar da história é parte da história que está sendo contada.*⁴⁴

⁴² Alessandro Portelli. "O que faz a história oral diferente". op. cit. p. 26 e 31.

⁴³ Estefânia Knotz C. Fraga. (Apresentação). In. Célia Toledo Lucena. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

⁴⁴ Alessandro Portelli. "O que faz a história oral diferente". op. cit. p. 38.

Na primeira parte da travessia que está dividida em seis paradas, seguiremos o itinerário das práticas cotidianas que marcam a normalidade da vida camponesa. Na primeira parada, procuro perceber a relação subjetiva que os camponeses mantêm com a natureza. O olhar busca apreender a maneira pela qual os mais simples dos sertões lêem os "sinais" – de inverno ou de seca - que a natureza lhes anuncia. Nas três paradas seguintes, o olhar volta-se para a importância que a terra, a mata, o rio, os açudes e as lagoas têm na experiência de vida dos camponeses. Esses espaços são depositários de desejos, prazeres e encantos que derivam dos sentidos que lhes são, cotidianamente, atribuídos, pois é na terra onde constrói seus pequenos roçados para o cultivo do feijão, do milho, das melancias, dos jerimuns... componentes básicos da sua alimentação; é na mata o lugar onde encontram a caça; e, é nos rios, açudes e lagoas que praticam as suas atividades pesqueiras, sobre as quais, com muita espirtuosidade, destacam a sua dimensão lúdica. A quinta parada encerra a travessia pelos sertões do trabalho. Nesta parada, procuro recompor pedaços do cotidiano de trabalho nas casas de farinha; nos locais de produção da cera de carnaúba; nos serões de trança onde se produzia, com a palha da carnaúba, bolsas e chapéus; além do cotidiano de trabalho de velhos vaqueiros e comboieiros. A sexta e última parada acontece nos sertões das festas de padroeiros, de casamento e dos sambas.

Na segunda parte da travessia, privilegio as situações que quebram, por assim dizer, a normalidade do cotidiano camponês. Atravessaremos, pois, os sertões das secas, das cheias e das doenças. Na primeira parada, embora não me proponha a analisar a produção historiográfica sobre a seca, procuro mostrar, a partir de algumas referências, como, historicamente, construiu-se uma memória sobre o sertão que o iguala à seca. Por outro lado, a partir das memórias colhidas, procurei estabelecer um contraponto às imagens que os vários discursos das elites cristalizaram em torno do sertão nordestino. Na segunda parada, além de procurar descrever as experiências vividas

nos períodos das cheias, procuro perceber como estas aparecem, nos discursos das elites da região, acopladas à mesma lógica dos discursos da seca. Na última parada, faço uma descrição da epidemia de malária que vitimou a região do Baixo-Jaguaribe principalmente nos anos de 1937 e 1938, quebrando, assim, a normalidade do cotidiano camponês.

Na terceira e última parte da travessia, procuro refletir sobre a relação campo e cidade a partir dos significados que meus amigos de travessia atribuíram a esses dois espaços. Na primeira parada, procuro descrever, a partir da noção de espaço vivido, o apego que os camponeses demonstraram ter ao mundo rural. Por ser o contraponto desse lugar identitário, no dizer de Marc Augé, a cidade é abordada, na segunda parada, como um não-lugar para a maioria dos camponeses entrevistados.⁴⁵

Gostaria de ressaltar, desde já, que a travessia é rica de surpresas, assim como, as situações que foram vividas pelos narradores em cada um dos sertões revisitados por suas memórias. Espero, sinceramente, que as imagens dos sertões reencontrados pelas lembranças dos depoentes não representem a sua traição. Com esse desejo, pois, iniciaremos a travessia pelos sertões do Baixo-Jaguaribe.

⁴⁵ Marc Augé. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994. p. 51.

"O campo é o livro aberto da natureza, sem páginas vedadas, sem palavras subentendidas; (...), expondo-a sem véu aos olhos sem venda."

Antônio Sales

Conquanto o mundo moderno tenha projetado a idéia de uma natureza objetivada e externa ao próprio homem, a natureza possui uma série de dimensões que transcendem a essa suposta racionalização, objetivação da natureza. Portanto, essa divisão, fundamental no pensamento moderno, que separa o homem da natureza, dá a idéia de que a humanidade se faz na contramão da natureza, ou seja, quanto menos natural mais humano, mais civilizado.

Contudo, na medida em que procurei compreender a maneira pela qual meus depoentes estruturam seus mundos, percebi que há uma indeterminação entre a natureza e este grupo de camponeses. Na verdade, os camponeses com os quais realizei esta pesquisa são pessoas que se pensam parte da natureza, que ainda estão, por assim dizer, imersos na natureza. Assim, no relato de suas memórias, a natureza não aparece objetivada, coisificada, mas, sim, humanizada; com a qual eles se comunicam e se relacionam afetivamente.

Entretanto, não podemos pensar a relação homem, natureza e história sem antes dizer que a perspectiva do conhecimento, que se tornou hegemônica a partir dos pressupostos teóricos do Iluminismo, propôs a divisão entre "sociedade" e "natureza". Por isto, foi bastante comum aos historiadores, de um modo geral, trabalhar dicotomicamente a cultura e a natureza. Portanto, a concepção de natureza passiva, subtraída da separação entre sujeito e objeto, dificilmente pode ser articulada com a cultura.⁴⁶

Contudo, verificamos que o desenvolvimento sem precedentes da pesquisa histórica nas duas últimas décadas tem

⁴⁶ Cf. Telmo Marcon. "Cultura e Natureza: modos de vida caboclos do Goio-em (SC)". In. *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. N.º 18. São Paulo EDUC, 1999. pp. 319 e 320 e Maria Antonieta Antonacci. "Reservas Extrativistas no Acre e biodiversidade: relações entre cultura e natureza". In. *Projeto História n.º 18*. op. cit. pp. 192 e 193.

estimulado, cada vez mais, a superarmos as concepções que colocam como pólos opostos a cultura e a natureza. Para isto, é preciso considerarmos a necessidade de atribuir novos sentidos à relação homem, natureza e história.

Assim, visando expor os pressupostos que fundamentaram as percepções, os raciocínios e os sentimentos dos ingleses no início do período moderno frente ao mundo natural, Keith Thomas destaca a importância da relação homem/natureza para a reflexão dos historiadores em particular:

(...). O predomínio do homem sobre o mundo animal e vegetal foi e é, afinal de contas, uma pré-condição básica da história humana. A forma como ele racionalizou e questionou tal predomínio constitui um tema vasto e inquietante, que nos últimos anos recebeu bastante atenção por parte dos filósofos, teólogos, geógrafos e críticos literários. O assunto tem igualmente muito a oferecer aos historiadores, pois é impossível desemaranhar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas.⁴⁷

Desta forma, a natureza não deve ser pensada como pólo oposto à cultura, à história; ao contrário, as concepções de natureza sempre foram produto das relações dos povos com o mundo natural, em diferentes períodos. Desta forma, podemos dizer que *a própria natureza não é em si mesma organizada, as leis que vemos na natureza é a nossa inteligência que as coloca*. Assim sendo, a natureza é histórica, porque ela é significada pelos homens, ela é construída pelos homens; não sendo, portanto, um dado original anterior ao próprio homem.⁴⁸

Compreendendo que a natureza não é vazia de história, procuro, nesta primeira parte do trabalho, elaborar uma interpretação das atitudes e sensibilidades dos camponeses do Baixo-Jaguaribe em

⁴⁷ Keith Thomas. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 19. Segundo Thomas, verifica-se na Inglaterra entre os séculos XVI e XVII, uma mudança de sensibilidade em relação à natureza. Contudo, o interesse pelo ambiente natural e as preocupações com a relação entre o homem e as outras espécies são vistos como fenômenos recentes.

⁴⁸ Segundo Durval Muniz, “(...) Os objetos e experiências são produtos de nosso modo de experimentar, determinadas no tempo e no espaço. Ou seja, se o verdadeiro é o feito, demonstrar algo por meio de sua causa é causá-lo. (...) Nós ordenamos e organizamos a causa. (...)” Durval Muniz de Albuquerque Jr. *História: a arte de inventar o passado*. s/d. p. 7. (mimeo).

relação às formas pelas quais exprimem o mundo natural. Nessa relação subjetiva com a natureza, podemos pensar o céu, a terra, a mata, os rios, os açudes e as lagoas como elementos que integram a sua vida cotidiana, com quem compartilham o viver em todas as suas dimensões.⁴⁹

Segundo Bachelard, os espaços localizam-se, também, em nossas intimidades, uma vez que nosso inconsciente permanece nos locais onde nossas lembranças se concentram.⁵⁰ Nesse sentido, as relações das pessoas com os lugares são tanto objetivas quanto subjetivas. Assim, o modo pelo qual as pessoas se apropriam dos espaços, transitam entre eles, vivem e atribuem significados, está ligado às necessidades do presente *e aos hábitos, tradições e usos de tempos-espaços de outrora*. Portanto é preciso reconhecer a historicidade de espaços comuns para que se possa perceber a memória que as pessoas guardam deles, no que dizem respeito, não apenas às lutas cotidianas pela sobrevivência, *mas também, para o refinamento de seus talentos e habilidades*.⁵¹

Desta forma, a compreensão e a relação, que os camponeses têm e mantêm com a natureza, está mediatizada pela experiência/cultura, não sendo possível, portanto, pensá-la como algo anterior ao homem, mas como uma natureza culturalizada. Assim, interpretar os sentidos que os mesmos atribuem aos modos de viver e trabalhar historicamente constituídos em seus espaços, possibilita-me perceber que os mesmos estabeleceram uma relação afetiva com o lugar e, mais precisamente, com o mundo natural que os cerca.

Apreender e interpretar tais sentidos, possibilita-me refletir sobre as injunções entre espaço e cultura, ou seja, como os espaços camponeses são, histórica e culturalmente, constituídos e como, a

⁴⁹ Maria Antonieta Antonacci. "Reservas Extrativistas no Acre e biodiversidade: relações entre cultura e natureza". In. *Projeto História* n° 18. op. cit. p. 196.

⁵⁰ Gaston Bachelard. *A Poética do espaço*. op. cit. p. 29.

⁵¹ Denise Bernuzzi Sant'anna e Yara Aun Khoury. "Espaço, Justiça Social e Culturas". In. *Projeto História* n° 18. op. cit. p. 13.

partir da relação que os camponeses mantêm com o mundo natural, expressam uma cultura que lhes têm permitido constituir modos de vida junto a uma natureza muitas das vezes inóspita. Contudo, mais do que viverem juntos a essa natureza, eles estão integrados a ela de tal forma que se torna possível identificar traços que marcam seus corpos, que dão densidade aos seus costumes e que fornecem elementos para comporem seus valores e imaginários.

As memórias, colhidas junto a velhas e velhos camponeses, me fez pensar a natureza e o espaço não como dados estáticos, mas como processos em construção. Segundo Telmo Marcon, para pensarmos positivamente a relação cultura e natureza, não podemos desvincular a cultura da natureza e os sujeitos do espaço.

A natureza e o espaço não podem ser tomados, portanto, como dados estáticos, precisam antes ser pensados como processos em construção. Essa perspectiva permite questionar toda uma tradição de reflexões e pesquisas desenvolvida por historiadores, geógrafos e antropólogos, entre outros, que desvincularam a cultura da natureza e os sujeitos dos espaços. Para repensar positivamente a relação cultura e natureza é necessário romper com a tradição que toma o espaço como um dado a priori, independentemente da intervenção dos sujeitos com seus costumes e técnicas e que desconsidera as transformações nele ocorridas, para pensá-lo como construção social.⁵²

Pensando, pois, o espaço como uma construção social, é que Ivone Cordeiro Barbosa, apoiada em grande medida nas obras de Raymond Williams⁵³, Keith Thomas⁵⁴ e Simon Schama,⁵⁵ procura refletir sobre a relação homem/natureza no sertão do Ceará, concebendo as maneiras de pensar o social e a natureza como *atos de cultura*. Assim, Ivone Cordeiro trabalha com o pressuposto de que a idéia de sertão foi e ainda é construída; e não como um lugar já dado. Para isto, se contrapõe à idéia de lugar-comum atribuída ao sertão cearense, ao

⁵² Telmo Marcon. "Cultura e Natureza: modos de vida caboclos do Goio-em (SC)". In. *Projeto História* n° 18. op. cit. p. 321.

⁵³ Raymond Williams. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁵⁴ Keith Thomas. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. op. cit.

⁵⁵ Simon Schama. *Paisagem e memória*. op. cit.

mesmo tempo que procura vê-lo como *espaço de ambigüidades, de diferentes experiências e de variadas possibilidades de leitura*.⁵⁶

Com essa perspectiva, procurei, através da oralidade de velhas e velhos camponeses atentar para os significados que eles atribuem aos espaços em que vivem, não apenas ao descrevê-los, mas ao se pensarem como sujeitos históricos integrados à vida social, bem como para as formas pelas quais expressam seus diálogos e intercâmbios com a natureza. Para isto, no processo de desenvolvimento da pesquisa de campo, fui percebendo a necessidade de articular o tempo, o espaço e as experiências de vida dos sujeitos da pesquisa, traduzidas em seus valores e modos de viver e produzir. Segundo Armand Frémont, a percepção é uma das relações mais fundamentais entre os homens e o espaço em que vivem.

Porque, se o comportamento difere profundamente de acordo com as idades, os sexos, as situações, os caracteres, como mostramos, se os espaços vividos, centrados em cada pessoa, são tão numerosos, variados, multiformes quanto o podem ser os homens, a composição dessas percepções, desses comportamentos, não é por isso regida pelo acaso absoluto: o espaço vivido é também parte integrante do condicionamento social. (...).⁵⁷

Portanto, não podemos pensar o espaço natural como dado estático, mas, como processo cujo tempo é marcado por transformações. Desta forma, faz-se necessário, recuperar a dimensão de sua historicidade, para que possamos vê-lo para além das sombras que encobrem as suas linhas, embora estas sejam imaginárias, bem como escutarmos as falas não ouvidas, uma vez que não nos são endereçadas através das palavras.

Para isto, é preciso um olhar atento, perspicaz, sobre as pessoas, os lugares e os objetos, como querendo decifrar o que não

⁵⁶ Ivone Cordeiro Barbosa. *Sertão: um Lugar-Incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Ce: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000. pp. 20, 25 e 33.

⁵⁷ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. p. 109.

está exposto, o que se encontra nos esconderijos⁵⁸ da memória, dos sentidos e dos sentimentos. Mas, que muitas das vezes, num simples gesto que fala, numa simples palavra que escapa, em meio ao silêncio, possibilita estabelecer um nível maior de compreensão acerca do passado.

Portanto, quando retorno à região do Baixo Jaguaribe, é um prazer olhar as cidades; os campos; as várzeas; a serra do Apodi; os rios, principalmente o Jaguaribe; os açudes e as lagoas e poder ver para além das paisagens do presente, as paisagens do pretérito. Paisagens, estas, recolhidas de textos antigos inscritos na memória de velhas e velhos camponeses cujas narrativas foram construídas a partir das suas experiências de vida e das lembranças de outros tempos vividos por seus familiares e amigos. São paisagens nascidas da experiência e das relações que eles mantêm com o meio físico.

Reter a fala, muitas das vezes espontânea e farta, desses homens e dessas mulheres significa, pois, compreender a direção sobre a qual pousam os seus olhares, através dos quais, podemos também dirigir nosso olhar para os locais que foram palco de vivências reveladoras de dificuldades, de dramas e de tristezas, mas, também, de sonhos, desejos e amores poéticos.

Desta forma, suas histórias de vida constituem a melhor via de acesso à compreensão e à análise da relação deles com o mundo natural, visto que o cotidiano camponês tem, nessa relação, a principal referência para sua organização. Nesse sentido, acompanhar a historicidade dessas pessoas significa acompanhar a própria historicidade do espaço, uma vez que não tomamos o ambiente, em que vivem, como objeto, mas, como algo dotado de significado, como algo que é culturalmente elaborado.

Assim sendo, a forma pela qual, em suas narrativas, desenham e pintam os ambientes guardados pelas memórias, coloca ao

⁵⁸ Esta expressão foi tomada de empréstimo à Antonio Torres Montenegro. *História oral e memória: a cultura oral revisitada*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.

alcance do nosso entendimento a maneira como se relacionam com a terra, com as plantas, com as árvores, com os animais, com os insetos, com as aves, com o sol, com a lua, com as estrelas, com o vento, com as águas, enfim, com todos os cenários naturais que pertencem às suas experiências individuais e coletivas.

Ademais, a relação que os camponeses têm com a natureza é reveladora da arte de viver no campo. Esta relação permite compreender melhor a sensibilidade camponesa, bem como os costumes que lhes são comuns. Desse modo, em todas as entrevistas, foram-me descritas as modalidades de apreciação e contemplação da natureza, assim como os hábitos cotidianos que modelam e dão densidade a essa relação.

Embora, a recapitulação de suas memórias exprima quase sempre o prazer nascido das vivências de outros tempos, os camponeses falam da paisagem não apenas à luz do passado, mas referindo-se ao presente, comentando as transformações que ocorreram bem como as que estão ocorrendo no campo, as quais se traduzem na diluição, por assim dizer, da própria identidade do homem camponês. Assim, vejo que passado, presente e futuro se modificam nos desenhos das paisagens descritas pelas memórias. Decerto, o campo constitui-se o lugar por excelência para se efetuar a leitura da multiplicidade dos ritmos temporais. Em seus relatos de memória, os depoentes testemunham a imensidão, ao lembrarem das paisagens de outrora - os rios, açudes, lagoas, os roçados nos períodos dos adjuntos, os pastos, as casas de farinha, os carnaubais, os caminhos por onde passavam os comboieiros...

A partir de agora, iniciarei a travessia pelos sertões do trabalho, seguindo o itinerário das práticas cotidianas que marcam a relação dos sujeitos desta pesquisa com o mundo natural. Observá-los em suas condições de vida significou ter acesso à senha de entrada no seu universo cultural a fim de proceder a uma observação das particularidades de seus hábitos. Assim, orientado por suas falas e

costumes, foi possível encontrá-los observando as estrelas, o sol, a lua, o vento; no roçado trabalhando, na mata caçando, nos rios, açudes e lagoas pescando; enfim, nos lugares de suas memórias.⁵⁹

⁵⁹ Esta expressão foi tomada de empréstimo à Pierre Nora, para quem o sentimento de continuidade com o passado torna-se residual aos locais de “preservação” da memória. Cf. Pierre Nora. “Entre Memória e História. A problemática dos lugares”. In. *PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e de História da PUC-SP*. n° 10. São Paulo, 1981.

Primeira Parada: o camponês e o mundo natural.⁶⁰

“Eu gosto tanto da natureza, que dou nutiça até do vento”
João André Filho



(Foto 03 – vista do Vale do Jaguaribe – Chapada do Apodí – Quixerê)

Havia, porém, dias mais propícios à palestra; um magro acontecimento tinha a virtude de dar que fazer às línguas durante horas a fio. Estava-se no começo do ano, e a questão - haverá inverno ou não? - supria todas as deficiências de assunto. Uns confiavam que sim, outros temiam que não. Tinha-se feito a experiência das nove pedras de sal e dava chuva em fevereiro. Entretanto, as serras ao longe amanheciam cinzentas e a lua não tinha lagoa, o que era mau sinal de tempo. Em compensação, relampeara ao sul e o aracati já não soprava à noite sobre a cidade, o que indicava aguaceiros próximos.⁶¹

Antônio Sales, a par de sua sensibilidade, revela como o homem simples do sertão está sempre atento para compreender a

⁶⁰ Nesta travessia, onze foram os guias: João Delfino Bezerra, José Gomes Barbosa (Zeca de Raiel), João Martins de Souza, Amaro José da Silva, João André Filho, Francisco Girão Sobrinho (Chicada), Raimundo Mendes Martins, Eduardo Soares de Lima, Onofre Augusto dos Santos, Euclides Ângelo Cordeiro, Francisco Abel Lino (Chico Abel), Francisco Rodrigues Pitombeira (Chiquinho Pitombeira), Raimundo Sabino da Silva e Pedro das Neves Cavalcante.

⁶¹ Antônio Sales. *Aves de Arribação*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras. 1979. p. 17.

flutuação das estações, buscando na natureza sinais que possam ajudá-lo a perceber melhor se a próxima estação será seca ou invernososa.

Assim, através da observação da natureza, os camponeses desenvolveram todo um conjunto de “sinais” que pudessem anunciar o advento de um bom inverno ou de uma estiagem, tornando possível, assim, a prevenção de seus males. Desta forma, através dos “sinais” que a natureza oferece, os camponeses procuram ler os desígnios divinos; uma vez que, para essas pessoas, o inverno e a seca são manifestações da vontade de Deus. Portanto, os sentidos que os depoentes atribuíram à natureza, demonstram o quanto esta possui um caráter sagrado.

De maneira geral, dois elementos de referência marcam o cotidiano dos camponeses: o ciclo da natureza, com a sucessão das estações do ano, e o ciclo das comemorações litúrgicas do catolicismo. Segundo Alda Brito da Motta, *as regularidades da natureza e as regularidades da religião combinam-se em função do trabalho rural, da atividade humana sobre a natureza*.⁶²

Desta forma, os camponeses, por serem profundamente influenciados pelo catolicismo, têm em algumas datas comemorativas aos santos uma referência para observarem o comportamento do clima no dia reservado àquele santo, fazendo, assim, suas “experiências” para os meses de inverno.⁶³

A partir do mês de dezembro os camponeses começam a fazer as suas “experiências” com vistas a saber se choverá ou não no ano vindouro. A treze de dezembro faz-se a experiência de Santa Luzia, a qual tem como principal referente a observação de algumas pedrinhas de sal.

⁶² Alda Brito da Motta. “Notas sobre a visão de mundo do camponês brasileiro”. In. *Revista de Ciências Sociais*, v. X, n° 1-2, Fortaleza, 1979. p. 54.

⁶³ Utilizo o termo inverno em seu sentido regional, ou seja, para o nordestino, de modo geral, o inverno está diretamente associado ao período de chuvas na região que, no caso do Ceará, acontecem entre os meses de janeiro e maio. Essa forma própria de caracterizar o inverno, representa, pois, o contraponto com a seca.

(...), muita gente tem a experiência de três peda de sal. Dia de Santa Luzia, bota numa talba três peda de sal assim, num sabe? Aí, se no outo dia amanhecer escorrendo de uma peda pa outa é um inverno muito bom; que num correr, é seco. E teve um ano aí que ela num escorreu e foi bom (risos). É por isso que eu digo, eu num acredito nessas coisas, eu num acredito. Por isso que eu digo, tudo é... é... é... o camarada num advinha não, o segredo de Deus o camarada num advinha não.⁶⁴

Segundo Alfredo Macedo Gomes, um outro referente da experiência de Santa Luzia, *consiste numa associação dos dias 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24 do mês de dezembro com os meses do ano seguinte: 13-janeiro, 14-fevereiro, 15-março, e assim por diante. O dia em que chover, indica que o mês associado será de chuva; sendo assim indicativo de esperança. Caso passem aqueles dias sem chuvas, será indicativo de um ano ruim, seco.*⁶⁵

A rigor, quando o inverno começa escasso, os camponeses apelam para o dia 19 de março, dia de São José⁶⁶ e data que marca a passagem do equinócio, no qual se deposita a última esperança de inverno. No entanto, diferentemente das “experiências” de Santa Luzia, as quais pouco nos informam a respeito dos conteúdos de fé ou de milagres que podem de uma forma ou de outra ser atribuídos à Santa, o dia de São José guarda significados mais precisos de renovação da fé dos camponeses.⁶⁷ Cabe ressaltar, ainda, que as crenças em Santa Luzia e São José, entre outros, devem-se em grande parte à Igreja Católica na medida em que esta contribuiu para a fixação da idéia de que a seca representava um castigo dado por Deus, em virtude dos pecados humanos.

⁶⁴ João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999. Viúvo e pai de dez filhos, o Sr. João Delfino mora na companhia de uma filha - com problemas mentais - e de uma cunhada. Apesar de possuir um “pedaço” de terra que lhe permite plantar o feijão e o milho, o velho João Delfino tem na aposentadoria sua principal fonte de sobrevivência. Quanto à comunidade do canto da Cruz, encontra-se distante cerca de três quilômetros da sede do município e está localizada nas margens do rio Palhano, o que permite, aos seus moradores, principalmente nos períodos de bons invernos, a prática da pesca artesanal.

⁶⁵ Alfredo Macedo Gomes. *O imaginário social da seca e suas implicações para a mudança social*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. Recife: 1995. p. 190.

⁶⁶ Padroeiro do Ceará, São José simboliza a esperança de chuvas regulares nos sertões do Ceará. A passagem do equinócio, no entanto, serve de prenúncio para os meteorologistas avaliarem a configuração do mapa pluviométrico para poderem caracterizar as possibilidades de “inverno” ou de “seca”.

⁶⁷ Alfredo Macedo Gomes. *O imaginário social da seca e suas implicações para a mudança social*. op. cit. pp. 191 e 193.

Assim, a Igreja Católica, enquanto instituição social, acaba contribuindo ideologicamente para a manutenção da hegemonia social e da estrutura de poder, sobretudo nos períodos de seca, através da “assistência espiritual” oferecida, por exemplo, pela celebração de novenários em honra do Patriarca S. José, bem como pela realização de preces coletivas e de procissões.

Ano de N. Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e setenta e nove. Começa mais um tempo de incertezas na jornada de nossa vida paroquial. As perspectivas de chuvas escassas, pelo menos à entrada do ano novo. (...)
Em fevereiro apenas algumas chuvas escassas prenunciaram grandes revezes na agricultura. A festividade de N.Sra das Candeias proporcionou motivação para concorrência de preces populares em prol das aflições dos pobres. Em março, celebrou-se o novenário em honra do Patriarca S. José com súplicas por melhores chuvas. Algumas chuvadas ligeiras com vento e sintomas de seca declarada pela própria natureza.⁶⁸

Tanto a celebração do novenário em honra de São José, Padroeiro do Ceará, como a festividade em homenagem a N.Sra das Candeias representam uma possibilidade de acesso aos ensinamentos religiosos, cujos princípios são incorporados no cotidiano das vivências camponesas. Por outro lado, ainda, a busca de uma relação entre os eventos da natureza e o calendário religioso em prol do trabalho rural, traduz, clara e duplamente, a cadeia de devoções e a rede de bênçãos e obrigações em que estão inseridos os camponeses. Para Durval Muniz, a influência do catolicismo popular foi fundamental para a composição de uma personalidade, até certo ponto resignada, com a qual o homem pobre do sertão enfrentava a pobreza, o sofrimento e os flagelos da seca.⁶⁹

Ao narrar as dificuldades vividas ao lado de sua família durante a seca de 1942, o Sr. José Gomes Barbosa ao mesmo tempo

⁶⁸ Paróquia de Russas - *Livro de Tombo n° IX*. p. 46.

⁶⁹ Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877 a 1922)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP. Campinas-SP. 1988. p. 113.

que demonstra a alteração sofrida pelo cotidiano camponês – marcado pelo trabalho agrícola – em virtude da crise climática, nos dá exemplo da resignação e da esperança que o camponês tem em Deus. Em sua narrativa, o velho Zeca de Raiel, como é mais conhecido, contou-me da disposição que sentiu de *ir simhora po Amazona*⁷⁰ na companhia do seu irmão e compadre Petronílio. Decidido a “conquistar” a Amazônia, “seu” Zeca de Raiel *vendeu tudo quanto tinha, ou seja, três reizinha, um cavalim e uns quato burrim*. Na verdade, “seu” Zeca só tinha ficado *com o galo do terreiro que era para comer na hora de sair, né?*. No entanto, apesar de estar tudo preparado para a primeira parte da viagem, que era até Fortaleza, a qual seria realizada no *misto de Luizim Cabaço*, “seu” Zeca foi convencido por um outro irmão – o Raimundo – a desistir de tão longa e incerta viagem. As razões apresentadas pelo irmão, eram, na verdade, muito simples, porém, de muito significado na cultura camponesa. Segundo seu irmão Raimundo, estava *tão bonito pa riba, rapaz, trujejando aculá pa riba, duma hora pa outa Deus manda*. Persuadido pelo discurso e, sobretudo, pela esperança do irmão, “seu” Zeca de Raiel decidiu: *eu num vou mais não, acabou-se a minha viagem. Eu vou ficar aqui, confiar em Deus, e nós escapa aqui mermo no Arraial. (...). Aí, eu fui lá pra Petronílio. Cheguei lá, eu digo: - (...), compade, eu resolvi num ir mais po Amazona não, eu vou ficar po aqui, confiar em Deus que a gente escapa. Aí, ele ficou inté concordado.*⁷¹

⁷⁰ Devido as complicações econômicas decorrentes da Segunda Guerra Mundial, que colocava para os países aliados o problema do abastecimento de borracha, produto de suma importância na fabricação de veículos, pneus e armamentos em geral, sua obtenção transformou-se numa questão fundamental para o Brasil. Com isto, segundo os discursos oficiais, os seringais da Amazônia precisavam, com a máxima urgência, ser “povoados”. Essa necessidade, fez o governo criar em novembro de 1942 o SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia), embora a emigração para o Norte já houvesse sido iniciada, sob a coordenação do Conselho de Imigração e Colonização do Brasil em cooperação com a Delegacia Regional do Trabalho. Segundo Frederico de Castro Neves, o objetivo do SEMTA era “alistar e recrutar trabalhadores para a ‘Batalha da Borracha’”. A especial coincidência de tais efeitos e necessidades da guerra com a eclosão de mais uma seca fez com que a sede do novo órgão fosse – sintomaticamente – instalada em Fortaleza, onde mais facilmente se poderiam encontrar ‘flagelados candidatos a seringueiros’. A propaganda, vai ser um importante aliado so SEMTA na mobilização dos “flagelados da seca”. Além dos programas radiofônicos diários, era comum vê-se, pelas ruas de Fortaleza, os desfiles dos “soldados da borracha”. Este tipo de manifestação pública contribuía, em grande medida, para a formação de uma adesão em massa à emigração para os seringais da Amazônia. Cf. Frederico de Castro Neves. *A Multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto. 2000. pp. 148, 149 e 150.

⁷¹ Embora seu irmão Petronílio tenha prosseguido com a idéia de ir para a Amazônia, muito mais por influência da mulher, não chegou a ir além de Fortaleza; uma vez que ele resolveu ficar morando nesta cidade, onde arranhou emprego num curtume e botou os filhos para estudar e vender verdura nas ruas. Passados cinquenta e oito anos, “Seu” Zeca fez questão de ressaltar, com orgulho, que Adelita, filha do seu

Segundo Maria Aparecida Junqueira,⁷² a partir da segunda metade do século XIX, um novo modelo eclesial católico, o ultramontanismo, de raízes conservadoras, começou a ser implantado no Brasil com vistas a reproduzir, nas mais distantes células paroquiais, a rigidez hierárquica que, segundo os pontífices romanos, desde Gregório XVI até Pio XII, constituía-se na força mantedora da unidade da Igreja. Não obstante, essa rigidez hierárquica, engendrada por uma concepção medieval do universo, que recusava, inclusive, o contato com o mundo moderno, não foi capaz de por fim ao catolicismo popular como nos esclarece Junqueira.

O catolicismo popular permaneceu vivo em amplas camadas da população, nos subterrâneos religiosos populares que não entendiam o latim, mas que continuaram entoando-o nas trezenas em louvor a Santo Antônio ou no mês de Maria, repetindo as ladainhas, numa circularidade entre a cultura erudita e a cultura popular. Continuou presente, no devocionário de todos aqueles que encontram no divino um lenitivo para o seu sofrimento e uma esperança para seus desejos. O sentido da vida, do trabalho, do amor, da família, da morte, que para muitos brasileiros está ligado a um campo simbólico religioso, faz com que populares, cujas clivagens culturais não são coincidentes com sua estratificação social, sejam refratários a distinguir o sagrado do profano, relutando em separar o que para eles sempre fora uma homenagem completa e ambivalente.⁷³

Embora o ordenamento ultramontano, que buscava a unidade de toda a Igreja Católica, tenha sido uma utopia, não se pode desconsiderar que este provocou mudanças nas práticas do catolicismo brasileiro. Todavia, como observa Junqueira,⁷⁴ *as outras formas de religiosidade se confrontaram e as camadas populares não se constituíram em receptáculo passivo*. Ao contrário, nos discursos camponeses, ficou

irmão Petronílio, é hoje “advogada e juíza”. José Gomes Barbosa (Zeca de Raiel), 82 anos. Entrevista gravada na comunidade do Tracoen, no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000. Morando no Tracoen há cerca de trinta anos, o Sr. Zeca de Raiel vive na companhia de sua esposa Marieta. Em sua entrevista, revelou que comprou, com ajuda do seu filho Garcia que tinha vindo embora do Rio de Janeiro, um “terreno” que lhe permite criar algumas cabeças de gado, bem como plantar o feijão e o milho. A exemplo dos demais entrevistados, o velho casal sobrevive da aposentadoria que recebe. A comunidade do Tracoen, uma espécie de vila, encontra-se distante cerca de oito quilômetros da cidade de Itaiçaba.

⁷² Maria Aparecida Junqueira Veiga Gaeta. “A Cultura Clerical e a Folia Popular”. In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 17, n° 34, 1997. pp. 185 e 186.

⁷³ Idem, *ibidem*, p. 199.

⁷⁴ Idem, *ibidem*, p. 199.

evidente as “trilhas” e as “astúcias”, por eles utilizadas, no sentido de adequar os textos e discursos religiosos às suas experiências de vida.⁷⁵

As conversas cotidianas, sobretudo aquelas realizadas “à boquinha da noite”, quando o céu do sertão quase sempre fica espanado de nuvens, projetam um conjunto de saberes “metereológicos” alicerçados sobre experiências passadas trazidas - muitas das vezes - dos antigos. Nas lembranças contadas, estão contidas aquelas que foram transmitidas pelos mais velhos, o que sempre garante, a essas conversas, um vínculo entre passado e presente.

Nesse sentido, através dos relatos colhidos, foi-me possível perceber indícios deste processo de transmissão oral e de sustentação da memória familiar transmitida de geração a geração nas conversas em família cujo “mote” principal é o repisar de velhos “causos”.

(...), meu pai ele era velho experiente. Pois bem, papai era um homem experiente, ele tinha aquelas base dele às vezes pelos planetas, às vezes também pelos insetos, as árvores, e ele sempre dizia alguma coisa sobre o tempo, quando o tempo era mais favorável e quando o tempo era infavorável. Eu me lembro muito em 42 quando chegou a dizer a nós mais velhos, os três rapazes, que podia caçar que o ano ia ser seco, (...). Eu também com a tradição que vem dos meus pais eu vinha prestando, prestando atenção no (...) sair do sol do dia de Natal, a barra do dia de Natal, a lua cheia de janeiro se ela ia sair coberta né, também isso é um sinal e traz também aí uma fé para o inverno. Agora hoje, a gente vendo que as coisas tudo tá mudando eu já tou me apegando muito é pelas aves, e pela formiga, e pela abelha.⁷⁶

⁷⁵ Segundo Michel de Certeau, a cultura “(...) se desenvolve no elemento de tensões, e muitas vezes de violências, a quem fornece equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários. As táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas.” Cf. Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. op. cit. p. 45.

⁷⁶ João Martins de Souza. Entrevista gravada na comunidade do Peixe, no município de Russas, no dia 19 de março de 1997. Pai de dez filhos, dos quais apenas cinco estão vivos, o Sr. João Martins é aposentado e proprietário de cinco hectáres de terra onde costuma plantar, no período do inverno, feijão e milho. Dentre seus filhos, quatro (mulheres) moram na cidade de São Paulo e um (homem) próximo de sua casa. Distante dezoito quilômetro da cidade de Russas, a comunidade do Peixe dispõe de energia elétrica, de um posto de saúde, de uma escola de ensino fundamental e de uma caixa d’água que abastece a comunidade. Distante da área de influência do rio Jaguaribe, a comunidade do Peixe tem no açude do Barracão, cerca de seis quilômetros de distância, o reservatório de água mais próximo.

A fala do Sr. João Martins de Souza revela como os camponeses interrogam o futuro a partir de um conjunto de saberes construídos ao longo de suas experiências de vida, através da observação sistemática de vários elementos da natureza. Desta forma, a natureza e a percepção humana não são campos distintos; mas, inseparáveis. Afinal, como diz Simom Schama, *a natureza selvagem não demarca a si mesma, não se nomeia, e, tampouco, venera a si mesma*. Nesse sentido, a presença do homem, com toda a sua bagagem cultural, faz-se sentir no próprio ato de identificar o local.⁷⁷

Desse ponto de vista, pode perceber que a prática sistemática de observação do movimento dos astros (o sol, as estrelas, a lua), das árvores, dos insetos, dos passaros, do vento..., essa diversidade de fenômenos observados presentes na fala do Sr. João Martins, representa, em grande medida, a base do conhecimento camponês a respeito não apenas das possibilidades de ocorrências de chuvas ou de seca, mas, do próprio espaço em que vive. Ademais, no contexto da cultura camponesa, o meio ambiente faz-se presente na constituição de hábitos, valores e costumes construídos e reconstruídos nas próprias vivências cotidianas. Desta forma, podemos dizer que o cotidiano camponês tanto no que diz respeito à sua regularidade – marcada pelo trabalho agrícola - quanto naquelas situações em que se observa uma quebra dessa normalidade – períodos de grandes secas ou pelos grandes invernos -, está condicionado aos ritmos da natureza. Como observa Charles d' Almeida Santana, a intimidade do homem do campo com a natureza não significa a comprovação de sua inferioridade.

Para desagrado de alguns autores, as evidências com as quais lidei, durante toda a pesquisa, não autorizam a leitura dessa intimidade do

⁷⁷ Segundo Simon Chama, “(...) se a visão que uma criança tem da natureza já pode comportar lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada é a moldura através da qual nossos olhos adultos contemplam a paisagem. Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas”. Cf. Simon Schama. *Paisagem e memória*. op. cit. pp. 16 e 17.

homem do campo com a natureza como comprovação de sua inferioridade. Muito pelo contrário! É exatamente na sintonia possível entre o homem e o meio ambiente que a inteligência do trabalhador adquire visibilidade. (...).⁷⁸

O conhecimento empírico desenvolvido em torno do ambiente natural que os cercam, traduz-se em várias outras “experiências” – de inverno ou de seca. Assim, os camponeses também costumam acordar mais cedo, ao alvorecer do dia de Natal e do primeiro dia do ano, para observarem no nascente a existência ou não de uma barra escura que venha cobrir uma grande extensão do horizonte. A presença da barra, significa o prenúncio de uma boa estação invernososa; caso não se apresente, cria-se uma expectativa que vai ocorrer uma seca. Portanto, a experiência consiste na observação das barras de Natal e de ano novo respectivamente.⁷⁹

Indagado se tinha alguma “experiência” de inverno, o Sr. Amaro José da Silva diz ter apenas a “experiência” do sol de janeiro, a qual consiste em observar se o sol, nos primeiros seis dias do ano, surge alto no nascente. Caso isto aconteça, será um forte indicativo de que o ano irá ser bom de inverno. Contudo, o velho Amaro observa que esta não era *a experiência primeira*.

(...). A experiência primeira, o povo num tinha essa do sol, era só do nuvuar, chover, passar librina de chuva naqueles seis dia. Aquele que nuvuava mais, o inverno era maior; o que nuvuava meno, o inverno era meno.⁸⁰

Não obstante, em sua longa narrativa, “seu” Amaro contou que passou a realizar esta “experiência” que consiste em observar se o

⁷⁸ Charles d’Almeida Santana. *Farturas e Venturas camponesas: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980*. São Paulo: Annablume, 1998. pp. 37 e 38.

⁷⁹ Alfredo Macedo Gomes. *O imaginário social da seca e suas implicações para a mudança social*. op. cit. p. 196.

⁸⁰ Amaro José da Silva, 90 anos. Entrevista gravada na comunidade do Alto do Ferrão, no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000. Viúvo, o Sr. Amaro reside, sozinho, numa pequena casa de taipa e sobrevive, basicamente, da aposentadoria que recebe. Distante cerca de seis quilômetros da cidade de Itaiçaba, a comunidade do Alto do Ferrão por estar localizada dentro da área de influência do rio Jaguaribe - cerca de cinco quilômetros de distância do seu leito -, encontra-se cercada por centenas de carnaubeiras que compõem a mata ciliar que margeia todo o leito do rio.

sol, nos seis primeiros dias do mês de janeiro, surge alto no nascente, a partir do ano de 1963 enquanto trabalhava *lá na casa do Zé Maria, lá no Camorim*, cozinhando o pó, que era extraído da palha da carnaúba, para a fabricação da cera de carnaúba. Segundo “seu” Amaro, nos primeiros dias do mês de janeiro deste ano, o dia amanhecia com *o sol limpo que só o coração de Maria, que num tinha nuvem pra canto nenhum*. De acordo com *a experiência primeira*, o dia amanhecer evidenciando o azul celeste do céu, sem nenhuma nuvem que pudesse, ao menos, servir de sombra, representava um forte indício de que o ano seria escasso de chuvas.

E eu cozinhando a minha cera. Eu digo: - seu Antônio, o próximo ano é seco, para o ano é seco. Ele disse: - ‘porque você diz isso? Nosso Senhor vei lhe dizer?’ Não! – ‘Você conversou com Deus?’ Não, mas é! Olhe a experiência do sol aí e o dia. O sol limpim, alvo, mas alvo que a gente olhava assim num agüentava um pedacim. Eu digo: é, esse ano é seco. Ele disse: - ‘é não, é seco não.’ Aí, passei o ferro cozinhando todo dia, todo dia, aí acabei o meu. Na semana, fui começar no dele. Quando deu seis dia, tudo alvo o sol, tudo... todo os seis... num teve... teve algum dia que apareceu umas nuvem branca praqui e pracolá bem longe uma da outa. E eu dizendo o véi, é seco. (...). – ‘Você tá é doido!’

No entanto, o dono da *casa de cozinhamento de cera*, o Sr. Zé Maria, não só questionava a “validade” desta “experiência”, como afirmava que “seu” Amaro iria concluir o trabalho de *cozinhamento do pó* utilizando-se da água da chuva que se acumularia num *barreiro* próximo à casa onde “seu” Amaro estava trabalhando.

Quando foi o derradeiro dia do cozinhamento do pó, eu digo: - se apronte... E o véi dizendo: - ‘você ainda vai acabar o meu cozinhamento aqui...’ Tinha um barreiro por o lado de baixo da casa de cera, tinha um barreirão grande que inchia d’água, né? Você... A gente passava meses cozinhando cera lá pelo inverno com água desse barreiro. – ‘Você ainda vai acabar o meu cozinhamento aqui com água desse barreiro.’ Eu digo: compade, eu acho que não. Porque eu num vi um sinal aqui que eu achasse bom pa inverno.

Todavia, confessa o velho Amaro, quando *foi bem pelo dia sete de janeiro* começou a chover com tanta intensidade que foi necessário parar com o cozinhamento do pó da palha da carnaúba, em virtude de

não ter colocado uma quantidade maior de lenha, que seria utilizada no forno, para dentro da casa.

Nesse dia mermo, quando foi bem pelo dia sete de setembro, como é, de janeiro, pegou a juntar-se umas nuvem que nem tá essa por ali, mas mais escura, num era branca assim não, e foi se ajuntando rapaz, mas veio um pé d'água, um pé d'água de jeito. Choveu, choveu, quando acabou de chover o barreiro chega tava despejando assim pa dento do cercado dele. E eu lá, rapaz, era tanta chuva que eu parei o cozinhamento mode a lenha. Eu num sabia que ia chover daquele jeito, a lenha que tinha butado pa dento de casa era pouquinha. Ai, eu digo: - não, eu parar que eu num vou buscar lenha pa butar de baixo; e mermo, num podia butar que a boca do forno era assim po lado de fora, butava por fora. Aí, quando a chuva passou lá vem o véi todo satisfeito, todo contente, diz: - 'Ah! rapaz, eu num lhe disse que você ia terminar essa minha era com chuva, vai chover e é muito.' Dessa vez, choveu até o fim do mês. Choveu, que fez gosto. Mas, choveu mermo. Foi inverno.

Segundo o Sr. Amaro, se nos seis primeiros dias do ano o sol surgir alto no nascente, *nem que seja im janeiro chove*. Esta certeza, no entanto, decorre da observação continuada do sol de janeiro que o Sr. Amaro vem experienciando desde 1963.

Também é comum nas noites escuras do sertão, a sua gente sair ao terreiro da casa para observar a luz silenciosa da lua e das estrelas, enquanto conversam sobre fatos geralmente sobrecarregados de incidentes e com a minúcia de detalhes que lhes é peculiar.⁸¹ Entre um assunto e outro, procuram no céu estrelado, a presença dos planetas, do Sete-Estrela, das três Maria, do Cruzeiro do Sul, dos três Reis Magos e da estrela D'Alva, a qual, dentre os astros, é a que possui um maior significado na cultura camponesa, uma vez que representa um "planeta de muita influência" no destino daqueles que a observam.

Eu tenho umas coisa que sempre me regia um pouco de inverno, tenho os praneta, né? Tenho os praneta que... Melhor, um praneta predificado que não mente pra inverno, num mente mermo não, é a nossa estrela D'Alva. Ela, ela num mente não. Agora quem quiser que se dirija por ela, quem quiser que tenha idéia dela. Se eu tenho, é porque já truce da minha mininiça que via meu pai e padrinho, o dito padrim que eu tava dizendo a você, que ele (...) orientava a gente que a estrela D'Alva era o

⁸¹ Segundo Domingos Olympio, "os sertanejos ladinos são, em geral, admiráveis narradores, de imaginação acesa, fecundos em descrição, cujos menores incidentes são debuxados com vigor." Cf. Domingos Olympio. *Luzia-Homem*. EDIOURO – Coleção Prestígio. p. 106.

praneta que dizia como era o inverno. Eu me regia munto pa... vim entendendo, passei pa adulto e fiquei com ela em mira, né? Quando é pra num haver inverno, (...) a estrela D'Alva diz a gente; ela dá o sentido como é, tá vendo? Ela num... o regime dela de. A estrela D'Alva no sul, tanto faz tá no nascente como no inverno pa... pa... pa seca ela num mente não, num mente não poente não tem inverno no Nordeste porque Deus num quer. Que tem muntos anos que eu tem... digo é eu, é meus pai, padrinhos, muntos século que já vinho trazendo essa experiência, né? (...). Ela pode sair, ela pode sair no sul, ela pode passar e se apresentar aqui na entrada da noite no sul num estirado ligeiro... Toda noite ela descendo para o norte, ora, quando ela tiver em mei de camim já pode pegar o inverno. Mas, se ela prantar-se lá num tem inverno porque Deus num quer; mas num tem mermo e pronto. Aí é uma garantia, já sabe. (...). A natureza é muito importante. (...). Um praneta governar o Nordeste, sostô. A chuva é dada por Deus, mas você já sabe que tem um praneta que governa. Olha, é muito importante, né? (...). Um praneta governar o Nordeste, sostô. A chuva é dada por Deus, mas você já sabe que tem um praneta que gonverna.⁸²

Interessante observar na fala do Sr. João André Filho a certeza que ele e os camponeses, de um modo geral, têm de que *a estrela D'Alva não mente*. No entanto, essa certeza ele traz não só da sua vivência, mas de outros tempos quando na sua *meninica* recebia do pai e do padrinho os ensinamentos de que “o Nordeste é governado por essa estrela”, pois é ela que dá o sentido de inverno e de seca conforme a sua localização. O segredo dessa “experiência” está em saber se a estrela D'Alva se apresenta no início da noite “governando” no poente ou no nascente. Caso ela “governe” no poente tem-se a certeza de que o ano seguinte será bom de inverno; caso “governe” no nascente, o ano será seco.

Nas entrevistas, as referências aos planetas foram com frequência recorrentes. Estes são tomados como sinal que prenuncia o que os camponeses podem esperar da próxima estação de acordo com a localização no espaço celeste.

Assim como as estrelas que parecem brilhar com mais intensidade na sombra imensa que é o céu camponês, a lua, quando aparece erguida no horizonte, torna-se não só objeto de contemplação

⁸² João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999. Pai de quinze filhos, o Sr. João André reside, na companhia de sua esposa e de alguns filhos, na cidade de Jaguaruana desde 1979.

para as almas amorosas que em sua luz se banham e segredam seus amores, mas igualmente é interrogada sobre as possibilidades de inverno para o ano vindouro.

Da lua cheia, fazendo... fazendo barra três dia, não tem chuva naquele mês. Por isso, que eu tô com medo desse [ano de 2000]. Foi bem fraquinha a lua na barra, (...). E a barra de nascimento, também os antigo tinha essa experiência da barra de nascimento, né? Esse ano, esse ano teve boa. Tudo isso tá bom, cadê?⁸³

Todavia, não só os astros representam um presságio confiável para os camponeses. Também são muitas as “experiências” em que as árvores estão presentes como base empírica para as suas observações.

Eu tenho a história da carnaúba. Que a carnaúba carregando... tinha também essa história da carnaúba. Tinha a história da arueira. Mas, da arueira, eu num sei se alguém viu ela carregada, né? A gente tudo, a gente tinha essa... Agora uma que eu gostava muito de prestar a atenção era o juazeiro. O juazeiro, num tá mais nem... num tá mais nem ramano, num tá mais nem caindo a folha do... do... a folha velha (...). Do pau d'arco eu também num sei, aqui também num tem. Acabaro com tudim, né? Mas, diz o rapaz que pra... justamente pra acolá tem inverno, pra banda daquela serra da acolá, do Olho D'água. Pra acolá tem inverno. pra acolá tem muito, fulorô muito pau d'arco. Mas, aqui ninguém tem mais.⁸⁴

Através da renovação cíclica das árvores, a natureza anuncia sinais que são apreendidos e interpretados pelo homem do campo como anunciadores ou não do que eles chamam de um “bom tempo”, um “tempo de fartura”. Nesse sentido, estão sempre atentos para observarem o período em que floram e carregam as carnaúbas, as arueiras, os juazeiros, os pau d'arcos, entre outras árvores. Com efeito,

⁸³ Francisco Girão Sobrinho (Chicada). Entrevista gravada na comunidade da Palestina, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000. Proprietário de cinquenta hectares de terra e de algumas cabeças de gado, “seu” Chicada, entre todos os entrevistados, foi um dos que apresentou melhor condição de vida. Quanto à comunidade da Palestina, encontra-se distante cerca de sete quilômetros do centro da cidade de Morada Nova e é composta por algumas poucas casas situadas a menos de dois quilômetro de distância do leito do rio Banabuiú. Dentre as poucas casas existentes na comunidade, uma pertence ao “seu” Chicada, onde mora com sua esposa, e outra a sua filha.

⁸⁴ Francisco Girão Sobrinho (Chicada). Entrevista gravada na comunidade da Palestina, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

quando as árvores ganham nova folhagem é sinal que a natureza está se renovando, o que representa um bom sinal para o próximo inverno. Uma vez isso não acontecendo, é despertada a atenção dos camponeses para a descontinuidade da lógica que eles atribuem à natureza e sobre a qual se fundamenta e se sustenta o seu conhecimento.

Essas práticas que tomam as plantas como observatório da inconsciente proliferação da vida, têm como propósito a revelação da sorte humana a qual pode ser prevista pelas plantas. Não obstante, o grau de percepção e de comportamento que os camponeses têm diante das plantas, em geral, corresponde também à produção e à transmissão oral de um amplo saber acerca das propriedades benéficas das mesmas.⁸⁵ É comum se observar entre os camponeses o conhecimento e as práticas voltadas para a cura de doenças através de rezas e da manipulação de remédios caseiros, como chás, unguentos e simpatias, produzidos com ervas cultivadas em grande medida no próprio *terreiro* da casa.

A capacidade que os camponeses possuem de apreender e decifrar os presságios que emanam da natureza, demonstra o quanto a experiência de vida desses sujeitos está forjada numa forte relação com o mundo natural, que chega a estabelecer uma intimidade *entre a natureza submetida ao trabalho humano e os homens sujeitos aos ritmos da natureza*.⁸⁶

Segundo o Sr. Raimundo Mendes Martins, um outro indício bastante confiável é o movimento das formigas principalmente no final do ano. Neste período, quando as formigas começam a construir os seus formigueiros mais próximos dos baixios é um sinal de que o ano vindouro vai ser escasso de chuvas. Doutra forma, quando elas começam a subir, a se colocarem em um terreno mais alto, significa que o tempo será favorável ao inverno.

⁸⁵ Keith Thomas. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. op. cit. pp. 85, 86 e 90.

⁸⁶ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. p. 213.

Antigamente, o camarada tinha muita experiência. O camarada andava... Hoje não... O camarada andava com um nego, o arrieiro do comboio. O nego chegou no arranche, aí o senhor mandou ele ajeitar os bicho. Depois, ele chegou: - 'Patrão, tá bom de ir pedir o dono da casa pa guardar o comboio.' - 'Mas, o tempo limpo desse jeito?' - 'Num tô dizendo, num tô mandando guardar.' Aí, o home foi só... guardou. Pidiu o caixão pa guardar o comboio. Aí, mais tarde, chegou um no meio do terreiro. Aí, o nego disse: - 'O Sr. vai deixar o comboio aí no meio do terreiro?' - 'Vou, num vai chover de jeito nenhum; tá limpo, né?' - 'Num sei não!' Quando deu de madrugada, aja água (risos). A experiência do nego, viu? Aí, o patrão dele... - 'Que experiência você tem nego?' - 'Rapaz, eu vi as furmiguinha carregando os fi prum canto, pra outo, carregando os fi, carregando os fi; é sinal de chuva logo, é.' E é mermo! Quando você ver as furmiguinha carregar os fi, levar pra outo canto, é sinal de chuva mermo. Só num sabe é nós, mas, os inocente sabe.⁸⁷

Os movimentos das formigas, das aves, das abelhas são indicativos de que haverá ou não um bom inverno. O Sr. João Martins de Souza,⁸⁸ por exemplo, afirma que nunca viu um ano favorável à inverno sem uma grande presença de abelhas nas proximidades das casas e dos roçados. Em contrapartida, quando o inverno vai ser escasso, as abelhas tendem a "fugir", a migrar.

Não obstante, as experiências transcendem as fronteiras do território camponês. O Sr. Eduardo Soares,⁸⁹ por exemplo, lembra que

⁸⁷ Raimundo Mendes Martins, 92 anos. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000. Entre todos os entrevistados, o Sr. Raimundo Mendes foi um dos que mais se emocionou no processo de rememoração de seu passado, sobretudo quando lembrou as dificuldades que viveu ao lado de seus pais nas secas de 1915 e 1919. Proprietário de dois hectares de terra, o "seu" Raimundo mora em uma pequena casa de alvenaria na companhia de sua esposa Eulália, 94 anos de idade, sobrevivendo, ambos, da aposentadoria que recebem. A comunidade dispõe de energia elétrica e encontra-se distante cerca de quatro quilômetros da cidade de Tabuleiro do Norte, estando, ainda, localizada na área de influência do rio Jaguaribe, numa distância de aproximadamente sete quilômetros do seu leito. A origem da comunidade da Aldeia Velha está num antigo aldeamento indígena que foi instituído após a chamada "Guerra dos Barbaros" (1687-1692), com o objetivo de reunir os fragmentos das diversas tribos derrotadas.

⁸⁸ João Martins de Souza. Entrevista gravada na comunidade do Peixe, no município de Russas, no dia 19/03/2000.

⁸⁹ Eduardo Soares de Lima, 78 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 28/08/1999. Natural de Redenção-Ce, o Sr. Eduardo veio morar na antiga Lagoa das Bestas, hoje Lagoa de Santa Teresinha, em dezembro de 1965. Morando com sua esposa e dois filhos numa pequena casa de alvenaria - a maioria das casas da comunidade são de taipa - "seu" Eduardo possui quarenta e oito hectares de terra onde planta feijão e milho, além de criar algumas cabeças de gado. Uma pequena parte de sua propriedade é ocupada pela família de D. Estelita Crispim Gomes. Embora esteja na condição de moradora, a família de D. Estelita não paga qualquer tipo de renda pela ocupação e produção das terras. Distante cerca de dezesseis quilômetros da cidade de Russas, a comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, por estar situada numa área de caatinga, tem na falta d'água seu principal problema. Em virtude da falta d'água, os moradores têm cavado poços profundos que, quando muito, fornecem água salobra que não serve nem para o consumo dos animais. Como "solução" para esse grave problema, foi construída uma grande cisterna que, de forma irregular, é abastecida com água trazida da cidade por carros-pipa. A comunidade dispõe de energia elétrica e possui ainda uma capela onde são realizadas missas a cada dois

já no mês de dezembro ou no começo de janeiro, há entre os moradores da Lagoa de Santa Teresinha, onde mora no município de Russas, um interesse em saber quem, entre eles, vai à praia. Segundo o Sr. Eduardo, os pescadores sempre dizem algo sobre o próximo inverno. Nesse sentido, vinha do mar a esperança que o Sr. Onofre reservava para o inverno de 2000.

(...), mas eu tô pensando que... eu tô pensando que para o ano vai ser inverno, muita gente que tem experiência diz. (...). Tive, sabo agora vai fazer oito dia que tive no mar, na Marjolanda, tive lá. Aí, eu perguntando a ele, a jangada ... a jangada tudo no mar assim andando, quando saiu, negoço de duas hora eles saíro, o peixim aquela migalha. - Ei, por quê é que esse peixe deu bem pouquim? Ele disse: - 'sabe por quê? Porque o peixe tá adivinhando chuva, num tá saindo não.' Tá rendo? (risos) jangadeiro! Eu digo, cadê o peixe rapaz? ele disse: - 'não é porque o peixe está cirmando de vim a beira-mar , né?' Por certo tá se guardando por lá, esperando a aiágua, né? (...).⁹⁰

Já o Sr. Euclides Ângelo Cordeiro,⁹¹ por sua vez, tem o mar como referência para as suas "experiências" de inverno a partir da observação do primeiro dia do ano. Para este camponês, se o dia de ano amanhecer *trovejando para dentro do mar é muito difícil ter um bom inverno*. A confiança nessa "experiência" está ancorada nos ensinamentos recebidos do seu avô materno o velho Rufino Cordeiro.

Entretanto, essa prática de observar e decifrar os sinais que a natureza sugere acerca do futuro, que foi passada de geração a geração através da oralidade, tem em grande medida perdido a sua força. Para Walter Benjamin, a difusão da informação é decisivamente responsável pelo declínio da narrativa. Diferentemente da comunicação

meses. A exceção das famílias do Sr. Eduardo, da D. Estelita e do Sr. Valdemar, praticamente todas as outras famílias moradoras da comunidade são negras e têm algum grau de parentesco. Segundo os moradores mais antigos, era comum os casamentos acontecerem dentro do próprio universo familiar, ou seja, o casamento entre primos.

⁹⁰ Onofre Augusto dos Santos, 77 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 21/10/1999. Casado com D. Maria Júlia dos Santos e pai de dez filhos, o Sr. Onofre reside, com sua esposa, numa pequena casa de taipa. Embora tenha herdado dos pais um "pedaço" de terra, no qual realiza seu trabalho agrícola, ambos sobrevivem da aposentadoria que recebem.

⁹¹ Euclides Ângelo Cordeiro, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa Grande, no município de Russas, no dia 23/08/1999. Casado e pai de quatro filhos o Sr. Euclides vive da aposentadoria que recebe, uma vez que não trabalha mais na agricultura. Distante cerca de quarenta quilômetros da cidade de Russas, a comunidade da Lagoa Grande dispõe de energia elétrica, de um posto de saúde, de uma escola de ensino fundamental e de um desalinizador de água.

de massa, que se caracteriza pela vericabilidade e pela inteligibilidade da informação, a *arte da narrativa está em evitar explicações*. Assim, o extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.⁹²

Mesmo entre os mais velhos, que são por assim dizer os guardiões dessa memória, verifica-se que a importância atribuída a essas “experiências” nos dias atuais é cada vez menor. No entanto, a falta de credibilidade se justifica pela própria *mudança dos tempos*.

A minha experienciazinha é do mato, né? Mas... Oi, Deus disse que quando o povo quisesse saber mais do que ele, mudaria os tempo. Aí, as experiência do mato tá tudo... Oi, tamanduá, (...), quando você pega ele no verão, mata muito gordo... peba gordo, é um sinal de tempo ruim. E, esse ano, pegaro, teve noite de matarem dois tamanduá grande e muito gordo. E os peba, diz que era gordo que parece que era cevado em casa. Aí, eu digo: o ano vai ser escasso. Taí, o inverno bom. Agora, que vem de verão dirmantelado.⁹³

Por sua vez, o Sr. Francisco Girão Sobrinho diz que apesar de gostar de prestar atenção nas coisas dos antigos, essas não estão mais valendo nada.

Home, eu gosto de prestar a atenção às coisa dos antigos. Mas, hoje num tá valendo nada. Porque esse ano, pelos antigo, que eles dizia que chovendo na... na primeira semana da primeira sexta-feira do mês, chuvendo na quinta-feira... na quarta-feira de cinza, os antigo tinha isso, né? Podia butar pote na goteira que enchia toda noite. Cadê? Chuveu tudo nesse dia, chuveu tudo nesse dia, tudo chuveu muito. E até agora tem sido muito fraco, mais muito.⁹⁴

⁹² Cf. Walter Benjamin. “O Narrador”. In. *Os Pensadores*. op. cit. p. 203.

⁹³ Francisco Abel Lino (Chico Abel), 84 anos. Entrevista gravada na comunidade do Bixopa, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000. O Sr. Chico Abel é proprietário de quarenta e seis hectares de terra, aproveitados tanto na agricultura como na exploração do carnaubal, ou seja, na venda das palhas da carnaúba para a produção artesanal de cera, chapéus, bolsas... Distante cerca de vinte e oito quilômetros da cidade de Limoeiro do Norte, o distrito do Bixopa está localizado numa área de caatinga. Além da agricultura, seus moradores têm explorado, como fonte de renda, as pedreiras que cercam o centenário açude do Jatobá, situado ao lado da também centenária igreja de São José. Em virtude da água do açude ser salgada, a comunidade é abastecida no período do verão por carros-pipa e no inverno com a água das chuvas acumulada em cisternas. Além da igreja, a comunidade possui uma escola de ensino fundamental, um posto de saúde e dispõe de energia elétrica.

⁹⁴ Francisco Girão Sobrinho (Chicada). Entrevista gravada na comunidade da Palestina, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

O que de fato essas “experiências” apresentam em comum, é que todas constituem um conjunto de conhecimentos pautados na observação e na decifração dos sinais de vida e de morte que a natureza lhes anuncia. Noutros termos, os camponeses têm na relação com a natureza, a base principal para a organização de suas vidas.⁹⁵

Indagado se gostava de observar a natureza, o Sr. João André revela que este hábito talvez seja seu maior entretenimento. Assim sendo, o amíúde contato que tem com a natureza está expresso não apenas na alegria de cuidar da terra, prepará-la, semeá-la e acompanhar o crescimento das plantas; ou, ainda, no prazer que sente ao ver as “brincadeiras” ou “brigas” dos animais; mas, sobretudo, no conhecimento empírico que desenvolveu, ao longo da sua experiência de vida, na observação do vento.

Ah! Claro. Pra ver o que tá se passando. Aquelas coisa que eu vejo eu digo, eu digo meu Deus num era pra ser daquele jeito não, mais oia como é que tá o negoço, minino. (...). Aquelas coisa e tal... Eu gosto tanto da natureza, que dou nutiça até do vento. O vento... quando o vento tá do... do sul para o norte eu digo: ó, o vento já mudou hoje. Eu conheço pelo jeito do vento. Oi o vento já... Oi, aí o vento já mudou num tá hoje de norte a sul não, tá de sul a norte. Oia o quanto eu gosto da natureza (risos), que até do vento eu dou nutiça, até do vento eu dou nutiça. Por isso, eu lhe digo. É o vento, chama-se o vento do Aracati, né? E aqui é o sul, o vento do sul empurrando pro Aracati. Quando ele está assim, eu digo oi aí, o vento uma hora dessa era pra ser do Aracati para o sul; mas oia, ainda tá no sul, vindo do sul e tal. Dô fé, lastá um bucado de... de... de animal, de gado brincando ou até mesmo brigando, e eu parado olhando os animais se escamuçando. Tudo é coisa da natureza. E eu fico olhando, aquilo pra mim é um prazer de ver aquilo (risos). Nasci, nasci ou num nasci para o campo? Nasci pro campo, né?⁹⁶

Todo esse apego que o Sr. João André demonstra ter pela natureza, justifica, por assim dizer, a tensão que atravessa toda sua fala quando refere-se aos espaços do campo e da cidade. Ao afirmar que nasceu para morar no campo, “seu” João André desqualifica as

⁹⁵ Ao discutir o senso comum como um sistema cultural, Geertz diz que os argumentos do senso comum “não se baseiam em coisa alguma, a não ser na vida como um todo. O mundo é sua autoridade”. Cf. Clifford Geertz. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópoles, RJ: Vozes, 1997. p. 114.

⁹⁶ João André Filho, 73 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999.

experiências vividas no espaço da cidade, expressando, assim, sua resistência ao mundo citadino. Morando na cidade de Jaguaruana desde 1979, o velho João tem procurado consumir as práticas da cidade, investindo-se de uma maneira de agir que possa combinar essas práticas com as experiências vividas no campo.⁹⁷

A propósito do vento, assim como o Sr. João André, o Sr. Chiquinho Pitombeira diz que já não é mais o mesmo. O vento forte, em pleno mês de outubro, estava deixando gelada as noites sertanejas. Esse "novo" vento, diferentemente do Aracati,⁹⁸ soprava mais forte e mais frio. Na verdade, trata-se do vento Leste que, de agosto a novembro, principalmente no litoral cearense, consegue atingir grandes velocidades.



(Foto 04 – Sr. Chiquinho Pitombeira e D. Lourdes – Riachinho – Russas)

⁹⁷ Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. op. cit. p. 42. Voltarei a essa questão, na última parte deste trabalho.

⁹⁸ Segundo Otacílio Colares, o vento do Aracati, é um "vento forte que, partindo da cidade do litoral leste do Ceará que lhe dá o nome, percorre parte do sertão cearense, servindo de refrigério às populações de cidades, as quais, à noite, sentam-se às calçadas, esperando a sua passagem, para se recolherem, depois". Cf. Antônio Sales. *Aves de Arribação*. op. cit. p. 17.

Rapaz, eu vou te dizer, eu num tô mais achando mais vento tá me servindo. Isso aqui quando é seis hora, você num agüenta o frio. Vou assistir um terço sentado naquela cadeira detrás dessa porta e da outa, quem chega aqui na sala num me ver que eu tô lá. Mas, é por causa do vento fri. E mais tarde uma coisinha, lá na calçada, eu num agüento de jeito nenhum. E gostava dum ventozim, mas desse jeito, gelado desse jeito. Ave Maria, tô fraco de sangue. Mas, é porque é fri mermo.⁹⁹

Por outro lado, o vento do Aracati parecia trazer, em sua brisa e em seu som melodioso, uma razão geral à vida. Razão pela qual as mães ficavam nas calçadas com seus filhos até a hora em que este vento passasse. Vento que parecia representar uma espécie de benção para as crianças.

Nunca mais eu num vi vento do Aracati. Porque o vento do Aracati é diferente desse vento. É um vento mais educado, é um vento que tem hora de passar, é. Antigamente, (...) tinham uma história de vento de Aracati. (...). As mulheres, as mãe de família tinha aquela hora da noite, de sete hora da noite até nove. (...). Essas mulher daqui de cima tudo tinha essa história de esperar pelo vento do Aracati. Seja lá que hora fosse da noite, só ia pra dento de casa depois que o vento do Aracati chegasse, podia chegar de dez hora, de oito ou de mais. Quando o vento do Aracati chegava, aquelas criança tomava aquele vento ai é que elas iam simbora pra dento de casa deitar as criança pra dormir. Mas, hoje, eu ainda num dei fé de vento do Aracati esse ano, tem não. É um vento mais... num é com essa friage aí não. Ele tem assim um fresco assim como seja um vento do mar, ele tem aquela frescura dele como se fosse um vento do mar (...).

Ao contrário do vento do Aracati, que todos habitualmente esperavam para banharem-se com a frescura liberta do mar que o vento trazia em suas asas; o vento de agora, no dizer do depoente, é um vento "bandido", pelo qual ele não mais espera.

Esses outro vento, chega uma hora dessa, faz esse vento fri. Mais tarde, faz fri que eu num agüento, num agüento não, tem que entrar pra dento de casa. Eu num espero por esse bandido não. Às vez eu fecho a porta de baixo, o vento é tão forte que balança aquela banda (...) aí eu fecho essa de baixo e ele é tão forte que ele ainda entra pra detrás da porta, impurra, ele impurra essa banda de tijolo (...).

⁹⁹ Francisco Rodrigues Pitombeira (Chiquinho Pitombeira), 86 anos. Entrevista gravada no Riachinho, município de Russas, no dia 22/10/1999. Distante seis quilômetros da Lagoa de Santa Terezinha e vinte e dois da cidade de Russas, a casa em que o Sr. Chiquinho Pitombeira mora na companhia de sua esposa, Maria de Lourdes Almeida, 92 anos, revela o poder econômico que o velho Pitombeira herdou dos pais. Além da ampla casa de alvenaria onde moram, a casa de farinha, que abriga em seu interior um velho carro-de-boi, possibilita-nos inferir sobre o papel social que desempenhava na região a família Pitombeira. A casa não dispõe de energia elétrica e possui ao lado uma grande cisterna para o armazenamento de água.

Esse vento em excesso, não apenas fez o Sr. Chiquinho Pitombeira mudar seus hábitos, uma vez que ele gostava de receber um *ventozim* na calçada de sua casa até certas horas da noite, como exerceu todo o seu poder sobre a sua imaginação na medida em que ele, ao caracterizar o vento de *bandido*, expressou-o em seu estado colérico, ou seja, aquele capaz de estar em toda parte e em nenhum lugar.¹⁰⁰ Em outras palavras, a presença furiosa desse vento *bandido*, representaria, por sua vez, a “criminalização da natureza”.

O fato importante a se considerar, em tudo isso, é os camponeses terem desenvolvido, ao longo de suas experiências de vida, uma maneira singular de expressar as suas sensibilidades diante do mundo natural; através da apreensão e da decifração dos sinais que, segundo os depoentes, de uma forma ou de outra, indicam a sorte de todos. Por sua vez, essa forma de olhar a natureza me permitiu conhecer muitos dos pressupostos construídos a partir da relação cultural que eles mantêm com a natureza.

Não obstante, conquanto os camponeses descartem muitos dos pressupostos do passado, torna-se difícil para os mais velhos do campo deixarem de ver o mundo natural a partir destes saberes, dessas práticas. Ao mesmo tempo em que expressam a falta de confiança nos presságios que a natureza lhes oferece, deixam transparecer o quanto a natureza reflete o estado de espírito em que vivem, bem como as suas emoções.

Contudo, não pretendo, aqui, fazer um inventário do que foi perdido; mas uma exploração do que ainda podemos encontrar. Nesse sentido, o modelo alternativo de olhar a paisagem, proposto por Schama, leva em conta a complexidade de mitos, metáforas e alegorias, cujo árbitro é a memória.¹⁰¹

¹⁰⁰ Segundo Bachelard, todas as fazes do vento têm sua psicologia. De acordo, pois, com a psicologia proposta por Bachelard, o vento “se excita e desanima”, “grita e queixa-se”, “passa da violência à aflição”. Cf. Gaston Bachelard. *O Ar e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 232.

¹⁰¹ Simon Schama. *Paisagem e memória*. op. cit. p. 24.

Assim como Schama, a idéia não é contestar a realidade de mudanças que se verifica no campo, mas sim, mostrar como os modos de viver dos camponeses estão organizados a partir de uma força que une a cultura e a natureza. Entretanto, se, no presente, a relação dos camponeses com o mundo natural tem-se alterado, é porque nem todas as gerações relacionam-se com a natureza da mesma forma, em virtude de suas posições serem efetivamente históricas.¹⁰² Desta forma, pude apreender, nas experiências vivenciadas por estes sujeitos, que os modos de viver e de se relacionar com a natureza têm se construído e transformado no próprio tempo.

Portanto, como já foi dito, a compreensão e a relação que os camponeses têm e mantêm com a natureza estão mediatizadas pela experiência/cultura. Nesse sentido, os espaços em que vivem são resultados da percepção e dos significados atribuídos por esses sujeitos através das suas práticas e experiências.

Assim sendo, podemos dizer que toda cultura, por mais simples que seja a sua organização e os conhecimentos sociais disponíveis, cria modos de explicação da vida passada e presente, os quais justificam o seu lugar no mundo.¹⁰³ No que diz respeito a cultura camponesa, ela tem na arte de observar a natureza uma forma de exprimir as transformações que estão ocorrendo não só no espaço natural, mas, nas próprias relações sociais historicamente construídas no sertão.

Segundo o Sr. João André Filho, *uma parte das coisa do mundo num é mais a natureza que era*. Assim, ao longo da sua experiência de vida, "seu" João afirma já ter observado uma série de mudanças na natureza.

A natureza mudar, um negócio munto importante, né? Você já sabe que muda a natureza? As coisa da natureza muda? Muda, muda que eu já

¹⁰² Segundo Simon Schama, "(...) Nem todas as culturas abraçam natureza e paisagem com igual ardor, e as que abraçam conhecem fases de maior ou menor entusiasmo. O que os mitos da floresta antiga significam para uma cultura européia nacional pode se traduzir em algo totalmente diverso em outra cultura. (...)" Simon Schama. *Paisagem e memória*. op. cit. p. 25.

¹⁰³ Alfredo Macedo Gomes. *O imaginário social da seca e suas implicações para mudança social*. op. cit. p. 178.

encontrei, eu já encontrei coisa da natureza que num era daquele jeito e parece que nunca tinha sido e mudou pra outra forma. (...). Porque a gente espera dum jeito, porque era pra ser daquele jeito... é coisa da natureza, rapaz, num tem bom, ali num mente... e mentir.¹⁰⁴

Desde o tempo da sua *mininiça*, revela o Sr. João André, ouvia dizer que determinados insetos só apareciam se houvesse inverno; no entanto, tem sido comum, nos últimos anos, a presença destes insetos no espaço vivido dos camponeses, embora as estações chuvosas tenham sido fracas, quase secas.

(...), na minha mininiça... diz que os inseto, umas qualidade de inseto que só aparecia se houvesse... se tivesse inverno, se não tivesse o inverno num aparecia; eu já encontrei dum ano desse pra cá, já encontrei ano fraco, quase seco e aquelas coisa que só vinha em ano chovedor, ano de rama, só... só aparecia ano de rama e naquele ano fraco daquele jeito...

Segundo a percepção do Sr. João André, a própria terra tem progressivamente evidenciado as mudanças ocorridas na natureza. A idéia de uma natureza mentirosa, sugerida pelo velho João, onde a terra passa a negar tudo que ela produzia em abundância, está diretamente associada a não preservação dos valores morais tradicionais. Desta forma, segundo a percepção camponesa, muito mais do que a seca, o desregramento dos costumes e o aumento do pecado em virtude do pouco temor a Deus, seriam, de fato, os principais responsáveis pelas mudanças verificadas na natureza.

(...) a gente prantava, fazia uma pranta, a gente só prantava uma cova de melancia, só uma, se você possuísse gado pra dar melancia podia prantar mais. Mas, pra... pra seu consumo só prantasse uma cova porque sobrava. (...) cê apanhava aquela melancia, botava numa sombra tanta dava, porque dava munta. Os girimuns, só prantava uma cova de girimum. Dadonde você ia botar girimum? Num tinha quem comprasse tanto dava, nera? Quer dizer que a terra desapareceu, a terra num dar mais isso não, acabou-se. Cê pranta dez cova de melancia e num prova. É da natureza, né? É da terra! (...), justamente a palavra que Deus disse: para o fim a terra negarei o pão. A gente prantava uma quantidade de feijão, precisava de prantar pouco porque apanhava... apanhava tanto feijão que num tinha em que botar. Hoje, a gente pranta aquele canto medonho pra fazer aquele feijão do consumo. A terra tá negando o pão ou num tá? A terra tá negando tudo, a terra

¹⁰⁴ João André Filho, 73 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999.

nega tudo. Eu alcancei os cercados criar, aonde num trabalhava, aquela inquantidade de capim mimoso, nós chamava capim mimoso, ficava arriado (...) quando havia inverno. Hoje, quando passa o inverno, o cercado boa parte só é escalvado, num... num cria mais não. Ôi, a terra negando tudo em cima dela, né? É da natureza. Justamente foi a palavra que Deus disse: para o fim a terra negaria o pão.

Segundo o Sr. João André Filho, desde o começo do mundo a natureza nunca havia mentido; não era coisa da natureza mentir. No entanto, se isso hoje acontece, justifica-se muito mais por uma confirmação dos sinais profetizados por Deus; e, muito menos, por uma outra dinâmica imposta ao espaço natural, a qual tem provocado a completa integração deste ao mundo do artifício;¹⁰⁵ ou, mesmo ainda, em decorrência da própria ação predatória dos camponeses junto à natureza, a qual pode ser traduzida em grande medida nas práticas do desmatamento e das queimadas.

Portanto, apreendendo apenas os efeitos e não as causas das mudanças ocorridas na natureza, o Sr. João André procura explicar tais mudanças a partir da ilustração de uma história que, segundo a temporalidade subjetiva do velho depoente, remonta ao *começo do mundo*. Conta-se, nessa história, que Deus havia revelado aos seus apóstolos os sinais que Ele daria quando se aproximasse *os finais das coisa do mundo*.

Inxiste até uma história que São Pedro era um apóstolo de Deus, nem sei se é certo, mas, que inxiste essa história do começo do mundo. (...). – ‘Senhor, quando é que o mundo tem fim?’ Aí ele disse: - ‘Pedro o mundo num tem fim, as coisa do... as coisa do mundo terá os finais. Quando a terra negar o pão, já será um sinal do fim do mundo; quando o pai desconhecer filho e filhos desconhecer os pai, já será os sinais; quando as mulhere forem dona do mundo, Pedro, será os sinais.’ Eu vi, eu tô vendo tudo isso! Meu fi, a terra tamo vendo, pa todo mundo vê, negou o pão. Só nós do campo é que sabe o quanto a terra paralisou, negou o pão duma vez segundo o que era, né?¹⁰⁶

¹⁰⁵ Referindo-se a situação do espaço natural nesta passagem de milênio, Laymert Garcia dos Santos diz “que ele não está acabando como espaço natural. Pois ele ainda existe. Todavia a sua existência é retrabalhada e inscrita numa dinâmica que não tem mais nada a ver com a dinâmica natural. Trata-se de um espaço que aparentemente continua o mesmo mas que não é mais o mesmo, pois suas determinações vêm de fora, do artifício.” Cf. Denise Bernuzzi Sant’anna e Yara Aun Khouri. "Biodiversidade, Sociodiversidade e Exclusão" - Entrevista com Laymert Garcia dos Santos. In. *Projeto História n° 18*. op. cit. p. 262.

¹⁰⁶ João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999.

O primeiro sinal, portanto, seria revelado pela mãe-terra, quando esta perdesse as características que a associam aos mistérios do corpo materno,¹⁰⁷ ou seja, a sua capacidade de fecundação e de nutrição, passando a negar ao homem o pão que o alimenta.

O segundo sinal seria dado pela família, quando esta apresentasse a desarmonia entre pais e filhos. Cabe ressaltar que, para as comunidades camponesas, as relações familiares representam um ponto de referência importante para a organização de seus modos de vida, uma vez que é na família que se encontra a base das normas de comportamento social, baseadas no respeito e na honra. A desagregação das relações familiares representa, pois, um distanciamento dos códigos cristãos desabonadores aos olhos de Deus.

No meu tempo, o tempo de seu pai e outros mais, quando foi que a gente viu falar que um fi dava o meno um empurrão num pai? Nunca ouve não! Se ele num tava gostando do pai, butava a rede num saco e ia imhora. Era, num discutia com pai não. Hoje um fi tá batendo a mão num revóver atirando num pai, um pai atirando num fi. Será que quando ele atira num pai, ele sabe que é pai? Tá lá que Deus disse que quando desconhecesse... ele desconhece (...) quer dizer que será os finais, eu acredito que seja isso, né? Porque no antigamente num havia, antigamente num havia isso.

Por outro lado, a desagregação familiar pode ser compreendida, também, como resultado do processo de pauperização vivenciado pelos camponeses, fruto da exploração econômica que tem, em grande medida, substituído as relações baseadas na solidariedade e sentimento por relações de interesse, gerando, com isso, conflitos crescentes dentro das famílias.¹⁰⁸

O terceiro sinal expressaria a inversão dos papéis sociais, historicamente construídos e assumidos por homens e mulheres, nos quais os homens sempre mantiveram o papel de destaque, de domínio e de poder. No contexto doméstico é a posição do pai a mais privilegiada, exercendo toda autoridade sobre a mulher, os filhos e, por

¹⁰⁷ Cf. Armand Frémont. *A Região, Espaço Vivido*. op. cit. p. 49.

¹⁰⁸ Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução (1877 a 1922)*. op. cit. p. 112.

extensão, sobre todo o espaço familiar. Com a inversão destes papéis, as mulheres passaram a ser, no dizer do velho João André, as *dona do mundo*.

(...), quando as mulhere forem dona do mundo, será os finais. Aí, a gente indo parar pra olhar, Ave Maria que fosse toda mulher, mas 90% da mulher são dona do mundo. Elas tão fazendo o que quiere, quem manda é ela mermo, num tem essa história não. Elas anda do jeito que quer, anda do jeito que querem andar, o que vinher na boca elas diz num olha nem pa trás, pode tá quem tiver, é ver o final do tempo (...). Justamente as palavras que Deus disse: - 'então-se Pedro será os finais das coisa do mundo é quando isso tudo acontecer.' (...). Se for certo isso, só parece ter sido porque nós tamo vendo o que a história diz e o começo... Nós tamo vendo a terra negar o pão; o pai desconhecer filho e filho desconhecer pai; as mulher ser dona do mundo (...). Por isso eu lhe digo que eu tô com medo, tá chegando o medo em mim que adepôs de dois mil o quê que vai aparecer. (...). Tô tão nervoso com a vinda... a vinda de depois de dois mil é que ver o que vai vim. Pode até ir à frente. Ah! quisera Deus que fosse.

Marcado por um profundo significado bíblico, o discurso do Sr. João André expressa a capacidade que tem de traduzir suas experiências de vida à luz das profecias que os mais *antigos* contavam a respeito do fim do mundo. Trata-se, na verdade, de uma reinvenção da concepção bíblica referente à consumação dos séculos, seguramente transmitida na época das Santas Missões, e reveladora de uma maneira própria de ler, pensar e viver. Disseminada no Nordeste pelos capuchinhos, desde meados do século XIX, as Santas Missões eram encontros para práticas e pregações religiosas de grande relevância para a população dos sertões nordestino.

Era, era aqueles pade pregano. (...) Nesse tempo havia religião, o pessoal se confessando, ouvindo toda noite aquelas palavra bonita que eles dizia. Hoje em dia, num tem quem... num tem mais quem der valor. Hoje im dia, num tem quem quera ir para missa, num é? Não senhor, hoje em dia o pessoal quer a vaidade, né? E, portanto, eu acho munto disconforme a vista de antigamente como eu via. Havia aquelas Missão bonita; era oito dia, dez dia que eles passava numa cidade, né? Mais era munto bunito, o pessoal toda noite indo pa Igreja resar, se confessar. Hoje em dia num tem... Quem é que fala mais em confissão hoje em dia? Num tem quem quera mais, é poucas pessoas que... que... que se dirige a Igreja, né?¹⁰⁹

¹⁰⁹ Raimundo Sabino da Silva (Coró), 79 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no dia 02/02/1999. "Seu" Coró mora com sua esposa numa pequena casa de

Segundo Gilmário Moreira Brito, por se tratar de sujeitos constituídos na oralidade, as “pregações” e leituras eram assimiladas não apenas pela voz e sons, mas, sobretudo, pelos gestos: *O envolvimento das pessoas no tipo de pregação a que estavam acostumadas não era apenas de ouvir, mas, principalmente, de ver as expressões fisionômicas, corporais, gestuais.*¹¹⁰

Dessa maneira, a presença dos referenciais apocalípticos na fala do “seu” João André, leva-nos a considerar, ainda, o quanto os camponeses foram receptivos a preceitos normativos da religião católica na medida em que ganharam ressonância, com sentido próprio, em seu cotidiano.¹¹¹

Situado entre a cultura clerical e a oralidade, o catolicismo popular representa um modelo de leitura do mundo que aparece como resultado da integração entre os espaços natural, sobrenatural e humano.¹¹² Esse mundo integrado, fechado, constituído por uma dimensão terrena e outra divina, vai sendo internalizado de diferentes maneiras através de uma rede de circulação de idéias e princípios religiosos que acabam sendo elementos fundantes das relações de convivência e sociabilidade numa região marcada pelos signos da pobreza e da injustiça social.¹¹³

taipa. É aposentado e possui um pedaço de terra onde planta feijão, milho e melancia. Distante vinte e dois quilômetros da cidade de Jaguaruana, a comunidade da Pacatanha tem hoje um aspecto de abandono. Em 1999, das vinte e cinco casas de taipa existentes na comunidade, doze encontravam-se “abandonadas” por seus moradores que passaram a viver numa área de assentamento próxima à Pacatanha. Das treze casas que continuavam habitadas, seis eram por familiares do Sr. Antônio Eugênio e do seu irmão Raimundo Sabino da Silva (Coró). A comunidade não possui luz elétrica e o acesso a água é precário. Fora do período chuvoso, quando acumulam água das chuvas em pequenas cisternas, os moradores da Pacatanha dependem da água fornecida pelos carros-pipa que só no período do verão, e de forma irregular, conseguem trafegar pelas veredas que dão acesso à serra. Utilizam-se, também, da escassa e salobra água armazenada nas cacimbas e cacimbões não apenas para tomar banho, lavar roupas e loças, e dar de beber aos animais, mas para o próprio consumo familiar, quando o carro-pipa atraza o abastecimento ou as águas das chuvas não são suficientes para suprir as necessidades da família. Mesmo funcionando precariamente, a comunidade dispõe de uma pequena escola que possibilita as crianças terem acesso as séries iniciais do ensino fundamental.

¹¹⁰ Gilmário Moreira Brito. *Pau de Colher: na letra e na voz*. São Paulo: EDUC, 1999. pp. 188, 215, 216 e 217.

¹¹¹ Idem, *ibidem*. pp. 159 e 171 [grifo meu].

¹¹² Alda Brito da Motta. “Notas sobre a visão de mundo do camponês brasileiro”. *op. cit.* p. 59.

¹¹³ Sobre o imaginário de grupos sociais organizados a partir de experiências de religiosidade no sertão nordestino, ver: Gilmário Moreira Brito. *Pau de Colher: na letra e na voz*. *op. cit.* Nesse trabalho, o autor, partindo de um conjunto diversificado de fontes, incluindo depoimentos orais, analisa o movimento de Pau de Colher, no município de Casa Nova-BA, que foi extinto em janeiro de 1938 pelas polícias militares dos Estados do Piauí, Pernambuco e Bahia.

Portanto, toda e qualquer alteração na rotina do cotidiano camponês *é vivida como crise e interpretada de forma mística e fatalista, atribuindo estas mudanças a castigos divinos ou a catástrofes naturais, como a seca*. Segundo Durval Muniz, há, no imaginário camponês, uma profunda identificação entre os mundos social e natural. Nesse sentido, *toda mudança social é vista como catástrofe, como alteração do natural daí existir uma identificação, entre a catástrofe da seca, mudança do natural, com as mudanças sociais em curso*.¹¹⁴

Portanto, ao observar os marcadores da fala do Sr. João André, vejo que traduzem um sentimento pelo sertão que é revelador da tensão entre um lugar que lhe é possível, representado pela nova fisionomia, nitidamente urbanizada, do sertão, e o lugar desejável representado pelo paraíso perdido, ou seja, pelo mundo rural “tradicional” – marcado pelas mensagens evangélicas e por laços de honra e solidariedade que tornavam o mundo mais perfeito e mais justo.

Em seu relato, o Sr. João André disse não ter muito o que comentar, apenas olha para o mundo rural e lembra o que este representava no passado e o que representa hoje. O tempo que as memórias dos camponeses identificam como sendo o tempo de antigamente, era marcado pelo respeito entre as pessoas, por relações de ajuda entre os vizinhos e por um equilíbrio da natureza. Ao contrário do tempo de antigamente, no seu dizer *tudo é azavesso hoje, tudo é o contrário, aparecendo aquelas coisa que ninguém nunca pensou*. É um tempo cujos costumes e valores não encontram mais sustentação e legitimidade nas práticas de religiosidade. O Sr. João Delfino Bezerra,¹¹⁵ por exemplo, lembra que no passado as pessoas pensavam mais em Deus e tinham por prática rezar durante o dia e à noite, pedindo graça a Deus. Segundo o depoente, isso fortalecia os laços familiares, as

¹¹⁴ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução (1877 a 1922)*. op. cit. pp. 107 e 108.

¹¹⁵ João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

tradições e as formas de viver em harmonia no mundo social e com o mundo natural.

Em todas as entrevistas foi possível perceber que o tempo da calma, da tranqüilidade e do equilíbrio com a natureza parece ter chegado ao fim. Nesse sentido, a forma pela qual os camponeses interpretam as mudanças verificadas no campo fez-me ver, em primeiro lugar, que estas se processam antes de tudo nos princípios da honestidade e do trabalho que norteiam a formação moral do camponês e sobre a qual constróem a sua auto-imagem, ou seja, as mudanças não acontecem objetivamente no espaço natural, mas, no próprio homem através da crescente corrupção dos seus valores culturais, bem como dos códigos morais que delineavam os contornos da sua personalidade camponesa.

Eu gosto da natureza, exatamente, eu gosto é da natureza. Nasci e me criei na natureza e morro na natureza. E, gostando mais graças o meu bom Deus. (...). Essa natureza tem mudado munto. Porque é munto diferente dessa natureza de hoje, pra natureza daqui a vinte ano ou trinta ano pra trás é muito diferente. Não o ar do tempo! O ar do tempo é o mermo, o mundo é o mermo, né? Mas, o movimento do povo é muito diferente, é muito diferente. Tudo tá mudado! O pessoal mais véi dizia, que quando fosse no fim das era, no fim dos tempo, a roda grande rodava dento da piquena. E nós tamo nesse tempo, nós tamo nesse tempo que a roda grande tá rodando dento da piquena, né? É, e por isso que eu digo, tá mudado, tá mudado, muito mudado. É, é assim mermo.¹¹⁶

É emblemático, na fala do velho Pedro das Neves, uma identificação do tempo presente como sendo um tempo marcado pela violência, pela falta de honestidade e de disposição para o trabalho. Segundo as memórias dos entrevistados, o conjunto dessas características expressa bem as mudanças dos modos de viver e de se relacionar com as pessoas e com a natureza em particular; afinal de

¹¹⁶ Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000. Viúvo, aposentado e pai de três filhos, o Sr. Pedro das Neves mora na companhia de uma cunhada numa pequena casa de alvenaria na comunidade Vazante distante três quilômetro da cidade de Morada Nova. Em virtude da proximidade da sede do município, a comunidade dispõe de luz elétrica e água.

contas, esta não é vazia de história, e, por isso mesmo, não deve ser pensada como um pólo oposto à cultura e à história.

A travessia prosseguirá, agora, pelos sertões do trabalho. Nestes, a atividade agrícola assume papel fundamental, pois é através dela que o camponês estabelece, num sentido simbólico, mas ao mesmo tempo real, sua relação com o mundo natural. A terra, para o camponês, representa o elemento mais importante desse mundo, pois é dela que se retira, praticamente, todos os bens acessíveis aos camponeses.

Segunda Parada: O camponês e o trabalho¹¹⁷

"Toda vida fui destabefado pa trabaíá"
João Pereira Cunha



(Foto 05 – Sr. Antônio Eugênio na colheita do feijão: inverno de 1999 – Pacatânia – Chapada do Apodí – Jaguaruana)

Nos sertões do trabalho, o dia começa logo cedo. Desde quando os primeiros raios solares abençoam o dia nascedouro, transmitindo mensagem de vida, os camponeses estão a postos para o trabalho. Há sempre muito serviço por fazer. Sendo, assim, homens, mulheres e crianças precisam madrugar para estar no terreiro da casa fazendo uma coisa ou outra; no curral tirando o leite das vacas; no açude buscando uma carga d'água; no cercado preparando a terra para o plantio ou já cuidando das plantas.

Nos depoimentos colhidos ao longo de nossa travessia, os sertões do trabalho foi lugar-comum onde todos resolviam demorar-se um pouco mais. Desta forma, as narrativas foram sempre o resultado da evocação das lembranças individuais, familiares e coletivas através

¹¹⁷ Nesta travessia, quinze foram os guias: Onofre Augusto dos Santos, João Pereira Cunha, Ana Francisca do Espírito Santo, Rosa Maria de Almeida, Luzia Maria da Silva, Amaro José da Silva, João Delfino Bezerra, Pedro das Neves Cavalcante, Raimundo Nonato da Costa, Maria Rocha Pereira, Altina de Moura Lima, João Miguel de Souza, João André Filho, Antônio Eugênio da Silva, Euclides Ângelo Cordeiro.

das quais, procuraram traduzir as experiências do trabalho, sinalizando para uma identidade expressa na forma da linguagem e dos comportamentos.

As experiências do trabalho significam marcos importantes para a estruturação do tempo e para a ordenação do sentido da vida dos camponeses. Assim, dos depoimentos orais coletados, procurei deter-me na apreensão do significado que o trabalho tem em suas vidas. Assim, para interpretar os sentidos que os camponeses atribuem aos modos de viver e trabalhar, historicamente constituídos em seus espaços, foi-me preciso compreender que a forma pela qual o cotidiano camponês se estrutura tem como referência não apenas as relações de forte coerência com pessoas do mesmo grupo social, mas, sobretudo, as relações que os mesmos mantêm com a natureza, com a terra, com a mata, com os rios, açudes e lagoas.

Assim, a maneira como os camponeses da região do Baixo-Jaguaribe têm historicamente estruturado as suas vidas, está profundamente vinculada aos limites e potencialidades desse espaço regional. Apesar de não ter realizado um estudo quantitativo, não foi difícil perceber, nas entrevistas e na própria pesquisa de campo, que a agricultura é responsável pelo envolvimento de uma grande parcela da população camponesa, além de ser a atividade mais comprometida e dependente dos ciclos da natureza.

Embora essa seja uma constatação geral e, talvez, até mesmo óbvia, não é o que se percebe nas representações que a literatura produziu sobre o sertão cearense. Tomando como ponto de partida para a sua Tese de Doutorado a literatura produzida sobre o sertão do Ceará no período de 1865 a 1903, Ivone Cordeiro Barbosa identifica que a agricultura permanece como acessória na maior parte dos romances por ela trabalhados. Segundo a autora, *poder-se-ia falar da produção de um certo silêncio que pode ser pensado como sintoma e resultado da*

*profunda desqualificação que historicamente tem sofrido a atividade agrícola no contexto das experiências sociais no campo.*¹¹⁸

Mesmo que a agricultura não seja uma atividade acessória à economia camponesa, como ficou evidente nos depoimentos colhidos, constata-se a partir da década de 1960, e especialmente dos anos de 1970, uma intensificação da política estatal de capitalização do campo, visando a modernização do meio rural. Não obstante, segundo Maria do Carmo B. Ferraz, essa política de modernização, patrocinada e empreendida pelo Estado, *atuou no sentido de reforçar a grande propriedade, ampliando, desse modo, o poder dos grandes proprietários rurais e conseqüentemente a situação de dependência do trabalhador sertanejo, expressa também no plano político.*¹¹⁹ Desse modo, as transformações econômicas processadas no sertão nordestino, nas três últimas décadas, não significaram melhoria das condições de vida e de trabalho do homem pobre do campo, nem muito menos produziram mudanças nas estruturas de poder local. Ao contrário, como observa Maria Antônia Alonso de Andrade, esse processo tem *produzido efeitos de concentração fundiária, valorização da terra e expulsão do homem do campo em todas as regiões e municípios nordestinos.*¹²⁰

No que diz respeito à região do Baixo-Jaguaribe, esse processo de modernização, que estava diretamente associado às políticas de combate aos efeitos das secas, deu-se a partir dos programas de implantação de uma agricultura irrigada na região. Assim, a construção do açude Orós, cujas obras foram concluídas em 1961, representava, segundo o discurso oficial, um dos grandes vetores de desenvolvimento do Ceará, uma vez que iria transformar o médio e o Baixo-Jaguaribe num grande pólo de desenvolvimento agrícola. Após a construção do açude Orós e a criação do Grupo de Estudos do Vale do Jaguaribe (GEVJ), uma iniciativa da SUDENE, do DNOCS e do Governo

¹¹⁸ Cf. Ivone Cordeiro Barbosa. *Sertão: Um Lugar Incomum*. op. cit. pp. 119 e 120.

¹¹⁹ Maria do Carmo B Ferraz. "Oligarquias rurais: reflexões sobre o sertão nordestino". In. *Relações de Trabalho & Relações de Poder: Mudanças e Permanências* – Vol. 1. Mestrado de Sociologia – UFC, Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais (NEPS), Fortaleza: 1986. pp. 361 e 362.

¹²⁰ Maria Antônia Alonso de Andrade. "Relações de Trabalho e Relações de Poder: Perfil de duas Áreas Geopolíticas". In. *Relações de Trabalho & Relações de Poder: Mudanças e Permanências* – Vol. 1. Mestrado de Sociologia – UFC, Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais (NEPS), Fortaleza: 1986. p. 239.

Francês, efetivaram-se, ao longo das décadas de 1970 e 1980, vários projetos de desenvolvimento para a região que tinham por base a agricultura irrigada.¹²¹

O Perímetro de Irrigação de Morada Nova (PIMN), instalado em 1970, marca o início dos grandes projetos de irrigação no Ceará. Assentado na planície aluvial do Banabuiú, o PIMN representou a primeira grande referência de uma agricultura moderna na região. Três anos após a instalação do PIMN, o DNOCS concluía, em 1973, o estudo do mega-projeto de irrigação do Baixo-Jaguaribe que abrangeria os municípios de Limoeiro do Norte, Russas, Jaguaruana e Aracati. Segundo a previsão do DNOCS, a construção deste perímetro de irrigação, que seria o maior já implantado por este órgão governamental, teria suas obras iniciadas em 1976 e concluídas em 1979. Entretanto, o projeto não chegou a ser implantado, o que gerou um clima de incertezas e uma “paralisa econômica” na região. Não obstante, o DNOCS implanta, em 1977, mais um perímetro público de irrigação desta vez no município de Jaguaruana. Em 1980, no entanto, surge o Programa de Valorização Rural do Baixo e Médio Jaguaribe (PROMOVALE), dentro de uma outra metodologia e de um outro arranjo institucional. Diferentemente do mega-projeto de irrigação que previa a desapropriação das terras de várzeas do rio Jaguaribe, o PROMOVALE tinha como meta abranger uma área de várzea maior do que a prevista para o grande perímetro, sem, contudo, promover qualquer tipo de desapropriação. A prioridade passava a ser, portanto, a pequena irrigação privada. Segundo o discurso do Governo Federal, a pequena irrigação privada era uma das mais econômicas formas de expansão da produção agrícola, sem os transtornos da desapropriação de terras. O PROMOVALE levou, pois, o Governo Estadual a iniciar um trabalho de eletrificação rural na área de sua abrangência. Assim, entre 1979 e 1980, um grande número de propriedades ao longo do rio Jaguaribe

¹²¹ Hidelbrando dos Santos Soares. *Agricultura e reorganização do espaço: a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte* – Ce. op. cit. pp. 18, 19 e 20.

foram eletrificadas. Dentre os municípios do Baixo-Jaguaribe, Limoeiro do Norte foi um dos mais beneficiados pelo programa de eletrificação rural. Todo este processo de reorientação da política de irrigação iniciado no final da década de 1970, veio a ser concretizado em 1981 quando entra em vigor o Programa Nacional de Aproveitamento Racional de Várzeas Irrigáveis (Provárzeas Nacional). Dada as condições naturais de solo e água serem bastante favoráveis à agricultura, o Provárzeas Nacional via as áreas de várzeas como estratégicas para o aumento da produção brasileira de alimentos. A partir de 1989, inicia-se uma “nova” política de modernização agrícola na região, com o funcionamento, no município de Limoeiro do Norte, da 1ª etapa do Projeto de Irrigação Jaguaribe-Apodi; e, mais recentemente, do Projeto de Irrigação Tabuleiros de Russas. Cabe ressaltar que essas duas áreas, chapada do Apodi e tabuleiros pré-litorâneos, constituem-se, hoje, em espaços prioritários da “nova” política de modernização agrícola que o Estado vem desenvolvendo na região.¹²²

Não obstante a implantação de todos esses projetos de agricultura irrigada na região do Baixo-Jaguaribe, cumpre lembrar que o tipo de agricultura praticada pelo grupo de camponeses pesquisado, caracteriza-se por ser uma agricultura de sequeiro, ou seja, aquela que depende exclusivamente das chuvas. Neste tipo de agricultura, voltada principalmente para as necessidades da família, predomina, além do trabalho familiar, a baixa produtividade em virtude da não utilização de tecnologias mais modernas.¹²³

¹²² Hidelbrando dos Santos Soares. *Agricultura e reorganização do espaço: a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte* – Ce. op. cit. pp. 20, 21, 22, 23, 24, 41 e 42. “O projeto de irrigação Tabuleiros de Russas foi outro grande empreendimento do Estado iniciado em 1995, e, ainda, em fase de execução. A 1ª etapa, que prevê a irrigação de uma área de 10. 666 hectares, localiza-se à margem esquerda do rio Jaguaribe, entre a confluência do rio Banabuiú e a cidade de Russas, área situada entre os municípios de Russas, Limoeiro do Norte e Morada Nova. Esse novo espaço produtivo será voltado para a fruticultura e olericultura, com a utilização da irrigação por aspersão convencional e por gotejamento. Das culturas previstas no projeto destacam-se: o algodão, abóbora, abacaxi, citrus, feijão, maracujá, melancia, milho, soja e uva. A captação da água será feita na margem esquerda do rio Banabuiú, a montante da barragem de derivação do perímetro de Morada Nova, distante 20 Km da área a ser irrigada”. Cf. Idem, *ibidem*. p. 152.

¹²³ Diferentemente da agricultura de sequeiro, praticada pelos sujeitos desta pesquisa, a agricultura irrigada “se caracteriza pelo alto padrão tecnológico e repousa sobre lotes organizados positivamente em comunidades rurais integradas. Utiliza, além da mão-de-obra familiar, mão-de-obra assalariada e/ou

Assim, o conjunto das histórias ouvidas muito se refere à memória do trabalho na terra, assim como ressalta que a sua organização tem por base a família - como veremos mais adiante. Antes, porém, é preciso dizer que o tempo do trabalho é todo preenchido por atividades rurais, cuja marcação é feita pelo calendário agrícola comum à região, ou seja, pelo tempo do plantio, da limpa e da colheita que marcam os seis primeiros meses do ano. No período do verão, agosto a dezembro, os camponeses, sobretudo aqueles que moram nas áreas de influência dos rios, onde se concentram os grandes carnaubais, transformam-se em mão-de-obra para ser utilizada tanto nas áreas onde predomina a atividade extrativista como nas agroindústrias instaladas principalmente na serra do Apodi. Quanto aos camponeses que habitam as regiões de caatinga, geralmente empregam-se no corte da madeira para abastecer de matéria prima as indústrias de cerâmicas da região.

De acordo com o calendário agrícola comum à região, é geralmente no mês de dezembro, na doce esperança de um bom inverno, que os camponeses brocam os roçados. Este trabalho consiste na limpeza do terreno através do corte dos galhos e das ramas. Em seguida, deixam passar alguns dias para que o sol possa secar todo o arvoredo derrubado. A partir daí, segundo Gustavo Barroso, ateia-se fogo dando início a queima dos *mais altos montões de galhos, as rumas de folhiços, as touceiras de capim amarelo, cuidando em que não encrue, isto é, que não queime somente aqui e ali, por falta de vento que atice o fogo ou por não estar ainda o mato bem seco.*¹²⁴

O Sr. Onofre Augusto dos Santos, por exemplo, inicia o trabalho de preparação da terra para o plantio ainda no mês de dezembro. Contudo, o plantio das sementes só é realizado quando a terra estiver bem molhada, geralmente depois das primeiras chuvas do

flutuante.” Cf. Maria Antônia Alonso de Andrade. “Relações de Trabalho e Relações de Poder: Perfil de duas Áreas Geopolíticas”. op. cit. pp. 234 e 235.

¹²⁴ A propósito da falta de vento, Gustavo Barroso diz que é expediente comum entre os camponeses chamar o vento através de um longo e demorado assobio. Cf. Gustavo Barroso. *Terra de Sol (Natureza e costumes do Norte)*. 5 ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956. pp. 53 e 54.

mês de janeiro; caso contrário, as sementes não se desenvolvem em virtude da quentura do solo.

Cumeço a ajeitar em dezembro vai inté uns diazim de janeiro, né? Que é quando chegar chuva, pranto logo. Só pranto quando molhar, né? Enquanto num móia num pode... pode prantar. Porque às vez é como eu digo, às vez a gente pranta na chuvinha fraca aí escalda todim, né? Num nasce, escalda. Agora der uma chuva boa, que a gente ver que nasce, é prantar. Aqui um ano eu tive muito feijão e muito mi, porque eu cumecei ajeitar a terra no cumecim de dezembro. Aí, quando foi ali nos diazim de... aí bem pelo dia 10, dia 12 de janeiro cumeçou o inverno bom, aí eu prantei. Isso foi ano trasado, deu uma chuva boa aí eu prantei, deu legume bom.¹²⁵

Evidentemente, esses períodos de preparo da terra e plantio não são rígidos, ocorrendo variações em virtude de algum imprevisto - doença ou morte de algum membro da família, por exemplo - ou, como é mais comum acontecer, a demora no início das chuvas.

De modo geral, os camponeses têm na plantação do feijão, do milho, da melancia e do jerimum a sua principal atividade agrícola. No entanto, o Sr. Onofre revelou que de todas essas culturas, a da melancia é a que ele mais gosta; sobretudo porque dá à paisagem do campo uma beleza estética que enche os olhos do velho Onofre.

Pranto feijão, milho, a pranta que eu gosto mais é melancia, gosto muito, melancia gosto muito. Ano trasado eu fiz uma pranta de melancia, lá em casa eu queria que você visse a melancia era isso; (...), só po gosto mermo. Quando chega lá em casa, eu pego dou uma, dou duas, dou três... taí, uma melancia pa você levar. Mas, é mermo só po gosto, porque eu acho bonito, dou valor, dou o maior valor.

"Seu" Onofre explica, ainda, que quando se planta no mês de janeiro o feijão e o milho, e o período chuvoso inicia-se logo em dezembro, no mês de março tem-se, no seu dizer, *muito legume pra colher*. Quando isto ocorre, é comum os camponeses realizarem uma nova plantação para ser colhida provavelmente no mês de maio.

A pranta, toda pranta, uma pranta minha eu nunca vendi um caroço, nunca, nunca vendi um caroço, nem mi, nem roça. É, prantando em

¹²⁵ Onofre Augusto dos Santos, 77 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 21/10/1999.

janeiro e tendo umas chuva boa, pelo meno o ... o ... o feijão e o milho... janeiro, fevereiro e março, no mês de março já tem muito legume; dá pra colher. (...), chovendo no mês de dezembro, chovendo bem em dezembro, o cara pranta em dezembro quando for... dezembro, janeiro, fevereiro, março, quando for em março pode prantar de novo que dá, dá.

Quanto à cultura da mandioca, esta sendo plantada em janeiro, necessita de um período mais longo para a sua colheita que ocorre geralmente no mês de julho. No entanto, para que se tenha uma boa produção de farinha, é preciso que a estação chuvosa seja favorável. Se por acaso houver escassez de chuvas, a planta *num pega*; caso ocorra o contrário, ou seja, um rigoroso inverno, haverá uma diminuição na produção de farinha uma vez que as roças ficarão brejadas.

Agora a roça, mandioca, a farinha da mandioca, o caba prantando ela em janeiro, quando for janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, em julho pode arrancar. Por aqui, tem muito desse serviço. A pranta sai uma coisa medonha sendo um bom inverno; agora num sendo, num sendo num pega.

Assim, após as primeiras chuvas do ano, o penhor da vida fica confiado à guarda fiel da terra fecunda. A cinza molhada, serve de adubo para a terra. Pronto o roçado, preparadas as sementes, os camponeses então começam o plantio tomados de sonhos e de expectativas de prosperidade no ano que se inicia.¹²⁶ Nesse sentido, a relação que os camponeses mantêm com a natureza apresenta-se muito mais próxima a uma situação de possibilidade do que a algo dado e previsível; uma vez que a experiência camponesa constitui-se em grande medida na expectativa que os mesmos têm em torno das manifestações da natureza - inverno ou seca.

¹²⁶ Segundo Gustavo Barroso, depois de prontos os roçados, era prática comum entre os camponeses ficarem uma grande vara rematada por uma caveira de boi ou por um chifre junto da cerca. Para Barroso, esta prática representa "um último resquício de velhos cultos e velhas superstições da humanidade, da crença em poderosos talismãs que atraem sobre os vegetais e animais a abundância e a vida; (...)". Cf. Gustavo Barroso. *Terra de Sol (Natureza e costumes do Norte)*. op. cit. pp. 54 e 55.

O processo pelo qual realizam o plantio é bastante simples. Em primeiro lugar, um camponês tendo por instrumento de trabalho uma enxada, vai cavando as covas. Acompanhando-o, quase sempre segue a mulher e os filhos que vão lançando as sementes dentro das covas e cobrindo-as com a terra que é empurrada com um dos pés. Planta-se freqüentemente o feijão, o milho, a melancia, o jerimum, a mandioca, o algodão... Encerrado o plantio, os camponeses ficam até o período da colheita fazendo o que eles chamam a limpa dos roçados.¹²⁷ Dentre os cereais cultivados, o feijão é o preferido pelos camponeses, tendo como uma das razões seu rápido crescimento. Ademais, é próprio da cultura camponesa cultivar os produtos de subsistência que asseguram a sobrevivência imediata da família.

A família constitui-se, pois, em uma unidade de produção fundamental, tendo em vista que as próprias necessidades impostas pelo viver no sertão reforçam os laços de solidariedade familiar. Assim, estando normalmente voltado para a subsistência da família, o trabalho na agricultura emergiu na lembrança dos depoentes como sendo uma atividade de caráter familiar, na qual todos estavam inseridos desde a infância. Através dos fragmentos de suas memórias, foram aflorando os fatos vividos em meio a um cotidiano de trabalho que pouco a pouco, foi sendo refeito.

Comecei a trabalhar eu era tão novo que papai cortava certo tipo de madeira aí, e eu num podia carregar (...) saía arrastando. Aí, cortava praculá, praqui, praculá, e eu vinha arrastando. Quando era mais tarde, tinha aquele bucadão; vinha, encontrava, butava na ruma. Aí vim vindo, fui me dedicando nessa... nessa vida, nessa vida, nessa vida. Um pouco mais, já era mais (...) já cortava... Eu passava de semana inteirinha no mato, aí, era um rapaizim bem novim, semana inteirinha no mato. Nesse tempo, tinha unça, tinha tudo, mais eu num tinha medo, só eu e Deus e um cachorrim que eu criava, viu? Passava o dia cortando madeira, quando era ditardizinha era só... batia a pueira, cumia aí alguma coisa e ia pa rede, viu? De noite eu tava acordado, que quando dava fé o cachorro acuava, eu ia prá lá, às vezes era um tatu, um tamanduá, uma coisa que ele acuava. Saía do rancho, ia caçar e acuava, viu? (...). Quando era de manhã, os minino, meus irmãos, iam buscar as madeira que eu cortava, viu? Porque lá num dava pa durmir com (...). Todo dia eles bem cedim iam lá, pegava a madeira que eu tinha

¹²⁷ Gustavo Barroso. *Terra de Sol (Natureza e costumes do Norte)*. op. cit. pp. 54 e 55.

cortado, deixava água pra mim, cumida. E, assim, fui levando a vida, fui indo, fui indo, fui indo. Aí, depois fui tomando mais uso da razão, e... e... e trabalhando, butando roçado, butando roçado, tudo, (...). Pa trabaiar, hoje é que eu num presto mais pra nada; mas, toda vida fui distabefado pa trabaiar. Mas, trabaiava mermo, butava roçado, fazia safra boa. Depois me casei, fui tomar conta da minha casa, quebrei as perna de papai porque eu era o chefe de... que ajudava papai no maxo possible. Mas, nunca desprezei ele não, viu?¹²⁸

Embora algumas etapas do trabalho na roça fossem executadas quase que exclusivamente por homens, como é o caso da broca dos roçados, as mulheres participavam intensamente do plantio, da limpa e da colheita como afirma, a seguir, D. Ana Francisca do Espírito Santo. No entanto, essa participação era vista como uma "ajuda" ou *como uma continuação de suas atividades domésticas e, como tal, não revestido de muita importância, contrariamente ao que pensam elas próprias.*¹²⁹

Trabaiava, também. Também alimpava de inxada e colhia. Apanhava feijão, quebrava mi, assim tivesse, e algodão. No tempo de algodão, era de dentro do cercado apanhando algodão.¹³⁰

Ao referir-se ao *tempo de algodão*, D. Ana Francisca deixa entrever a importância que essa cultura tinha na vida dos pequenos produtores rurais. Muito mais do que os outros produtos agrícolas – o feijão, o milho, a mandioca... -, geralmente produzidos para a própria subsistência do grupo familiar, o algodão, como produto comercial, tinha um outro valor e uma outra destinação. Assim, com o produto da

¹²⁸ João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada no Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999. Pai de quatorze filhos, o Sr. João Pereira reside sozinho numa pequena casa de alvenaria construída em 1998 em substituição a velha casa de taipa. Sua esposa, Maria Rocha Pereira, mora na cidade de Jaguaruana em companhia de alguns de seus filhos. Proprietário de três hectares de terra, "seu" João cultivava feijão, milho e melancia. A comunidade do Açude do Coelho, composta por oito casas, situa-se no sopé da serra do Apodi, distante dezessete quilômetro da cidade de Jaguaruana. As casas não dispõem de energia elétrica e o abastecimento d'água é feito, de forma precária, por carros-pipa que, no período do inverno, fica interrompido em virtude das veredas, que dão acesso à comunidade, ficarem intransitáveis. O pequeno açude que dá nome à comunidade, permanece seco a maior parte do ano.

¹²⁹ Maria Angélica Motta-Maués. *"Trabalhadeiras" e "Camarados": relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica*. Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFPA, 1993. p. 84.

¹³⁰ Ana Francisca do Espírito Santo, 94 anos. Entrevista gravada na comunidade do Cercado do Meio, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Quixeré, no dia 12/04/2000. D. Ana mora na companhia de duas filhas solteiras: Maria da Conceição, 60 anos, e Ana Rosa, 72 anos, que vive numa cadeira de rodas. Outros dois filhos, um homem e uma mulher, moram próximos à sua casa. Segundo D. Ana,

venda do algodão comprava-se, entre outras coisas, a roupa e o calçado para a família, além de possibilitar a quitação de alguma dívida. Segundo Hidelbrando Soares, a atividade algodoeira invadiu a região desde a bacia do Jaguaribe até a Chapada do Apodi.

Com a implantação do cultivo do algodão enquanto uma atividade comercial, no final do século XVIII no Ceará, os espaços além várzeas são incorporados ao processo produtivo em função da formidável adaptação da cultura as condições do semi-árido. A atividade algodoeira invadiu a bacia do Jaguaribe, contudo, a lavoura do algodão herbáceo, mais dependente da umidade, distribui-se principalmente na Planície Aluvial, enquanto o algodão arbóreo ocupava os tabuleiros pré-litorâneos, a Depressão Periférica e a chapada do Apodi no baixo Jaguaribe.¹³¹

Apesar de ter sido considerado o “ouro branco” do Ceará, o algodão tem hoje um baixo índice de produtividade e uma reduzida área cultivada.¹³²

Hoje, com noventa e quatro anos de idade, D. Ana Francisca não lamenta tanto os anos que passaram, mas, as dificuldades que tem enfrentado por não poder mais andar e nem enxergar como antes – *Lá, os anos, esse aí num voltam não. Mas, o meno a vista eu achava bom. Se no passado o espaço vivido estendia-se para além das fronteiras de sua casa; no presente, o espaço da velhice tem-se restringido exclusivamente ao interior desta.*¹³³

Hoje é que num... num sou mais nada. Porque num sendo assentada, as minhas pernas não anda. Eu sou paralizadazinha, as minhas pernas inchada e duente, durmente. Eu, me pondo em pé, só fico se for

poder “olhar pra uma banda e outa” e ver sua família, seus “pertencente”, é para velha depoente, sua maior riqueza.

¹³¹ Hidelbrando dos Santos Soares. *Agricultura e reorganização do espaço: a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte* – Ce. op. cit. pp. 40 e 41.

¹³² Segundo Rejane Vasconcelos Carvalho, “a crise algodoeira se configura no decréscimo dos índices de produtividade do algodão cearense: no período de 1947 e 1963, o índice de produtividade do algodão no Ceará foi de 350 kg/há, caindo no período de 1969 a 1973 para aproximadamente 200 kg/há. No que se refere a área cultivada, o algodão cearense teve sua fase áurea de expansão entre 1958 e 1965, atingindo percentual médio anual de crescimento de 10,9%, seguindo-se porém uma fase de nítido declínio de 1966 a 1973, quando o percentual anual de crescimento foi de apenas 3,8%.” Cf. Rejane Vasconcelos Carvalho. “O Estado e os programas de apoio à pequena produção”. In. *Revista de Ciências Sociais* – vol. X. nº 1 e 2. Fortaleza: 1979.

¹³³ Sobre a psicologia do espaço vivido na velhice, ver: Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. p. 26.

agarrada. Eu boto esse pano aqui, pra agarrar aqui pra poder me segurar assim em pé. Num sendo, num ando pra ir ali.



(Foto 06 – D. Ana Francisca – Sítio Tomé - Quixerê)

Assim como D. Ana Maria do Espírito Santo, D. Rosa Maria de Almeida revelou que desde criança trabalhava na agricultura “ajudando” aos seus pais e que o casamento com o Sr. Zacarias Francisco de Almeida, em 1955, não representou para ela uma ruptura do espaço infantil; uma vez que continuou a trabalhar na agricultura. Não obstante, dois anos após o casamento, quando começou a constituir família, D. Rosa Maria passou a se dedicar mais às tarefas relativas à casa e à maternidade dos filhos do que as do trabalho na roça.

Toda vida, desde o tempo dos meus pais. Papai era agricultor, criou nós tudim na agricultura. E, depois me casei, vim pra cá do mermo jeito. Quando eu me casei, eu comecei... eu me casei em 55 e tive o primeiro minino em 57, mas, quando eu casei nós fazia era assim: nós ia po cercado, eu deixava a panelinha no fogo, aí eu ia po cercado mais ele. Quando chegava às onze hora, ali já tava cunzido aquele feijão, já tava cunzido. Nós cumia, ia dar água os bicho que toda vida nós criemo, aí

nós voltava de novo, chegava às seis hora. Aí quando foi 57, aí eu comecei a ter família, aí pronto, aí já fui trabalhando mais em casa.¹³⁴

Todavia, tão logo fosse possível, a mãe retomava os trabalhos na roça mesmo que, para isto, fosse preciso levar a criança em sua companhia e deixá-la deitada em *uma reidinha* armada numa barraca que o Sr. Isac construía para esta finalidade. Foi assim, desdobrando-se no comprimento das funções de “dona” de casa, de mãe de família e de trabalhadora da roça, que D. Rosa Maria de Almeida revelou ter criado todos os seus filhos.

Aí, quando os minino crescero mais, aí eu levava era tudo po cercado. Arrumava uma reidinha na barraca que ele fazia no cercado, era os minino deitado e nós trabalhando. E eu criei os meus fi tudim assim.

Portanto, de acordo com os relatos de memória de D. Rosa Maria, as mulheres desempenhavam as suas funções tanto em casa como no cercado, embora sua participação fosse compreendida como sendo meramente de apoio àquelas desenvolvidas pelo homem. De maneira geral, o que fica evidente nos discursos coletados é que a atuação da mulher está relacionada à esfera doméstica, ao mesmo tempo em que se assinala uma total ausência da atuação masculina nos trabalhos da casa. D. Luzia Maria da Silva, moradora da Pacatanha, comunidade rural localizada em cima da serra do Apodi e distante vinte e dois quilômetro da cidade de Jaguaruana, informou que só sai de casa para ir a uma Missa, a uma festa da Igreja ou mesmo fazer alguma compra na cidade, quando sua filha Lena, já casada, pode assumir as tarefas da casa.

Ficando só os home em casa, num resolve nada. Precisa cunzinhá um cumer, butá uma água... Taí, eu ontem saí, ela se discuidou, cheguei as galinha tava com sede, aí o pote tava seco, as pombinha também tava

¹³⁴ Rosa Maria de Almeida, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 25/08/1999. Casada com o Sr. Zacarias Francisco de Almeida, D. Rosa teve quatorze filhos, tendo criado onze deles.

com fome... Aí, eu tô assim, (...) quando ela sai eu fico, sai uma fica a outa.¹³⁵

A participação masculina nas atividades domésticas tidas como atribuição feminina - cozinhar, lavar e passar as roupas do marido e dos filhos; providenciar o abastecimento de água nos potes para o consumo de todos; fazer a limpeza da casa e do terreiro, além de cuidar dos animais domésticos - só se faz sentir circunstancialmente, quando a mulher tem necessidade de ajuda. A atuação do homem, via de regra, compreende a esfera externa, ou seja, dá-se para além das fronteiras domésticas e da própria comunidade.¹³⁶

D. Rosa Maria fez questão de ressaltar em sua entrevista, que criou todos os seus filhos no mesmo sistema em que foi criada, ou seja, trabalhando religiosamente todos os dias da semana – *era muier, era home, era tudo* -. No entanto, quando chegava o período de matriculá-los na escola, processava-se uma alteração no horário de trabalho de modo a permitir-lhes freqüentá-la.

Quando chegava o tempo de ir pa escola, aí... aí eu não - agora tá em tempo dos minino ir pa escola, vou deixar mais o cercado. Aí, chegava aquela hora... estudava de manhã e quando estudava da mei dia pa tarde, passava de manhã até dez hora no cercado aí vinha tumava banho, almoçava, aí ia pa escola. E assim, graças a Deus, criei os meus fi tudim. Hoje eu tô sozinha mais ele, que esse rapaizim que entrou aí que é meu neto, é só nós três dento dessa casa. Graças a Deus criei os meus fi tudim, hoje tão tudo nas suas casas. Nós trabaiamo muito, trabaiei muito mais ele. Meus fi nunca tivero liberdade de pissuir uma baladeira não, pa matar passarim, pa andar pra cima e pra baixo que nem hoje eu vejo, não. Amanheceu o dia aqueles maiozim, eu me levantava cedo, dava a merenda dele, vão simhora. Aí ele chamava, acompanhava po cercado até aquelas hora de ir pa escola.¹³⁷

¹³⁵ Luzia Maria da Silva, 73 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999. Casada com o Sr. Antônio Eugênio da Silva, D. Luzia teve quinze filhos.

¹³⁶ Mesmo não tratando de uma comunidade rural nordestina, o trabalho de Maria Angélica Motta-Maués, sobre as relações de gênero em Itapuá, comunidade situada no interior da Amazônia, constitui-se numa boa referência para este trabalho. Cf. Maria Angélica Motta-Maués. “*Trabalhadeiras*” e “*Camarados*”: *relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica*. op. cit. pp. 79 e 91. Ainda sobre relações de gênero na Amazônia, ver: Cristina Scheibe Wolff. *Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

¹³⁷ Rosa Maria de Almeida, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 25/08/1999.

Por não existir nenhum grupo escolar, as crianças e jovens da Lagoa de Santa Terezinha, distante dezesseis quilômetros da cidade de Russas, têm que se deslocar, para cursar o ensino fundamental, cerca de dois quilômetros, até a comunidade do Peixe, e, o ensino médio até a cidade de Russas. Quanto ao ensino superior, apenas a cidade de Limoeiro do Norte, distante trinta e seis quilômetro da cidade de Russas, possui uma unidade da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

É imperioso perceber no depoimento de D. Rosa Maria, o valor que ela atribui ao trabalho como um meio de manter junta toda a família, dentro de uma coerência dos valores morais e sociais. Por outro lado, a ociosidade representa, em sua fala, o declínio do trabalho como valor central da família.

Os meus fi nunca... sábado e domingo tá certo, mas, na semana era ajudando ele [o pai]. Num criei meus fi vagabundando não, jogando bola. Isso não, eles viero jogar bola depois de home já refeito. Que nove, dez ano num tinha liberdade de jogar de bola não, porque se fosse jogar de bola como é que nós ia criar só eu e ele trabaiano pum bucado de gente? Era muier, era home, era tudo, tudo no cercado. Eu tinha uma, que caba que num fosse bom, num ia com ela na inxada.

Portanto, assim como as mulheres, as crianças também participavam diretamente do trabalho na roça. Tanto os meninos como as meninas eram introduzidos desde muito cedo no cotidiano de trabalho da família, ocupando-se de pequenos serviços, como, por exemplo, fazer pequenas compras no povoado mais próximo ou levar água, muitas vezes acompanhada de um *pedaço de rapadura*, para quem estava trabalhando na roça. A partir dos sete ou oito anos de idade, passam a ajudar na limpeza das plantações, na capina do mato. Mesmo não se observando uma clara diferença quanto às atividades assumidas por meninos e meninas, não resta dúvida que, na medida em que ambos iam crescendo, essa diferença ia-se fazendo sentir. Desta forma, enquanto os meninos dispunham de uma maior “liberdade”, no sentido de possuírem uma maior mobilidade territorial,

em virtude das próprias atividades que a eles eram confiadas, as meninas eram logo introduzidas no esquema de atribuições características do seu gênero. A função prática dessa preparação das meninas para assumir suas funções domésticas, inclusive a responsabilidade de cuidar dos irmãos menores, está em liberar, de certa forma, as mães para outras atividades, especialmente para os serviços na roça. Mesmo a mãe não estando ausente de casa, as meninas prestam-lhe ajuda, ou mesmo executam em seu lugar os serviços de limpeza da casa, de preparo dos alimentos, bem como da lavagem da roupa da família. Mesmo sendo preparadas para as funções domésticas, as meninas não deixam de participar dos trabalhos da roça. Cumpre lembrar, ainda, que qualquer especificidade que se possa notar nas tarefas assumidas pelas crianças, de ambos os sexos, está ligada aos seus futuros papéis como adultos.¹³⁸

Com seus noventa anos de idade, e com muita espiirituosidade, o Sr. Amaro José da Silva foi reconstruindo as imagens de sua vida, tendo como primeira referência as lembranças que guarda do trabalho na lavoura que realizava junto a seu pai.

Quando chegava assim... quando chegava o inverno, aí papai me tirava da escola pa ajudar a ele trabaiair que era pobezim mermo, ajudar a trabaiair pa gente comer. Aquilo... agente fazia... ele fazia aquelas safra e eu piqueno ajudava a ele. Nesse tempo, eu tava ajudando só plantar semente, num podia com a inxada, né?¹³⁹

Quando completou oito anos de idade, embora fosse ainda muito pequeno, "seu" Amaro passou a insistir junto a seu pai para que este lhe preparasse uma enxada adequada à sua condição física, de modo a permiti-lo participar tanto do trabalho de capinação quanto da abertura das covas para o plantio das sementes.

¹³⁸ Maria Angélica Motta-Maués. *"Trabalhadeiras" e "Camarados": relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica*. op. cit. pp. 62, 63 e 64.

¹³⁹ Amaro José da Silva, 90 anos. Entrevista gravada na comunidade do Alto do Ferrão, no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000.

Quando eu... com oito ano aí eu peguei a pedir uma inxada a ele. Ele: - 'não você num pode com a inxada'. Eu digo: - não, uma inxadinha piquena. Papai, encaibe a inxada que trabalhava no outo ano. - 'Não, mais você num pode!' Mas eu pelejei, pelejei até que encaibou uma. Aí foi eu fiquei ajudando a ele, até ele morrer.

No entanto, embora seu pai fosse *vagaroso, num era dessas pessoas que trabaiaava ligeiro*, "seu" Amaro não conseguia acompanhá-lo no mesmo ritmo de trabalho. Decepcionado, o menino Amaro foi acometido por um profundo desestímulo a ponto de deixá-lo "coçando" a cabeça enquanto seu pai continuava limpando a terra.

Aí, o véio encaibou a inxada, eu digo rumbora. Um pouco adiante, chegava lá. Ele era trabaiaador, mas era vagaroso, num era dessas pessoas que trabaiaava ligeiro. E ele... Nós fumo alimpar eu mais ele, né? Chegava, ele tirava duas carreira, ele tirava duas carreira nessa moleza e eu num podia acompanhar o véio. Eu digo, tá ruim desse jeito. Eu sei que nesse mermo ano, adepois pegou a me dar priguiça com desgosto que ele tirava aquelas duas carreira e eu com uma. Peguei a dar uma pioiada na cabeça, de vez em quando coçar sem ter piolho. Ele se virava assim, - 'mas rapaz você tem muito piolho' (risos). Eu digo: - tem não papai, isso é porque é... os piolho... como é? Piolho tem mermo, é porque morde. Mas, ele sabia que eu num tinha piolho não. Daí lá vem, lá vem, lá vem... Aí, quando eu ajudei, peguei a ajudar a ele mermo...

Contudo, no ano seguinte, já com nove anos de idade e um pouco mais de experiência, "seu" Amaro requisitou ao seu pai uma enxada de duas libras e meia para trabalhar. Animado com o novo instrumento de trabalho, *com aquele gostão de trabaiaar com aquela inxada nova, né?* o aprendiz de agricultor passou a superar o velho agricultor que era seu pai.

No outo ano, quando foi com nove, eu pidi foi uma inxada de duas libra e meia; ele me deu. Quando foi com nove, eu já tava butando duas nele, né? Peguei lá a inxada nova com aquele gostão de trabaiaar com aquela inxada nova, né? Cheguei lá, agarrei mais ele fui mimbora, fui mimbora e voltei, quando cheguei levei outa e cheguei igual com ele. Eu digo: Há! Agora, agora eu aprendi (risos), agora o véi meu pai num passa outa mais não; e, fiquei dum jeito que num tinha ninguém aqui que me acompanhasse na luta, no trabaio.

Ao atravessar essas paisagens tão familiares, o velho Amaro contou-me, ainda, que seu pai praticava uma agricultura de vazante,¹⁴⁰ o que lhe permitia cultivar a terra, inclusive, no período do verão. A jornada de trabalho, que começava logo cedo, estendia-se, geralmente, até ao meio dia. Todavia, havia dias em que seu pai largava o trabalho na vazante mais cedo, por volta das onze horas do dia, e encaminhava-se para o rio *pa pegar aquele peixe pa trazer pra casa* para a família toda almoçar. Enquanto isso, sua mãe, na companhia de sua irmã mais nova, ficava em casa trabalhando na produção de chapéus feitos da palha da carnaúba. Quando seu pai chegava em casa vindo do rio, sua mãe *ia com aquele peixe concertar*, ou seja, tratá-lo; enquanto "seu" Amaro, obedecendo às ordens do pai, dirigia-se *pa bodega, pra ir comprar um lito de farinha* para comerem com o peixe.

Agora aqui sabe o quê que ele fazia pa... pa nos criar, pa nós... e criando nós? Era, nós passava trabaiano lá na vazante até mei dia; dias, ele largava ali às onze hora ia pescar no rio, né? Pa pegar aquele peixe pa trazer pra casa pa nós comer. E mamãe, ficava em casa mais uma irmã que eu... uma irmã que é do meu tempo, eu dum ano e ela de outo, né? Trabaiano fazendo chapéu, acho que você sabe o que é sirviço de paia, sirviço de paia, trança de chapéu. Aí quando ele chegava com o peixe, a mamãe ia com aquele peixe concertar e ele já me empurrava pa bodega pra ir comprar um lito de farinha. Nesse tempo, num era quilo era lito de farinha pa comer com aquele peixinho, né? Quando acabava de comer, de novo lá pa vazante. Assim, lá vem o negócio.

O fato emblemático, nas lembranças do Sr. Amaro, é de que desde criança, homens e mulheres do campo são introduzidos no trabalho artesanal da lavoura. Nesse sentido, os mais velhos do campo são, por assim dizer, os responsáveis pelo repasse do domínio sobre um conjunto de conhecimentos e técnicas que, somado às experiências de

¹⁴⁰ A lavoura de vazante emprega um processo de rega inteiramente peculiar ao Nordeste. É a cultura que o camponês faz no leito dos rios e nas margens dos açudes, à medida que o nível das águas vai baixando. Quando isso ocorre, o homem simples do campo aproveita não só a umidade profunda do terreno, mas ainda o limo fertilizante que fica depositado com o recuo das águas. Cf. Arrojado Lisboa. "O Problema das Secas". Conferência realizada em 25/08/1913. Publicada nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Vol. XXXV, 1913. In. DENOCS. *Pensamento e Diretrizes*. Edição comemorativa do 75.º aniversário do DNOCS. Fortaleza, 1984. p. 22.

vida adquiridas com as próprias vivências individuais, permitem-lhes prover sua subsistência.

Em todas as narrativas, as lembranças do trabalho estão diretamente relacionadas à constituição da família. Assim, fica evidente o quanto todos os seus membros estão empenhados na produção da subsistência da unidade familiar. O envolvimento de toda a família no trabalho agrícola pode ser interpretado em primeiro lugar como a não predominância das relações capitalistas no sertão, nas quais predomina o trabalho assalariado; e, em segundo lugar como parte dos valores que compõem a condição camponesa, pois demarca a autonomia, o controle e a administração do trabalho e de sua produção. Contudo, muitas das vezes, a família não era em número suficiente para a extensão do trabalho no roçado, na apanha do feijão, na quebra do milho, na desmancha da mandioca... Quando isto ocorria, apelava-se para a solidariedade e para o espírito comunitário dos parentes e vizinhos para fazerem o adjunto.¹⁴¹ Cumpre lembrar que os laços de solidariedade familiar representam uma afirmação dos valores sociais, baseados numa tradição¹⁴² camponesa que vinha desde os *antigos*.

Os adjuntos constituíam-se na reunião dos parentes e vizinhos na casa daquele que estava necessitando do esforço coletivo para a realização de um determinado trabalho. Assim, auxiliando-se mutuamente, os velhos camponeses iam vencendo as dificuldades do dia a dia.

De primeiro, a gente prantava o roçadim, trocava dez dia cum os amigos mermo, né? (...). Digamo, era dez, eu butava dez home, tá rendo? Dez home. Aí, quando... tudo trocado, tá rendo? Eu ia um dia pa

¹⁴¹ Segundo Gnaccarini, “(...) O multirão amplia a economia de subsistência e a divisão natural do trabalho, inerentes ao sistema econômico-social do grupo doméstico. O multirão, como toda forma de *troca* direta, efetiva o intercâmbio em condições de *ludicidade* de uma maneira ritualizada.” Cf. José César Gnaccarine. *Latifúndio e proletariado: formação da empresa e relações de trabalho no Brasil rural*. São Paulo: Editora Polis, 1980. p. 114. [grifo do Autor]

¹⁴² Segundo Durval Muniz, “a tradição é um princípio essencial de regulamentação do comportamento em certos tipos de organização social, é que ela implica em um julgamento de valor sobre o elemento transmitido, na crença em seu caráter sagrado e inquebrantável; não é simplesmente a transmissão de elementos da vida social.” Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877 a 1922)*. op. cit. p. 107.

um, um dia pa outo, um dia pa outo, um dia pa outo, até pagar os dez dia que eu ia trabaiair no meu.¹⁴³

Ao atravessarem os sertões do trabalho através de suas lembranças, meus amigos de travessia dificilmente se referiram a acontecimentos dos quais apenas eles próprios tomaram parte. Sendo assim, das lembranças individuais, emergiram sempre narrativas que revelam quanto são coletivos os fatos lembrados. Assim, ao se tomar como referência os adjuntos, percebe-se a força que alguns valores como a honradez, a ética do trabalho, a solidariedade e o espírito comunitário, têm na estrutura de vida dessas pessoas. Portanto, a honestidade, que aparece em todas as narrativas através das mais variadas expressões, constitui-se numa condição necessária e modelar da vivência social nos sertões do trabalho. Aliás, como observa Gilmário Moreira Brito, *o prometido, o apalavrado – combinado, acertado -, remete à força e à confiança na palavra falada entre grupos articulados por tradições orais. Assim, de diferentes modos, suas memórias possibilitam compreendê-los enraizados na fronteira entre o letrado e a oralidade.*¹⁴⁴

De modo geral, os depoimentos colhidos reproduzem narrativas minuciosas sobre o cotidiano de trabalho nos dias de adjuntos. Não foi sem emoção, que o velho Pedro das Neves restabeleceu as lembranças de um adjunto que participou, no ano de 1949, nas terras do finado Antero. O Sr. Pedro conta que o adjunto era para arrancar o mato que havia crescido em meio à plantação de mandioca. Em sua narrativa, "seu" Pedro ressalta a quantidade de homens – sessenta e três – que trabalhou neste adjunto; bem como, a fartura de comida preparada pela *patroa do finado Antero* juntamente com *aquelas companheira dela lá, que moravam incostado, vizim, né.*

Eu fui um adjunto numa mandioca velha... Oi, mandioca é de fazer farinha, né? O senhor sabe. Lá no finado Antero nos Pocim, tinha sessenta e três enxadeiro, né? Operário, tudo nas inchada limpando a onde a mandioca velha. Nove palmo, duma carreira pa outa, o mato

¹⁴³ João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

¹⁴⁴ Gilmário Moreira Brito. *Pau de Colher: na letra e na voz.* op. cit. p. 185.

dessa altura aqui, um evanço. Teve muitos operários, que durante o dia, num tirou uma carreira porque num tinha negócio de cortar; era de ponto duma ceica a outa, feita. E o cercado, a roça era grande, nera? Teve muitos que num tirou uma carreira, né? E, dento desses sessenta e três home, nós almuncemo e jantemo no patrão, que era o finado Antero, o dono. Ninguém num viu cor de feijão cunzinhado, era carne, queijo, qualhada. Nesses sessenta e três home, ninguém num viu cor de feijão, almoço e janta. Merenda? Rapadura, saboga véia preta, com farinha na merenda. As bacía no meio do ceicado, né? Mas, no almoço e janta, foi carne, queijo com rapadura. Aí, a negada cumeu até deixar.¹⁴⁵

Não obstante os laços de solidariedade presentes em agrupamentos compostos por parentes e vizinhos, a descrição que o Sr. Pedro das Neves faz do adjunto que participou nas terras do finado Antero, no ano de 1949, sinaliza na direção que nos faz compreender o caráter paternalista presente naquele tipo de relação social em que estava inserido o trabalho coletivo, ou seja, o adjunto. Conquanto o Sr. Antero não tenha sido caracterizado, no discurso do Sr. Pedro das Neves, como um pequeno proprietário, uma leitura atenta, desse mesmo discurso, revelará o lugar social que “seu” Antero ocupava dentro das relações de poder local. Como um pequeno proprietário de terra, capaz de reunir *sessenta e três enxadeiro*, trabalhando na limpeza do mato que crescia em meio à sua plantação de mandioca, o *patrão* Antero, através de seu paternalismo expresso na fartura de comida colocada à disposição dos trabalhadores, demonstra o caráter familiar que as relações de dominação pessoal assumem não apenas nos sertões do Ceará, mas em todo o interior nordestino. Segundo César Barreira, *a dominação dos proprietários é tão familiar quanto desconhecida ou imperceptível pelos dominados. E pelo fato de ser familiar parece natural e eterna.*¹⁴⁶ Efetivamente, essa veia familiar que mascara a dominação pessoal, justifica, por assim dizer, a saudade que o velho Pedro das Neves demonstra sentir quando recorda, não o *dinheirim* que recebeu da viúva

¹⁴⁵ Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

¹⁴⁶ César Barreira. *Conflitos Sociais no Sertão: trilhos e atalhos do poder*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1987. p. 30. Citado por: Ivone Cordeiro Barbasa. *Da Terra de Ninguém à Terra dos Homens: Experiências, lutas e representações dos posseiros da Serra da Ibiapaba-Ce*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências do Desenvolvimento Agrícola da UFRRJ. Itajaí – Rio de Janeiro, 1990. p. 63.

do Sr. Antero, como pagamento pelo seu dia de trabalho, mas a fartura de comida que foi colocada, igualmente, à disposição de todos. Ademais, as relações paternalistas caracterizam-se pelo tratamento aparentemente igualitário entre indivíduos de classes sociais diferentes. No entanto, esclarece Durval Muniz, *esta cooperação paternalista traz em si um grande potencial de conflito, já que ao se considerarem iguais, abre-se perspectiva para que se passe da cooperação ao conflito, sempre que sejam desrespeitados os valores e normas costumeiras que regem estas relações.*¹⁴⁷

Torna-se imperioso atestar, mais uma vez, que o que qualificava este tipo de trabalho era a solidariedade na qual ele era realizado. Assim, a força do trabalho coletivo representada pela soma da força de trabalho de cada indivíduo participante do adjunto, reduzia as dificuldades daquele que estava necessitando do concurso coletivo para *brocar um roçado*, para fazer *a limpa da terra*, para realizar a *apanha do feijão*, na desmancha da mandioca, entre outras atividades. Em suas narrativas, meus depoentes deixaram entrever que o cardápio do almoço e do jantar representava a grande surpresa do dia. Assim, aquele que era beneficiado pelo adjunto, tinha a responsabilidade de providenciar a merenda, o almoço e o jantar para todos que estavam trabalhando. O Sr. Raimundo Nonato¹⁴⁸ lembra que nos adjuntos que reuniam um grande grupo de trabalhadores era comum matar uma criação, um porco; enquanto aqueles em que o grupo era menor, matava-se apenas algumas galinhas, *coisinha fraca*, no seu dizer.

A narrativa do Sr. Pedro das Neves revela, ainda, a preocupação deste narrador em ressaltar, com certo tom de heroicidade, a sua destreza para o trabalho. A necessidade de pautar pelo tom épico a vida cotidiana de tempos passados esteve quase

¹⁴⁷ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877 a 1922)*. op. cit. pp. 108 e 109.

¹⁴⁸ Raimundo Nonato da Costa, 95 anos. Entrevista gravada na comunidade Canafístula de Baixo, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000. Casado duas vezes, o Sr. Raimundo Nonato foi pai de quatorze filhos com sua primeira esposa e de dez com a segunda. Aos noventa e cinco anos de idade, “seu” Raimundo sobrevive, juntamente com sua esposa, da aposentadoria que recebem. Distante cerca de vinte quilômetros da cidade de Limoeiro do Norte, a pequena comunidade da Canafístula de Baixo está situada numa área de caatinga, na margem esquerda da estrada de rodagem que leva ao distrito do Bixopa.

sempre presente nos depoimentos coletados, não se constituindo, portanto, numa singularidade do Sr. Pedro das Neves.

Foi im quarenta e nove, eu era solteiro. Uma inchadinha... Oi, uma inchada de duas libra. Eu, mais dois amigo meu, a nossa inchada tinha gume assim, tinha gume assim e tinha gume assim; tinha gume de todo lado, né? Pa todo lado que nós açoitava, cortava mato, né? Eu e ele, nós três saímos com as três carreira. Mas, teve foi muito que só tiraro a metade da carreira, ficava no meio. Mas, nós era campeão, era os trabalhador, era caba inchadeiro, né? Tiremo as carreira fora, foi muito pouco que saíram com as carreira fora.¹⁴⁹

Além de evidenciar a centralidade que o trabalho possui na vida camponesa, o relato de memória do Sr. Pedro das Neves nos faz entrever tanto sua destreza para o trabalho como a existência, no universo masculino, de relações de competição entre os camponeses. Com isso, as relações tradicionais, de modelo patriarcal, baseadas na solidariedade entre parentes e vizinhança, passam a ser mediatizadas mais por interesses do que por sentimentos. De maneira geral, já desde o final do século XIX se observa, embora de forma lenta, o rompimento das relações tradicionais imperantes no campo, seja em função da introdução de novas relações de mercado, que desorganiza a produção familiar, seja pela introdução de novas formas de relações de trabalho, ou pela própria intensificação do seu ritmo.¹⁵⁰ Todavia, a partir dos anos de 1970, há uma nítida aceleração no processo de rompimento das práticas de solidariedade camponesa, provocada por uma política estatal de capitalização do campo, que tinha como principal fundamento a criação de espaços que melhor abrigassem a lógica e a dinâmica capitalista.¹⁵¹ Em sua experiência concreta, os camponeses têm vivenciado de forma ambígua tanto a necessidade de manterem as relações tradicionais de solidariedade mútua quanto a *presença de*

¹⁴⁹ Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

¹⁵⁰ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877 a 1922)*. op. cit. pp. 117 e 118.

¹⁵¹ Hidelbrando dos Santos Soares. *Agricultura e reorganização do espaço: a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte – Ce*. op. cit. p. 18.

elementos ideológicos negadores dessa experiência camponesa.¹⁵² De todo modo, segundo Durval Muniz, a quebra do modelo tradicional de organização camponesa, que tem na família seu núcleo principal, deixa os camponeses *mais vulneráveis ainda a qualquer modificação trazida a suas vidas pela ocorrência de infortúnios, como as secas.*¹⁵³

De acordo com o depoimento do Sr. João Delfino Bezerra, o tempo presente possibilita melhores condições de trabalho aos camponeses que não possuem um pedaço de terra para realizar sua própria plantação, uma vez que no regime de parceria, que se baseia na cessão da terra pelo proprietário para ser cultivada por outro agricultor, este já recebe a terra arada, ou seja, pronta para o plantio. Não obstante, o velho João Delfino lamenta o fato dos mais jovens não terem mais a mesma disposição para o trabalho na agricultura como ele tinha no seu *antigamente*.

Agora, hoje, tem um bucado de rapaz que num travaia: - 'eu num vou travaia que pranta num dá futuro, pranta num dá futuro; vou prantá um roçado, arrancar rama de mandioca pos outo?' Eu digo: - rapaz, rapaz num dá futuro é num prantá. Hoje o camarada... Hoje é que tá bom do camarada prantá, porque (...) os dono de terra (...) dá as terra aradada po camarada prantá, rapaz, e o camarada num quer, rapaz. Você num tá vendo que o tempo mudou muito, rapaz. Há eu no antigamente, que eu achasse quem me desse isso; (...) eu escangarava, rapaz. Porque no outo tempo, que eu fazia isso, eu pricisava brocar, derrubar o pau, incoivarar, ceicar, pa prantá, e eu dando da terrinha, assim, um alqueire de farinha de renda. E, agora, o camarada dá é a terra cultivada, tudo, e o camarada num pode porque diz que num tem futuro, rapaz.¹⁵⁴

No discurso do Sr. João Delfino, para além da sua indignação com o fato dos jovens não quererem mais trabalhar na agricultura, observa-se, curiosamente, uma falta de percepção quanto ao sentido das transformações ocorridas no sertão, principalmente nas três últimas décadas, efetivadas pela inserção deste espaço no mercado capitalista, alterando profundamente as relações de trabalho no campo.

¹⁵² Ivone Cordeiro Barbosa. *Da Terra de Ninguém à Terra dos Homens: Experiências, lutas e representações dos posseiros da Serra da Ibiapaba-Ce.* op. cit. pp. 202 e 203.

¹⁵³ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877 a 1922).* op. cit. p. 118.

¹⁵⁴ João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, município de Palhano, no dia 27/10/1999.

Diferentemente das relações tradicionais pautadas num regime de cooperação, os camponeses se vêem obrigados a um ritmo de trabalho muito mais intenso, tendo que obedecer, muitas vezes, a ordens, horários e regras, além de estarem sujeitos a um salário baixo e incerto. Por outro lado, se não se vêem totalmente envolvidos pelas relações do trabalho assalariado, acham-se, ao menos, submetidos a contratos de parceria ou de meiação, que lhes retiram a maior parcela de suas produções. Portanto, ao contrário do que pensa o Sr. João Delfino, podemos compreender o fato de, no presente, haver *um bucado de rapaz que num trabaia*, como uma atitude de resistência que se expressa no não querer *prantá um roçado ou arrancar rama de mandioca pos outo*.

Portanto, expressa através das experiências individuais, a história dos sujeitos desta pesquisa foi quase que totalmente voltada para o trabalho. Assim, ao reconstruírem em suas narrativas a história de suas vidas, os depoentes demonstraram não só uma autoconsciência individual, mas, também, uma consciência que é coletiva. Desta maneira, a história de suas vidas acaba sendo, de uma forma ou de outra, a história de seus pais, avós..., uma vez que o passado encontra-se ancorado nos referenciais familiares marcados pelo tempo da "fartura" e da "ventura".

Procurando, pois, acompanhar a marcação desse tempo de "fartura" e de "ventura", opto por demorar-me um pouco mais na travessia daqueles invernos, cujas emoções revividas, durante o processo de rememoração, fizeram emudecer muitos dos meus amigos de travessia.

Embora, durante toda a travessia, as lembranças dos sertões das secas tenham sido sempre recorrentes, mostrando o quanto as secas servem de marcador temporal para organização da vida dessas pessoas, as lembranças dos bons invernos foram as que mais importância e mais força tiveram em suas narrativas. Assim, através de seus relatos de vida, meus amigos de travessia, fizeram-me conhecer ainda mais a beleza dos sertões dos invernos. Em cada cena, que ia se

desenrolando no fio condutor de suas memórias, surgiam, carregados de sentido, os lugares da memória. Estes lugares, além de revelarem imagens de um cotidiano de muita fartura, refletiam com muita nitidez seus sonhos e desejos.

Recordando o tempo dos bons invernos, os velhos narradores foram redesenhando antigas e exuberantes paisagens de uma natureza em festa. Pois, é esta natureza que tem mais vida e que pulsa com mais força em suas memórias. Muitas vezes, emocionei-me ao vê-los tentando traduzir as alegrias vividas, durante as estações chuvosas, por saberem da fartura que o bom inverno traria. Nestes momentos, procuravam juntar as palavras a gestos discretos; como se quisessem serenar as emoções. Foi assim, envolvido num clima de profunda emoção, que vi um ou outro dos depoentes, voltando o rosto para os lados, tentando inutilmente impedir que as lágrimas fluíssem.

Reverendo as cenas de terna felicidade que lhe marcaram a vida na casa de seus pais, D. Maria Rocha Pereira sentia dentro de si momentos de indescritível emoção. Ao atravessar essas paisagens, tão caras às lembranças de sua infância, D. Maria representou esse passado como sendo um tempo marcado exclusivamente pela fartura.

Ah! O inverno lá... teve muito inverno bom lá, muita fartura. Papai tinha um açude lá, quando chuvia era... no inverno, tinha a fartura do inverno, né? E, no verão, tinha fartura da pranta do açude que a gente colhia, (...), a gente prantava tudo naqueles moitados, né? (...). A casa de papai foi uma casa de fartura, muito leite, muito, ele tinha muito gado nesse tempo.¹⁵⁵

É importante ressaltar, ainda, que durante toda a travessia pelos vários tempos da memória das velhas e velhos camponeses, que se dispuzeram a contar-me suas histórias de vida, as lembranças da terra estiveram sempre relacionadas à fartura dos bons invernos. Desta

¹⁵⁵ Maria Rocha Pereira, 67 anos. Entrevista realizada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999. Casada com o Sr. João Pereira Cunha, D. Maria Rocha, mãe de quatorze filhos, reside na cidade de Jaguaruana desde 1968, embora “seu” João Pereira continue morando, sozinho, nos três hectares de terra que possuem no Açude do Coelho. Morando na companhia dos filhos solteiros, D. Maria é aposentada e tem instalada no “quintal” de sua casa uma pequena tecelagem onde se fabricam redes de dormir.

forma, guardando na memória as reminiscências que o pai contava a respeito do inverno de 1922, o Sr. João Pereira Cunha passou a recordá-lo com a emoção de um reencontro.

O papai disse que foi invocado, porque começou... entro janeiro seco, sem dá um pingo de chuva; fevereiro seco, sem dá um pingo de chuva. Sim! Vinte e dois. o papai cuntava muito bem essa história. Sem dá um pingo de chuva, janeiro e fevereiro. Aí, o pessoal tudo no apelo: - 'É dia de São José'. Aí, vem dia de São José seco, sem dá um pingo de chuva. Aí, o pessoal, o pessoal ismurecero, viu? O pessoal ismurecero. O papai disse, que no dia vinte e seis de março, assim negoço de nove horas do dia, aí diz ele que o tempo assim meio cizudo. Aí, tinha muita rama de batata prantada na areia, diz ele que era batata, nesse tempo tinha tanta batata na areia que era quais sem forma. Todo mundo tinha muita pranta, num tinha esse negoço de soltar água, né? O pessoal aproveitava as vazante tudo, aí era muita batata. Aí, foi arrancar uma carga de batata mais um irmão dele, aí, olhou, viu... viu uma nuvizinha, viu que era bem istreitinha, chega era azulzim o tempo chuvendo nesse ano. Sei que só deu pa arrancar uma carga. Botou dois saco, uma carga im riba duma barreira se iscurrando todim. Papai disse que... Com que? Com oito dia o rio disinquietou gente dos baixo, viu? Em vinte e dois.¹⁵⁶

Ao rememorar a grande cheia ocorrida na região jaguaribana no ano de 1924, D. Altina de Moura Lima destacou, em seu relato, que no passado era comum colher-se boas safras de feijão. Nesse sentido, D. Altina recordou a capacidade inventiva de seu pai, em criar meios para armazenar a produção de feijão, por ele colhida, em anos de bons invernos.

Deu... deu, num empatou. Matou muita coisa que tinha nos baixo, né? Mas, o que tinha nos canto mais alto, deu pra fazer. E, muita gente plantava, adepois da molhação plantava, né? Aí, havia... havia muita coisa, num faltava legume, não. Nesse tempo, Ave Maria, o povo plantava qualquer um pedacim de feijão, num tinha esse barulho de espurgar, nem nada. Sei que lá em casa, papai apanhava feijão que as vez... Inda uma vez, ele apanhou muito feijão, aí, fez um paiolzinho assim, no canto da casa, bem numa parede assim pra outa. Um paiolzinho mermo de barro, tá vendo? Invarou, como quem invara puma casa, né? E tapou. E, butava uma camada de areia, butava uma de feijão, butava outa de areia, de feijão, encheu esse paiolzinho. Agora, areia peneradinha na urupemba. Porque, quando a gente quiria cumer também, aí penerava que era pra areia num ter peda, num ficar peda no feijão. Aí, do mermo jeito. Me lembro, que ele guardou tanto feijão

¹⁵⁶ João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista gravada na comunidade do Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.

nesse paiol. Um paiol com areia (risos). As coisa tudo era muito diferente dagora, né? Ave Maria, nem se compara.¹⁵⁷

Em sua travessia pelos sertões dos invernos, o velho João Pereira Cunha demorou-se um pouco mais nas lembranças de outros bons invernos. Assim, falou-me, ainda, do trabalho e da fartura de feijão e de melancia que sua família colheu no inverno de 1933.

Aí, era chuva de dia e de noite lá (...) 33, aí foi ele vei simbora.¹⁵⁸ Fez as impreita com os vizim de roçado, que ele tinha lá pa prantar. (...). Papai arrumava a semente, papai prantava o roçado deles, pa quando ele viesse tirar a pranta dele já tá nascida. O véi fez uma terrada boa, aí tumemo umas (...) também nós prantemo... ele prantou um feijão muito ligeiro, cedo cumeçou a butar. Meu irmão, eu vi melancia vingar dento dum roçadim piqueno, como nunca na vida eu vi daquele jeito. Nós... nós tirava... papai dava, quem chegava papai dava. Vinha gente lá das vaige, ia buscar... ia buscar de carga, ia que papai dava. (...). Feijão, feijão quando cumeçou a butar, papai dizia assim: 'o meu era que sobrava, quando todo mundo tiver aí cada qual vai cumer do seu, vai cumer do seu. Tinha dia de (...) quato vez, mais. Mas, po poucos dia, aí esbanjou mesmo, esbanjou pa todo mundo.

Entretanto, se para o Sr. João Pereira Cunha a fartura, proporcionada pelo inverno e pelo trabalho, fora, em outros tempos, uma realidade, no presente, constitui-se apenas numa lembrança do passado: *A coisa era de fortuna. Hoje, é que ninguém num vê mais essas fortunas. Porque a gente pranta... eu pranto, hoje eu tô prantando cinco tanto, num vejo fartura que eu via, que ele [seu pai] fazia viu.* Desta forma, "seu" João Pereira encontra-se vivendo um temor instintivo e impreciso de que todas as paisagens, que revelam a harmonia do camponês laborioso com a terra fecunda, estejam apenas no passado. Este sentimento experienciado pelo velho João Pereira, traduzido pela saudade das paisagens de outrora, deixa entrever as fraturas, as mudanças que vem se processando no campo em virtude, sobretudo, da modernização da

¹⁵⁷ Altina de Moura Lima, 96 anos. Entrevista gravada no Sítio Lima, no Município de São João do Jaguaribe, no dia 11/04/2000. Viúva e mãe de cinco filhos, D. Altina mora numa pequena casa de alvenaria na margem direita da estrada que liga a cidade de São João do Jaguaribe a BR-116. Aposentada e proprietária de seis braças de terras, que equivalem a menos de um hectare, mantém uma pequena criação de cabras num cercado ao lado direito de sua casa.

¹⁵⁸ O pai do Sr. João Pereira Cunha estava trabalhando na construção da rodagem, atual BR-116, iniciada no ano de 1932 como medida de emergência para minorar os efeitos da seca.

agricultura camponesa efetivada pelo Estado a partir de meados do século XX. Deste período em diante, a importância da grande propriedade foi reforçada ao mesmo tempo que a agricultura de subsistência tornou-se uma atividade cada vez mais acessória, aumentando, assim, a situação de dependência do camponês.

Tecidas com os fios da felicidade e da abundância, as imagens de outrora foram ainda desenhadas pelas memórias do Sr. João Miguel. Ao ser indagado a respeito do que representava para ele restabelecer a lembrança do passado, o velho João Miguel respondeu:

Tem umas parte boa, porque nesses tempo que havia inverno, tinha muita fartura, num sabe? Agora, era mais difiço os dinheiro, sabe? Porque os sujeito tinha aqueles legume, às vez vendia, às vez vendia, ficava po gasto, né? Tinha muito leite nesse tempo, muito queijo, às vez a gente vendia esse queijo, às vez a gente ficava pa cumer no verão, né? Eu achava bom, agora dinheiro é que era mais difiço, né? Tinha aquela safra de mi, de feijão, agora o que a gente vendia mais era algodão, num sabe? Nesse tempo, a gente prantava algodão, num tinha esse tal de bicudo que aparece hoje im dia, né? Dava muito algodão.¹⁵⁹

Atravessando os vários tempos de sua memória, o Sr. João Pereira Cunha, referindo-se *as era de quarenta*, disse que o inverno de 1940, apesar de ter tido um intervalo de quarenta dias sem chover, ainda *iscapou muita pranta*. Não obstante, depois que as chuvas recomeçaram, tornou-se difícil o trabalho de amanhã da terra.

Quarenta deu uma chuvadas aqui na nossa região. A gente prantou, a prantinha nasceu, ficou bunitinha, aí, o sol bateu im riba. Mas, passou quarenta dia sem chover e iscapou muita pranta. Mas, também, quando (...) chueu de novo, aí, chueu que tinha dia que a gente num podia trabaiair com chuva, viu? Quarenta, lembro muito disso, viu?¹⁶⁰

¹⁵⁹ João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista realizada na comunidade do Divertido, no município de Russas, no dia 23/08/1999. Médio proprietário, dono de trezentos hectares de terra, o Sr. João Miguel mora na companhia de sua esposa numa casa de alvenaria marcada tanto pela simplicidade quanto pela hospitalidade de seu alpendre. O velho João Miguel, que tem apenas um filho morando na cidade de Fortaleza, sobrevive com sua esposa da aposentadoria que recebem; uma vez que não se utiliza mais do trabalho agrícola, nem muito menos da criação de gado, atendo-se, apenas, “a uma criaçãozinha de bode”. Apesar de não mais utilizar a terra com fins agrícola, “seu” João Miguel disse que de “certos tempos pra cá” não tem mais arrendado suas terras para que outros agricultores pudessem explorá-la. Quanto à pequena comunidade do Divertido, distante cerca de quarenta quilômetros da cidade de Russas, dispõe de energia elétrica e de um dessalinizador que retira o sal da água tornando-a própria para o consumo.

¹⁶⁰ João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista gravada na comunidade do Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.

Restabelecendo a lembrança dos bons invernos, o Sr. João André Filho, com muita sensibilidade e lucidez, prosseguia atravessando os meandros de seu passado. Ao relatar a estação chuvosa de 1950, “seu” João André lembrou que, nos dois primeiros meses deste ano, a inquietação foi geral entre todos que moravam na serra do Apodi, em razão de não se ter configurado a estação chuvosa. Os enunciados que dão visibilidade à inquietação vivida pelos camponeses no período que antecede o início das chuvas, por se repetirem regularmente no discurso camponês, tornaram-se códigos fixos de leitura através do cordel, da literatura, da música...¹⁶¹

Apesar da inquietação motivada pelo “atrazo” das chuvas, o velho João André, com as esperanças renovadas na “experiência” da estrela d’alva, empenhou-se, ainda no mês de fevereiro, na preparação de sua terra com vistas a iniciar logo o plantio. Quando foi *no dia sete de março, o inverno chegou; aí, acochou no Nordeste todo. E, haja inverno. Choveu o resto de março, choveu abril praticamente todos os dias. Mesmo sensibilizado pelas emoções que experimentava, o velho João prosseguia afinado em suas lembranças:*

Me lembro como se fosse hoje, o véi Zé de Abreu disse pra mim: - ‘João André, quantas chuva choveu em abril?’ - Eu digo, num sei não, sei que todo dia dava num sei quantas chuvas. Aí, ele foi e disse: - ‘apôs eu tenho anotado noventa e três chuva no mês’. Óia, quando vinha ele curria anotava lá, né?¹⁶²

Entre muitas imagens do passado reveladas ao longo da travessia, algumas parecem estar emolduradas na memória daqueles que as revelaram. Essa foi a sensação que tive ao iniciar, na companhia do velho Antônio Eugênio, a travessia pelos sertões durante o inverno de 1959. Assim, a lembrança que guarda da primeira chuva deste inverno representa a maneira intimista com a qual viveu este tempo de

¹⁶¹ Segundo Durval Muniz, no processo de invenção do Nordeste, foi preciso “(...) ordenar uma visibilidade e uma dizibilidade que se tornassem códigos fixos de leitura”, ordenando, assim, “um feixe de olhares que demarcassem contornos, tonalidades e sombreados estáticos. (...)” Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999. p. 67.

¹⁶² João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade Jaguaruana, no dia 18/08/1999.

fartura. O velho narrador lembra que, no dia quatorze de janeiro de 1959, estava arranchado embaixo de uma imburana na companhia de alguns amigos cortando macambira. O dia permanecia claro e quente, sem nenhum presságio de chuva. No entanto, quando foi por volta das quatro horas da tarde, viu-se que *saía uma chuvinha mermo detrás desse serrote ali, mermo detrás do serrote*. De repente, o céu ficou nublado e os trovões e relâmpagos anunciaram que aquela *chuvinha* iria prosseguir com mais intensidade. Resolveram, então, voltar para o rancho e *cuidar de botar o peixim no fogo*. Contudo, a chuva não foi tão paciente assim:

(...). Aí, chegemo no rancho, fizemo um fogo, que botemo o baldinho no fogo aí começou a leblinar (risos). Começou a leblinar e nós arrochemo fogo nesse balde. Quando o balde ferveu, não ferveu nem que prestasse, nós fizemo esse cumer. Pra acabar de cumer, foi andando assim por de baixo dos pau, cumendo com a mão porque com colher não agüentava mais, tanto... tanto tava chuvendo. Aí, acabemo, ajuntemo as vazia e se acoitemo no tronco dessa imburana por debaixo dos pau e deixa chuver, deixa chuver, e nós acoitado ali, chuvendo. (...). Quando foi assim, negócio de sete hora da noite, mais ou menos, o tempo serrado e o trovão gemendo, eu fui e disse ao minino: - vocês sabe duma coisa, rambora, rambora que essa chuva num passa não. (...). Aí, fomo derramemo a água, tudo, quando acabemo, pegemo as lata e as vazia que tinha, butemo as redes dento do surram e butemo nas costas e tiremo. (...). Tiremo de cabeça fora, fomo chegar lá em casa não sei nem que hora foi quando nós chegemo no córrego do marinho. O córrego tava, já passemo nadando, já; tanta água tinha. (...). Quando chegemo em casa, entremo pra dento, armemo as redes, se deitemo, chuveu intê de manhazinha, chuveu intê de manhazinha. Quando amanheceu o dia, era tudo alagado. Aí, pronto, nesse dia, em casa, nós não tiramo mais macambira e o inverno começou. (...). Mas, foi ano de fartura, foi ano de fartura. Que havendo um tempo seco, no ano que há inverno é que há fartura: algodão, milho, feijão, de tudo tinha ali.¹⁶³

Assim, ao relembrares os sertões dos invernos, o tempo e o espaço da fome e da miséria parecem, ao menos, excluídos do mapa da memória de meus amigos de travessia. Ainda com nosso olhar parado diante da íntima contemplação das paisagens felizes do inverno de 1959, darei eco à fala e, num sentido lato, aos sentimentos de

¹⁶³ Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada na Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998. Casado com D. Luzia Maria da Silva e pai de quinze filhos, o Sr. Antônio Eugênio vive na companhia de sua esposa e de um neto numa pequena casa de taipa. Além da aposentadoria, principal fonte de renda do casal, “seu” Antônio Eugênio tem uma pequena criação de gado e de cabras e, no período do inverno, planta, em sua própria terra, o feijão, o milho e a melancia.

prazer e alegria que o Sr. João Pereira Cunha expressa quando relembra este inverno.

Quando bateu cinqüenta e nove, foi o ano mais santo que eu já vi. Por isso, que eu tô na esperança teja alguma coisa esse ano, porque sempre a era de nove sempre é boa, tô nessa esperança. Aí, o ano foi bom, viu? Eu tava todo folgado: uma ruma de saca de farinha, saca de farinha d'água, farinha branca; lata de querosene; saca de açúcar; arroba de café e um trocadozim, um trocadozim no bolso. Chegou o inverno todo baludo, num precisei de patrão e fiz uma safra boa. Ah! Meu Pai do céu, se eu tivesse o gosto de fazer produção esse ano que eu vi na minha casa im cinqüenta e nove, eu já me considerava o maior milionário.¹⁶⁴

A revelação desse desejo veio acompanhada de um profundo silêncio, somente interrompido pela agradável sonoridade que o vento produzia ao balançar os galhos de folhas pequeninas e verdes de uma velha quixabeira, na qual estávamos a nos proteger da quentura do sol. Embora permanecesse absorto em suas lembranças, num ato de total retrospectão, aquele silêncio era-me revelador da mais pura emoção sentida ao revisitar, pelos caminhos invisíveis da memória, aquele passado de riqueza traduzido na fartura da lavoura. Decerto, aquela emoção não nascera de uma simples imaginação inventiva; mas, da pura satisfação de reviver aquele ano de 1959, *o ano mais santo* por ele já visto. Com efeito, ainda, aquela emoção devolveu-me a esperança – esta, baseada na cultura camponesa de observar a natureza – de que o ano de 1999 fosse igualmente favorável à agricultura.

¹⁶⁴ João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista realizada no Açude do Coelho, no município de Jaguauana, no dia 01/02/1999.



(Foto 07 – Rio Jaguaribe no inverno de 1999 – Jaguaruana)

A rememoração dessa fartura que foi o inverno de 1959, assim como a necessidade de vivê-lo novamente, tornou-me possível efetivar uma leitura da multiplicidade dos ritmos temporais. Ou seja, na medida em que o capitalismo industrial, de uma certa forma, deslocou no tempo e no espaço as atividades agrícolas, associando-as ao passado,¹⁶⁵ observo como essas atividades que são centrais, urgentes e necessárias para a sobrevivência do homem, persistem com um poder extraordinário através do trabalho, das idéias, dos sonhos e desejos não só por parte do Sr. João Pereira Cunha, mas, por certo, de todos aqueles que tive o prazer de acompanhar em suas travessias.

Estes depoimentos, mostram muito mais do que a lembrança de um passado feliz. Projetam um olhar retrospectivo e nostálgico na direção de um tempo que continua pintado em auto-relevo num canto de suas memórias, cuja necessidade de tê-lo parece fortalecer-lhes o ânimo.

¹⁶⁵ Raymond Williams. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. op. cit. pp. 12 e 13.

Com a mesma emoção que recordou o inverno de 1959, o Sr. João Pereira Cunha falou-me do inverno de 1972. Embora não tenha sido dos mais regulares, chegando mesmo a ser insuficiente em muitos municípios do norte, centro e centro-sul do Estado, o inverno de 1972 foi *favorável* em praticamente toda a região do Baixo-Jaguaribe. Desta forma, não houve maiores prejuízos na lavoura.¹⁶⁶ Assim, ao recordar o inverno de 1972, o velho João Pereira descreveu a fartura de milho e feijão que ele colheu na companhia de seus dois filhos.

Setenta e dois, pelo menos aqui, pa nós, houve inverno. A gente trabalhava com medo, assombrado, assombrado porque as era, toda era de dois era fraca. Mas, não senhor, chueu, deu, deu pa criar tudo. Setenta e dois. Ah! Meu Pai do céu, se esse ano eu fizesse o ligume do tanto que eu fiz im setenta e dois. Apanhei cento e dezesseis arroba de algodão. Milho, meu irmão, fiz uma safra de milho. Eu tinha dois jumento com dois jogo de caçar, nós morava aculá, eu mais meus dois minino, nós ia pro roçado, (...), todo dia nós trazia; até que nós aburrecemo. Eu disse: - Meu fi, vamo mais levar isso de carga, não. Vamo quebrar, fazer uma ruma aqui, falar com a carroça. (...). Isto nós tendo, já tinha ingordado uns pouco de porcão, uns cevadão com milho. A muiet, deitava (...) criava muita galinha nesse tempo. Era, era muita galinha, gostava muito de milho, viu? Mas, ainda bati setenta e tantos sacos de milho, viu? Feijão, chega nem te digo, viu?¹⁶⁷

Ao atravessarem, pois, estes períodos de fartura, meus narradores traziam no olhar a alegria da volta e o prazer do reencontro. Quanto a mim, permanecia quase sempre envolvido pelo desejo de que aquelas paisagens, por um instante apenas, pudessem de novo materializar-se. Assim, poderia ter refrescado o calor, por exemplo, nas águas da Lagoa Grande, quando esta sangrou pela última vez no inverno de 1985. Pois, como ressaltou o Sr. Euclides Ângelo Cordeiro, *essa lagoa tando cheia é uma riqueza, é um mar d'água muito bonito.*

Ouve muito inverno bom nas era de trinta e quato. No tempo que eu morava lá [No Capim Grosso/Russas], foi dois inverno muito grande. E daí, vem pra cá... Aqui na Lagoa Grande, teve quarenta muito grande, internão; oitenta e cinco, brejou até como se diz a cabeça do socó, aqui. Até aqui nessa casa, no canto dessa casa, brejou im oitenta e

¹⁶⁶ Paróquia de Russas, *Livro de Tombo n.º IX*, p. 02.

¹⁶⁷ João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista gravada na comunidade do Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.

cinco. Teve uns inverno muito bom também. Essa Lagoa tando cheia, é uma riqueza. Ela já incheu em quarenta e quato; ela incheu em quarenta; ela incheu em setenta e quato ela incheu... Tombém era um mar d'água muito bunito aqui. Em oitenta e cinco, incheu tombém que sangrou, alagou. Oitenta e cinco, houve um inverno muito grande.¹⁶⁸

Gostaria de ressaltar, ainda, que os períodos de fartura revividos ao longo de suas travessias foram construídos, quase sempre, em oposição ao tempo presente. Nesse sentido, passado e presente representam tempos distintos: o primeiro, aparece muitas vezes atravessado pelo nostálgico tempo das farturas e o segundo, pelas vicissitudes de um tempo marcado pela escassez. Desta forma, na travessia dos múltiplos tempos da memória, que é memória do vivido e não simplesmente do idealizado, o sertão dadivoso dos invernos apareceu traduzido em imagens de saudades e de desejos.

Seguindo sempre o itinerário das práticas cotidianas que marcam a normalidade da vida camponesa, atravessaremos, agora, algumas trilhas abertas por aqueles que, de maneira lúdica, apropriavam-se das possibilidades que a mata lhes oferecia através da caça de algum animal.

¹⁶⁸ Euclides Ângelo Cordeiro, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa Grande, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

Terceira Parada: o camponês e a mata.¹⁶⁹

“Tudo tinha com fartura por esses mato”
Zacarias Francisco de Almeida



(Foto 08 – vereda entre Lagoa Sta. Teresinha e Riachinho – Russas)

Além de possibilitar a prática da agricultura, fonte de, praticamente, todos os bens acessíveis aos camponeses, o espaço camponês oferece outras condições naturais que influenciam as relações entre o homem e a natureza. Assim, ao mesmo tempo que desenvolvem uma lavoura de subsistência, os camponeses tinham por prática cotidiana o exercício da caça do tatu, do peba, do preá, do tamanduá... Nesse sentido, ao narrar as dificuldades enfrentadas nos primeiros anos da sua vida de casado, o Sr. João André Filho ressalta que apesar de passar o dia trabalhando, possuía disposição para à noite ir ao mato atrás de alguma caça.

¹⁶⁹ Nesta travessia, doze foram os guias: João André Filho, Zacarias Francisco de Almeida (Isac), Francisco Abel Lino (Chico Abel), Estelita Crispim Gomes, Maria Júlia dos Santos, Onofre Augusto dos Santos, Pedro das Neves Cavalcante, Antônio Ribeiro de Souza, Francisco Rodrigues Pitombeira (Chiquinho Pitombeira), Eduardo Soares de Lima, Rosa Maria de Almeida e Américo Simão de Freitas.

Eu comecei a minha vida pobre, sem nada; para o tempo que eu saí de lá eu num era mais pobre, pra... segundo o que eu cheguei, né? Mas que eu fazia o seguinte: trabalhava o dia todo sozinho. As crianças, o mais véi tinha quatro ou cinco ano. Trabalhava o dia todo e a disposição não faltava não. À noite, não toda noite; mas sempe, sempe possuía um cachorro bom... à noite ia caçar; ora, pra amanhã num tinha despesa de carne... amanhã a carne amanhecia lá... que nem a história matuta: amanhecia dipindurada, nera? É... ói trabalhava, a mulher às vez, às vez dizia pra mim: ô João, rapaz, tu não é de aço não. Passa o dia trabalhando e caçar de noite... não porque precisa; deixa eu ir. Saía, antes da meia noite tava chegando com caça, porque tinha munta; o cachorro era bom.¹⁷⁰

Casado desde outubro de 1954, o Sr. João André sentiu-se envergonhado ao relatar que iniciou sua vida de casado na Lagoa da Salsa, uma comunidade rural localizada em cima da Chapada do Apodi, ou, como ele mesmo chama, em cima da serra, *prantando um feijãozim numa terra arrendada* do próprio sogro. Contudo, em 1979, quando deixou a Lagoa da Salsa para ir morar na cidade de Jaguaruana, "seu" João André revelou que já não havia mais necessidade de prolongar sua jornada de trabalho até o período da noite, quando saía para caçar na mata a *mistura* do almoço do dia seguinte. Neste período, ele já possuía, com o esforço do seu trabalho, *uma maromba de gado, munta criação e duas propriedade, ou seja, dois terreno grande.*

Mas que eu comecei assim... quando foi pra terminar, eu não precisava mais. Quando foi cá pra frente, quando perto de onde eu deixei lá as minha propriedade, não precisava mais eu fazer isso, porque de tudo eu tinha; tinha o dinheiro pra comprar carne amanhã; se quisesse misturar as carne, (...) tinha um chiqueiro pra escolher, aonde quem começou caçando de noite pra beber o caldo, né? História velha, né? Mas que achei bom, por isso.

Depositário de uma visão positiva do trabalho, o velho João André apresentou-se como uma pessoa sempre disposta a qualquer tipo de trabalho honesto. Assim, quando vê um homem no campo trabalhando, garantindo, com o suor do seu rosto, o seu bem estar material e de toda a sua família, o velho João André não consegue dimensionar a alegria que sente e pede *a Nosso Senhor Jesus Cristo pa cobrir ele de felicidade.*

¹⁷⁰ João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 03/02/1999.

Aí quando eu vejo o homem trabalhador, se eu pudesse... ô meu Deus! É meu grande amigo o homem trabalhador, quando eu vejo o homem no campo trabalhando, eu num tenho nada pra dar a ele, mas eu tenho: entendo muita coisa, pedir a Nosso Senhor Jesus Cristo pa cobrir ele de felicidade. Porque eu sofreu da vida, eu sofreu da vida da agricultura, sem nada, ne? Trabalhar o dia todo, sempe, sempe à noite, passar até umas hora da noite no mato atrás de matar uma caça qualquer, (...) peba, tamanduá; quando matava um, aquele (...) pronto amanhecia o dia em casa, ia trabalhar de novo, mas que tinha carne (risos) à disposição; é muito bom, né?

Enquanto narrava-me com entusiasmo seus sofrimentos, suas vitórias, suas conquistas, o Sr. João André demonstrava como é impressionante a centralidade que o trabalho tem na vida dos camponeses; uma vez que era possível garantir, através do trabalho, o bem estar da família. Portanto, a imagem que o camponês constrói do trabalho está associada a uma positividade; além do que, representa também uma obrigação dada por Deus.¹⁷¹

Embora o Sr. João André ressalte sua disposição para o trabalho, este compreendido não apenas pelas tarefas realizadas durante o dia, mas, igualmente, pela necessidade que sentia de ir à mata, no período da noite, atrás de alguma caça que pudesse servir de alimento para sua família no dia seguinte; em praticamente todas as entrevistas foi possível perceber esta atividade associada a um momento lúdico em que os camponeses usufruem da noite, do sono da mata, na aventura da caça. Ademais, é próprio da cultura camponesa apropriar-se, de maneira lúdica, das possibilidades de recursos que a natureza lhes oferece como meio de sobrevivência. Assim, a aventura noturna pela mata, em busca do complemento alimentar, ou, mesmo, do único alimento para o dia seguinte, antes de ser considerada apenas uma obrigação, representa um momento de lazer, de prazer. Segundo José César Gnaccarine, a ludicidade presente nas relações de trabalho dos camponeses revela-se, entre outras coisas, (...) *na amizade estreita que une o produtor à gleba, que cultiva e é sua moradia, aos animais, aos seus companheiros de trabalho, e em especial à Natureza. (...)*. Embora a noção de

¹⁷¹ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de astúcia e de angústia. a seca no imaginário nordestino - de problema à solução (1877-1922)*. op. cit. p. 131.

tempo assimilada pelo homem do campo não possa em nenhum sentido ser comparada com a noção de tempo do trabalhador industrial, por esta ser marcada pelo ritmo da racionalidade, a dimensão lúdica presente no trabalho camponês não deve ser compreendida como desvalorização do trabalho, ou como um ato que significa imprevidência, indisciplina e irresponsabilidade, como pensa o autor acima referido.¹⁷² Segundo Thompson, a noção de tempo que surge nesses contextos é descrita pela própria orientação das tarefas: (...) *na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre o "trabalho" e a "vida". As relações sociais e o trabalho são misturados – e não há grande senso de conflito entre o trabalho e o "passar do dia". (...).*¹⁷³

Nesse sentido, em suas narrativas, os camponeses revelam o lado lúdico desse trabalho, através de um conjunto de imagens que dá visibilidade aos prazeres que são vivenciados em suas relações com a natureza do lugar. Desta forma, a terra não lhes oferece apenas a possibilidade de plantar os seus roçados e colher as suas safras de feijão, milho, melancia, jerimums, mandioca... A terra lhes oferece também os frutos das árvores, as caças do mato, as águas e os peixes dos rios, açudes e lagoas. Enfim, é na relação com a terra que homens, mulheres e crianças do campo encontram as mais diversas formas de apropriação dos recursos da natureza.

Mesmo não sendo marcada pela regularidade, a aventura da caça era vivida independente da estação climática, ou seja, era experienciada com prazer tanto nos meses de inverno quanto nos períodos de seca; como bem ressaltou o Sr. Zacarias Francisco de Almeida, acostumado que foi a "dormir" pelos caminhos, na mata, *atrepado no pau esperando veado*.

Caçava de noite, eu saía daqui com a espingarda, saía puraqui, cansei de dormir no mei dos camim atrepado no pau esperando viado, só e

¹⁷² Cf. José César Gnaccarine. *Latifúndio e proletariado: formação da empresa e relações de trabalho no Brasil rural*. op. cit. pp. 146 a 151.

¹⁷³ E. P. Thompson. *Costumes em Comum: estudo sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo. Companhia das Letras. 1998. pp. 271 e 272.

Deus. Quando eu chegava lá em casa, lá no Tabuleiro, as luz tinha se apagado, às vez as luz se apagava ainda, a minha vida era essa. Era, era de noite caçava peba, era... Era, o tempo, agora eu faço como o outo, num tinha... tanto fazia ser no inverno como na seca, porque eu gostava, gostava mermo.¹⁷⁴

Segundo o velho Isac, há de se considerar, ainda, que no passado não se via a miséria que hoje, desnuda, está estampada pelos sertões a fora. Segundo a narrativa do velho depoente, os camponeses, em suas relações com a natureza, não encontravam dificuldades em retirar da terra, da mata e da água, o necessário para a subsistência de todos. Assim, quando necessitavam da lenha para alimentar o fogo do fogão era em torno da própria casa que a encontravam; quando resolviam dar uma “volta” pela mata na companhia de um bom cachorro farejador, logo voltavam com algumas caças que serviam de alimento para toda a família; quando a “volta”, por sua vez, era em torno das lagoas e não na mata, não havia dificuldades também em encontrar um cágado, uma marreca, ou qualquer outra ave aquática *com a sua eterna música, que é como um hosana perene da estação bendita*¹⁷⁵ do inverno; quanto aos bichos que criavam, porcos, galinhas, não tinham a preocupação em alimentá-los pois estes eram criados soltos pelos matos.

Que nesse tempo, nesse tempo, agora eu faço como o outo, num havia misera de coisa nenhuma, num havia não. Porque se a gente precisasse dum pau era no terreno que ia cortava um pau e os bicho a gente criava no mato, os porcos a gente criava no mato sem... sem dar de comer. Tinha essas lagoa, isso era tudo por dentro dos mato, era tudo por dentro dos mato. Eu conheci isso aqui, agora eu faço como o outo, a gente só andava por vareada, num tinha camim pa ninguém andar não. Hoje, hoje num tem nada. Nós saía daqui pa ir caçar bem ali, era uma passada medonha que nós dava; ensinar cachorro pegar tatu, pegar peba, era. (...). Ninguém via misera de farinha como se vê, ninguém via misera de feijão como se vê, tudo tinha com fartura por esses mato, tudo tinha. Uma caça, você saía daqui... Eu me casei aqui, quando eu me casei eu saía daqui, taí ela de tistimunha, eu saía daqui prali, agora eu faço como o outo, era bem ali, quando dava fé chegava com quato,

¹⁷⁴ Zacarias Francisco de Almeida (Isac), 84 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 25/08/1999. Casado com D. Rosa Maria de Almeida e pai de onze filhos, “seu” Isac é proprietário de noventa e dois hectares de terra que herdou de seus pais. Apesar da idade, o velho Isac continua trabalhando na agricultura.

¹⁷⁵ Cf. Antônio Sales. *Aves de Arribação*. op. cit.

cinco nambu em casa. Saía pa lagoa matava um cágo, matava uma marreca e tudo era assim. Eu criava os porcos, criava os porcos aqui, criava uma criação era solto no mato ninguém dependia nada daquilo não, era só um chiquerim pa butar elas e pronto. Hoje, pra se criar um bicho desse, às vez precisa fazer... Nesse tempo, agora eu faço como o outo, a gente era, era outa coisa de hoje, é.

Portanto, as memórias dão visibilidade ao espaço e ao tempo das experiências vividas pelo trabalhador rural, presos que estão a seus hábitos cotidianos de viver no mato e de tirar do mato através da caça o complemento alimentar, muitas vezes, indispensável, juntamente com a farinha de mandioca, à sobrevivência de toda a família. Desse modo, foi possível perceber, nas narrativas colhidas, uma certa regularidade discursiva no que diz respeito ao fato de que uma boa caça servia como prato principal tanto no almoço como no jantar.

O Sr. Francisco Abel Lino, por exemplo, contou-me que certa noite *um tal* de Raimundo Maia, um comerciante da cidade de Limoeiro do Norte, que estava a caminho do Barracão de Santo Antônio, no município de Russas, *arranchou-se* na casa de seus pais para dormir. Na hora em que foi ser servido o jantar, o Sr. Raimundo Maia dirigiu-se para a mesa e “fartou-se” comendo a carne de duas emas que “seu” Abel havia caçado na noite anterior, pensando que estava comendo a carne de um *boi gordo*, dada à semelhança entre ambas as carnes.

Mas, era umas ema véia que dava, só a carne tirada da ossada, dez quilo nós pesemo dessa ema. E era gorda! E aí, tinha um tal de Raimundo Maia, que sempre passava com uma carga pro Palhano, e chegou lá em casa e se arranchou-se pra durmir; e, no outo dia, ir pra lá pro Barracão, que é o açude do governo aqui. Aí, chegou... Quando Nelson chegou nesse dia, tinha carne de ema e era a panelada no fogo. Aí, quando foi de noite meu pai disse: - ‘Raimundo...’ era um tal de Raimundo Maia, ele era daqui de Limoeiro – ‘vamo, vamo jantar.’ – ‘Vamo!’ Aí, entrou lá pra mesa. Aí, essa carne dessa ema, ela... Mas, é ver carne de gado, a gordura é do mermo jeito. E, ele comeu e num sentiu que num era carne de gado. Mas, ele dizendo: - ‘Tio Abel, mais ô boi gordo.’ O meu pai disse: - ‘mais era muito gordo’ (risos). Aí, quando acabou de comer, o meu pai perguntou: - ‘Seu Raimundo, o que foi que você comeu? Que carne era essa?’ Ele disse: - ‘Era de boi, era de boi seu Abel.’ – ‘Era nada, seu Raimundo, você comeu foi carne de ema’.¹⁷⁶

¹⁷⁶ Francisco Abel Lino (Chico Abel), 83 anos. Entrevista gravada na comunidade do Bixopa, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000.

Entretanto, segundo o Sr. Abel Lino, há todo um conjunto de procedimentos que são necessários na hora de preparar a carne de determinados animais de caça. Sendo assim, o Sr. Abel Lino revelou o segredo para se retirar, da carne da ema, *a catinga* que lhe é inerente; deixando-a, por assim dizer, mais saborosa. Segundo a experiência do velho Abel, o segredo está em *escaldar a carne*. Para isto, é preciso pisar um pouco de *carvão vivo, o carvão aceso, né?*, em seguida, recolher o pó do carvão, enrolá-lo em um *pedacim de pano novo* e colocá-lo dentro da água, junto à carne, antes de ser levada ao fogo para ser cozida.

Mas aí, sabe o que nós fazia pra escaldar a carne? A gente pegava um taxo grande, butava a carne todinha dento, pegava um retaião, um pedacim de pano novo, pisava o carvão vivo, o carvão aceso, né? Nós butava no pilão e pilava. Fazia uma troxinha desse... do pó do carvão e bota dento da água. A *catunga* da carne, passava todinha pro carvão. Ensinaro isso, passou todinha. Você comia, dizia: Oi! Carne de gado. Porque é muito parecida, a carne de ema é a merma coisa de carne de gado. É da merma gordura, do mermo jeito; e, a carne do mermo jeito.

Considerando que a caça era um hábito mais comum aos homens do sertão, pude verificar que a participação da mulher ocorria de forma mais esporádica. Assim sendo, dentre as mulheres que eu entrevistei apenas uma, D. Estelita Crispim Gomes, tinha alguma aventura ligada à caça para contar. As demais, demonstraram um certo temor em andar pelo mato no período da noite: *eu nunca cacei. Ave Maria! Que eu tinha muito medo de cobra*. No momento em que D. Maria Júlia fez essa revelação, seu esposo, o Sr. Onofre Augusto dos Santos, interveio dizendo que D. Maria Júlia gostava de caçar era o seu rastro com medo que ele fosse *pa casa de alguma gata*.

Mesmo na narrativa de D. Estelita, única depoente a narrar alguma aventura ligada à caça, ficou evidente que esta atividade era muito mais atribuição dos homens do que das mulheres. Depois de ser convidada pelo filho para acompanhá-lo numa de suas aventuras pela mata, D. Estelita recebeu a "sentença": – *Rumbora mãe, isso né coisa pra senhora não!* No entanto, para nossa depoente, andar na mata

representava uma espécie de terapia que a impedia de *ficar com os nervo duro*.

A caça? Agora a caça eu... eu ainda inventei de caçar mais meu caçula. Nas Melancias, tinha muita caça, né? Às vez, nós saía de noite: - 'rumbora mãe, dá uma volta nos mato.' - Rumbora! Ele tinha um cachorro muito bom. Tinha dias que a gente matava, tinha dias que num matava, né? Aí, dava umas volta, a gente se sentava no mei do mato, a lamparina acesa. E às vez, a gente... no dia que matava, a gente voltava cedo, no dia que num matava aí a gente voltava cedo também. - 'Rumbora mãe, isso né coisa pra senhora não.' Ó! tem que andar que é pro mode num ficar com os nervo duro.¹⁷⁷

Por outro lado, a sua sensibilidade emotiva no tratamento dos bichos revelava a ela própria que seu caráter afetivo não era condizente com aquela atividade, por mais lúdica que ela fosse. Assim, concluiu D. Estelita: *nam, se é pro mode eu ter pena e chorar com pena dos bicho, ramo simbora pra casa*. No entanto, D. Estelita destaca em sua narrativa o prazer e a necessidade que sentia em andar na mata durante à noite na companhia do seu filho ou de seu marido. Ao rememorar as caçadas de outrora, na companhia do seu esposo, D. Estelita narrou aquela que seria a sua última aventura de caça na mata, vivida numa noite ainda úmida, logo após o fim das chuvas de inverno.

É, mais meu marido mermo lá nas Melancias eu ainda cacei também. Uma noite nós saímo pra caçar e tinha parado de chover, né? Aí, nós tinha um cachorro bom, aí nós fumo caçar à noite, boquinha da noite. Deixei os menino tudo dormino, e ele: - 'você vai deixar esses menino dormino, essa menina se acorda aí.' - Não, mais ela tá mais essa menina aí, que era essa mais véia, ela num vai se acordar assim fácil não! Nós saímo, quando o cachorro tirou uma caça, lá vem, lá vem pra nossa percura aí imburacou. Aí, eu tive pena, eu chorei com pena nesse dia. Ele começou a cavar e começou a tirar os bichim deste tamanho, era tatuzim, o corim, o cascuzim bem molim, eu butando na saia, né? Mode o cachorro e o cachorro doido pra tirar. Não, esse aqui você num vai comer, não. Mais a gente, é porque naquele tempo a gente era tolo, né? Todo mundo disse, que se eu tivesse levado pra casa, eu tinha criado com leite. Que tinha muito leite nesse tempo, (...) aí, nós num levemo, tirou três bichim. Eu digo, caça a véia que tá embaixo, ele

¹⁷⁷ Estelita Crispim Gomes, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 26/08/1999. Morando numa velha casa de taipa, com seu esposo e com alguns filhos e netos, nas terras do Sr. Eduardo Soares de Lima, D. Estelita, juntamente com sua família, sobrevive da aposentadoria que ela e o marido recebem. Embora não tenha a posse das terras onde mora, D. Estelita não está obrigada a pagar renda ou partilhar a produção, por exemplo, de feijão feita por ocasião do inverno; como também não tem que dar dias de serviço ao dono da terra.

passou a mão só deu só lama. Diz ele que era uma lama tão medonha, que quando ele arrastava a lama, o braço, a lama vinha até aqui. Mas, todo mundo diz que ela... ela... ela... ela tava embaixo na lama. Eu digo, Ave Maria! um bicho ter frego desse jeito, né? Aí, os bichim pequeno, eu tive pena e num levei pra casa. Tinha um barranco assim mode um buraco, eu fui coloquei de novo, mandei ele colocar, se a véia saísse pegava os bichim. Aí, nós fumo embora; nam, se é pro mode eu ter pena e chorar com pena dos bicho, ramo simbora pra casa. Mas, era tão engraçadim, os casquim bem, vermeim parecia assim um... um pebinha quando a gente tira do buraco. Aí, nós fumo imbora. Aí, eu... dexemo de caçar, fui mais pro mato não. Eu gostava, Ave Maria eu achava tão bom andar assim no mato, caçar, é bom caçar de noite.

O sentimento de prazer proporcionado pela relação que D. Estelita mantinha com a natureza nas noites em que ia caçar na companhia do marido ou do filho, dimensiona o quanto a atividade da caça representa um momento lúdico na vida dos camponeses. No entanto, para além dessa relação de prazer vivida junto à natureza, devemos considerar o caráter autônomo dessa atividade; ou seja, eles a realizam na hora e da maneira que querem. Liberdade e autonomia do trabalho são, pois, valores básicos que se encontram historicamente internalizados na cultura camponesa, estando, ainda, assentados em oposição ao valor dominante da exploração.¹⁷⁸

Recuando um pouco mais no tempo de suas memórias, num segundo D. Estelita parecia recordar-se de todos os momentos que já vivera. Nesse retrospecto minucioso, deixou-se conduzir docilmente pelas lembranças que a levava até às caçadas que seu pai realizava, quando moravam nas Cacimbas do Amoré. Expressando em seu rosto toda a nostalgia vivida ao rememorar as aventuras do pai pelas matas da região, D. Estelita não escondia a satisfação em poder dizer que seu *pai era caçador fino*.

Meu pai era caçador, meu pai era caçador fino, tinha espingarda. Ele morando nas Cacimba do Amoré... Tem um tal de mocó, né? Um bixão deste tamanho, o senhor eu acho que num conhece não, é maior do que um preá, bem vermei, ele chegava com a cintura cheinha daqueles bichão. Aí, nós dizia: papai e a gente come isso? 'Come, isso aqui é uma caça boa'. De fato que era mermo. Pelava na água quente, o corim

¹⁷⁸ Ivone Cordeiro Barbosa. *Da Terra de Ninguém à Terra dos Homens: Experiências, lutas e representações dos posseiros da Serra da Ibiapaba-Ce.* op. cit. pp. 58 e 59.

ficava tão limpim, vê coró de porco quando a gente pela. A mãe butava no fogo, nós comia aquela caça, achava tão bom. Era, papai matou muito. Papai tanto matava veado, como matava esse porco espim, num tem esse porco espim? Papai chegava com os coró dos bicho pra nós vê, ele vendia num sabe? Às vez tirava o pedaço da ureia pra nós vê, pra conhecer. Veado, ele matava veado também, matava peba, um tatu bola que ele diz que fica que nem um côco. É bom, caça boa. Agora eu mermo, depois que peguei doença, eu num como não, essas coisas não.

Como ressaltai anteriormente, a caça é uma atividade essencialmente masculina. Embora esteja ausente do ato de caçar, a mulher participa na cozinha de sua casa, domínio tido como seu, do restante do processo, uma vez que a ela é confiada a tarefa de preparar a refeição de sua família.

Talvez por ser uma atividade essencialmente masculina, alguns entrevistados construíram uma narrativa incisiva, feita sem cortes, sem evitar a riqueza de detalhes, das suas aventuras pelas matas, na caça de algum animal. No entanto, o que mais se sobressai, em toda essa riqueza de detalhes, são os tons épicos atribuídos às aventuras vividas pelas matas nas noites do sertão de outrora. Reconhecendo, pois, a riqueza lingüística e a poética dessas narrativas, peço licença para transcrever, na íntegra, a envolvente narrativa que o Sr. Pedro das Neves fez ao descrever, dentre as muitas caçadas que realizou, duas em particular. A primeira, na companhia de um amigo, o *finado Chico Cândido*; e, a segunda, na Serra da Volta, na companhia de seu cunhado.

Ah! cacei, cacei muito. Eu fui uma noite uma caçada, mais um amigo, o cachorro, ali negócio de doze e meia, de doze e meia pra uma hora da madrugada, nós vimo foi o bicho passar correndo e os cachorro correndo atrás, dento dum moitagal medonho, e o bicho chega parece que fazia vim... vim... vim... correndo e os cachorro correndo atrás, dois cachorro, né? Com pouco tempo, os cachorro acuaro: pê... pê... pê... Chegemo lá, era dento dum moitagal medonho, os cachorro ciscando, os cachorro ciscando... Aí eu fui, cheguei assim, prantei a mão no buraco, era chei de foia; eu prantei as mão dento do buraco puxando as foia pra trás, puxando as foia pra trás. Que quando eu butei assim a mão, entrou assim mais uma coisinha a mão, quando eu dei fé foi pa... O bicho me agarrou mermo aqui assim, quando me agarrou... Oi! Suquiei a mão pra trás, aí o camarada disse: - 'O que foi?' - Rapaz, o bicho me pegou. O sangue desceu aqui no meu dedo. - 'Rapaz, o bicho lhe pegou?' Ele disse: - 'rapaz, você é doido, isso é uma cascavel, valha-

me Nossa Senhora!’ Finado Chico Cândido. ‘Valha-me Nossa Senhora.’ Eu digo: - não, tenha calma, o bicho é pintado, o bicho é pintado. - ‘Ora, é uma cascavel!’ - Não, pera aí home. Aí, eu sai mexendo aqui, aí eu fui com essa outa mão, fui ajeitando, fui ajeitando, quando dei fé o bicho meteu dos pé bateu aqui; eu ôpa! Eu peguei, peguei. O bicho roncando aqui, roncando aqui... E ele foi só dizer: - ‘Ô tatu medonho, rapaz!’ E eu agarrado no tatu aqui. Aí, ele foi, só agarrou o tatu, quebrou o pescoço do tatu e eu fiquei ali. Tem outa coisa! e, eu fui ajeitando o buraco, fui ajeitando o buraco, quando descobri um bicho pintado. Eu digo: ôpa, um bicho pintado aqui que é um medonho. Aí, fui tirando as foia do buraco, fui tirando as foia do buraco, aí o bicho sugigou, o bicho sugigou aqui. Quando o bicho sugigou, eu agarrei, imprensei o bicho dento. - ‘Rapaz, você ainda...’ Não! eu agora tiro. E eu fui puxando o bicho, fui puxando, agarrei mermo nos garguelo. Era um tejo, que era um medonho. Esse tejo foi quem me mordeu, viu rapaz? foi esse tejo, que me mordeu. E, fim de conta, eu tirei três tejo desse buraco, dois camaleão e um tatu. E agora, como foi o fim da história? O negócio, que o tatu vinha muito aperriado, entrou na casa do camaleão e do tejo, né? Entrou na casa, eles estavam dento, né? O tatu ficou de banda, o tejo ficou na frente, quando eu enfiei a mão ele se assuziou com a entrada do tatu, né? Quando eu enfiei a mão ele me agarrou, né? Aí, pronto! Se fosse outo esmorecido, já ia logo morrer, foi uma cascavel, né? E eu não! Não, vamo ver o negócio como é que é, né? Se eu arrastar uma cascavel, arrasta pra fora nós mata, né? Cadê? Matemo um tatu, três tejo e dois camaleão nesse buraco só, né? Aí, foi uma feira, foi uma caçada medonha, né? E por isso eu digo.¹⁷⁹

No mesmo fôlego e com o mesmo tom épico, “seu” Pedro das Neves seguiu narrando a aventura vivida na Serra da Volta, ao mesmo tempo que demonstrava um conhecimento minucioso dos animais do mato, simples animais de caça.

Outa vez, eu fui uma caçada mais um cunhado meu, mas ele ainda era solteiro, na Serra da Volta. E diziam que por lá tinha onça, num é? E os cachorro num achava nada, e os cachorro num achava nada num matagal medonho no baixil da serra, uma altura medonha os pau, né? Quando eu dei fé, os cachorro tava aculá acuado, os cachorro tava acuado. Arrastemo pra lá, que quando nós chegemo lá, era uma catinga, era um mau cheiro medonho. Eu, vixe Maria! Os cachorro acuado dento da moita e nós só via o ribuliço do bicho dento da moita. Aí, eu disse pro camarada: sabe duma coisa? é a onça! Ô, meu amigo, pra que eu disse isso. Quando eu disse é uma onça, quando eu dei fé o home meteu o pé na carreira por dento do mato e lá vai. E eu, agora eu faço como diz o dito, num havia de ficar só, corri atrás. Que é isso fulano? Que é isso fulano? Barra aí fulano! Barra aí! Até que mais lá na frente, ele esbarrou. Quando esbarrou, vamo o meno chamar os cachorro, vamo meno chamar os cachorro, os cachorro ainda ficou acuado. Aí, nós chamemo os cachorro, quando foi um pedaço, os cachorro deixaro lá, viero. E ele, desse jeito: - ‘é a onça, é a onça, vamo

¹⁷⁹ Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

correr...' Com medo! – 'É a onça.' Mas, ninguém num sabe o que era. Pudia até muito bem num ser a onça, porque só tinha uma catinga medonha, né? Nós sentia. Dizem que o bicho é fedorento, né? Eu num sei! Mas, nós num vimo nada fora essa zuada dos cachorro e ele achando que era onça, né? A gente via nas areia era o rasto da bicha, né? Pudia até ser, né? Mas, ninguém num sabe como era.

Assim como o Sr. Pedro das Neves, um outro depoente, o Sr. Francisco Abel Lino, faz transparecer que naqueles tempos, mais do que hoje, a vida cotidiana no sertão era pautada pela diversidade de animais de caça – *até ema nós peguemo* - e pela heroicidade de sua gente.

Caçava! Tinha uma pareia de cachorro, que eu num rolava não. Era peba, era tatu, era tamanduá, até ema nós peguemo. De noite nós caçando, eu mais outo companheiro, os cachorro acuaro um tatu, nós tava cavando. Aí, os cachorro sairo assim, que com pouco tempo lá vem o trupeliço de lá pra cá e o cachorro granindo. Aí, tinha... O meu companheiro era um tal de Dedim. Tava dento dum valado cavando um tatu, a ema, uma ema, o cachorro vinha correndo atrás da ema, a ema chegou, prantou-se em riba dele que ele derrubou lá fora do buraco. E eu gritando: pega a ema Dedim, é uma ema! Os cachorro derrubar, assim pertim. Aí, peguemo duas nessa noite. Mas véi, nós butemo num jumento no outo dia essas ema amarrada no juêi, uma dum lado, outa douto e atrevessemo numa cangaia, o pescoço vinha arrastando no chão.¹⁸⁰

No decorrer da pesquisa de campo, foi impressionante perceber a sagacidade que parece ser inerente a todos os velhos camponeses. Dotado de uma sensibilidade aguçada pela e para a natureza o Sr. Antônio Ribeiro de Souza, ao ser indagado se gostava ou não de caçar, respondeu demonstrando todo seu senso de observação, fruto de sua experiência de vida.

Munto! Tatu, peba, até viado. Hoje, a vista num dá mais não. Mas, também passou uma caça eu sabia se era macho ou se era feme. O veado, o veado ainda hoje eu cubando, eu vendo, tá muito difícil aqui, mais eu cubando o rasto dele eu sei se é macho ou se é feme. Sabia! Enquanto a vista der eu sabia. Uma rez se era um bezerro, pelo rasto eu sabia se era um bezerro ou se era uma bezerra.¹⁸¹

¹⁸⁰ Francisco Abel Lino (Chico Abel), 83 anos. Entrevista gravada na comunidade do Bixopa, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000.

¹⁸¹ Antônio Ribeiro de Souza, 73 anos. Entrevista gravada na comunidade Brito, no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000. Em virtude da proximidade da cidade de Itaiçaba, localizada nas margens do rio Jaguaribe, a comunidade do Brito, distante três quilômetros, dispõe de energia elétrica e de água encanada.

Conhecedores do mundo natural que os cerca, os camponeses possuem, muitas vezes, uma terminologia própria e extremamente rica para classificar a fauna do lugar. Desta forma, conseguem normalmente distinguir com uma impressionante riqueza de detalhes os animais de caça pelos rastros, pelo sexo, pela anatomia, pelos excrementos...¹⁸²

A propósito desta sagacidade, Gustavo Barroso descreve o quanto o camponês é um observador de primeira ordem.

Uma manhã, estava sentado à porta quando chegou um vaqueiro perguntando notícias de um animal sumido. Antes que êle dissesse que casta de bicho procurava, o velho indagou:

- 'Será uma bêsta torta do olho direito, castanha escura, de saia comprida?'

O outro respondeu afirmativamente. Ergueu-se, deu as indicações do lugar onde ela pastava.

Então perguntei-lhe se tinha visto a bêsta. Disse-me que não, porém andando a cavalo muito cedo, de madrugada, pelas várzeas, vira rastros de um animal de fora. Sabia que era uma égua, porque não pisara na urina, que era cega do olho direito, porque a pastagem da vereda só estava comida do lado esquerdo, que tinha o rabo comprido, porque deixara fios agarrados às tiriricas rasteiras, e êsses fios eram castanhos-escuros...¹⁸³

Na verdade, a forma pela qual os camponeses se relacionam com o mundo natural que os cerca, tem a ver com sua capacidade de observação. Portanto, para interpretar os sentidos que os camponeses atribuem à natureza e, mais especificamente, aos modos de viver e trabalhar historicamente construídos em seus espaços, foi necessário estar atento para perceber como aplicam toda a sua perspicácia não apenas na lavoura, mas igualmente na caça e na pesca.

Atento, portanto, à maneira sóbria e educada de falar do Sr. Chiquinho Pitombeira, observei um fulgor de tristeza no olhar quando este revelava que além da falta de invernos que dificulta à natureza continuar seu trabalho incessante de mutação e progresso na manutenção do equilíbrio de suas forças e de preservação da vida; o

¹⁸² Keith Thomas. *O homem e o mundo natural*. op. cit. p. 84.

¹⁸³ Gustavo Barroso. *Terra de Sol (Natureza e costumes do Norte)*. op. cit. p. 141.

homem tem constantemente agredido e depredado a natureza não respeitando - no seu dizer - o *tempo dos bichos*:

Eu posso dizer, num há inverno pra haver prosperidade. Tem uns que respeita os bicho, também precisa haver prosperidade, o tempo dos bicho nascer. Num vão matar os bicho deixa aí pra ver, mas outos do jeito que sair (...).¹⁸⁴

D. Estelita, por sua vez, avalia que quando veio morar na Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, o seu genro chegou a matar animal de caça praticamente no “terreiro” de casa *tão fechado era os mato aí*.

Tinha, tinha muito mato aqui. É porque brocaro muito. Isso aqui, tudo isso aqui era mato, no ano que eu cheguei pra morar aqui era mato. Aquele meu genro, no ano que nós chegemo aqui ele ainda matou caça aqui, tão fechado era os mato aí. Ele morava nessa casa aí do mei, num tem uma casa de taipa aí no mei, né? Ele morava ali. Tinha um cachorro muito bom, o cachorro saía quando ele via era o latido do cachorro, chegava lá era uma caça.¹⁸⁵

Embora estivessem sempre valorizando os tons épicos de suas caçadas, embalados, talvez, pelo entusiasmo de suas narrativas, observei, entre alguns camponeses, uma consciência de que o desmatamento tem provocado uma acentuada diminuição das caças: *Por o tempo, rapaz, parece que vai se acabando. Aonde a gente tira que num bota, se acaba, né? Ó! Munta gente e os mato pouco, é, munta gente e os mato pouco.*¹⁸⁶ Segundo o Sr. Zacarias Francisco de Almeida, hoje praticamente não existe mais caça; o que existe, no seu dizer, *é uma sementinha no mundo pelejando pa viver já, né?*

Ao cabo de alguns instantes, enquanto repetia com uma sombra de tristeza no olhar a pergunta *cadê a madeira?*, o Sr. Chiquinho Pitombeira, conservando a consciência do presente, faz entrever a

¹⁸⁴ Francisco Rodrigues Pitombeira (Chiquinho Pitombeira), 86 anos. Entrevista gravada no Riachinho, no município de Russas, no dia 22/10/1999.

¹⁸⁵ Estelita Crispim Gomes, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 26/08/1999.

¹⁸⁶ Eduardo Soares de Lima, 78 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 28/08/1999.

pretérita paisagem, do lugar, na qual procurava ao menos um reflexo, um resquício.

O povo já devorou suas madeira, tudo que tinha nas terra, acabou-se como as madeiras. Tava vivendo era disso, dessa arrumação, ir no mato cortar a madeira; é o quê... acabou-se isso hoje. Quem é que tem madeira mais hoje? (...). O cercado caiu tudo, porque num tem mais madeira, tem não. Também pegou esses inverno, se houvesse pelo meno inverno bom a madeira também num tava morrendo, os madeiral era tudo chei de madeira. Quem é que vê hoje? Você vem daculá pra cá só é toco, garrancho, estrada por cima de serrote. Cadê, das Bestas pra dento, cadê a madeira? Cadê aquela chapada de chão que tem ali, que vai sair na Russa, aquilo era chei de mato. Tudo (...) tirava lenha, cadê hoje? Cadê essa lenha hoje? Num sei por donde eles vão agora, tirar lenha.¹⁸⁷

Se a paisagem de outrora era a que lhe enchia os olhos do espírito, as paisagens do presente oferece-lhe o espéctro da destruição, da morte. Portanto, ao se efetivar a leitura das memórias do Sr. Chiquinho Pitombeira, o que se observa é que elas não registram apenas situações bucólicas, uma vez que *a paisagem*, no dizer de Simon Schama, *nem sempre é mero "local de prazer"*.¹⁸⁸ Por outro lado, o que fica evidente nas memórias do velho Pitombeira é o fato dos camponeses ao mesmo tempo que articulam todo um discurso de amor à natureza, de identificação com a natureza, de gostar *do mato*, são obrigados a ter uma relação predatória com a natureza, independente da estação ser seca ou chuvosa. Indagado a esse respeito, o Sr. Isac demonstra ter total clareza dessa relação predatória ao afirmar que os próprios camponeses contribuíram, *tirando madeira*, para a destruição da paisagem nativa da região.

Porque nós acabemo, né? Tirando madeira, nós tiremo tudo. É, pra vender, fazia caivão. Sim, de seca e de inverno, fazer caivão, né? Fazer caivão. Nós cortava a madeira, fazia o caivão, aí ía vender lá na rua numa carrocinha, ia vender lá. E, quando era solteiro não, eu cortava madeira, estacote, estaca, pra vender o finado Pedo Ciço Mato que eu acho que já morreu já, lá da Várzea. Ele comprava um mieiro por cinco

¹⁸⁷ Francisco Rodrigues Pitombeira (Chiquinho Pitombeira), 86 anos. Entrevista gravada no Riachinho, município de Russas, no dia 22/10/1999.

¹⁸⁸ Simon Schama. *Paisagem e memória*. op. cit. pp. 28, 34 e 35.

mil réis, um mieiro de estaca, um mieiro de estacote, cumprava por cinco mil réis, ele comprava e era dinheiro.¹⁸⁹

Em seu depoimento, D. Rosa Maria de Almeida, esposa do Sr. Isac, lembra, com uma riqueza maior de detalhes, que paralelo ao trabalho na agricultura, principalmente, durante as décadas de sessenta e setenta, ela e o “seu” Isac trabalhavam durante toda a semana, inclusive no turno da noite, na produção de carvão. Aos sábados, toda a produção da semana era transportada numa carroça até a cidade de Russas a onde era vendida.



(Foto 09 – Sr. Isac e D. Rosa – Lagoa de Santa Teresinha – Russas)

Às vez, os minino tudo piquininim durmindo, nós dois num... butava pa durmir e nós ia fazer carvão, nós dois. E eles tudo durmindo, nós dois ia durmir onze hora da noite, doze hora, fazendo carvão, imalando aquele carvão todim, cobrindo, tocando fogo pa no outo dia nós ter, ir po mato cortar madeira pa tornar a fazer outa carrada. Quando era dia de sábo, ele saía daqui mais um pererecazinha com as carrada medonha de carvão pa vender im Russa, im carroça. E eu ficava. E, po último, os minino foram crescendo, eu ia mais os minino e ele ficava fazendo

¹⁸⁹ Zacarias Francisco de Almeida (Isac), 84 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 25/08/1999.

carvão. Eu ia, fazia a feira, nós já sabia onde ia depositar aquele carvão. Aí, quando nós... Os minino... Eu tinha um que era bem, bem inteligente, o mais véi, aí: - 'mãe, a mãe fica aí, que eu vou fazer, vou comprar as coisa'. Aí, eles cumprava de tudo. Nós butava nessa carroça, disabava. Chegava aqui uma hora, duas hora da tarde. Eu criei quais tudo desse jeito, quais tudo mermo desse jeito.¹⁹⁰

Portanto, além da lenha, da estaca, do estacote, da vara... outro produto de origem florestal bastante utilizado na região é o carvão vegetal, produto oriundo da carbonização da lenha, cujo método predominante é o do forno-trincheira.

O Sr. Américo Simão de Freitas, por sua vez, revelou que durante as décadas de sessenta, setenta e oitenta trabalhou *torando* madeira (escoramento, caibro e linha) para ser vendida em Fortaleza. A partir da década de oitenta, no entanto, passou a se dedicar exclusivamente à extração da lenha para abastecer ao mercado local do município de Russas.

Eu vendia na Furtaleza, tinha lá os meu patrão. Eu cortava aqui, ele mandava passar a semana carregando, quando era no sábo eu ia buscar o dinheiro pa pagar os trabaiaador aqui. Eu trabaiaava com dez, doze, quinze e até com vinte home, eu trabaiaava. Quando era sábo, eu ia trazia aquele dinheiro pa fazer aquele pagamento, graças a Deus. (...) trabaiei muito, tirei muita madeira na terra do Edson Queiroz e era desse jeito, eu tirava madeira de todo canto. (...). Aí, passemos, passou-se pa essa lenha. Aí, pronto, deixemo de ir pra Furtaleza (risos). Que a lenha é só daqui pra Russa, daqui pra Russa.¹⁹¹

Como procurei demonstrar, principalmente a partir dos relatos dos Srs. Chiquinho Pitombeira e Isac de Almeida, as memórias avaliam o desmatamento de forma paradoxal: de um lado, revelam que o grande *culpado* é a *ruindade do tempo* traduzida pela falta de invernos; de outro, o próprio camponês na medida em que se acha obrigado a retirar da mata a sua sobrevivência. No entanto, o que explica o fato do camponês tornar-se cada vez mais dependente da natureza é o

¹⁹⁰ Rosa Maria de Almeida, 64 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/08/1999.

¹⁹¹ Américo Simão de Freitas, 79 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa Grande, no município de Russas, no dia 23/08/1999. Morando na companhia da esposa e de um filho deficiente, o Sr. Américo lamenta não poder mais trabalhar na agricultura. Quase cego, o velho Américo sobrevive, no seu dizer, apenas do “bom emprego” (aposentadoria) que o “governo” lhe “deu”.

processo de pauperização a que ele foi submetido ao longo de todo o século XX, e, mais particularmente a partir da década de 1970, quando o Estado patrocinou a modernização do meio rural, o que significou maior concentração fundiária, maior valorização da terra e expulsão do homem do campo.¹⁹² Portanto, como observa Durval Muniz, o que tem causado a pauperização camponesa são as relações de exploração vivida no campo e não a *ruindade do tempo* como pensam muitos camponeses.

(...). No mundo tradicional, o homem tinha acesso aos bens de consumo produzidos por ele próprio, agora, com a maior parcela de tempo dedicada a uma produção comercial, na sua própria terra ou trabalhando para um patrão, se vê obrigado a recorrer cada vez mais ao mercado, o que o torna dependente de relações invisíveis, tecidas pelas mercadorias, que o tornam quase sempre, cada vez, mais pobre. Esta pauperização é imputada, então, às oscilações da natureza e à ausência de domínio sobre ela. A seca é causadora da miséria, do empobrecimento, e não as relações de exploração a que estão submetidos.¹⁹³

Não obstante, embora os camponeses consigam estabelecer uma certa historicidade para as transformações ocorridas na paisagem natural da região, é preciso destacar que estas transformações se processaram com mais ênfase a partir das décadas de 1970 e, mais particularmente de 1980. Durante este período, verifica-se em toda a região do Baixo-Jaguaribe, principalmente no município de Russas, a expansão do número de pequenas olarias e de indústrias de cerâmica. O quadro a seguir mostra o número de cerâmicas existentes em cada um dos municípios onde foi realizada a pesquisa de campo.

¹⁹² Maria Antônia Alonso de Andrade. “Relações de Trabalho e Relações de Poder: Perfil de duas Áreas Geopolíticas”. In. *Relações de Trabalho & Relações de Poder: Mudanças e Permanências*. op. cit. p. 239.

¹⁹³ Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877 a 1922)*. op. cit. p. 117.

MUNICÍPIO	Nº DE CERÂMICAS
Russas	68
Alto Santo	12
Limoeiro do Norte	09
Palhano	07
Quixeré	06
Morada Nova	04
Jaguaruana	03
São João do Jaguaribe	03
Itaiçaba	02
Tabuleiro do Norte	02
TOTAL	116

Segundo dados fornecidos pelo IBAMA, o município de Russas concentra aproximadamente 25% das cerâmicas existentes em todo o Estado do Ceará. Devido, pois, à grande concentração da indústria cerâmica, cerca de 83,4% do consumo de energéticos florestais do município são utilizados nesse setor industrial.¹⁹⁴

Desta forma, embora ainda seja possível encontrarmos grandes áreas de caatinga e de mata nativa na região do Baixo-Jaguaribe, é certo que o processo de expansão da indústria cerâmica contribuiu em grande medida para a destruição de grande parte das reservas de madeiras existentes na região.

Todavia, se por um lado as cerâmicas, ao consumirem produtos florestais como fonte de energia, são agentes de poluição e incentivadoras de desmatamentos, por outro, proporcionam geração de empregos, aproveitamento da mão-de-obra local, fatos que garantem um aumento da renda familiar de diversas famílias de trabalhadores rurais que exploram a floresta para sua sobrevivência. Em seu depoimento, o Sr. Américo Simão de Freitas oferece uma visão da dinâmica desta exploração.

Aqui, tem um bucado de gente que corta lenha. Tem um fio meu, tem um genro ali que trabaia com vinte tantos home, trinta, dois caminhão,

¹⁹⁴ Cf.. Enília da Cruz Moraes Braid (Coord.). *Diagnóstico Florestal do Estado do Ceará*. Fortaleza: PNUD/FAO/IBAMA/SDU/SEMACE, 1993. p. 25.

mora bem aí. Tem dois caminhão, uma mercede e um chevrolet. É todo dia duas, três carrada por semana. Só um carro, só, tem dia que dá três carrada de madeira. Mas, eu mermo deixei de trabaia. Agora num sou nem... Como se diz? Num trabaio nem de roçado mais, que num agüento. Trabaia agora aqui dento de casa, os fi dando uma coisa, outo dá outa e eu vou vivendo.¹⁹⁵

Segundo D. Estelita Crispim Gomes, muitos camponeses passam a semana trabalhando no corte da madeira, retornando para casa somente na sexta-feira ou no sábado. Além de venderem a madeira para as cerâmicas, as pessoas que trabalham nesta atividade também estabelecem um regime de troca por tijolos e telhas com o objetivo de construir casas de alvenaria; deixando, para trás, as velhas construções de taipa. Desta forma, não só o madeiramento do telhado como a alvenaria e as telhas parecem compensar os prejuízos causados à natureza pelo desmatamento. Nesse sentido, as casas representam um composto de fragmentos dos tempos antigos, ou seja, nelas sobrevivem os vestígios que o tempo não conseguiu apagar.

Todavia, a ocupação da mão-de-obra na atividade florestal sofre um arrefecimento de suas atividades no período chuvoso correspondente aos meses de janeiro a junho. Neste período, em razão da mão-de-obra estar quase que totalmente absorvida pelo subsetor agrícola, as olarias chegam praticamente a encerrar suas atividades, enquanto as cerâmicas reduzem em até 50% a sua capacidade produtiva. Só a partir do segundo semestre é que a atividade florestal volta a crescer, pois os agricultores iniciam os desmatamentos – através das práticas do destocamento, da retirada de lenha e madeira, da retirada de ramos e vagens para forragem - visando ao preparo do solo para a próxima safra agrícola. Não obstante, quando ocorre períodos de estiagens, o subsetor florestal em grande medida absorve a mão-de-obra do subsetor agrícola.¹⁹⁶

¹⁹⁵ Américo Simão de Freitas, 79 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa Grande, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

¹⁹⁶ Cf. Enília da Cruz Moraes Braid (Coord.). *Diagnóstico Florestal do Estado do Ceará*. op. cit. p. 37.

Entretanto, como já foi demonstrado através dos próprios relatos de memória, os desmatamentos não obedecem exclusivamente a fins comerciais. Em termos gerais, verifica-se que o nível de autoconsumo de produtos florestais contribuem significativamente para satisfazer às necessidades familiares, tanto nas atividades de produção agropecuária (forragem para o gado, construção de cercas), como nas domésticas (energia para cozinhar, para fabricação de materiais de construção). Portanto, trata-se, basicamente, de uma produção de subsistência, objetivando o autoconsumo. Segundo dados fornecidos pelo IBAMA, aproximadamente 2/3 da produção de lenha são autoconsumidos, e o restante destina-se à venda.¹⁹⁷

Contudo, se até o início da década de 1990 a principal maneira de exploração dos recursos florestais consistia na extração de todo o material lenhoso, sem nenhum compromisso com a terra; tem-se notado, hoje, uma preocupação mais constante com a reposição florestal para a própria garantia dos recursos florestais. Esta nova prática de desmatamento, que não consiste na derrubada integral da árvore, tem por objetivo o reflorestamento natural da área desmatada, num espaço de tempo equivalente a mais ou menos dois anos. Na verdade, essa nova estratégia atende tanto aos interesses do proprietário da terra quanto do extrator de lenha, uma vez que não é interessante para quem vende a mata "em pé" ou mesmo arrenda ter que reinvestir no seu reflorestamento; da mesma forma que não se torna vantajoso para quem arrenda, por um certo período de tempo, uma determinada área de mata, ver exauridos todos os seus recursos naturais, inviabilizando, por conseqüência, a atividade que lhe é mais rentável, ou seja, a comercialização da madeira.

Portanto, ao mesmo tempo em que os camponeses extraem da mata seu complemento alimentar, através da prática da caça, mantêm, também, uma relação de exploração através da produção de vários produtos de origem florestal. Na verdade, essa produção está

¹⁹⁷ Cf. Enília da Cruz Moraes Braid (Coord.). *Diagnóstico Florestal do Estado do Ceará*. op. cit. p. 21.

intimamente relacionada com as demais atividades que compõem o sistema econômico-social do contexto rural, ou seja, em outras palavras, a produção florestal complementa a agricultura e a pecuária nas mais diversas ações de trabalho e manejo.

Deixando para trás as trilhas abertas pelos camponeses “caçadores”, sem, no entanto, deixar de seguir o itinerário das práticas cotidianas que marcam a normalidade de suas vidas, atravessaremos, agora, algumas paisagens que expressam a relação que os camponeses mantêm com os rios, açudes, lagoas...

Quarta Parada: o camponês e as águas.¹⁹⁸

“Na época de quarenta, (...), eu vivi mais d’água do que dento de casa”
Raimundo Delfino Filho



(Foto 10 – Açude do Barracão – Santo Antônio – Russas)

Como já foi assinalado, outra atividade reveladora dos modos de viver e produzir da gente do campo é a pesca, que, embora seja uma atividade ocasional do pequeno agricultor, quase sempre restrita aos períodos de bons invernos, é bastante representativa da experiência social dos camponeses do Baixo-Jaguaribe.

Todavia, de todas as comunidades rurais em que realizei a pesquisa de campo, foi na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, que obtive o maior número de relatos sobre a relação dos camponeses com as águas; ao mesmo tempo que, paradoxalmente, obtive o menor número de relatos sobre a relação com a mata. Decerto, isto se justifica em razão da Comunidade do Canto da Cruz ser localizada nas margens do rio Palhano. Assim, era nas águas e não na mata, que os camponeses, muitas vezes, encontravam o alimento

¹⁹⁸ Nesta travessia, cinco foram os guias: Raimundo Delfino Filho, João Delfino Bezerra, Altina Delfino dos Santos, Maria Sinhá de Souza e Estelita Crispim Gomes.

necessário à sua subsistência; da mesma forma que era nas águas e não na mata onde viviam, sobretudo no período dos bons invernos, quando o rio passa a “correr”, momentos de prazer, de descontração, enfim, momentos de pura ludicidade.

A verdade é que a água, em vários relatos de memória, aparece como o principal elemento a compor a paisagem física e cultural da região. Assim, procurei, nesta parte do trabalho, ver mais de perto o significado das águas, especialmente, das águas dos rios - Jaguaribe, Palhano, Quixeré e Banabuiú -, riachos, açudes e lagoas na vida econômica, social e cultural da região.

Como já foi salientado, do ponto de vista econômico, os rios, açudes e lagoas constituem-se em importantes reservas de peixes, das quais os camponeses retiram seu complemento alimentar. Assim, ao rememorar algumas das dificuldades que enfrentou para assegurar a subsistência de sua família, no ano de 1940, o Sr. Raimundo Delfino Filho procurou mensurar a importância que o rio Palhano teve em sua vida neste período.

Se... Na época de quarenta mermo, se eu for fazer a conta, eu vivi mais dento d'água do que dento de casa. Eu ia... houve inverno, né? Aí, as condições num prestava nesse tempo, eu ia, a famia toda dento de casa, grande, eu trabaiava no roçado. Quando dava as três hora da tarde eu vinha mimbora, às vez ainda ficava água na cabaça. Trabaiava... trabaiava... trabaiava as 06 hora, quando era as 11 hora eu saía assim no mato caçando umas fruta de cardeiro. Você conhece o que é cardeiro? Apôs cardeiro é um bicho espinheto. Só caçando as frutinha de cardeiro, cumia aquelas frutinha de cardeiro por lá e vinha mimbora. Aí eu chegava aqui, chegava aqui, o fogo apagando, as muié fazendo os chapéu, fazendo as trança, custurando. O fogo apagado, eu chegava aqui às três hora pra quato eu chegava aqui, em casa. Aí eu pegava a tarrafinha miúda, aí eu ia pro rio e tava correndo, tinha inverno, tava inverno, tava inverno. Eu ia pro rio, butava aquela chama e pescava por ali. Quando chegava com aquela colônia de pato, assim, piabinha, essas coisa, quando chegava com aquela colônia de pato aqui, eu... a muié inda ia pra buodega comprar farinha, do chapéu pra discubrir aquela coisinha. É, comprava a farinha na buodega. Ia trocar por farinha, por gênero, né? ¹⁹⁹

¹⁹⁹ Raimundo Delfino Filho, 87 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 26/10/1999. Na minha última visita à casa do Sr. Raimundo Delfino, no dia 17/07/2001, fui informado por uma de suas filhas que ele havia falecido três dias antes. Na época em que realizei a entrevista, “seu” Rimundo Delfino dividia com uma filha e um cunhado, com problemas mentais, a velha casa de taipa

O Sr. João Delfino Bezerra, por sua vez, relatou que o pescado além de servir como um importante complemento alimentar, constituía-se também numa fonte de renda para a família. Desta forma, se a terra gerava, por exemplo, o feijão e a mandioca, da qual se fazia a farinha, o rio lhes dava a oportunidade de conseguirem, através da venda do peixe, algum dinheiro.

Eu gostava de pescar e mermo era... era obrigado porque nós tinha cumer, mas num tinha o dinheiro, tá compreendendo? Nós tinha, é, nós tinha tudo dento de casa, tinha feijão, tinha a farinha, mas num tinha o dinheiro; porque a gente num ganhava, né? Ninguém num ganhava isso assim, agora o cumer tinha, mas dinheiro não. Aí, era o jeito o camarada ir percurar no rio, né? Pra cumer.²⁰⁰

Todavia, muito mais do que um nível de trabalho marcado pela regularidade, a pescaria é vista pelos entrevistados em sua dimensão lúdica, como uma descontração ainda visível no rosto expressivo daqueles que a rememoram.

Assim, ao recordar o tempo de suas pescarias, o Sr. João Delfino Bezerra fez questão de ressaltar que gostava de pescar sempre na companhia de um grupo de amigos e que o tipo de pesca praticada não necessitava de anzol, landuá ou tarrafa;²⁰¹ pois a sua *pescaria era de mão*, o que, por sua vez, proporcionava um espetáculo estético admirável.

Eu nunca deixei, agora vim pegar a tarrafa num dia... num tempo desse pra cá, tá rendo? A minha pescaria era de mão, só pescava de mão, só pescava de mão. Mas meu irmão, nós juntava aqui oito, nove pessoa, entrava dento dum poço, era um balançar d'água bonito (risos), era um balançar d'água bonito; no instante o peixe chegava a ... a nossas mão.²⁰²

em que morava. Sem poder mais trabalhar na agricultura, o velho Raimundo tinha na aposentadoria sua única fonte de renda.

²⁰⁰ João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

²⁰¹ Utensílios de pesca usados, com maior frequência, por aqueles que praticam atividades de pesca nos rios, açudes e lagoas da região do Baixo-Jaguaribe.

²⁰² João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

Em sua relação com as águas, os camponeses elaboram uma imagem de si, na medida em que inventam um conjunto de práticas - *A minha pescaria era de mão, só pescava de mão* - e dão significados aos recursos naturais que o meio lhes oferece. A presença de rios, açudes, lagoas e poços, sobretudo, nas áreas de influência dos rios, sugerem, por assim dizer, relações mais afetivas entre os camponeses e o mundo natural. Por outro lado, por não praticarem uma economia monetarizada, as tarefas diárias que dão maior visibilidade a integração do camponês com a natureza *parecem se desenrolar, pela lógica da necessidade, diante dos olhos do pequeno lavrador.*²⁰³

Assim como o Sr. João Delfino, sua irmã D. Altina Delfina dos Santos fora despertada pela força de um passado que ainda vibra dentro do seu ser. Tomada por uma vertente de emoção, D. Altina relembra as pescarias que realizava na companhia das amigas.

Graças a Deus, era minha, era minha save e guarda era a minha tarrafa. O marido num sabia pescar, eu pegava o vistido, vistia, nesse tempo num usava essas calça não, a gente tinha era o vistido pa vistir. (...). Eu chegava com o uru²⁰⁴ de peixe, piaba... Nunca, graças a Deus, eu cheguei do rio com a bolsa seca. Pegava peixe bom! Mas também aquele pobe que passava, que me pidia, eu nunca negava, eu dava. Um home me tirou o retrato eu pescando dentro do buraco, ele disse: - 'dona, se ponha em pé, bote a tarrafa na cabeça.' Eu pus im pé, butei a tarrafa na cabeça, ele se rindo, aí tirou o meu retrato. Mais aqui no Paiano num saiu não, saiu na Furtaleza; quem conheceu lá foi a Jula da Rufina. (...). **(A sua foto saiu no jornal?)** Saiu, diz ela que saiu, num sei se foi aqui nessa, num sei não, foi lá na Furtaleza. Aí quando ela viu o Jajão ela disse: 'Jajão a Altina passou aqui com a tarrafa na cabeça, cunheci ela todinha, todinha e os home ainda se rindo'. Pescava de noite era de anzol. Eu ia distância duma légua, pescar de anzol. Levava a lamparina, levava a tarrafa, ia mais de oito pessoa mais eu, mais quem dava as piada pa pescar era eu. Quando ali, o sol ia querendo se por, pantava a tarrafa pa riba era no instante, pantava, era piaba aí com fartura. Aí todo mundo, tava com saco aqui no pescoço, um saco pa butar as piaba pa de noite butar a mão. Aí, quando eu... eu acabava de pescar ele istendia as piaba, o meu irmão istendia as piaba, aí quando tava bem durinha, aquela piaba rola, aquela piaba lisa que num tem iscama, aquela piaba o peixe num gosta, só cumia aquela que tinha iscama, aí... Mas, quando nós vinha, era uma rodana de traíra, cada uma traíra. Ia pescar de linha solta, chegava lá tacava essa linha ia lá perto do, dos poço fundo, quando eu via era a carreira da traíra, pra lá e

²⁰³ THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: estudo sobre a cultura popular tradicional*. op. cit. p. 271.

²⁰⁴ "(...) uru, funda bolsa de malha tecida com palhas de carnaúba." Cf. Domingos Olympio. *Luzia-Homem*. op. cit. p. 19.

prá cá e eu puxando só cuendo a linha e ela puxando, quanto mais ela puxava mais ela se interrava, mais ela se farfava. Mais quando eu vinha era a bolsa cheia graças a Deus. Pesquei muito, de dia pescava..., nunca faltou peixe na minha casa não. **(Isso era no rio?)** Era no rio, era no rio. Aqui nós entrava dento do rio ia sair longe. Você conhece as Peda? **(conheço)** Depois, nós ia pescar ali, até perto das Peda. E nós vinha, tudim, tudim.²⁰⁵

Embora a atividade da pesca fosse uma atividade subsidiária à agricultura, ou seja, um elemento de apoio no que se refere à necessidade de provisão de alimentos, ela emergiu no processo de rememoração dos entrevistados que a tiveram como uma experiência marcante em suas vidas, como atividade lúdica, diferentemente do caráter exaustivo atribuído às tarefas caseiras. De modo geral, as pescarias constituíam-se em oportunidades de sociabilidade tanto para os homens quanto para as mulheres, pois não existia ocasião melhor para se conversar, bem como para se fazer circular novidades e mexericos.

Portanto, muito mais do que a caça, que é uma atividade essencialmente masculina, a pesca era uma experiência social que envolvia um grupo maior de pessoas, geralmente, composto por familiares e amigos. Assim, não se verifica na prática da pesca uma divisão social fundamentada na questão de gênero. As mulheres, assim como os homens, participavam normalmente de todas as tarefas que estavam de alguma forma ligadas às atividades da pesca, desde a captura do peixe até o ato de prepará-lo para a refeição da família.

Embora não houvesse uma divisão social fundamentada na questão de gênero, a ponto de D. Altina assumir sozinha a atividade da pesca, visto que seu marido não sabia pescar, seu irmão, o Sr. João Delfino fez questão de esclarecer que sua esposa *nunca foi pa pescaria de anzol não, nunca foi não*. "Seu" João achava que, por ser de noite e pelo fato de sua esposa não saber nadar, era *arriscado iscurregar* e cair dentro d'água: *tem eu pa pescar, tem eu pa pescar, num precisa você pescar não*. Vê-se,

²⁰⁵ Altina Delfino dos Santos, 84 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999. Viúva e mãe de dezesseis filhos, D. Altina Delfino é aposentada e vive na companhia de alguns filhos.

nesse caso, que a posição do Sr. João Delfino é de autoridade sobre a esposa. Frequentemente, a posição do marido era no contexto doméstico a mais privilegiada.

Ao recordar as pescarias de outrora, D. Sinhá²⁰⁶ ressaltou o quanto gostava de pescar de anzol, no período da noite, na companhia de suas amigas: *gostava de anzol! Pescava de noite, nós subia de rio a riba. E, ajuntava um bocado, nós ia. Até uns ano desse, ainda se pescava.* No entanto, ao se referir ao presente, D. Sinhá, ao mesmo tempo que lamenta o fato das pessoas que moram na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, pouco se dedicarem à atividade da pesca, ironiza dizendo que *o pessoal agora enriqueceram, num tem mais gente pobe não, pobe já houve.* Por outro lado, responsabiliza os *ano ruim*, sem invernos regulares, pela falta de peixe nos açudes, o que justificaria a ausência das pessoas no exercício da pesca.

Na parte detrás de sua pequena casa de taipa, D. Estelita, sentada em sua cadeira de rodas, apreciava sua pequena roça semeada de feijão, enquanto procurava em suas lembranças recordar os tempos felizes de outrora. Ao narrar cenas de terna felicidade que marcaram sua vida, era com grande dificuldade que D. Estelita conseguia dissimular seu real estado de espírito. Conquanto os olhos estivessem perdidos na distância, a expressão do seu rosto revelava aos presentes que sentia dentro de si momentos de indescritível emoção.

Pescava porque tinha vontade de pescar, inda hoje eu tenho vontade, assim mermo sem andar. Às vez eu digo assim, leve eu lá po beijo do açude do seu Itamar com uma vara pra vê se eu num pego peixe. Eu pego sim, me sentar lá num canto lá eu pego peixe. Eu tenho força nas mão, né? Ainda é durmente as minha mão, né? Mas, eu tinha era vontade. – ‘Ôpa! Onde mamãe vai?’ Eu digo, ora isso é conversa, eu sei pescar. Pescava e achava bom. Mais aquela minina do... do... mais a Francisca, a muier do compade Osmar, nós pescava de landuá, pegava cada uma traíra que num tinha tamanho. Ela dizia assim: - ‘mãe vamo sair daqui, que isso aqui num é traíra não, pode ser alguma cobra

²⁰⁶ Maria Sinhá de Souza, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999. Separada do pai dos seus três filhos, D. Sinhá vive sozinha numa pequena casa de alvenaria decorada com alguns objetos que seu filho lhe mandou de São Paulo, onde mora. Suas duas outras filhas moram na cidade de Palhano. Aposentada, D. Sinhá ainda produz chapéus e bolsas com a palha de carnaúba.

preta.' Eu digo, que conversa quem já viu cobra desse jeito (risos), cobra tem dente mas não desse jeito, né? Eu pescava muito.²⁰⁷



(Foto 11 – D. Estelita e família – Lagoa de Santa Teresinha – Russas)

Assim como D. Estelita, alguns depoentes pareciam reviver novamente as emoções guardadas, não apenas na memória, mas também nas marcas que a atividade da pesca deixou presentes no corpo daqueles que a praticavam. Na verdade, o corpo representa o lugar da experiência vivida, cujas palavras lhes dá existência e significado. Nesse sentido, o Sr. João Delfino ao relembrar as pescarias, que realizava na companhia de alguns amigos, chama atenção para as marcas que as piranhas deixaram em uma de suas mãos.

Ah, demais. Minha pescaria era de mão, de mão, eu num pescava de tarrafa não, eu pescava de mão. Eu saía aqui, saía à boca da noite, tá rendo? Eu, o cumpade Chico da Cacau, o Alon, ia pum poço chamado clarão, uma chulapa medonha, nós chegava lá caía dento do buraco pescando, saía à meia noite. Mas quando saía, tudo com sua bainha de peixe, tá rendo? Isso aqui que você tá rendo foi piranha, piranha cumeu a carne da mão todinha, tá rendo? Quando eu saí, mergulhei que saí, era um encarnadão de sangue medonho. Aí eu fui po seco, curri po pião,

²⁰⁷ Estelita Crispim Gomes, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 26/08/1999.

passei o pião, infrerguei, infrerguei, aí vim mimbora pra casa. **(A folha do pião?)** O leite, o leite do pião. Aí, chegou, a muier pisou a quinaquina, aí eu botava po riba, tá rendo? O pó da quinaquina, num sabe? Aí foi sarando. O pó, o pó da quinaquina, que a quinaquina é pó e pisa, num sabe? Aí passava po riba. Mas, graças a Deus, fiquei bom. Pesquei muito, pesquei muito. É, quando tinha peixe no rio. Pescava mais era de noite, porque de dia a gente ia pro sirviço, tá rendo? Num tinha tempo, nera? Aí a gente chegava do sirviço às 4 hora, aí cumia, né? Aí quando descansava o comer... Aí de noite... Quando fosse de manhã, tava com a boia feita pra comer.²⁰⁸

Nas narrativas de memória dos camponeses, algumas vezes o corpo serviu como um referencial para aflorar as mais diversas lembranças das experiências vividas por estes sujeitos sociais. Assim, a memória, uma vez sedimentada no corpo, procura preservar o passado; possibilitando, desta forma, uma apreensão mais viva do seu cotidiano.²⁰⁹ Segundo Maria Angélica Maués, *a história não passa ao largo do corpo; ao contrário, o corpo é marcado pela história e a história tem no corpo, seu cenário privilegiado.*²¹⁰

Embora o capitalismo esteja levando para o campo *com o seu desenvolvimento a (re) produção de um mundo fragmentado e em fragmentação, onde a forma mercadoria reina e a subjetividade é massacrada por produtos e símbolos para torná-la dócil e suscetível a uma sociedade voltada para o consumo ou para o desejo cotidiano de consumir,*²¹¹ os camponeses ainda não deixaram de ver o mundo natural como um reflexo de si próprios. Portanto, como já foi assinalado, mais do que viverem junto à natureza, os camponeses integram-se a ela de tal forma que é possível identificar traços que marcam seus corpos, que dão densidade a seus costumes e que fornecem elementos para compor seus valores e imaginários.

²⁰⁸ João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

²⁰⁹ Edinélia Maria Oliveira Souza. "Cruzando Memórias e Espaço de Cultura: Dom Macedo Costa - Bahia (1930-1960). In: *Projeto História n°18*. op. cit. pp. 372, 373, 374 e 375.

²¹⁰ Maria Angélica Motta-Maués. "Trabalhadeiras" e "Camarados": *relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica*. op. cit. p. X.

²¹¹ Antônio Paulo Resende. *Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. op. cit. p. 16.

Quinta Parada: casas de farinha, toldas de cera, serões de trança, vaqueiros e comboeiros.²¹²



(Foto 12 – casa de farinha – Sapé – Limoeiro do Norte)

As recordações, em conjunto, permitiram ainda recompor pedaços do cotidiano de trabalho nas casas de farinha, nos meses de desmanchas. Ao rememorarem este cotidiano de trabalho, os velhos camponeses deixaram entrever a importância da mandioca e das casas de farinha em suas vidas: a primeira, por ser um componente básico de sua alimentação e a segunda, por ser um importante espaço de socialização.

A distância do tempo parecia apagar-se nas lembranças. Assim, pouco a pouco foram sendo refeitos os elos invisíveis, que ainda prendem todos aos felizes tempos das farinhadas. Até os anos de 1970, as casas de farinha, uma espécie de indústria rústica, onde se processava o beneficiamento da mandioca para a produção da farinha, mantiveram sua importância na economia rural. Entretanto, a partir da

²¹² Nesta travessia, quatorze foram os guias: Raimundo Mendes Martins, Pedro das Neves Cavalcante, Francisco Abel Lino (Chico Abel), Francisco Girão Sobrinho (Chicada), Raimundo Nonato da Costa, Francisca Delfina da Costa (Chiquinha), João Delfino Bezerra, Egilda Delfino Nascimento, Altina Delfino dos Santos, Luzia Maria da Silva, João Miguel de Souza, João André Filho, Antônio Ribeiro de Souza e Francisco Rodrigues Pitombeira (Chiquinho Pitombeira).

década de 1950,²¹³ com a construção de grandes rodovias interligando as várias regiões do país ao Sudeste, observa-se uma maior dinâmica na distribuição e na circulação de produtos como o arroz e o macarrão que, aos poucos, passaram a ocupar, ao lado da farinha, lugar certo na mesa do homem simples do campo. Ao atravessarem, pois, em suas lembranças os restos de um passado não muito distante no tempo, os entrevistados pareciam catar nas ruínas e nos entulhos do passado as paisagens que ainda se fazem presentes em suas saudades.

Se os seis primeiros meses do ano, por coincidirem com o período chuvoso na região, são reservados à prática da agricultura de subsistência, o verão marcava, no calendário agrícola da região, o tempo das desmanchas, que aconteciam, geralmente, nos meses de junho, julho, agosto e setembro. Logo após a colheita, reuniam-se os trabalhadores na casa de farinha, *um vasto telheiro sustido por colunas de madeira ou alvenaria*,²¹⁴ para dar início ao rústico processo de fabricação da farinha. A mandioca era normalmente raspada por um grupo de mulheres que, sentadas ao chão, usavam como instrumento de trabalho uma faca. Em seguida, a mandioca era cevada (moída) e lavada para a retirada da goma; só então, era prensada fazendo escoar o sumo tóxico próprio da mandioca e levada para ser torrada num grande forno de alvenaria.

Alguns dos amigos de travessia relataram ter trabalhado grande parte de suas vidas nas casas de farinha. O Sr. Raimundo Mendes, por exemplo, revelou ter trabalhado quarenta e cinco anos torrando farinha *a cabo de rodo: ali, Manel de Zé Manel, eu torrei quarenta... cente... cente e vinte alqueire de farinha numa jornada. Ai, eu cumeçava de*

²¹³ Segundo Manuel Correia de Andrade, o Brasil “só após 1950 com a construção de grandes rodovias que ligaram as suas várias regiões ao Sudeste, pôde deixar de ser um conjunto de ‘ilhas culturais e econômicas’ dispersas para se tornar um ‘continente’ a gravitar economicamente em torno de um pólo – São Paulo.” Cf. Manuel Correia de Andrade. *Espaço, Polarização e Desenvolvimento (A teoria dos pólos de desenvolvimento e a realidade nordestina)*. São Paulo: Brasiliense, 1970. p. 73.

²¹⁴ Gustavo Barroso. *Terra de Sol (Natureza e Costumes do Norte)*. 5 ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956. p. 58.

*madrugada, trabalhava até as nove hora da noite, dez hora.*²¹⁵ O velho Pedro das Neves, por sua vez, disse ter torrado massa durante vinte e dois anos de sua vida: *todo dia eu torrava quato alqueire de farinha. De sabo pa domingo, eu torrava oito. (...). Cansei... torrava quato no espaiá do dia, quando terminava aí, ia fazer beiju, tapioca...*²¹⁶ De maneira geral, a produção de farinha não se destinava à comercialização, atendendo, basicamente, ao consumo familiar.



(Foto 13 – farinhada: processo de torragem da farinha– Sapé – Limoeiro do Norte)

Conquanto o aviamento peculiar a uma casa de farinha fosse de um todo rústico, tornando ainda mais penoso o trabalho daqueles que participavam, durante semanas da produção de farinha, principalmente os responsáveis em mexer a farinha junto ao calor constante do forno, as lembranças que meus depoentes guardam das casas de farinha deixam transparecer os momentos de terna felicidade vividos nos períodos das desmanchas. Na verdade, a casa de farinha

²¹⁵ Raimundo Mendes Martins, 92 anos. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000.

²¹⁶ Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

não representa apenas o espaço do trabalho, mas, também, o espaço do lazer, da festa e das *paiaçada* como tão bem recordou o velho Chico Abel, que, embora não tenha participado de nenhuma festa, propriamente dita, disse que era comum, na última noite da desmancha, ter *uma pessoa pra cantar uns romanço*.

Festa mermo em casa de farinha, nunca, eu nunca vi. Agora, assim, uma cantoria, um caba com uns verso, uns romanço pra cantar, aí, eu achava bom.²¹⁷

No entanto, o Sr. Francisco Girão Sobrinho, ao rememorar os dias de desmanchas que participou, revelou ter tomado parte em muitos forrós na casa do pai daquela que hoje é sua esposa.

Quando acabava, lá na casa dela aí, do pai dela, quando acabava a rapa da noite o caba ia dançar, ia dançar. Tinha o véi, esse mermo véi que era sofoneiro que nós brincava na casa dele, ele ia pra lá levava o fole, era um forró medonho de noite (risos). Ainda tive de brincar umas pouca de noite lá ainda.²¹⁸

Para além da descrição do funcionamento de uma casa de farinha no período das desmanchas, revelando a divisão do trabalho ali existente, o depoimento do velho Pedro das Neves celebra, de forma eloqüente, a convivência dos tempos do trabalho e do não trabalho. No dizer do velho Pedro, o trabalho nas casas de farinha, que envolvia pessoas de várias faxas etárias, *era um movimento beleza, era um festival*.

Era muito divertida. Era roda de mão, né? Dois puxador puxando na roda, né? A rapadeira rapando, três, quato, cinco rapadeira, né? O preneiro prensando a massa, né? O forneiro torrando a farinha, né? Os carregador carregando a mandioca, butando dento da casa de farinha. E, era um movimento beleza. De noite, se cumia beiju, tapioca, né? Os rapaziada, as moça, vinha pa casa de farinha ajudar rapa; era um festival. Toda noite, a rapaziada... Às vez, quando terminava a rapa, havia um toquezim de violão, aí, nós brincava uma brincadeirazinha até dez hora, onze hora, né?²¹⁹

²¹⁷ Francisco Abel Lino (Chico Abel), 83 anos. Entrevista gravada na comunidade do Bixopa, município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000.

²¹⁸ Francisco Girão Sobrinho (Chicada). Entrevista gravada na comunidade da Palestina, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

²¹⁹ Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

Portanto, se as casas de farinha em outros tempos constituíam-se em espaços de vivências que registram o trabalho e o não trabalho, este marcado nos discursos dos camponeses pelos momentos lúdicos vividos principalmente no período de encerramento das desmanchas, no presente, em razão da crescente diminuição desses espaços de produção econômica, bem como de sociabilidade camponesa, representa o lugar da memória, o espaço da saudade; embora ainda seja possível se encontrar pelos sertões do Baixo-Jaguaribe pequenas casas de farinha que, no entanto, não têm mais o mesmo significado que tinham no passado, sobretudo como espaço de ludicidade, de festa. Diferente dos tempos *antigos*, caracterizados pela sociedade tradicional camponesa, na qual trabalho e lazer não se dicotomizavam, no presente não se verifica mais essa harmonia, por assim dizer, entre trabalho e lazer. Por outro lado, ainda, a facilidade de se encontrar no mercado local a farinha comercializada de outras regiões, além da presença de outros gêneros alimentícios na mesa camponesa, como o arroz e o macarrão, justifica a diminuição das casas de farinha na região, uma vez que não se torna mais necessário o tradicional armazenamento, em grandes caixões de madeira, da farinha produzida nessas rústicas casas.

* * *

A exemplo do trabalho nas casas de farinha, o trabalho com a palha da carnaúba foi tradicionalmente desenvolvido na região do Baixo-Jaguaribe. Estendendo-se pelas áreas de influência dos rios Jaguaribe, Banabuiú, Quixeré e Palhano, a carnaubeira foi, até fins da década de 1950, o principal elemento a impulsionar a economia jaguaribana.²²⁰



(Foto 14 – Carnaubal – Itaiçaba)

O processo de revalorização dos espaços relativos à mata-ciliar, ou seja, dos espaços cobertos por carnaubais, tem sua origem na segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento do extrativismo vegetal, através da extração do pó cerífero para a produção da cera de

²²⁰ Segundo Pe. Antônio Thomaz, da carnaubeira tudo se aproveita: “O tronco é o mourão, a trave, a cumeeira, o altar e o leito conjugal; o palmito é o alimento; a raiz, a medicina; a palma é o abano, o chapéu, a esteira, a parede e o teto da casa; a cêra é a tocha primitiva, isto é, a luz, a oração, a vigília, na noite quieta e pura do homem nordestino... Tudo, na carnaubeira, é prestante e amigo. Nenhuma árvore é mais dadivosa e fecunda. Ela, sozinha, alimenta, abriga, veste, ilumina e consola as gentes... É como uma deusa familiar que a tudo acode. Como o filho da terra, onde nasce, ela se dá toda a quem a cultiva com amor e resguarda com ciúme... Da copa, ocilante e brincalhona, à raiz, séria e profunda, a carnaubeira é um holocausto vegetal, uma oblação da gleba ao homem que a possui”. Citado por Lauro de Oliveira Lima. *Na Ribeira do Rio das Onças*. Fortaleza-CE: Assis Almeida, 1997. p. 83.

carnaúba. Em razão da grande valorização da cera de carnaúba no mercado internacional, o chamado ciclo da cera de carnaúba vai, efetivamente, integrar a região do Baixo-Jaguaribe no mercado capitalista internacional. Segundo Hidelbrando Soares, esta atividade vai-se manter hegemônica até meados do século XX, quando se observa o processo de substituição da cera vegetal pela cera sintética.

O auge desse processo de valorização da cera de carnaúba no mercado internacional foi, efetivamente, a primeira metade do século XX. Da década de 60 em diante, o que se observou foi um processo de substituição, na indústria, da cera vegetal pela matéria-prima sintética e, conseqüentemente, o início de um movimento de desvalorização da cera de carnaúba no mercado internacional. Esse movimento se tornou crônico no início da década de 70, quando essa atividade se tornou praticamente inviável para a maioria dos produtores, devido a evolução decrescente dos preços internacionais de um lado e a manutenção dos custos de produção de outro, este último provocado pela não modernização do processo produtivo.²²¹

Assim, durante o período áureo do ciclo da cera de carnaúba, a Planície Aluvial do Baixo-Jaguaribe tornou-se uma área extrativista por excelência. Para os grandes e médios proprietários dos municípios de Limoeiro, Russas e União, ou seja, para aqueles que possuíam entre 43 e 72 hectares de terras, ou, ainda, entre 43.000 e 72.000 pés de carnaúba em estado produtivo, a cera de carnaúba representou um importante meio de enriquecimento. Dada a lucratividade econômica desta atividade, *os senhores dos carnaubais*, como assim os chamou Soares, dificilmente se dedicavam à exploração agrícola. Desta forma, a criação de gado e o cultivo do algodão, por exemplo, tornaram-se atividades acessórias para estes proprietários. Como observa Soares, aos moradores ou rendeiros era permitido, no máximo, a exploração das terras, onde não houvesse a presença de carnaubais, com o cultivo do algodão, do feijão, do milho e da

²²¹ Hidelbrando dos Santos Soares. *Agricultura e (re)organização do espaço: a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte-Ceará*. op. cit. p. 64.

mandioca; exigindo-se, ainda, o pagamento de uma renda pela utilização da terra.²²²

Portanto, a presença ou não da mata-ciliar de carnaubal, definia o uso da terra no período que corresponde ao ciclo da cera de carnaúba. Se por um lado, a extração do pó cerífero era a principal atividade nas propriedades que possuíam grandes áreas de carnaubais; por outro, naquelas em que a presença da carnaúba não era dominante, a exploração agrícola constituía-se na mais importante das atividades. Uma outra característica relativa às propriedades que não eram possuidoras de grandes carnaubais, diz respeito à forma pela qual se dava a exploração agrícola destas áreas: nas grandes propriedades, priorizavam-se, mais comumente, a associação entre culturas de caráter mais comercial como, por exemplo, o algodão e as frutas, e aquelas mais voltadas para o consumo familiar como o feijão, o milho e a mandioca; enquanto, nas pequenas propriedades, cultivavam-se, basicamente, estes últimos produtos que são os componentes básicos da alimentação camponesa.²²³

Devido à pequena dimensão de suas terras, proprietários e familiares ficavam, praticamente, ociosos durante alguns meses do ano. Isto fazia com que essa mão-de-obra fosse utilizada nas áreas onde predominava a atividade extrativista. Segundo Soares, a esses pequenos proprietários juntavam-se, ainda, aqueles que não dispunham de nenhum pedaço de terra, constituindo-se, desta forma, em moradores, rendeiros ou trabalhadores diaristas nas grandes propriedades. Diferentemente das outras atividades agrícolas, que tinham no arrendamento da terra uma prática recorrente, na atividade extrativista havia uma preferência, por parte dos proprietários, em estabelecer uma relação monetária com os trabalhadores, em vez de lhes oferecer uma parte da produção.

²²² Hidelbrando dos Santos Soares. *Agricultura e (re)organização do espaço: a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte-Ceará*. op. cit. p. 65.

²²³ Idem, *ibidem*. p. 66.

Entre meus amigos de travessia, alguns disseram ter trabalhado tanto no corte da palha da carnaúba quanto no cozinhamento do pó que dela era extraído. Em seu relato de memória, o Sr. Pedro das Neves, por exemplo, disse ter cortado *muito olho com uma vara de nove braço, altura medonha*.

Com a cera da carnaúba... Eu nunca trabalhei, im cera de carnaúba. Agora, vendi muito. Cortava, levava, tinha o fazedor de cera, né? Eu levava o pó. O meu sogo tinha um carnaubal, às vez nós juntava umas palhazinha, que a gente juntava nos carnaubal dos outo. Nós juntava, levava, lascava, fazia o pó. Aí, levava pra oficina, fazia três, quato, cinco kilo de cera. Quando era no domingo, levava pra vender; fazia a ferinha. Eu fiz muita... eu fiz muito isso. Ajudava, a palhinha da carnaúba ajudou a muito pobe, né?²²⁴

Ao recordar os sertões do trabalho, o Sr. Raimundo Nonato da Costa, revelou ter trabalhado muitos anos *conzinando borra* para fabricação da cera de carnaúba. Ao fazer uma breve descrição do processo de produção da cera, o velho Raimundo Nonato, assim como vários outros depoentes, deixou entrever o perigo que representava essa atividade, pricipalmente no momento de coar, em um pano, a cera quente.

Trabaiei muito conzinando borra, conzinhei muita borra pra tirar a cera. Esprimia... (...). Conzinava o pó, assim num tacho desse tamanho ou numa lata, quando acabar butava um pano. Tinha assim uma caixa, assim, aí, butava o pano. Aí, derramava, quando acabar cobria. Aí, butava um cepo assim, desse tamanho, ou, maiozinho assim. E, aí, o fuso cheio de rusga. Aí, trucia, trucia, se trocesse demais, estourava. Que eu tenho até esse pé queimado e a mão; que um paieiro tava... nós tava cuando uma cera num pano, e aí ele foi com o entravamento pelo, pelo a boca do pano, queimou esse pé aqui e a mão. No dia que era pra ir pra festa de... que havia, no tempo que vinha Bispo fazer festa aí em Limoeiro.²²⁵

Como já ressalttei anteriormente, a partir da década de 1960, inicia-se uma progressiva desvalorização do preço da cera de carnaúba;

²²⁴ Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

²²⁵ Raimundo Nonato da Costa, 95 anos. Entrevista gravada na comunidade da Canafístula de Baixo, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000.

em virtude, principalmente, do aparecimento dos produtos sintéticos, que passaram a substituir os produtos naturais no mercado internacional. Passado o auge do ciclo da cera de carnaúba, os proprietários que ainda conservam, por assim dizer, seus carnaubais, praticamente não investem mais na produção da cera de carnaúba. Segundo o Sr. Francisco Abel Lino, as carnaúbas ainda hoje compõem a paisagem dos seus quarenta e seis hectares de terra. No entanto, afirma que tem sido mais conveniente vender o carnaubal “em pé”, uma vez que a margem de lucro contabilizada não compensa o trabalho de exploração da cera de carnaúba.

Mas, ainda hoje, ainda tenho o carnaubal. Morreu muito e já tiremo... Tá aqui, linha, foi tirado lá. Essas linha dessa casa, foi tirada lá. Tem muita carnaúba e já dei muito o povo. Mas, ainda tem muita. Mas, eu faço é vender o carnaubal. O caba paga três real o mieiro, né?²²⁶

* * *

Entretanto, a palha da carnaúba não serviu apenas de matéria prima para a fabricação de cera de carnaúba. O manuseio da palha constituía-se, especialmente no município de Palhano, numa atividade obrigatória de praticamente toda a família em períodos de seca, principalmente como tarefa adicional atribuída à mulher. Nesse sentido, foi que D. Francisca Delfina da Costa lembrou que durante a seca de 1919, com apenas sete anos de idade, já trabalhava de dia e de noite na trança da palha da carnaúba costurando chapéu *pa cumer uma xícara de farinha*.²²⁷

Assim como D. Francisca, o Sr. João Delfino Bezerra, tinha seus olhos perdidos nas lembranças de tempos mais distantes. O velho João, coração apertado pelas emoções que revivia, procurava conter as

²²⁶ Francisco Abel Lino (Chico Abel), 83 anos. Entrevista gravada na comunidade do Bixopa, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000.

²²⁷ Francisca Delfina da Costa (Chiquinha), 87 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 26/10/1999. Viúva e com a vista bastante prejudicada em virtude de um cancer que já se proliferou por outras partes do rosto, D. Chiquinha mora numa pequena casa de alvenaria ao lado da casa de sua filha e sobrevive da aposentadoria que recebe.

lágrimas ao falar do seu sofrimento e, especialmente, do sofrimento de sua mulher durante a seca de 1958.



(Foto 15 – Sr. João Delfino – Canto da Cruz – Palhano)

Na verdade, a razão daquela emoção estava ancorada na dor da separação que a morte recente de sua esposa tinha lhe cravado no peito. Portanto, seu relato representa um misto de pena, gratidão e amor para com aquela que foi sua companheira durante tantos anos.

É por isso que eu digo, eu sofri muito na minha vida. E minha muier, minha muier, coitadinha, trabaiava aqui im cinqüenta e oito pa... Quando o sol, quando o sol tava perto de se pôr, ela se sentava nesse mermo cantinho aí, fechava a janela, a noite todinha custurando chapéu. Quando a barra vinha culariando, o mói de paia dela já estava escaiado. Butava de baixo do suvaco, aqui, ia vê meia garrafa de leite

com uma légua lá no Coigo, ia vê com uma légua pa criar a famia, tá rendo?²²⁸

Por outro lado, foi com rosto expressivo e transbordando de alegria, que D. Maria Sinhá de Souza rememorou os serões de trança que participava quando jovem, sobretudo nas noites em que o céu, espanado de nuvens, permitia que o sertão ficasse envolto na luz prateada da lua. Os serões de trança possuem, pois, um grande significado para os moradores da comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, uma vez que essas reuniões, que envolviam familiares, parentes e amigos, tinham por objetivo aumentar a produção familiar de chapéus e bolsas, possibilitando, assim, a aquisição de algum dinheiro com a venda do produto, ou, como pareceu ser mais comum, trocá-lo por aqueles gêneros de que mais necessitavam. Por outro lado, os serões de trança constituíam-se em oportunidades de sociabilidade para aqueles – homens e mulheres - que se dispunham a ver entrar a madrugada trançando habilmente as palhas da carnaúba.

Às vez, nós se ajuntava mais na casa do... do Nel, era casado o meu irmão. Aí, nós ia pro terreiro, ela tinha três moça e lá em casa era duas, e, às vez, se ajuntava umas do Cândido, meu irmão. Eu sei que se ajuntava ali um bucado; aí, nós trabaiava até de madrugada. E era cantando no terreiro, a lua clara, né? E, era cantando. E, quando era ali por umas zora, nós ia simbora pra casa (risos). Era muito bom naqueles tempos, eu achava. Mas, hoje em dia é bom, mais num é como nos outos tempo que a gente é nova. Vez, os rapaz também ajudava a fazer trança mais as moça. Eu, eu nunca namorei, num gostava não.²²⁹

A rememoração dessas vivências deixou claro que a produção de chapéu era feita em pequenas unidades familiares. O processo produtivo baseava-se especialmente na habilidade das mulheres em trabalhar com a palha da carnaúba, utilizando instrumentos como faca, agulha e linha para costurar os chapéus. Cabe

²²⁸ João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

²²⁹ Maria Sinhá de Souza, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

ressaltar, todavia, que a habilidade que as mulheres da região do Baixo-Jaguaribe demonstram ter no manuseio da palha da carnaúba é fruto da sua própria experiência de vida e não um processo natural.

Segundo Sylvia Porto Alegre, a produção artesanal que sobreviveu aos avanços do capitalismo industrial não é apenas uma atividade isolada, que por motivos circunstanciais ainda persiste, sobretudo, nas regiões mais pobres do país. Assim, ao contrário do que se costuma supor, o trabalho produzido artesanalmente, bem como o contingente de artesãos existentes, tem tido um papel bem mais significativo ao longo do processo histórico. Não resta dúvida que as décadas seguintes ao início do processo de industrialização, ou seja, a partir dos anos de 1920, representaram um novo momento de ruptura no processo histórico das relações de trabalho no Brasil. Nesse processo, diante da ideologia da modernização, do desejo de superação do "atraso" por parte das teorias desenvolvimentistas e industrializantes, a figura do artesão ficou submersa num profundo obscurecimento, embora não tenha deixado de existir, principalmente, nos lugares onde as condições estruturais não mudaram tanto e onde a sobrevivência do trabalhador continuou a depender desses meios precários de sobrevivência. Como ressalta Porto Alegre, *o próprio Estado vem constatando, há algumas décadas, a importância do artesanato como meio de sobrevivência de amplas camadas da classe trabalhadora, especialmente no Nordeste.* Tem havido, também, por parte dos setores de mercado envolvidos de diferentes maneiras com a *indústria do turismo*, um interesse pelos produtos artesanais, principalmente por aqueles que guardam características marcadamente regionais.²³⁰ As mulheres da comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, que ainda trabalham produzindo os mais diversos objetos com a palha da carnaúba, criaram uma espécie de associação que, através da CEART (Central de Artesanato), comercializam seus produtos nos locais de venda de

²³⁰ Cf. Maria Sylvia Porto Alegre. *Arte e Ofício de Artesão: história e trajetórias de um meio de sobrevivência*. Tese de Doutorado, USP, 1988. pp. I, II, III, 245 e 246.

artesanato na cidade de Fortaleza. Além da comercialização dos produtos, a CEART tem procurado diversificar a produção através de cursos, bem como imprimir um controle de qualidade sobre a produção. Todavia, apesar de haver um incentivo por parte do Estado e de setores comerciais ligados à atividade turística, é visível a exploração sofrida pelos artesãos no que diz respeito ao valor que os atravessadores pagam pelos produtos adquiridos junto a eles, muitas das vezes reunidos em associações. Além de ser muito baixo, o pagamento só chega às mãos dos artesãos depois que toda a produção é vendida para os consumidores.

Segundo os relatos colhidos, a participação dos homens, na divisão social do trabalho, não era decisiva para a realização ou não dos serões de trança. Todavia, mesmo que os rapazes não participassem efetivamente do trabalho de confecção dos chapéus, D. Egilda Delfino do Nascimento revelou que a presença deles era quase certa nas noites em que aconteciam os serões de trança.

la rapaz, ia rapaz, tudo conversando, tudo namorando na maior gaiatice do mundo, era. Só pra namorar com os olho, namorava é com os olho, num é com as mão não. Hoje em dia, é que a pessoa... é uma coisa medonha; no meu tempo, num tinha esse namoro acochado desse jeito não. Era a pessoa aqui e o rapaz acolá, era.²³¹

Entretanto, segundo D. Altina Delfino dos Santos, embora os rapazes namorassem só com os olhos, não ficavam de braços cruzados vendo ou admirando a namorada trançar com habilidade a palha da carnaúba. Assim, as moças faziam o começo de uma trança e dava para o namorado continuar; e, *se num quisesse, a moça deixava (risos)*.²³²

Diante do conteúdo dos depoimentos citados, ressalto, mais uma vez, que os espaços do trabalho e do lazer não aparecem

²³¹ Egilda Delfino Nascimento, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, município de Palhano, no dia 27/10/1999. Viúva e mãe de onze filhos, D. Egilda mora na companhia de sua filha Fátima, 44 anos. Aposentada, ajuda a filha na trança da palha da carnaúba para a produção de chapéus e bolsas.

²³² Altina Delfino dos Santos, 84 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, município de Palhano, no dia 27/10/1999.

separados nos relatos de memória de meus amigos de travessia. Por não possuírem uma lógica estritamente capitalista, na qual o tempo do trabalho caracteriza-se por sua intensidade, a jornada de trabalho nos espaços das casas de farinha e dos serões de trança, por exemplo, é marcada pela porosidade do tempo que permitia, além das conversas alimentadas, muitas vezes, por histórias *de outros tempos*, a presença da música, dos versos e dos namoros. Segundo Milton Santos,²³³ com a globalização o lazer artesanal, aquele entranhado na sociedade, cede lugar ao lazer industrial globalizado, autonomizado. Esse processo de autonomização do lazer, por sua vez, transformou-o numa indústria, cujo sistema é relativamente fechado e autosustentado.

É imperioso dizer, ainda, que não é só o trabalho doméstico que surge com maior intensidade na memória das velhas camponesas. Ao contrário, o trabalho feminino não estava exclusivamente reduzido ao espaço doméstico; estando, elas, portanto, envolvidas nas atividades da roça, das casas de farinha, além das atividades na produção de chapéus e bolsas de palha para serem vendidas no comércio das pequenas cidades da região.



(Foto 16 – mulheres da comunidade do Canto da Cruz – Palhano – trançando a palha da carnaúba)

²³³ Cf. Milton Santos. “Lazer popular e geração de empregos”. In. *LAZER numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

Contudo, ao atravessarem os sertões do trabalho, especialmente as claras noites dos serões de trança, minhas depoentes deixaram refletir o tempo feliz de um passado vivido com muitas dificuldades, mas também, com muitas alegrias. Não obstante, como já ressaltei anteriormente, não se pode homogeneizar as experiências camponesas. Nesse sentido, ressalto que nem todas as narrativas, relativas ao trabalho com a palha da carnaúba, possuem esse mesmo conteúdo.

Portanto, voltar-se para o passado nem sempre representa mergulhar na íntima contemplação daquelas paisagens que se interiorizam no fundo da alma, como a querer proteger-se da própria seletividade da memória. Assim, atravessar os vários tempos da memória pode significar, antes, desnudar as marcas que os sofrimentos do passado deixaram presas no corpo e na alma.

(...). Pra mim o tempo é o de hoje, o passado só, só deixou muito foi marca de sofrimento. (...). Me deixou muitas marca pesada nas minha costa, rapaz. Me lembro mais lá, quero mais lá o passado, muitas marcas pesada. Essa história da gente trabaia demais pra viver, não; acaba com a saúde da gente, acaba com a resistência, a gente fica abatida. Na minha opinião, quando a gente trabaia muito que passa mais ou menos, tudo bem; mais é um trabaio, passa fome, a gente já... como eu passei muita fome trabaiano me lembro. Num quero relembrar o passado não, num me dá prazer recordar o passado e sofrimento por sofrimento, tá bom. E já, já passou, passou.²³⁴



(Foto 17 – D. Luzia – Pacatanha – Jaguaruana)

²³⁴ Luzia Maria da Silva, 73 anos. Entrevista gravada na Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999.

Embora os camponeses sejam vistos como pessoas dispostas a enfrentar qualquer tipo de trabalho, por tê-lo como algo positivo, associado à moralidade, e, portanto, inimigo dos vícios, o relato de memória de D. Luzia Maria da Silva deixa transparecer o quanto a sua vida foi duramente marcada pelo sofrimento e pelo trabalho árduo. Não obstante, em muitos casos, ter trabalho, significou a maior alegria de suas vidas; em contraposição, a falta dele revelou-se como a grande perda.

* * *

Afora estas atividades mais voltadas para a agricultura, que envolvia a produção artesanal de farinha de mandioca, e para o extrativismo vegetal, através da extração do pó cerífero para a produção da cera de carnaúba, assim como para a produção artesanal de bolsas e chapéus de palha, outras atividades foram lembradas na travessia pelos sertões do trabalho. O Sr. João Miguel de Souza, por exemplo, disse ter trabalhado *trinta e cinco anos de vaqueiro campiano*.²³⁵ Segundo o depoente, até o início da década de 1960, o gado era, praticamente, criado solto pelo mato. Só a partir deste período, *é que foi cercando, foi cercando, foi diminuindo essas coisas*.

Andei muito aqui nessa beira de praia; de Aracati pra cá, isso aqui eu já andei tudo atrás de gado. Porque os gado daqui, isso tudo era solto a gente soltava os gado aqui, naquela rama, os gado descia aqui pra baixo, ía bater na beira da praia. Quando era assim im agosto, aí nós ia juntar, fazia aquela junta. Juntava um magote de vaqueiro. Nós tivemos de passar mês no mundo juntando gado, num sabe? Saía de lá com gado, nós trazia duzentas e tantas rês, trezentas, era assim; aí, vinha ispaiano por esses fazendeiro, né? Porque nós ia assim, pegava de todo o mundo, né? Aonde nós encontrava pegava, né? Trazia.²³⁶

²³⁵ Segundo Capistrano de Abreu, entre outras atividades, cabia ao vaqueiro “amansar e ferrar os bezerros”, bem como “curá-los das bicheiras”. “Para cumprir bem com seu ofício vaqueiral, escreve um observador, deixa poucas noites de dormir nos campos, ou ao menos as madrugadas não o acham em casa, especialmente de inverno, sem atender às maiores chuvas e trovoadas, porque nesta ocasião costuma nascer a maior parte dos bezerros e pode nas malhadas observar o gado antes de espalhar-se ao romper do dia, como costumam, marcar as vacas que estão próximas a ser mães e trazê-las quase como à vista, para que parindo não escondam os filhos de forma que fiquem bravos ou morram de varejeiras”. Cf. Capistrano Abreu. *Capítulos da história colonial (1500/1800)*. 7. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000. pp. 153 e 154.

²³⁶ João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Divertido, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

Segundo “seu” João Miguel, os fazendeiros tinham a preocupação de ferrar o gado *pa quando fosse atrás, o sujeito, ou seja, o vaqueiro, não ter muitas dificuldades em identificar a quem pertencia. Alguns fazendeiros assinava nas ureia [orelha], butava aquele sinal como mecanismo de identificação do animal. A esses cuidados, somava-se a lealdade dos vaqueiros que, no dizer de Gustavo Barroso,²³⁷ tinham a obrigação moral de dar notícias das rezes que encontravam pelas ribeiras, matas e caatingas. Esta mesma obrigação moral, de que fala Barroso, ficou, de certa forma, expressa no relato de memória do “seu” João Miguel, quando revelou que os vaqueiros prestavam conta dos animais que, por alguma necessidade, tinham de ser abatidos antes de chegarem às suas fazendas de origem.*

Se matasse uma rês, aí nós... se fosse nossa, nós vendia e ficava pa cumer, num sabe? E sendo das outa fazenda, a gente apurava e entregava o dinheiro ao patrão, entregava lá pro dono, era assim. Tivemo de matar gado de Russa aqui, aqui perto do Pirangi, nós matemo aqui, de Russa, aí a gente vendia e trazia o dinheiro entregava o home, né? Era bom rapaz, nesse tempo era bom.

Embora o relato do “seu” João Miguel pareça ter sido tecido apenas com os fios da imaginação, ele está, seguramente, vinculado a uma tradição oral que, segundo José César Gnaccarine, acreditava no caráter sagrado das relações entre os camponeses, não sendo preciso nenhum *aparato coator baseado em direitos*.

(...) Na tradição oral era corrente a crença em que o vaqueiro, tendo encontrado um animal perdido sem que lhe reconheça o dono o manterá entre os seus sem que, contudo, o venda nem utilize em trabalho algum, deixando-o morrer de velho. Também era crença corrente que se é fêmea e venha a procriar, o vaqueiro apartará de quatro crias uma para si, segundo os costumes, separando as três restantes, as quais porá de lado do mesmo modo que o animal achado. Assim também nas relações com o proprietário das terras, pois que este, segundo a tradição oral, estaria tão seguro quanto o próprio vaqueiro de que ‘nunca se violará a percentagem’. (...).²³⁸

²³⁷ Gustavo Barroso. *Terra de Sol (Natureza e Costumes do Norte)*. op. cit. p. 45.

²³⁸ José César Gnaccarine. *Latifúndio e proletariado: formação da empresa e relações de trabalho no Brasil rural*. op. cit. p. 142. Essa “obrigação moral”, talvez tenha sua origem nos sacramentos católicos. Segundo Capistrano de Abreu, “muito tempo viveu essa gente entregue a si mesma, sem figura de ordem nem de

Segundo o velho João Miguel, os vaqueiros eram sempre muito bem recebidos nas fazendas onde se arranchavam; embora, algumas vezes, a comitiva de vaqueiros não fosse tão pequena. “Seu” João Miguel, por exemplo, disse ter feito parte em comitiva composta por até quatorze vaqueiros. Eram os chamados *vaqueiros do Paiano*.

Ah! Rapaz, lá nós era, como se diz, bem acolhido, num sabe? A gente chegava naquelas fazenda, a gente num gastava nada, num sabe? Tinha ração para os cavalo, cumida pra gente, tudo. Era, nós fiquemo muito cunhecido no mei desse mundo, ficava cunhecido. Aonde nós ia, já sabia: os vaqueiro do Paiano, né? Aí, era bem tratado. (...). Às vez tinha... às vez tinha festa, nós ia. Era bom, rapaz. Achava bom comostodo.

Todavia, hoje praticamente inexistente a “profissão” de vaqueiro, em virtude do cercamento das propriedades. Apenas os fazendeiros que possuem em suas terras as chamadas *mangas*, ou seja, áreas de mata localizadas dentro da própria fazenda, é que, quase sempre, *têm um vaqueiro que campeia dentro da manga, né?*

Mas, saí pra fora num sai, que os bicho num sai mais, né? Naqueles tempos não, saía e tinha que ir atrás, tinha que ir atrás e é como se diz, o caba aonde achasse tinha que pegar, no mato, no limpo, aonde achasse tinha que pegar; porque se não, num trazia, né? Tinha que pegar.²³⁹

Ao narrar suas lutas e vitórias na caça aos *boi brabo*, o Sr. João André Filho contou-me um dos “causos” vivido por ele, no tempo em que, no seu dizer, *tinha a arte do vaqueiro*.²⁴⁰ Em sua narrativa, o velho

organização. Como eram católicos e a igreja obriga à frequência dos sacramentos, naturalmente qualquer vigário ou algum mais animoso, mais zeloso ou mais cúvido saía de tempos em tempos a desobrigar as ovelhas remotas. Depois da instalação do arcebispado da Bahia, criaram-se freguesias no sertão, enormes, de oitenta, cem léguas e mais. Ali era cobrado o imposto meio civil meio eclesiástico do dízimo. Os dizimeiros que o arrematavam, depois de ter feito a experiência, preferiram deixar a outros o trabalho de arrecadação: um dos fazendeiros ou qualquer pessoa capaz do interior em seu nome ia pelos vizinhos recolher os bezerros dizimados, pois a paga realizava-se em gênero; depois de alguns anos, três ou quatro conforme a convenção, prestava contas: cabia-lhe pelo trabalho um quarto do gado, exatamente como aos vaqueiros”. Cf. Capistrano de Abreu. *Capítulos da história colonial (1500/1800)*. op. cit. p. 157.

²³⁹ João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Divertido, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

²⁴⁰ Segundo Capistrano de Abreu, o vaqueiro “tem pelo exercício nas fazendas de gado tam inclinação que procura com empenhos ser nela ocupada, consistindo toda a sua maior felicidade em merecer algum dia o

João André fez questão de enfatizar a selvageria de um boi que ele se dispusera a pegar nas terras de um *home*, que, mais tarde, viria a ser seu sogro; ao mesmo tempo que exaltou a sua própria coragem, determinação e destreza. Este tipo heróico, também compartilhado por outros depoentes que exerceram a atividade de vaqueiro, era possuidor de alguns atributos que lhes serviam de características: a sensibilidade auditiva, o olhar sagaz, a coragem, a altivez e a força.²⁴¹

Lá na hora que dissero que ia um herói espetar..., butaro até o apelido de herói. Chegamo lá, tinha tanta gente, homes e mulhere, (...), o morador, os dois vaqueiro que eram acostumado correr atrás e perder a carreira. Cheguei lá, munto novo, forte, ele foi... eu perguntei: - E agora, e o boi? Disse: - 'A vaca tá batendo chucai ali pertinho, o boi num larga a vaca, tá ali perto'. Saímo pra lá, ficou a multidão de gente pra ver a carreira, pra ver o resultado. (...). Sostô existir um home pra tudo, né? Meu filho, quando eu me lembro dum negócio daquele; a pior coisa que eu vi na minha vida. Acredita? Foi o serviço maior que eu me achei na minha vida foi aquele. (...). Fomo pra lá, os dois vaqueiro. Eu digo: - Vem cá, quando o boi vê a gente o que que faz? Disse: 'Falta passar pu riba da gente pra correr pra lá, pa ladeira da serra, que sabe que a gente num desce junto com ele, já tá salvo. (...). Eu digo: - E agora? Ele disse: - 'Não corre pa ladeira ninguém. Num dé pa pegar daqui pra lá, a gente perdeu a carreira'. Foi passando perto, já tarra de manga tomada, aprontei o cavalo pra cima e aí vai me deitando po dibaixo da... do pau, dos pau, me deitando, e (...) olhei vinha um vaqueiro perto de mim, só um, a dispois passei o visto, num vinha mais nem um, já curria sozim. Correndo pa lá, pa serra. Quando chegou na serra, da carreira que o boi foi, desceu de serra abaixo. Eu, empurrei o cavalo em cima, serra a baixo, e aí vai o dirmantelo. Adiante, eu pude pegar a cauda do... do boi, enrolei, encostei o cavalo, munto prático, encostei o cavalo em cima do boi, aí, vai... o boi tinha hora que dicia de coca, sentado, tão apique era a serra. Vem cá, um cristão desse pensava o que na vida? (risos). (...). Descemo a serra, pegaro... Tinha um bebedor assim, que era onde ele bibia de verão, o boi sabia, que vivia lá, da carreira que foi, correu em procura da cerca, do portão, entrou no bebedor. Risquei o cavalo... Ele entrou, ficou lá no fim. Fiquei parado, dei fé veio o dono do boi de pés no assêro, que nós vinha arriando tudo, um melapinto verde, um catingual, nós vinha tirando tudo. De longe eu via ele dizer assim: - 'Ah! Meu Deus, se eu soubesse que aquele rapaz era doido daquele jeito, nunca que eu tinha mandado ele vim pegar boi; vou encontrar ele é morto. (...). Voltamos pa trás, quando chegamo lá na casa, já estava vendo a multidão de gente. Chegaro... Eu cheguei, meu Deus do céu, esse povo era munto grito,

nome de vaqueiro. Vaqueiro, criador ou homem de fazenda, são títulos honorífico entre eles". Cf. Capistrano de Abreu. *Capítulos da história colonial (1500/1800)*. op. cit. p. 154.

²⁴¹ Cf. Ivone Cordeiro Barbosa. *SERTÃO: UM LUGAR-INCOMUM: o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. op. cit. pp. 116 e 117. Segundo a autora, "há um sem número de versões e poesias em torno da luta cotidiana de caça aos bois bravios nas matas e caatingas, que apontam sempre na perspectiva de enfatizar a selvageria do gado, para, a partir daí, exaltar a coragem, determinação e destreza dos vaqueiros". Cf. p. 129.

munta palma. Eu vou lhe dizer, o mulheril que tinha lá, quase me derrubava do cavalo (risos), agarrado com a gente.²⁴²



(Foto 18 – o velho vaqueiro João André – Jaguaruana)

Segundo o Sr. Antônio Ribeiro de Souza, *quando terminava de ajuntar os bichos, era comum haver, naquele dia, uma derruba pa quem quisesse. Assim como acontecia geralmente ao término dos adjuntos ou das desmanchas nas casas de farinha, a ajunta do gado era ocasião propícia para a realização de uma festa: Era, as festas era essa. Quem quisesse brincar o dia inteiro, era o dia inteiro e num tinha histora de pagamento de nada não.*²⁴³ Mais uma vez, fica evidente que na sociedade tradicional camponesa, trabalho e lazer não se dicotomizavam. Segundo Alda Brito da Motta, *o mundo camponês é o mundo do valor de uso, das atividades de utilidade imediata, em que as atividades lúdicas, com aspectos freqüentemente*

²⁴² João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999

²⁴³ Antônio Ribeiro de Souza, 82 anos. Entrevista gravada na comunidade do Brito, no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000.

*estéticos, têm sempre um emprego inseparável da rotina do trabalho ou do ritual religioso.*²⁴⁴

* * *

O trabalho nos comboios, que transportavam mercadorias de outras paragens, foi outra atividade rememorada por alguns de meus amigos de travessia. O comboio era composto por uma *tropa de animal* conduzidos por uma pessoa comumente chamada de “tangerino”, além do “tropeiro” que era o responsável direto pelo comboio. Os carros de boi eram, também, outro meio de transporte utilizado na comercialização de mercadorias entre os núcleos rurais. Segundo o Sr. Chiquinho Pitombeira, de longe se ouvia *os gemidos* das grandes rodas de madeira dos carros de boi.²⁴⁵

De acordo com os relatos de memórias que foram colhidos junto aos velhos comboeiros, uma viagem de ida e volta entre Morada Nova e Cascavel, por exemplo, demorava cerca de nove dias. A lentidão dos animais e a péssima qualidade das picadas, ou seja, das *estrada por mei do mato* justificavam a demora para se vencer as distâncias que separavam a região dos lugares onde comumente os comboios se abasteciam. Entre os lugares que foram recordados pelos velhos comboeiros, destaca-se Cascavel como sendo, talvez, o mais importante ponto de abastecimento de gêneros como a farinha e a rapadura. Além dos Tabuleiros do Ceará, como era mais conhecida a litorânea cidade de Cascavel, os velhos comboeiros também transportavam mercadorias das cidades de Baturité, Mulungu e

²⁴⁴ Alda Brito da Motta. “Notas sobre a visão de mundo do camponês brasileiro”. In. *Revista de Ciências Sociais*. op. cit. pp. 54 e 55.

²⁴⁵ “(...) E lá vai o carro-de-boi, puxado por algumas juntas de boi, pachorrento, chiando, arrastado pela estrada que ele mesmo abria, no massapê. Feito do rijo pau d’arco, rodas maciças com chanfraduras semilunares ou losangulares, arrastavam enormes cargas de mercadoria sustentada, lateralmente, pelos fueiros fincados, na mesa de madeira pentagonal, plantaforma que, excepcionalmente, era utilizada pelas moças levadas, no carro-de-boi, para as feiras e festas da igreja. As juntas (havia carros-de-boi com até doze juntas) eram presas umas às outras pelo cambão ligado ao cabeçalho, a partir da primeira junta presa ao carro, chamado ‘bois de coice’. Os carros-de-boi foram o único meio de transporte de cargas, juntamente com os comboios de burros, durante toda a época colonial vindo até o século vinte, quando aparece o caminhão, não tendo sido, ainda, totalmente eliminado. Chegava a percorrer cerca de trinta quilômetros por dia, em época de verão.” Cf. Lauro de Oliveira Lima. *Na Ribeira do Rio das Onças*. op. cit. p. 88.

Aracoiaba localizadas na região serrana do maciço de Baturité. De Baturité, por exemplo, transportavam, geralmente, arroz, café, milho, *só bitanga mermo de casa*, no dizer do Sr. Francisco Girão Sobrinho.

Quando estavam em trânsito pelas *picadas* abertas no meio do mato, os comboieiros faziam longas caminhadas durante a maior parte do dia. Ao acordarem ainda pela madrugada, os comboieiros, antes de prepararem os animais para reiniciarem a viagem, faziam um *cafezim* e comiam *um negócio qualquer que fosse*. A primeira parada do dia acontecia por volta das dez horas da manhã, em algum lugar que tivesse água para darem de beber aos animais e para *fazer a bóia, né?*

A gente levava a mercadoria da viagem todinha. Era carne, era... Alguma vez a gente levava feijão também, pra... pra num comer só carne, né? A gente butava um feijãozinho no fogo. Era carne seca, carne de boi. A gente comprava essa carne na Aracoiaba, né? A carne lá era umas manta bonita, gorda, tinha a gordura de... um dedo de gordura na carne. Era boa, gostosa. A gente conzinhava e cumia, né? Uma noite o sono pegou, ficou tudo... todo, todo comer perdido, todo comer perdido. Não foi perdido, porque a gente cumemo bem cedim, no outro dia. À noite o sono pegou tudim (risos). Era bem seis que andava nesse tempo. Tudo pegou no sono, o derradeiro que pegou no sono fui eu, viu?²⁴⁶

Segundo o Sr. Francisco Girão Sobrinho, quando anoitecia o grupo de comboieiros procurava se arranchar no próprio mato. Além do frio e do sereno da noite, acontecia, às vezes, dos comboieiros e animais passarem a noite assombrados com a presença de alguma onça em torno do rancho.

Era, nós arranchava no mato. Quando não arranchava no mato, nós arranchava numa casa que tinha... que tinha alpendre; aí, a gente arranchava-se também. No mato, amarrava a rede nos pau. Aí, na noite de sereno, frio, que tinha vez que a madeira amanhecia o dia pingando, viu? Uma vez, passemos a noite todinha acordado com uma onça esturrando bem pertim. Você sabe aonde é os Pato, num sabe? Ainda hoje, quando eu passo lá, me lembro disso. (...). Aí uma noite, passou toda a noite fazendo fogo e a bicha chega fídia, bem pertim. Os animais tudo assombrado, vieram tudo pra encostado do fogo, os animais, né? Aí, a gente tinha muita lenha, muita madeira, a gente quebrava lá perto

²⁴⁶ Francisco Girão Sobrinho (Chicada). Entrevista gravada na comunidade da Palestina, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

do fogo, só pertim, pra não sair por ali podia ela tá esperando, né? Era seis; um, ainda durmiu, ainda. Que era mais durminhoco.

Afora as dificuldades cotidianas, "seu" Chicada, como é mais conhecido o Sr. Francisco Girão Sobrinho, revelou que *aqui e acolá tinha uma paquerazinha*. Solteiro, à época, o velho Chicada disse que sempre que podia, *quando achava uma, tinha que fazer a descarga, né?* Além do "seu" Chicada, outros velhos comboieiros relataram algumas experiências que foram vividas por eles, ou, por algum de seus familiares, no tempo em que se comboiava pelas veredas de roça a caminho de alguma cidade. No entanto, seguiremos outro itinerário; uma vez que a próxima parada de nossa travessia, será nos sertões das festas.

Sexta Parada: o camponês e as festas.²⁴⁷

"Im tempo de moça, eu chorava pum um samba; num vou minti"
Maria Júlia dos Santos



(Foto 19 – D. Maria Pereira de Almeida – Lagoa de Sta. Teresinha – Russas)

No decorrer da travessia, quando os fatos começaram a emergir e a vida começou a fluir em todas as suas dimensões, o passado foi sendo visitado de forma nostálgica pelas lembranças de tempos e espaços marcados pela coexistência de uma realidade de dificuldades e de sonhos. Se os camponeses, em seus processos narrativos, construíram, de um lado, a paisagem dos sertões secos e tristes, de outro, acenderam as luzes não apenas sobre os sertões dos bons invernos e das farturas, mas sobre os sertões das alegrias de suas festas. Assim, evocando o tempo das festas, velhas e velhos camponeses lembraram das *brincadeiras* e do tempo em que eram jovens.

Embora as lembranças das festas dos santos padroeiros, do Natal e da passagem de ano não tenham sido tão detalhadas quanto os sambas, por exemplo, elas aparecem como sendo um dos principais divertimentos de grande parte dos entrevistados. Entre essas festas,

²⁴⁷ Nesta travessia, onze foram os guias: Maria Júlia dos Santos, Pedro das Neves cavalcante, Francisco Abel Lino (Chico Abel), Estelita Crispim Gomes, Altina Delfino dos Santos, Francisca Delfina da Costa (Chiquinha), Euclides Ângelo Cordeiro, João Delfino Bezerra, Amaro José da Silva, Rosa Maria de Almeida e Onofre Augusto dos Santos.

notadamente as dos santos padroeiros, foram de modo geral as mais lembradas.

Eu num perdia a festa de Nossa Senhora do Rusaro; de São Sebastião; congresso, que tinha uns congresso, num sabe? Às vez as passata; a bandeira; as nove noite de novena; terço; as novena de São Bento no Tabuleiro, que chamava Tabuleiro da Bicina, que era aonde nós morava, que hoje im dia é Bela Vista, aonde nós morava era São Bento. Mas, a vez tinha festa lá na rua; a gente ia festa de São Sebastião, de Nossa Senhora do Rusaro im janeiro e São Sebastião em oitubro. A festa de mai, mês de mai todim de novena. É tanto, que meu povo lá em Fortaleza tudo é crente; mas, eu mermo num sou não, nunca gostei disso não.²⁴⁸

Na mesma linha discursiva do depoimento da D. Maria Júlia, as festas religiosas aparecem no relato do velho Pedro das Neves como um dos momentos mais importantes e significativos da vida individual e comunitária da região no passado. Assim, ao descrever o cenário lúdico da festa do Divino Espírito Santo, o Sr. Pedro não apenas chama a atenção para a *beleza* da festa, mas, sobretudo, para o acontecimento social no qual as famílias tinham a oportunidade de reforçarem seus laços de amizade e de obrigação religiosa.

A festa do padroeiro Divino Espírito Santo era os fogo medonho, era muito festeiro. Era balão, era fogo de roda, era fogo de lágrimas, era uma beleza, né? Hoje, se acabou tudo isso, num tem mais nada disso. De primeiro, era carrocel nas festas pa se brincar, era tudo, tinha aquilo pa se brincar, nera? Rurgia o fogo de lágrima... Na hora da missa, era um popoqueiro feio, fuguetão, fogo de lava, balão, tudo tinha no ar, nera? Bonito, nera? Na missa do Divino Espírito Santo, né?²⁴⁹

Alimentado por um forte catolicismo, o Sr. Pedro das Neves lamenta a descaracterização, no presente, da festa do Divino Espírito Santo; assim como critica a proliferação de outras religiões.

E hoje? Num se vê mais nada disso, né? Por que? Religião acabou-se, meu filho, religião acabou-se. Num tem mais religião não, num tem mais religião não. Tão bom que é nosso padroeiro, tão bom que é o

²⁴⁸ Maria Júlia dos Santos, 72 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/10/1999.

²⁴⁹ Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

Divino Espírito Santo. Existe esse negócio de crente, ôpa, coisa medonha! Num ixiste essa lei, ixiste, sim, pa terra. Mas, pa Deus num ixiste essa lei de crente não. Lei de crente, lei de Jeová, lei de seu fulano, lei de seu sicrano como ixiste; eu tô canso de debater com esse povo. E, num ixiste essa lei cumpade e nem cumade, num ixiste não. Oi, Deus só deixou uma lei, é a católica apostólica romana, mas essas outa lei, tudo inventada por home.

Ao crer que *Deus só deixou uma lei, a católica apostólica romana*, o Sr. Pedro das Neves revela o quanto seu discurso é depositário de uma tradição católica que secularmente tem influenciado as visões de mundo dos camponeses. Portanto, mesmo com a emergência, nas últimas décadas, de outros credos religiosos no espaço camponês, o catolicismo popular permanece vivo em amplas camadas da população rural.

De modo geral, as imagens do respeito, da devoção, da humildade, do lúdico, da praça enfeitada com barracas para a realização do leilão, do povo se divertindo nas quermesse, dos fogos de artifício... foram tecidas pelo rememorar alegre dos entrevistados. São imagens representativas da tradição religiosa da região, na qual as festas dos padroeiros ganham destaque por serem um dos principais acontecimentos da vida individual e comunitária, principalmente, dos que habitam as zonas rurais. Ao rememorar as festas promovidas pela Igreja Católica, o Sr. Conrado revelou que em seu tempo de jovem gostava muito de ir às festas de igreja, às quermesses, aos leilões que se realizavam tanto no Quixeré, quanto nas Flores, no município de Russas.

Ao atravessar, em sua narrativa, as festas em homenagem ao Patriarca São José, o Sr. Francisco Abel Lino relembra o quanto essas festas eram divertidas no passado. Nas imagens rememoradas, o velho Abel descreve a festa do dia dezenove de março tomando como referência duas temporalidades que, embora distintas, estão ligadas pela dimensão telúrica deste acontecimento religioso e social. Na primeira, representada pelo seu tempo de criança, aparecem as imagens sequenciadas das pessoas chegando a cavalo para participarem dos festejos em honra do padroeiro São José; do dinheiro

que ganhava para cuidar dos animais daquelas pessoas, que se arranchavam em sua casa; e das broas que comprava com o dinheiro que ganhava por este serviço prestado:

Chegava uma pessoa conhecido, pra se arranchar lá im casa, pra vim passar a noite na festa, um canto pra guardar as arriação, uma cela e um cavalo, né? E, eu ganhava pra dá água o cavalo, butar no cercado, dá banho e ir buscar pra entregar aqueles amigo. Ganhei muito dinheiro! Nesse tempo, um cruzado, que era uma muedinha, um cruzado, dois tões, um tostão... Mas, minino chorava por esse dinheirim. Que você cumprava broa, que era muito grande, dava quais um almoço.²⁵⁰

Na segunda temporalidade, o tempo da festa marca a fase adulta em que o Sr. Abel já levava a família para a festa e procurava *interter os minino comprando-lhes uma tal de folgosa* para comerem.

Eu me lembro a primeira, depois deu casado com Ana. Nós viemo uma festa aqui no Jatobá, nós trazendo a famia, parece que tinha cinco ou era quato. Nós trucemo dento de uns caçar, num jumento. Butemo a cangáia, butemo os caçar e butava dois, dois num caçar e dois nouto; e, um no meio, na cangaia. E, vinha pra festa. Aí, pegou uma noite de chuva. Véi, mais nós já sofremo. Por Deus, era na casa dum cunhecido. Juntemo, era como uma marreca, ajuntou a ninhadazinha tudo ali no canto e passemo. Passou quais a noite chuvendo e nós lá. Eu cumprava uma tal de folgosa pra interter os minino, e bolo, pé-de-moleque era o pau que truava nessa festa.

A festa religiosa, em homenagem ao padroeiro, é uma celebração que tem seu caráter originalmente sagrado. Desta forma, mesmo sendo uma festa que se realiza todos os anos, ela não implica apenas em recordações, mas também em expectativas. Portanto, embora seja entendida como uma tradição, as festas religiosas sempre se realizam num clima de renovação espiritual, no qual cada camponês tem a oportunidade de comungar, com todos da comunidade, suas súplicas por melhores chuvas. Nesse sentido, era comum no passado as festividades de N. Sra. das Candeias e de São Sebastião, por exemplo, bem como o novenário em honra do Patriarca São José, proporcionarem

²⁵⁰ Francisco Abel Lino, 83 anos. Entrevista gravada na comunidade do Bixopa, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000.

motivação para a ocorrência de preces populares em prol de suas aflições diante da eminência de uma nova estação seca.

A entrada do mês de janeiro vieram as expectativas de inverno com bastante otimismo para a maioria da população. Na ausência do vigário os Revmos. Pes. Jesuítas realizaram a festa tradicional em honra de São Sebastião e rezou-se no novenário para alcançar do glorioso Martin um bom tempo.²⁵¹

Segundo Célia Toledo Lucena, as festas religiosas não mexem exclusivamente com o lado lúdico das pessoas, ela *lida com os aspectos do conformismo humano e busca consolo na solução dos problemas ligados ao meio físico e rural.*²⁵² Portanto, mais do que um momento de sociabilidade, as homenagens e devoções expressas por meio das festas de santos padroeiros tinham a força de renovar os princípios religiosos através dos sacramentos, das procissões, dos cantos... Desta forma, os preceitos normativos da religião católica ganhavam ressonância no cotidiano camponês, na medida em que eram, com sentido próprio, internalizados por cada indivíduo.

Entre as festas que foram mais recordadas, as de casamento tiveram uma importância de destaque nas lembranças de meus amigos de travessia. Embora não acontecessem com tanta frequência, as festas de casamento aparecem nos relatos como uma oportunidade que os camponeses tinham de transformar o espaço do sertão no espaço da festa. Assim, ao lembrarem a celebração do casamento religioso, alguns justificaram a simplicidade ou mesmo a não realização da festa; enquanto outros reviveram as alegrias, as curiosidades e as farturas da festa de seus casamentos.

A doença de algum membro da família, apresentou-se como um dos principais empecilhos para a não realização dos festejos de casamento. Atribuir à doença as razões que justificam a não realização da festa de casamento é uma maneira tanto de sublimar como de

²⁵¹ Paróquia de Russas – *Livro de Tombo n° VII*, referente ao ano de 1958.

²⁵² Célia Toledo Lucena. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999. p. 99.

explicar as carências que, porventura, possam se envergonhar. D. Estelita Crispim Gomes lembra que no dia do seu casamento a sua mãe estava doente e, por esse motivo, não houve festa. No entanto, relembra que seu pai matou, além de algumas galinhas, um grande porco para o almoço dos convidados: *no ano em que eu me casei, tinha muita fartura dentro de casa. (...). Tinha muita galinha, finado papai matou um porco muito grande e teve muita comida, tinha muita gente.*²⁵³

Um outro motivo apresentado pelos depoentes para a não realização da festa de casamento, diz respeito à própria falta de condições dos noivos para oferecer ao menos um almoço para os convidados. D. Altina Delfino dos Santos revela que só se casou porque o namorado foi trabalhar em uma desmancha e lhe comprou de presente um vestido e um par de sapato, o que lhe deixou muito feliz, pois os seus pés nunca havia sequer calçado um par de sapato. No dia do casamento, logo cedo, os noivos mais a comitiva formada pelos familiares, padrinhos, e convidados, seguiram de cavalo até a cidade de Russas onde realizou-se a cerimônia.



(Foto 20 – D. Altina Delfino – Canto da Cruz – Palhano)

²⁵³ Estelita Crispim Gomes, 69 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 26/08/1999.

D. Altina lembra, ainda, que na frente da comitiva seguia um animal conduzindo um baú que levava *duas roupinha dento, só pa dizer que levava essa caiga de baú*. Quando chegaram na igreja, no entanto, ela disse ter ficado surpresa com a quantidade de noivos reunidos para a celebração comunitária. Em razão deste fato, para ela inusitado, D. Altina foi tomada por uma vontade incontrolável de rir; o que lhe rendeu uma certa repreensão do padre: *aí, o padre foi disse pra mim. - 'a senhora tá muito alegre!' - Eu disse, graças a Deus (risos), eu tô alegre porque eu vejo essa fartura de gente. Aí, me dá vontade de me ri, é vê batizado*. Quanto aos festejos, em homenagem ao seu casamento, ficou resumido a cinco quilos de farinha e a três quilos de carne.²⁵⁴

Na verdade, praticamente todos os relatos de memória, a respeito das festas de casamento, obedeceram a uma certa regularidade discursiva. Nesse sentido, uma das imagens mais recorrentes, sobretudo nas narrativas femininas, foi a do casal de noivos, acompanhados por familiares e amigos, indo a cavalo para a igreja. De forma emblemática, D. Francisca Delfina da Costa revelou que, na época do seu casamento, não era muito comum um carro naquelas paragens. De qualquer forma, narra a depoente de oitenta e nove anos:

Seu Lucas (...) arrumou o carro pa levar eu e uma irmã dele que ia casar, a finada Corma. (...). Ele queria que eu fosse, mais eu tinha medo; num vô, num vô, pelejou, vô não. Aí, me albriguei a ir a cavalo, em riba dos cavalo. (...). Foi de manhã, foi na Russa. No amanhecer do dia, no amanhecer do dia nós saímos tudo a cavalo; e, fumo e viemo.²⁵⁵

Diferentemente das grandes cidades do Brasil, que desde o início dos anos de 1920 já tinham, irreversivelmente, incorporado à sua paisagem o automóvel, chamando atenção de todos com seu fonfonar e

²⁵⁴ Altina Delfino dos Santos, 84 anos. Entrevista gravada no Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

²⁵⁵ Francisca Delfina da Costa, 87 anos. Entrevista gravada no Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 26/10/1999.

provocando seduções e desejos nos cidadãos,²⁵⁶ nos sertões, essa fascinante invenção da modernidade, ainda era algo inusitado que provocava, em muitos, espanto e medo.

Indagado se as festas de casamento aconteciam também em épocas de seca, o Sr. Euclides Ângelo Cordeiro respondeu que não eram as condições do tempo – seca ou inverno – que determinavam a realização ou não dos festejos nupciais. Segundo o depoente, mesmo num ano que não fosse favorável ao inverno, aquelas famílias que reuniam melhores condições *gostava de fazer aquela festa; era um banquete medonho, era uma animação medonha.*²⁵⁷

Desse modo, dos divertimentos do sertão, excetuando-se os sambas, as festas de casamento emergem na memória dos mais velhos como uma das mais concorridas no passado. No processo de rememoração destas festas, foi comum os entrevistados entregarem-se ao sentimento nostálgico do passado, experienciando novas emoções. Foi assim, com uma alegria contagiante e com um brilho singular que refletia em seus olhos, que D. Maria Júlia narrou de maneira espontânea a festa do seu casamento.

De lá do Tabuleiro da Bela Vista pra cá, pa esse lugar, foi a cavalo. Aí, que quando chegou, muito cumer, muita festa, aí, nós dancemo. Aí, que quando foi hora, nós deixemo a festa lá e fumo durmir, nós dois. Fumo passar a luz... a lua, a lua de mel (risos). Tem mais nada pa contar não (risos).²⁵⁸

Ao contrário de D. Maria Júlia, *que quando foi hora da lua de mel deixou a festa só para os convidados*, o Sr. João Delfino,²⁵⁹ embalado pelo som contagiante da sofona, deixou-se levar pela alegria da festa até o amanhecer do dia.

²⁵⁶ Antonio Paulo Resende. *(Des) Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. op. cit. p. 61.

²⁵⁷ Euclides Ângelo Cordeiro, 80 anos. Entrevista gravada na Logoa Grande, no município de Russas, no dia 23/08/2000.

²⁵⁸ Maria Júlia dos Santos, 72 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/10/1999.

²⁵⁹ João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

Ao atravessar tempos e espaços diversos, refazendo com a consciência do presente os caminhos do passado, o Sr. Amaro José da Silva fez uma grande escala no tempo marcado pelo seu casamento. Ao fazer uma descrição pormenorizada do seu casamento, o velho Amaro revelou ter vivido um grande drama antes de resolver fazer a travessia para o mundo dos homens casados, pois o que motivava a sua vida era continuar namorando, dançando, saltando *praqui e praulá*. Na verdade, o casamento representava uma esquina da sua vida, que era forçoso dobrar, transpor. *E era com uma prima minha, e num fazia vergonha a mim e nem eu a ela, né? Quer dizer, que nesse tempo, eu num era fei que nem hoje não (risos), era mais famoso.*²⁶⁰



(Foto 21 – Sr. Amaro – Alto do Ferrão – Itaiçaba)

²⁶⁰ Amaro José da Silva, 90 anos. Entrevista gravada na comunidade do Alto do Ferrão, no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000.

Morando na companhia dos pais até o dia do seu casamento, seu Amaro apegava-se a dois motivos para justificar por que resolveu transpor esta esquina difícil que era o casamento em sua vida. O primeiro deles, era uns *pensar meio atrapalado* de se *amigar*; o segundo, o respeito que devia ao pai. Não obstante, o seu drama continuou até o “pé” do altar. No entanto, recorro ao próprio Amaro para que ele mesmo possa narrar o próximo ato.

Aí, nós fumo casar. Quando foi pa saí lá de casa, com pouco fizeram um chororô danado, trancaram ela lá dentro do quarto, lá. E o caminhão aqui na porta cheio de gente esperando pa casar im Jaguaruana, né? E, ela lá. E, eu chamando: - rumbora, rumbora porque o chofé aqui tá avexado, já tá ficando de noi... de tarde, muito de tarde. Foi que ela saiu, de lá pra cá. Quando ela vinha saindo, ainda inchugando os olhos, rapaz, me deu uma raiva (risos). Você sabe duma coisa? Esse casamento num vai dá certo não! Lá, eu num disse nada, mais saí com aquele plano: quando passar... que a casa de papai é assim mais pa riba da casa dela, quando passar lá eu desço do carro, eu desço do carro e num vou mais casar, não. Oi que essa mulher, eu... eu... me garanti tanta coisa e agora com uma pena desse povo que nós vamos morar tudo pertim, isso num vai dá certo, não (risos). Aí, quando o carro parou no terreiro de papai, e eu fui entrando pa dentro de casa: papai, diga aí que eu num vou mais casar, não. (...). Aí, eles ficaram lá naquela conversinha, aí, ele me chamou: - ‘Rapaz, você tá fazendo um papel muito fei’. - Eu digo, ora papai, ela saio de lá chorando com pena do povo de lá; e, eu saí daqui, eu quero tanto bem a vocês e num saí daqui chorando, né? - ‘Não, mais você vai, você vai casar’. Rapaz, quando o véi disse ‘você vai casar’, eu... eu ismurici. Mas, é o jeito que tem; o véi mandou, o jeito que tem é ir. Aquela obediência medonha. Aí, ele foi e disse assim, bem alto mermo pa eles vê: - ‘Se você num quieria casar, tivesse dito lá na casa, lá na casa da moça; não trazer um caminhão cheio de gente desse aqui pa minha... pa chegar aqui ainda, ainda num querer ir. Não, rapaz, vai’. Eu digo, pronto, acabou. Aí, eu fui naqueles plano ruim até chegar lá na Jaguaruana; disposto, quando o pade perguntasse (...) se aceita o noivo e a noiva... Aí, até quando eu cheguei lá nos pés do pade, ainda tive... ainda ia com esse mal pensado de dizer que não. Mas, rapaz, quando o pade olhou pa mim (risos), aí eu afroxei, né?

Para melhor compreender o drama vivido pela noiva do “seu” Amaro, quando ela teve que deixar o espaço familiar para ingressar em uma nova fase de sua vida, apoio-me nas reflexões de Armand Frémont, para quem as relações do homem com o espaço combinam-se numa experiência vivida que varia de acordo com as idades da vida. Apesar do espaço vivido da criança prefigurar em larga

medida ao do homem adulto na medida em que este prolonga, alarga, estabiliza, adensa de experiências múltiplas o espaço da infância, a dupla experiência do trabalho e do casamento representa uma descontinuidade do espaço das primeiras idades. Para Frémont, na passagem da adolescência para o universo dos adultos, o trabalho representa uma descontinuidade importante, pois introduz as contingências da economia de produção, ou seja: *motiva deslocações, temporárias ou definitivas. Abre para novas relações sociais, ao mesmo tempo que cria estritas obrigações.* Nesse sentido, o espaço adulto não apresenta apenas um alargamento do espaço infantil, mas é também afetado por rupturas, onde a do casamento apresenta-se como sendo a mais universal e a mais significativa, pois *efetua-se para ambos os cônjuges (ou para um ou outro) uma espécie de rasgão do espaço infantil, o acesso a novos lugares da vida, um desdobramento mais ou menos bem assumido das relações parentais.*²⁶¹

Retomando a narrativa do casamento do “seu” Amaro, veremos que ao convidar sua ex-namorada para a festa do seu casamento, o velho Amaro quis fazer do último ato de seu drama, uma comédia.

Na minha festa do casamento, (...) eu fui convidar ela po casamento; ela chamava-se Raimunda. Eu digo: - Raimunda... Ela era dançadeira, dançava como todo. Aí, eu digo: Raimunda, vamo po meu casamento; lá, você num vai ser mau recebida, não. - 'Não, vou não que eu tenho vergonha!' Aí, eu digo: eu garanto passar a noite... A minha muier num dançava, né? (risos) ela num dançava. Eu te garanto passar a noite dançando contigo e namorando contigo, é a derradeira vez. - 'Não, vou não, eu tenho vergonha'. Eu digo: é, isso aí na vergonha eu num sei não, eu mermo num tenho não (risos). Mas, rapaz, esse negócio desse casamento, me fez uma soltura; que eu ao lado de papai era preso, nera? Eu só fazia o que ele quiria até vinte ano, né? Mas, quando eu me vi solto, a muier muito boa, muito distinta, e eu me mití na farra praqui e praculá, e praqui e praculá, e ela me tratando bem, me zelando bem pra tudo, pas festas; e, o que aconteceu po fim, foi... eu num larguei ela não, nunca tive vontade de largar ela não, mas, me deu um disassoego de pissuir muier po fora, que eu arranjei um bucado delas.²⁶²

²⁶¹ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. pp. 27 e 28.

²⁶² Amaro José da Silva, 90 anos. Entrevista gravada na comunidade do Alto do Ferrão, no município de Itaíça, no dia 05/04/2000.

Na verdade, esta imagem que o Sr. Amaro revela de si próprio, serve de emblema para caracterizar outras narrativas que investem na afirmação da masculinidade como um dos atributos mais positivos dos sertanejos.²⁶³

Ainda com relação às festas de casamento, ao atravessar os sertões de Morada Nova, fui informado que no passado era comum em todas as festas de casamento haver uma disputa pelo lenço da noiva. A brincadeira, acontecia antes dos noivos e convidados chegarem à casa da noiva. Assim, dois cavaleiros se perfilavam, cada um segurando em uma das pontas do lenço, para ver quem permaneceria com o lenço, após a disparada dos animais. Aquele que chegasse à casa da noiva com o lenço na mão, além de ser festejado pela bravura, recebia como prêmio uma garrafa de vinho da noiva. Demonstrando muita saudade desses tempos felizes, o Sr. Pedro das Neves relembrou a época em que corria segurando *im punta de lenço*.

Corri munto im punta de lenço, lenço da noiva, né? (...). Aí, butava dois cavalo, um pegava na ponta do lenço e o outo nouta, partia, né? O cavalo que fosse mior, tumava o lenço da noiva, né? Saía vuando, né? (...) pa chegar lá na casa do dono da... do pai da noiva com o lenço da noiva, né? Quando chegava com o lenço, aí tinha vinho, vinho da noiva, nera? Pra dá aquele camarada que chegava com o lenço da noiva. (...). Mas, isso era bom, meu filho, isso era bom. (...). Era, o camarada que chegava na frente tinha uma bravura medonha, né?²⁶⁴

Com os olhos perdidos na distância e na rememoração do passado, o velho Pedro das Neves deixou-se levar pelas lembranças que atravessava o seu pensamento, fazendo-o retornar ao dia do seu casamento.

Eu casei no dia vinte e hum de agosto de 1950, vinte e um de agosto de 1950, eu me casei. Padre Assis que fez meu casamento, na matriz de Morada Nova, na paróquia. Fomo de pés, acompanhamento de pés, os noivado. A noiva, era com um vistidão bem cumprido, branco, de véu e

²⁶³ Sobre essa questão ver: Durval Muniz de Albuquerque Jr. “‘Quem é frouxo não se mete’: violência e masculinidade como elemento constitutivos da imagem do nordestino”. In. *PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP* n° 19. São Paulo, SP, 1999.

²⁶⁴ Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Varzantes, município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

grinalda e duas criança, duas mininazinha agarrada alevantando o vistidim dela pra ela puder andar, né? Nós de pé, tudo de pé. Quando nós cheguelmo im casa do pai da noiva, foi um festival medonho, uma cumiduria medonha pra todo mundo. Sobrou cumida à vontade, só num tinha era bebedeira. Bebedeira num tinha não, era só cumiduria. (...). O velho meu sogro num aceitava bibida.

Envolvido por uma forte emoção, o Sr. Pedro das Neves deixou-se traduzir pela saudade que sentia ao recordar não apenas o dia do seu casamento, mas, sobretudo, os quarenta e nove anos e oito meses que viveu ao lado da sua esposa. Seu pensamento, sem poder fixar-se no presente, vagava pelo passado recobrando os momentos felizes que passou ao lado daquela que desde os seus vinte e cinco anos de idade lhe fora amparo e dedicação. Em seu relato, talvez inconsciente, revelou o quanto o amor é um sentimento profundo.

Eu gosto de me lembrar do passado e num me esqueço nunca; eu num me esqueço nunca do passado. É tanto, que a minha patroa faleceu, hoje tá com Deus, na hora quase das última dela, ela me convidou pa eu ir mais ela, né? E, eu chorando, disse pa ela: - minha filha, eu vou quando Deus quiser. Mas, que você vá hoje, quando Deus quiser eu vou também, né? Aí, ela ainda me respondeu, as lagrimazinha correndo aqui nos olho. - 'Meu velho, quando você for vá pa onde eu tô'. Aí, eu fui digo: - Quem sabe é Deus, minha filha. Se Deus quiser e permitir, e, você tiver o gosto, o prazer de ir pum canto bom; e, quando eu for, tiver também o mermo prazer, nós se junta, samo os mermo amor que samo aqui na terra, nós samo no paraíso, né? E, com isso, meu filho, ela se...



(Foto 22 – Sr. Pedro das Neves após entrevista – Vazantes – Morada Nova)

Neste instante, o velho Pedro suspirou quase que imperceptivelmente, enquanto uma sombra de tristeza refletiu-se-lhe na fisionomia. A voz foi calada e as palavras morreram-lhe na garganta como se todas estivessem sido asfixiadas pela emoção. Seu silêncio, fez-me sentir também uma profunda emoção que ainda me faz emudecer toda vez que recobro a lembrança daquela cena. Ao retomar a palavra de volta, ela surgiu-lhe não mais com a mesma força de antes, veio embargada e acompanhada do brilho de uma lágrima que seu Pedro, discretamente, conseguiu reter dos seus olhos.

E, por isso, eu digo, num me esqueço nunca. Se eu viver cem ano, mais eu num me esqueço disso, de jeito nenhum. A covinha dela tá lá preparada lá no cemitério, eu mandei fazer engradado com o nome dela, as iniciais tudim, paguei o coveiro pa zelar tudim, tá lá que é uma beleza. Por quê? Porque ela me zelou eu na terra, e me quiria muito bem. (...). Eu tenho certeza, que ela nunca foi mulher banduleira, ela nunca foi falsa a eu no nosso matrimônio. Toda vida foi a mulher exata comigo, uma mulher boa, nunca brigou, nunca briguei com ela, né?

Mesmo tomado pela emoção, foi com naturalidade que o velho Pedro das Neves adentrou o terreno das confidências, reacendendo em toda sua plenitude, no íntimo do seu ser, o sentimento do amor sincero que o manteve, por quase cinqüenta anos, ligado através dos laços de respeito, fidelidade e amizade àquela mulher que representava em sua vida a concretização máxima da felicidade. Confesso, no entanto, que a poesia daquele amor sincero fez-me permanecer, por alguns instantes, ruborizado de alegria e de emoção inconfessa.

Ao continuar a travessia pelos sertões das festas, fui percebendo como esses acontecimentos representam um momento importante na vida dos camponeses. Deste modo, foi possível compreender que, assim como as festas de casamento, os sambas

também sobrevivem enquanto memória possibilitando-os, desta forma, manterem vivo o vínculo com o passado.²⁶⁵

No diálogo das memória sobre os sertões das festas, foi possível perceber que tanto a memória masculina quanto a memória feminina apresentaram-se sempre fartas de lembranças a respeito dos sambas. Em ambas as memórias, os sambas representavam uma oportunidade não só para se dançar, mas para se namorar.

Assim, ao rememorarem com saudades os sertões das festas, algumas depoentes não tiveram nenhum tipo de constrangimento e passaram a narrar o tempo do namoro com muita espontaneidade. D. Rosa Maria de Almeida, por exemplo, contou que começou a namorar com o Sr. Zacarias Francisco de Almeida com apenas quatorze anos de idade numa festa no Tabuleiro dos Negros, onde morava na cidade de Russas. Contudo, mesmo namorando com o Sr. Zacarias, D. Rosa diz ter gozado muito a sua mocidade até os seus dezenove anos de idade, quando resolveu casar-se com ele. Assim, mesmo namorando com o Sr. Zacarias, D. Rosa revelou-me um trato que fizera com uma amiga no qual ficou acordado que: *o namorado que eu namorava, ela namorava, era. Se ela fosse pum canto namorava com ele, né? (...). Aí, quando eu ia que ela num ia, eu também fazia a merma coisa.* Quanto ao seu Zacarias, D. Rosa comentou que ele *tinha mais um cento de namorada* e ela compreendia isso porque entendia que ambos precisava de um tempo para aproveitar mais desta vida; e, por outro lado, *intendia que o que tem de ser é, o que tem de ser é, num tem quem tome das mãos da gente, tem não, é besteira, assim a pessoa saiba se controlar no ciúme.*²⁶⁶

Com a espontaneidade que é inerente aos narradores por excelência, D. Maria Júlia disse ter perdido a conta do número de namorados que teve na sua mocidade, uma vez que começou a namorar com doze anos de idade. Quanto ao fato de ter casado com o Sr. Onofre Augusto dos Santos, atribui a uma *mau palavra que disse*.

²⁶⁵ Célia Toledo Lucena. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. op. cit. p. 141.

Os namorado eu nem conto. Os namorado eu nem conto porque só os que eu namorei eu num dô venço a contar. Cumecei a namorar com quinze ano, com doze ano. E, era naquele tempo. Mais só deu a sorte pa esse daí, mais foi uma mau palavra que eu disse, foi. Eu disse que Ave Maria de me casar com um nego da Lagoa das Bestas, casei com a venta... caí com a venta mermo... Ainda é por Deus, que é bom pra mim. As vez, ele ainda fala de arrumar muier, mais deixa ele arrumar. Eu disse a ele, que ele arrumar eu dava fim a ele.²⁶⁷

Ao rememorar os namoros do seu tempo, D. Maria Júlia estabeleceu um paralelo entre os namoros do passado e os namoros do presente. Com isto, tornou claro o quanto o passado e o presente se entrelaçam perdendo, por um lado, a sua linearidade e, por outro, ganhando uma nova dimensão temporal.

No tempo que eu namorava, se butava uma cadeira eu me assentava dum lado, ele se assentava douto. Ali, a lamparina acesa. Mas, hoje im dia, o pessoal só quer os iscuro, é ou num é? Hoje im dia o pessoal... Ninguém num via agarrado e hoje im dia você vê um namoro... Eu digo? Cê vê um namoro, que agora eu faço como o ditado, que o home agarra a língua da criatura chupa só falta (risos), o home agarra a língua, é. Hoje im dia, você vê um namoro, que eu sou véia, mas tenho vergonha, eu tenho vergonha. Um dia eu fui, eu tava na rua, aí eu fui pagar, aí eu fui pagar a farmaça, aí tinha um criatura agarrado na língua da muier que a baba chega iscurria. Eu digo, vala minha Nossa Senhora! ô pecado medonho. Eu digo, cês sabe duma coisa, que eu pequei, eu pequei hoje, eu pequei hoje grande que eu tive muito tempo olhando. Porque no meu tempo, ninguém num via isso; aí, eu fiquei assim ispantada. A gente contar o que vê, né? Cantar o que vê e o que acontece. Hoje im dia, os namoro é mei pesado.

Neste momento, seu esposo o Sr. Onofre Augusto dos Santos interveio dizendo que *inté a véia come a língua do véi (risos)*.²⁶⁸ D. Maria Júlia, no entanto, respondeu dizendo:

Ave Maria, no tempo que eu namorava, se fosse pa chupa a minha língua, fela da puta nenhum num chupava a minha língua, que eu tinha muito medo de uma fitosa (risos), eu tinha muito medo duma fitosa

²⁶⁶ Rosa Maria de Almeida, 69 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/08/1999.

²⁶⁷ Maria Júlia dos Santos, 72 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/10/1999.

²⁶⁸ Onofre Augusto dos Santos, 77 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 21/10/1999.

(risos). É que hoje im dia, os namoro é pesado, né? Muito diferente. Porque de primeiro, no tempo do meu pai, rapaz butava assim uma cadeira, a moça butava assim uma cadeira, mais hoje im dia os agarrado é mei pesado. E, agarra logo a língua, parece que quer cumer a pessoa viva, né? Agarra logo a língua. (...). por isso que eu digo, no tempo... no meu tempo se fosse negoço de chupa a língua do jeito que o povo chupa, eu num tinha me casado. Ave Maria, eu tenho muito nojo.

Na verdade, a travessia dos sertões das festas na companhia de D. Maria Júlia foi uma das mais leves e descontraídas que fiz em toda a pesquisa de campo. Com uma memória fabulosa e uma capacidade de narrar absolutamente envolvente, D. Maria Júlia deixou-se levar pelas lembranças e pelas saudades dos sambas de outrora. No balanço cadenciado da rede que tomou por acento, D. Maria Júlia foi descrevendo os sambas que participou no tempo de sua mocidade quando ainda morava no antigo Tabuleiro dos Negros. De acordo com sua narrativa, os sambas aconteciam geralmente na casa do seu pai ou de algum vizinho que reservava a *salinha de barro* para a realização do samba. Segundo a depoente, em razão do piso da casa ser de barro, quando os cavaleiros e as damas estavam dançando levantava aquela poeira, sendo preciso interromper por alguns instantes a dança para que alguém pudesse aguar o piso; eliminando, desta forma, a poeira. Quanto à iluminação do ambiente, esta era garantida por um farol ou mesmo pela luz da velha lamparina.

Os samba nós dançava, passava a noite dançando. Arrumava um namorado, eu, pelo meno, eu indo pum samba eu num sobrava. (...). Gozei muito a minha mocidade, gozei muito a minha mocidade e num tô arrependida porque gozei muito a minha mocidade, graças a Deus.

D. Maria Júlia ressalta, ainda, que no passado não havia *os dirmantelo* que são comuns nas festas de *hoje im dia*. Ao ser indagada a respeito do que ela entendia por *dirmantelo*, D. Maria Júlia destacou a violência como principal elemento de descaracterização das festas do seu tempo de moça. Segundo a depoente, no passado *uma moça num injeitava um cavaleiro* no salão. Ela mesma tinha ordem do seu pai para

dançar com qualquer cavaleiro que viesse convidá-la para *uma parte no salão*. No entanto, ao contrário do que ocorria no passado, as moças de hoje só quer dançar se for com o próprio namorado; o que causa, no seu entendimento, muita confusão, muito *dirmantelo*.

(...). No tempo deu moça, que foi orde do meu pai, podia tá do jeito que tava. (...). Eu dançava com sujo, eu dançava com melado, eu dançava com tudo. Agora, tando caindo no chão, (...) isso aí eu num dançava não. Mas, que eu visse que ele tava com... tava só queimado com passu aprumado, nós dançava. Mas, hoje im dia, as moça só querem dançar com namorado. (...). Mas, agora eu faço como o ditado, nós num injeitava não. Eu... eu... eu dançava inté com gente suja. Às vez, muitas vez lá im casa tinha um primo meu, que ele num zelava bem o corpo dele, ia com uma roupa inchuvaiada, passava a noite dançando e eu dançava com ele. (...). Nunca, nunca houve briga por causa de nós, de mim mermo não. (...). Mas, eu gostava de um samba, im tempo de moça eu chorava pum um samba, num vou minti.

Conquanto D. Maria Júlia tenha ressaltado que não era comum haver *dismantelo* nas festas do passado, o relato de memória do Sr. Pedro das Neves revela que um tal de Raimundo de Pedro de Fulô costumava acabar com as festas na Rua do Fogo. Ao refazer as imagens que as lembranças guardaram da primeira festa que foi na rua do fogo, aos vinte e um anos de idade, o velho Pedro das Neves descreveu com uma impressionante riqueza de detalhes o duelo que teve com o *valentão* Raimundo de Pedro de Fulô. Na verdade, o duelo deu-se em razão do "seu" Pedro não ter permitido que a sua namorada dançasse com Raimundo o *valentão*. Tratava-se, na verdade, de uma *minina* de quatorze anos de idade que havia trabalhado durante três semanas numa desmancha justamente na casa de farinha em que "seu" Pedro trabalhava puxando roda. Embora ainda não tivesse sido cortejada por nenhum rapaz em sua casa, em razão de não ser do agrado dos pais que ela namorasse, a *minina* abriu-lhe o coração e o convidou para ir à sua casa na rua do fogo e, conseqüentemente, para a festa a qual provavelmente ela iria na companhia dos pais. Depois de ter sido muito bem recebido na casa dos pais da *minina*, o Sr. Pedro os acompanhou até a casa onde já estava acontecendo a festa.

Quando foi oito hora, oito e pouco, aí se ajeitemo, aí fumo pa festa; a festa já tava alta. Eu cheguei lá, eu fui logo o coteiro. Butava um embrema no bolso da gente, pagava dez tões, butava o embrema. (...). Aí, começou a festa, o tocador era um tal de Vicente do Junco, sofona véia que era uma medonha. Começou a festa e lá vai, lá vai, nós dançando e dançando, e brincando, e lá vai... Quando terminava a festa tinha as bancada, nós se sentava nos banco... Rapaz, quando foi assim negoço de dez hora da noite, quando eu dei fé, foi um cara nú da cintura pa cima dançando no mei de nós sem dama, com uma peixeira de doze pulegada no quarto, esfregando no mei dos cavaleiro. Primeira vez que eu tinha andado na rua do fogo! E esse cara era valentão, tava acostumado a acabar festa, a festa só rodava até quando ele quiria; quando ele num quiria acabava com a festa, mandava o tocador ensacar a concertina... (...). Eu num sabia de nada, meu fi. Namorando com essa minina, eu querendo muito bem a ela. (...). Eu sentado assim encostadim o banco, e ela incostadim a eu, quando eu dei fé lá vem ele, lá se vem; chegou encostado a ela disse: - 'Minina, essa parte agora você vai dançar comigo, né?' Aí, ela foi e disse: - 'É, eu tô afigurada desse rapaz'. Aí, ele disse: - 'Tem nada com afiguração não, você vai dançar comigo que eu quero'. (...). Aí, ele disse po tocador: - 'Vicente, toca aí um xote pa eu dançar com essa minina'. Aí, Vicente véi rebolou a sofona nos peito, quando abriu a bichona aqui (**nesse momento, ele procurou imitar o som da sofona**), pegou no braço dela, foi se levantando, aí nós se levantemo nós três do banco duma vez, né? Mas, quando nós se levantamo eu dei um colago nele, ele bufo, caio no chão.²⁶⁹

Segundo a narrativa do Sr. Pedro das Neves, a disputa entre ele e Raimundo de Pedro de Fulô foi parar no terreiro da casa. Em meio a toda confusão, e devido sobretudo a fama de Raimundo, a festa parecia haver se acabado. No entanto, ao retornar ao salão o Sr. Pedro deu ordem para Vicente continuar tocando a festa, alegando ter pago a cota para *dançar até o sol fora*.

Eu voltei, quando eu cheguei, o tocador butando a sofona dento do saco. Eu digo: - Escuta, o senhor butando a sofona dento do saco uma hora dessa? - 'É, acabou a festa!' - Acabou-se a festa? Acabou-se não senhor, eu paguei dez tões o senhor, foi pa nós dançar até o sol fora. O senhor vai tocar, e, nós vamo dançar. - 'Não, aquele rapaz é valente, só tem a festa aqui até enquanto ele quiser, quando ele num quiser acaba com a festa'. - Não tem nada com valentia não, ele num tem nada aqui que ele num pagou nada, ele num tem nada aqui. Pode tocar! Aí, ele disse: - 'Não, é preciso primeiro eu saber do dono da casa pra mim tocar'. Era um tal de Chico Cunha. Aí, eu digo: - Pode chamar esse Chico Cunha, dono da casa, que eu paguei foi pa dançar. Aí, ele

²⁶⁹ Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Varzantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

chamou, ele veio, chegou... - 'O que é?' - 'Esse rapaz tá dizendo que é pa começar a festa'. - 'Você resolve a parada com o rapaz?' Eu digo: - Resolvo, pode deixar comigo, pode tocar pa frente. Aí, o sofoneiro baixou o pau a tocar, a tocar, a tocar. Aí, começou a chegar, e começou chegar o povo e nós dançando, e nós dançando...

Contudo, por volta de duas horas da manhã, quando tudo parecia normalizado, Raimundo de Pedro de Fulô retornou à festa do mesmo jeito, *nú da cintura pra cima, com a peixeira no quarto*. Aproveitando o intervalo que Vicente havia dado na sanfona, Raimundo aproximou-se do banco onde "seu" Pedro estava sentado na companhia de sua namorada e deu início a uma nova discussão entre os dois. No calor da refrega, o Sr. Pedro afirmou a sua condição de homem diante de Raimundo e de todos que assistia a intriga envolvendo Pedro das Neves e Raimundo de Pedro de Fulô.

Eu num banquei camaleão sonhado pa você não, moço. Agora, eu tombém nunca afigurei uma dama, pa um cara chegar e fazer como você fez não. Você sabe duma coisa? Eu sou home, eu afigurando uma dama quem dança com ela sou eu. Num é um cara chegar, fazer como você fez: - 'Você vai dançar é comigo'. Não, você num tem nada aqui, você num pagou. Você num tem nada aqui dento desse salão, você tai de atrevido, peitudo, valentão, dizendo que quem manda aqui é você. Quem manda aqui, somos nós que paguemo e tem direito na festa. Você num tem direito a nada, você pode caí fora do negoço aqui, que você hoje aqui num manda não. Quem manda aqui hoje, sabe quem é? É este rapaz aqui e nós tudo que somo os cavaleiro e paguemo. (...). Eu num quero barbaridade, eu quero é brincar a noite inteira com meus amigo, com minhas amiga, tudo legal. Não querer fazer barbaridade, como você quer, né? Aqui hoje você num faz, quem manda aqui somos nós. E, aí, nós dancemo até o sol fora, com os poder dele. E, ele, foi imhora e pronto.

Segundo o velho Pedro das Neves, quando havia festa na rua do fogo que ele estava presente, Raimundo de Pedro de Fulô não se apresentava disposto a acabar com a festa. Enlevado em seu discurso épico, seu Pedro revelou que as damas sentiam-se mais protegidas com a sua presença nas festas: *ah! Hoje o fi de Chico Estevão, o Pedro das Neves, tá, hoje num ai zuada que Raimundo num vem acabar festa. Raimundo de Pedro de Fulô num acaba festa na rua do fogo que o Pedro das Neves tá, num acaba.*

Entretanto, ao rememorarem os sertões das festas, meus amigos de travessia o narraram sempre em tons de nostalgia e de

romantismo. Foi assim, envolvido neste clima de nostalgia e de romantismo, que o velho Pedro das Neves fez grande parte de sua travessia pelos sertões das festas.

Havia as festas, nós ia pas festa dançar, brincar, né? Tinha o tocador, nós pagava dez tões de cota e passava a noite brincando. Mas, era bom. Sabe por que era bom? Porque as damas... Nós, cavaleiro, era quem sustentava as dama a noite todinha, né? Ali, tinha aquelas cumiduria, tinha uma tal de... vim, garrafa de vim pa butá na roda po cavaleiro derribá. Terminava a parte, o dono da festa pegava aquele vim ia dá aquelas dama naqueles copim. Se a dama tava com fome, podia se queixar o cavaleiro; o cavaleiro levava ela à banca, dava de cumer a ela, voltava de novo pa dançar.

Embora esse sentimento de nostalgia e de romantismo tenha sido comum a uma grande parte de meus depoentes, demonstrando, assim, possuírem uma memória farta a respeito dos sambas, algumas de minhas interlocutoras, no entanto, relataram que quando jovens não participavam das festas dançantes em razão da não permissão dos pais. Na verdade, a presença dos comportamentos tradicionais, não se fez sentir apenas nos relatos de memória das mulheres. Nesse sentido, em seus relatos, muitos dos entrevistados deixaram entrever toda a obediência que deviam aos pais, ao revelarem que só iam a alguma festa ou mesmo à casa da namorada se o pai desse a permissão.

Antes de iniciarmos a segunda parte de nossa travessia pelos sertões do Baixo-Jaguaribe, gostaria de dizer que se por um lado as lembranças individuais chegaram apenas a compor pedaços do passado em meio a tantos outros que caíram nas zonas do esquecimento, por outro, faz-nos perceber que tanto os sertões do trabalho como os sertões das festas sobrevivem enquanto memória possibilitando aos velhos camponeses manterem vivo o vínculo com o passado.

Se na primeira parte do trabalho, através da memória, que é memória do vivido, que é experiência social, atravessamos a dimensão da vida cotidiana dos camponeses, a partir do seu recorte principal que é o trabalho, nesta segunda parte atravessaremos as situações que alteram o ritmo dessa cotidianidade. Para isso, elegi, dentro do universo temático sugerido pelas memórias, as secas, as cheias e as doenças, como situações que, em grande medida, desarticulam o cotidiano de trabalho dos camponeses da região do Baixo-Jaguaribe. Todavia, isso não significa dizer, como veremos mais adiante, que os camponeses não se utilizam de outras “táticas”²⁷⁰ que os possibilitem, de uma forma ou de outra, suprir a ausência da prática agrícola, provendo, assim, a subsistência da família.

Embora os camponeses se utilizem de outras “táticas” de sobrevivência através, principalmente, da exploração do meio natural em que vivem, não resta dúvida que as condições naturais influenciam diretamente na dinâmica de seu trabalho, sobretudo daqueles que praticam uma agricultura de sequeiro, como é o caso dos sujeitos desta pesquisa, uma vez que esse tipo de prática agrícola depende exclusivamente das chuvas. Portanto, quando se configura a estação seca, não caindo chuvas suficientes para molhar o terreno antes e depois de realizado o plantio, a produção agrícola fica prejudicada, não sendo possível colher, satisfatoriamente, a safra plantada. Por outro lado, também quando o inverno é muito rigoroso, provocando principalmente as cheias dos rios Jaguaribe, Banabuiú, Quixeré e

²⁷⁰ Embora vivam numa região marcada pelo fenômeno da seca, é interessante perceber como, nestes períodos, os camponeses da região do Baixo-Jaguaribe se reapropriam do espaço natural, dentro de uma mobilidade tática que, segundo Michel de Certeau, caracteriza muitas das práticas cotidianas. Essas táticas de sobrevivência, por sua vez, desencaminham as verdades que dotam a seca do poder de paralisar tanto o espaço natural como os homens que nele habitam. Cf. Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. op. cit. p. 47.

Palhano, a produção agrícola fica igualmente prejudicada, sobretudo, nas áreas mais ribeirinhas. No que diz respeito a incidência de alguma epidemia, como foi o caso da epidemia de malária nos anos de 1937 e 1938, percebe-se, também, uma alteração no cotidiano camponês uma vez que a doença provoca um completo desequilíbrio nas relações de trabalho e produção. Conquanto tenha elegido as secas, as cheias e as doenças como sendo os principais recortes temáticos nesta segunda parte do trabalho, não desejo reforçar, aqui, a visão cíclica da história do sertão, dividida em ciclos de flagelos e calamidades naturais.

Embora a memória necessite de nomes e de números, a força e a resistência das datas vêm da relação entre o acontecimento e a polifonia dos tempos social, cultural e corporal, que pulsam sob a linha de superfície dos eventos. Nesse sentido, o passado não se reduz às pontas de icebergs, que são as datas;²⁷¹ sendo preciso, pois, investigar mais a fundo e mais pacientemente as experiências de vida dos depoentes, diferenciando-as ou aproximando-as, de modo a evitar o tratamento homogeneizador, assim como para acompanhar melhor as diversas circunstâncias vivenciadas por cada um dos entrevistados ao longo de suas travessias.

²⁷¹ Alfredo Bosi. “O tempo e os tempos”. In. NOVAIS, Adalto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 19.

Primeira Parada: o camponês e as secas ²⁷²

*"Passei muita coisa boa; mas, tumbém passei muita coisa ruim.
Mas, graças a Deus, tô trevessando."*

Maria Júlia da Silva



(Foto 23 – vereda entre Lagoa Sta. Teresina e Riachinho – Russas)

Embora a seca apareça nos discursos dos meus amigos de travessia como elemento que faz parte do seu espaço tradicional e cuja ocorrência obedece a um tempo cíclico, ela não representa a igualdade entre sertão e seca tão reiterada pela produção literária. Esta suposta igualdade, veiculada pelo discurso literário, projeta as imagens da vida

²⁷² Nesta travessia, vinte e um foram os guias: Antônio Eugênio da Silva, Raimundo Mendes Martins, João Miguel de Souza, Conrado José da Silva, Altina de Moura Lima, Euclides Ângelo Cordeiro, João André Filho, Francisco Rodrigues Pitombeira (Chiquinho Pitombeira), Francisco Sírriaco Filho (Chicó), Pedro das Neves Cavalcante, Ana Francisca do Espírito Santo, Raimundo Delfino Filho, João Delfino Bezerra, João Pereira Cunha, Eduardo Soares de Lima, Francisco Vieira da Silva, Estelita Crispim Gomes, Zacarias Francisco de Almeida (Isac), Amaro José da Silva, Américo Simão de Freitas e Francisca Delfina da Costa (Chiquinha).

no sertão sem seca e sem crise apenas para a dimensão de um delicioso sonho que logo será interrompido pela realidade que é a seca, pois o que é recordado não é uma condição, um outro momento da vida, não é memória.²⁷³ Ao analisar o discurso produzido pela literatura regional, Ivone Cordeiro Barbosa ressalta o fato de que esta literatura em grande medida contribuiu para a cristalização, no imaginário brasileiro, ao longo do século XX, da imagem do Ceará “trágico e doente” e da ambigüidade do “morrendo e resistindo”.²⁷⁴

A produção literária do último quartel do século XIX ao eleger o rural como objeto de suas preocupações fez a escolha de lançar um olhar sobre o sertão como o ‘sertão da seca’. Com essa abordagem da experiência sertaneja criando uma igualdade sertão=seca ficou suprimida e obscurecida qualquer outra possibilidade imaginária sobre esse sertão, tornando-o monotonamente homogêneo no tempo e no espaço.²⁷⁵

Segundo Ivone Cordeiro, os discursos produzidos em torno da seca, inclusive o acadêmico, têm dificuldade em reconhecer outras experiências sertanejas que não seja a seca. No que diz respeito ao discurso acadêmico, a autora toma como exemplo o rigoroso trabalho de pesquisa realizado por Durval Muniz²⁷⁶ que procurou historizar o imaginário nordestino sobre a seca. Para Ivone Cordeiro, Durval Muniz ao classificar como idealização e como mitificação da realidade as imagens de fartura e de ventura demonstra uma certa dificuldade de romper com uma matriz explicativa que absolutiza a seca como sendo a única experiência vivida pelos camponeses. Portanto, a crítica formulada por Ivone Cordeiro está sedimentada na conclusão proposta por Muniz de que o discurso popular é um discurso de exaltação do

²⁷³ Ivone Cordeiro Barbosa. *SERTÃO: UM LUGAR-INCOMUM o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. op. cit. pp. 223 e 234.

²⁷⁴ Idem, ibidem. pp. 14 e 15. Sem pretender fazer do seu trabalho uma “crítica literária”, Ivone Cordeiro procura resgatar uma história social do sertão cearense a partir dos literatos do século XIX. Para esta autora, a construção do imaginário sobre o sertão do Ceará está em grande parte formatado na literatura, na medida em que esta enfatiza a seca como elemento catalisador da vida social do sertão. Apesar da força dos discursos que enfatiza a seca como a dimensão essencial do viver no sertão, as imagens de um Ceará invernosos permanecem presentes na nossa cultura. Cf. p. 21 e 26.

²⁷⁵ Idem, ibidem. p. 187.

²⁷⁶ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)*. op. cit.

sertão e do sertanejo, bem como um discurso de idealização do passado e de repúdio ao presente como forma de sublimar a realidade de miséria, de exploração e de submissão vivida pelos camponeses.

Compartilho, aqui, a crítica que Ivone Cordeiro destinou ao trabalho de Durval Muniz, pois acredito não tratar-se de uma idealização pura e simplesmente. E é justamente neste ponto, que me distancio da reflexão proposta por Muniz; uma vez que pretendo, com este trabalho demonstrar, a partir das memórias dos camponeses entrevistados, o quanto o sertão é um espaço vário, múltiplo e o quanto a seca é também um acontecimento vário e múltiplo. O que Muniz chama de idealização do passado, nada mais é do que uma outra forma de perceber o sertão e a seca que nasce da própria vivência camponesa num sertão também marcado pela fartura, pelo contentamento, pela alegria, pelas festas, enfim, pela ventura. Portanto, quando Muniz associa esses momentos à pura idealização do passado e do sertão, ele está reafirmando a imagem dominante do sertão que é a imagem da miséria, da tristeza, da dor e do sofrer. Não obstante, mesmo que haja no discurso do camponês uma idealização do passado e do sertão, devemos considerar que a idealização é um componente do próprio real. Nesse sentido, o real é, em grande medida, fruto da idealização, pois toda e qualquer visão de realidade está impregnada de idéias, de sonhos, de desejos, e, portanto, de idealização.²⁷⁷

Contudo, Ivone Cordeiro lembra que apesar da força dos discursos enfatizarem a seca como a dimensão essencial do viver no sertão do Ceará, as imagens do Ceará invernosos permanecem presentes na nossa cultura e, de uma certa forma, têm sido

²⁷⁷ Segundo Cléria Botelho da Costa, “(...) o real é, ao mesmo tempo construção e criação. Enquanto construção, é uma realização dos fazeres do homem, sujeito social de sua história, do seu mundo e, enquanto criação, é uma expressão dos sonhos, das utopias desses sujeitos sociais. Dimensões estas separadas apenas para compreensão didática, pois a relação homem/natureza faz-se mediatizada por sua imaginação. (...)” Cf. Cléria B. da Costa. “Uma História Sonhada”. In *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, Vol. 17, n° 34, 1997. p. 141.

preservadas na produção cançãoeira e pelos poetas populares através, principalmente, da literatura de cordel.²⁷⁸

Não obstante, como observa Ivone Cordeiro, a própria utilização por parte dos literatos de determinados mecanismos e recursos lingüísticos como forma de afirmação do sertão da seca, enfatizando o caráter pobre, miserável e faminto deste lugar, dialeticamente, já revela o seu contraponto que é o sertão dos invernos; ou seja, o sertão que traz de volta *os bois gordos, os cavalos roliços, a população farta, e as árvores frondosas e centenárias*.²⁷⁹

Esta própria tensão veiculada pela produção literária no que diz respeito à construção das imagens do sertão, revela que as experiências vividas pelos camponeses não podem ser concebidas dentro de uma linearidade temporal marcada pela presença constante da seca. Segundo Ivone Cordeiro, esta aparente linearidade temporal, que marca a produção literária sobre a seca, é quebrada quando revela a tensão entre a realidade seca e o desejo de um sertão farto e venturoso vivenciado pelos personagens desses romances, ou seja, *enquanto vivenciam uma situação de seca, o sertão verde e farto emerge como uma lembrança configuradora da memória de um outro tempo, de um outro modo e de outras condições de vida. (...)*.²⁸⁰

Assim, procurando não fetichizar a imagem do sertão seco, Ivone Cordeiro procura, na chamada "literatura da seca", indícios que venham compor outras experiências.

O que também tentei demonstrar é que a experiência dolorosa e a imagem drástica da seca, subsumiu as imagens dos tempos 'normais' do sertão - do tempo do cultivo, da colheita, das festas e ritualizações sociais -, empobrecendo a experiência social sertaneja no Ceará, esvaziando-a da sua historicidade. Para as estruturas de sentimentos sertanejas a esperança e vivência no inverno, pelas conseqüências que traz - permitindo a sobrevivência no sertão -, pode ser tão importante quanto às conseqüências decorrentes da seca com o corolário de misérias que acarreta. O que pretendi foi resgatar e valorizar, também,

²⁷⁸ Ivone Cordeiro Barbosa. *SERTÃO: UM LUGAR-INCOMUM o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. op. cit. p. 21.

²⁷⁹ Ivone Cordeiro Barbosa. *SERTÃO: UM LUGAR-INCOMUM o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. op. cit. p. 192.

²⁸⁰ Idem, *ibidem*. pp. 192 e 193.

esses aspectos da vida cotidiana, como centrais para a construção das estruturas de sentimentos e das sensibilidades referidas à vida sertaneja.²⁸¹

Para isso, procurou localizar e identificar a produção literária relativa as percepções, os raciocínios e sentimentos da sociedade brasileira sobre o sertão do Ceará, com o propósito de discutir a construção da memória do sertão, procurando entender, em primeiro lugar, os processos de produção da memória da seca, como memória construída sobre o sertão.²⁸²

Conquanto este trabalho esteja próximo ao de Ivone Cordeiro, no sentido de que também está imbuído do propósito de “juntar” os indícios necessários à composição de outras experiências camponesas que não seja apenas a da seca, o que diferencia, ambos os trabalhos, é justamente o caminho percorrido na procura desses indícios. Assim, ao questionar *por que a imagem da abundância, da fertilidade, da fecundidade do sertão do Ceará causa tanto estranhamento e é dada como ‘falseamento’ da realidade ou ‘idealização’*, Ivone Cordeiro perseguiu a maneira pela qual as elites e, basicamente os literatos, construíram uma determinada imagem do sertão cearense que o iguala à seca; ao mesmo tempo que procurou, na própria literatura, mostrar como dialeticamente emerge, das imagens deste sertão seco, o seu contraponto que é o sertão dos invernos. Assim como Ivone Cordeiro, que demonstrou através da literatura o quanto o sertão é um lugar-incomum, pretendo, através dos discursos camponeses, descrevê-lo em sua pluralidade; ou seja, descrever as várias faces que tem o sertão. Para isto, é preciso estar atento para interpretar o lugar da fala e do olhar de cada camponês. Portanto, embora este trabalho esteja muito próximo aos de Durval Muniz e de Ivone Cordeiro, os quais me servem de apoio, ele se diferencia de ambos quando elege o discurso camponês como um contraponto aos discursos das elites analisados tanto por

²⁸¹ Idem, *ibidem*. pp. 204 e 205.

²⁸² Ivone Cordeiro Barbosa. *SERTÃO: UM LUGAR-INCOMUM o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. op. cit. pp. 22 e 23.

Muniz como por Cordeiro. Desta forma, este trabalho objetiva expressar a existência de duas estratégias distintas na construção da memória da seca e do sertão: se por um lado a memória das elites cristalizou um conjunto de imagens em torno do sertão a ponto de igualá-lo à seca, tornando-o, por assim dizer, um espaço aridamente homogêneo; por outro, as memórias dos camponeses construíram imagens da seca e do sertão que são absolutamente plurais.

Portanto, muito mais do que compreender a seca como um fato histórico e social cujas imagens e significações variam no tempo e conforme o contexto social, como propõe Durval Muniz, e, muito mais do que fazer emergir as ambiguidades do espaço camponês, como o fez Ivone Cordeiro, este trabalho pretende descrever a pluralidade que se experencia neste espaço/sertão, bem como os vários sentidos que os entrevistados atribuíram às secas, os quais a associaram, por exemplo, a um tempo de trabalho, de brincadeiras e de festas. Na verdade, tanto a festa como o trabalho fazem parte da vida dos mais velhos do sertão. Desta forma, em muitas narrativas foi possível perceber a coexistência, na vida cotidiana dos camponeses, da festa e do trabalho. Nesse sentido, o relato de vida do Sr. Antônio Eugênio da Silva apresenta-se como emblemático não só acerca do intercâmbio das lembranças da festa e do trabalho, mas das lembranças da festa, do trabalho e da seca. Segundo o velho Antônio Eugênio, o ano de 1941 foi de muito trabalho para ele, em virtude deste ano não ter apresentado uma boa estação chuvosa. Na companhia do amigo Euclides Bernal, o Sr. Antônio Eugênio *tirava todo dia seis carrada de macambira prum gado que tinha lá na Barra. No final da tarde, depois de cortar e espalhar toda a macambira, ia tomar banho e, muitas vez, saía de casa e num jantava; tirava lá pos Cadiais, dava assim uma légua mais ou meno, onde passava a noite dançando ao som do realejo e do reque-reque de Chico Cabral.*

Agora, a festa o que era? Um realejo, um nego tocando realejo chamado Chico Cabral. Mas ali era um nego que tocava um realejo, um realejo grande. Aqui, era um reque-reque enganchado, aqui; e, o realejo, aqui

na mão e ele tocando reque-reque, tocando... passava a noite dançando. Aí, tinha noite que eu saía de lá de madrugada. Aí, quando eu chegava im casa, o minino tava butando a cangáia no jumento pa ir po mato. Chegava, num cumia nem nada, só era saltar im riba do jumento, tirar macambira. Todo dia eu ia. Na noite que eu num aguentava mais, era só acabar de cortar a macambira, ia dormir. Mas teve muitos dias que tava cortando a macambira, soltava o facão, caía pa trás e pegava no sono (risos), tanto sono eu tinha. (...). Aí, na derradeira, no mês de janeiro de quarenta e dois (...), eu cheguei de madrugadinha, quando eu cheguei o minino tava butando a cangáia no jumento pa ir po mato. Nesse tempo, tinha um balde de bombom deste tamanho de tampa, a gente trazia água dento, dento do balde. No jumento que eu vinha, butaro o balde dento do caçuá. Aí, eu vinha na entrada do mato, pa entrar no mato, me deu um cuchilo, eu escapuli de riba do jumento, bati no chão, bateu no chão [o balde com a água] caio na carreira, distampou, derramou a água todinha.²⁸³

Essa pluralidade de sentidos, atribuída ao cotidiano camponês, faz-me utilizar, algumas vezes, ao longo deste trabalho, a palavra seca no plural não apenas porque elas são muitas ao longo do tempo, mas porque elas são muitas enquanto vivências, enquanto experiências. Apoiado nessa compreensão, e tendo como referência as histórias de vida de velhas e velhos camponeses, ficou evidente que as primeiras secas, aquelas que foram vividas ainda na infância, são possuidoras de muitos significados, ao mesmo tempo em que se constituem em importantes marcadores temporais na vida dos camponeses. Desta forma, temos que considerar que essa marcação apresenta-se, muitas vezes, de forma distinta dada a multiplicidade de significados que podem ser atribuídos a uma mesma seca. Para o Sr. Raimundo Mendes, por exemplo, só ocorreram duas secas *medonha*, a de 1915 e a de 1919, justamente as primeiras que ele experienciou.

Já peguei duas seca medonha, quinze e dezenove. (...). Desde que eu me entendo no mundo, só vi duas seca. Num houve mais seca não, houve tempo escasso. Mas seca não.²⁸⁴

²⁸³ Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998.

²⁸⁴ Raimundo Mendes Martins, 92 anos. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000.

No entanto, a seca de 1932, para o mesmo Raimundo Mendes, significou apenas um *tempo escasso*, enquanto, para outros, que a tiveram como primeira experiência, foi *uma seca medonha, trinta e dois*. Não obstante, para os que tiveram como primeira experiência a seca de 1932, o *tempo escasso* foi representado pela seca de 1958; que, no dizer de muitos dos entrevistados, foi uma *seca favorável*. Na cultura camponesa, *tempo escasso* e *seca favorável* significam, ao mesmo tempo, a ocorrência de um tempo que, embora não tenha apresentado uma boa estação chuvosa, foi vivido sem muito apherreio, sem muita agonia, sem muito sacrifício.

Assim, dos relatos de memória que foram colhidos durante a realização do trabalho de campo, foi possível perceber que as imagens do sertão dos invernos emergem de forma mais voluntária do que as imagens do sertão das secas. Mais do que isso, meus amigos de travessia revelaram, através das suas histórias de vida, que o sertão enquanto espaço social é absolutamente plural, embora tanto a seca como o inverno façam parte de suas vidas a ponto de constituir-se em importantes marcadores temporais.

Entretanto, percorrer os caminhos da história de homens e mulheres do sertão, com o objetivo de recuperar as imagens e os significados que os camponeses têm construído sobre suas experiências de vida, pareceu-me uma via significativamente fértil para se discutir os sentidos que foram historicamente construídos com vistas a produzir outras memórias que pareçam insólitas ou não, ao processo de homogeneização da “memória histórica”²⁸⁵ em torno da questão da seca.

²⁸⁵ Ao falar em “memória histórica”, não estou me referindo à história propriamente. Segundo Durval Muniz, a “memória histórica” é “composta de fatos convencionados como históricos que têm repercussões nas memórias pessoais e de grupos porque têm significado para eles, são aqueles fragmentos de História que são incorporados às memórias coletivas e individuais, servindo como marcos temporais. (...)” Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. “Violar Memórias e Gestar a História: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um ‘parto difícil’”. op. cit. p. 47.

Percebendo a grande lacuna teórica existente na vasta bibliografia sobre a seca,²⁸⁶ Durval Muniz empreende uma meticulosa pesquisa histórica e elabora um nível de compreensão sobre a seca, no qual ela não é representada apenas como fenômeno natural, mas, sobretudo, como um fato histórico e social cujas imagens e significações variam ao longo do tempo e conforme o contexto social.

O que se percebe, portanto, é que essa literatura, mesmo quando trata a seca como fenômeno com repercussões sociais e históricas, a toma apenas como um fenômeno natural, não abordando como um produto histórico de práticas e discursos, como invenção histórica e social, o que implicaria, ao se falar de 'seca do Norte', ou 'seca do Nordeste', não se está falando de qualquer estiagem, mas de um objeto 'imagético-discursivo', cujas imagens e significados variam ao longo do tempo e conforme o embate de forças que a toma como objeto do saber.²⁸⁷

Compreendendo que os marcos históricos são criações/ invenções que visam esconder os conflitos sociais e que em cada momento histórico existem várias propostas de futuro, Durval Muniz insiste na afirmação de que o ano de 1877 representa o momento em que a seca se torna um "problema nacional" e, nesse sentido, elabora a hipótese de que o marco 1877 foi construído historicamente. Procurando entender o porquê da problematização em torno deste problema, Muniz busca nos acontecimentos do período as pistas para compreendê-lo.

Para isso, o autor analisou os principais discursos em torno da seca, objetivando perceber o momento de inflexão para um novo discurso que a transformou em problema regional e nacional. Ao

²⁸⁶ Segundo Durval Muniz, esta vasta literatura pode ser dividida em três momentos distintos: "Um primeiro onde predominam as obras de autoria de intelectuais ligados às oligarquias nordestinas, quase sempre memórias, em que se procura dentro de uma visão positivista, factualista e cronológica, arrolar todas as secas passadas, discutir suas causas e soluções. Num segundo momento predominam obras de matriz tecnicista, cujos autores são quase sempre técnicos ligados ou não às oligarquias da região e que abordam o problema do ponto de vista estritamente técnico, limitando-se à discussão das causas do fenômeno e proposta de soluções. Num terceiro momento surge um grupo de autores que possuem uma visão mais globalizante ou crítica acerca do problema, percebendo-o não apenas como simples fenômeno natural, mas pensando-o como um fenômeno com implicações sócio-econômicas e que apenas agrava distorções presentes nesta estrutura social." Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)*. op. cit. p. 01.

²⁸⁷ Durval Muniz de Albuquerque Jr. "Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste". In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 14, n° 28, 1994. p. 111.

analisar os vários discursos sobre a seca, Durval Muniz procura não localizar esses discursos dentro de uma hierarquia, pois compreende que essa hierarquia acabaria expressando uma falsa concepção de que um ou outro discurso conteria mais verdade ou menos verdade do que outros. Segundo Muniz, cada discurso visa produzir uma verdade, embora a “potência de verdade” veiculada por cada discurso dependa muito das condições históricas que o cercam. Dessa maneira, nosso autor considera *lícito o uso do discurso literário tanto quanto o de qualquer outro discurso, pois todos estes participaram da construção da ‘verdade’ sobre a seca, enquanto ‘problema do Norte’*.²⁸⁸

Durval Muniz chama-nos atenção para o fato de que as idéias não são meros reflexos das estruturas econômicas e sociais, mas produções históricas que estão ligadas à realidade social. Desta forma, a transformação da seca em problema acontece dentro de um processo conflituoso, onde diversos imaginários se defrontam surgindo daí uma síntese dominante.

No entanto, não ficamos aí; foi necessário que fizéssemos uma análise interna dos próprios discursos particulares, que percebêssemos as alterações que se davam ao nível dos enunciados e dos conceitos, e como estes discursos embora ligados a uma estrutura social, possuem uma lógica interna, constituem um mundo discursivo, onde as lutas, as trocas e os conflitos também estão presentes. O mundo dos discursos se compõe de uma multiplicidade de elementos discursivos, que são utilizados por diferentes agentes sociais, que com eles elaboram seus discursos tendo sempre em mente alcançar um objetivo, que é político, que depende de luta. Por isso, consideramos toda formação discursiva como uma formação tática, como fazendo parte de uma estratégia que permite um dado agente social alcançar um objetivo.²⁸⁹

Partindo dessa compreensão, Durval Muniz procurou perceber como se originou um novo discurso em torno da seca e como este discurso foi transformado numa arma estratégica utilizada como

²⁸⁸ Durval Muniz de Albuquerque Jr. “Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste”. op. cit. p. 219.

²⁸⁹ Idem. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)*. op. cit. p. 5.

argumento para a defesa dos interesses dos diferentes agentes sociais da região nos entrecosques das lutas e conflitos sociais.²⁹⁰

Depois de inferir a maneira pela qual surgiu este novo discurso sobre a seca, Durval Muniz conclui que ele foi elaborado a partir de enunciados e elementos discursivos presentes nos mais variados discursos, com um objetivo estratégico de tornar o fenômeno um “problema” nacional. Desta forma, os discursos passaram a ligar a seca a uma série de outras questões de natureza econômica, sociais e políticas (trabalho, modernização, controle social, etc...) deixando transparecer a preocupação que o momento histórico colocava para o cotidiano de toda a sociedade.

Dentre os vários discursos analisados por Durval Muniz, o discurso tradicional ou popular é abordado como aquele que pré-existia ao momento em que a seca se tornou “problema”, embora viesse a sofrer modificações a partir deste fato. De qualquer modo, esse discurso tradicional ou popular servirá de matriz para a elaboração de outros discursos, não perdendo, com isto, a sua particularidade na medida em que representa uma visão alternativa dentro do conjunto desses discursos.

O conteúdo do discurso tradicional ou popular sobre a seca foi gestado na vivência do homem pobre do campo com este fenômeno, cuja experiência de vida foi sendo transmitida através da oralidade, foi sendo manifestada em atitudes e comportamentos, ou, como observa Muniz, através da literatura de cordel como uma manifestação da produção cultural popular.

Portanto, por ser também um componente característico do espaço geográfico em que vive o camponês, a seca vai ser o ponto de partida para toda uma produção cultural e imaginária, que fundamentará toda a produção discursiva, principalmente as elaboradas

²⁹⁰ Segundo Durval Muniz, a formação do discurso da seca, que teve origem no ano de 1877 e as repercussões práticas que dele advieram, teve no governo de Epitácio Pessoa (1919 – 1922) o seu momento de glória pelas vitórias no plano nacional as quais podem ser traduzidas na repercussão que a seca teve em

pelas oligarquias, quando estas sentem a necessidade de politizar o fenômeno, transformando a seca no “problema do Norte”.

O discurso articulado em torno da seca pela classe dominante nortista, a partir de 1877, baseou-se numa visão tradicional de fenômeno, presente no discurso do homem pobre do campo, que convivia secularmente com o problema. Esta visão, no entanto, era compartilhada por todos os grupos sociais da região, até que a conjuntura de crise vivida pelas classes dominantes colocasse para ela a necessidade de elaboração de um novo discurso que incorporasse os novos problemas enfrentados pela região e que servisse de arma na luta política em termos nacionais.²⁹¹

Segundo Muniz, o fato do discurso tradicional projetar a imagem de um sertão paraíso e fértil antes da seca e considerar esta como a causadora de todos os males sofridos pelos camponeses, contribuirá, em muito, para a elaboração de um novo discurso em torno do problema.

Segundo Michel Foucault, não podemos *imaginar que o mundo nos apresenta uma face legível que teríamos de decifrar apenas; ele não é cúmplice de nosso conhecimento; não há providência pré-discursiva que o disponha a nosso favor. Nesse sentido, devemos conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo o caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade.* Não obstante, esclarece Foucault, *os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem.*²⁹² Atento as observações de Foucault, busquei subtrair das memórias dos meus depoentes as regularidades e as singularidades discursivas sobre as secas.

Entre as regularidades que foram observadas nos discursos produzidos por meus depoentes, destacam-se alguns aspectos relativos à visão tradicional do fenômeno, a qual sugere que a seca, por ser um

nível nacional e pelo volumoso carreamento de recursos e benefícios adquiridos para a região e suas elites. Idem, *ibidem*. p. 10.

²⁹¹ Durval Muniz de Albuquerque Jr. “Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste”. *op. cit.* p. 92. Ao analisar o discurso oligárquico, Durval Muniz deixa claro que este não seria simplesmente uma síntese dos demais discursos sobre a seca. O que ocorre, no entanto, é que o discurso oligárquico se apropriou, quando necessário, de elementos discursivos pertencentes aos outros discursos que servem de respostas para questões que são levantadas na batalha política que esta classe travava em nível nacional e local.

²⁹² Cf. Michel Foucault. *A Ordem do Discurso*. EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo: 1996. pp. 52 e 53.

elemento constitutivo do espaço em que vive o camponês, seja considerada como um elemento natural que foi deixado por Deus e que, por isso mesmo, faz parte da própria rotina do mundo em que vivem. Nesse sentido, o Sr. João Miguel de Souza, ao ser indagado a respeito do significado da seca, atribui a ela uma dimensão que é absolutamente fatalista.

A seca? Rapaz, eu num sei não, rapaz. Eu tenho assim um pensamento que quando Deus formou o mundo ele deixou essas coisa tudo resolvido, sabe? tempo de inverno, tempo de seca, eu acho que ele já deixou tudo feito, já. É! Na minha mente é, viu. Eu num tem estudo, num tem nada, mais no meu pensamento foi assim, né?²⁹³

Desta forma, a naturalização da seca, enquanto uma fatalidade, leva, por extensão, à naturalização da pobreza e da exploração, escapando, por assim dizer, à compreensão e ao controle próprio do homem. Diante da sua própria “impotência”, o que lhe resta fazer é sofrer com resignação e viver, com paciência, as “situações limites” pelas quais o ser humano infortunadamente venha experienciar em momentos de seca, já que esta é uma “lei da natureza” que é editada por Deus.

Por outro lado, o depoimento do Sr. João Miguel revela uma alternância entre as paisagens de inverno e de seca. Segundo Alfredo Gomes, há uma natureza religiosa na forma pela qual os camponeses classificam o tempo. Assim, o inverno, caracterizado pelo tempo bom, antecede ao tempo ruim, caracterizado pela seca; da mesma forma que a bondade antecede à maldade e a inocência ao pecado.²⁹⁴

Um outro elemento, que é central na imagem tradicional da seca, apresenta esta como sendo um castigo profetizado por Deus em virtude dos pecados humanos. Segundo Durval Muniz, diante dessa situação, o padre assumia o papel de intermediar a relação entre Deus

²⁹³ João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Divertido, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

²⁹⁴ Alfredo Macedo Gomes. *O Imaginário Social da Seca e suas Implicações para a Mudança Social*. op. cit. pp. 141 e 142.

e o pecador. Assim, procurava orientar determinadas práticas como as preces coletivas, as procissões e as penitências, as quais tinham por objetivo conquistar a misericórdia divina para os pecadores. A seca seria, portanto, o tempo propício para a expiação dos pecados, uma vez que ela traz os sofrimentos necessários à carne humana, para a purificação das almas.²⁹⁵

Conquanto a seca não apareça diretamente associada à idéia de castigo divino, parece-me ser emblemático o depoimento que o Sr. Conrado José da Silva dá a respeito das procissões que o Monsenhor Oliveira realizava entre Flores, no município de Russas, e Quixeré no período de ocorrência de seca.

No tempo de seca, como eu ia dizendo, no tempo de seca ele fazia promessa. Quer dizer, que fazia promessa pra com N. Sra. do Perpétuo Socorro e o Coração de Jesus, São José, de lá das Flores. N. Sra. do Perpétuo Socorro e o Coração de Jesus vim de lá das Flores im andor pro Quixeré. Quando chegava no Quixeré, pegava N. Sra., fazia o andor de novo de N. Sra. da Conceição e vinha aqui pra Fátima. Aí, tinha as cruz, de lá do Quixeré até chegar aqui. E, tinha as cruz arrudiando a igreja daqui. Era, era em cada cruz daquela um terço. E, era todo mundo de juei. Quando chegava numa cruz, se ajueiava todo mundo. Queimemo o juei! (...). queimou que parecia que tinha pegado, assim, um óleo queimado, tinha passado (risos).²⁹⁶

As procissões, na verdade, tinham por objetivo reconduzir os camponeses a Deus através da penitência. Assim sendo, os caminhos da penitência seriam os caminhos pelos quais os camponeses poderiam refazer o pacto quebrado com Deus, em virtude dos pecados cometidos ao infringirem valores morais tradicionais. Era preciso, pois, agradar a Deus e, para isto, dever-se-ia corrigir as condutas e rezar para se acalmar a "ira divina". Desta forma, segundo Durval Muniz, a Igreja procurava canalizar todo o potencial de revolta para práticas

²⁹⁵ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução*. op. cit. pp. 94 e 162.

²⁹⁶ Conrado José da Silva, 77 anos. Entrevista gravada na comunidade Tomé, no município de Quixeré, no dia 12/04/2000. Proprietário de dois hectários de terra, o Sr. Conrado vive na companhia da esposa e de um filho numa pequena casa de taipa. Após a trombose sofrida por sua esposa, "seu" Conrado cuida não apenas das funções domésticas da casa, como da esposa que não fala e não anda. Embora continue realizando os trabalhos agrícolas, o velho Conrado tem na aposentadoria, que ele e a esposa recebem, o meio de sobrevivência.

místicas como as penitências, os sacrifícios, as procissões, as confissões rogando a Deus a volta das chuvas.²⁹⁷

A Igreja acreditava que em momentos de seca sua atuação deveria ir além da ajuda material. Decerto, este tipo de socorro era necessário sobretudo para aqueles que mais sofriam com os efeitos da estiagem. Todavia era preciso, acima de tudo, oferecer-lhes uma “assistência espiritual” capaz de renovar a confiança em Deus, evitando, com isto, que o desespero tomasse conta de toda a população. As práticas e o discurso da Igreja objetivavam, pois, justificar o porquê de tanto sofrimento, almejando que as pessoas se resignassem.²⁹⁸

Para uma melhor compreensão das práticas e do discurso da Igreja, foi de grande utilidade a pesquisa realizada nos Livros de Tombo da Paróquia da cidade de Russas. Não obstante, a leitura das crônicas contidas nesses Livros, possibilitou-me conhecer, para além dos exercícios litúrgicos da Igreja, um pouco mais do cotidiano da população deste município durante a seca de 1958 – por exemplo.

Ano de N. Sr. Jesus Cristo de mil novecentos e cinquenta e oito.
(...)

Apesar de muitas preces do povo, o inverno ainda se fazia esperar. Muita tristeza e preocupação podia se perceber em todos os semblantes. Entra o mês de abril, muito seco e desanimador. O calor ansigia, digo, atingia ao clímax. Nada de chuva! Os exercícios da Semana Santa foram celebrados com muita tristeza e pouca esperança de chuvas. (...).

Nas pregações e exortações insistiu-se muito na confiança em Deus diante da calamidade que começava a trepidar os corações.

O mês de março havia decorrido tristemente, de sorte que nada deixou, que merecesse relato nesta crônica.

Fizemos insistência pela frequência assidua a santa comunhão para alívio das amarguras da vida e o povo correspondem bem e, assim podemos anotar o movimento da paróquia. No mês de janeiro, quatro mil e seiscentos comunhão – 4.6000 – fevereiro, sete mil quatrocentos e cincoenta e oito – 7.458 – março, quinze mil e trezentos comunhão – 15.300 – abril, quinze mil e duzentos e seis comunhões – 15.206.

O mês de N. Senhora desponta tristonha para o mundo da natureza que nos cerca, todavia, o povo acorre a Igreja cheio de fé na bondade da mãe do céu. Algumas chuvinhas metigam um pouco a situação. O Revmo. Pe. Abdon Valério S.J. pregou durante todo o mês de maio.

(...)

²⁹⁷ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução*. op. cit. p. 95.

²⁹⁸ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução*. op. cit. p. 161.

Em setembro tudo corria do mesmo modo. A paróquia não pode sair do seu ritmo comum de assistência espiritual. Tudo tem sido feito para satisfazer as necessidades espirituais do povo, no que não se poupa sacrifícios.
(...).²⁹⁹

Contudo, a Igreja não fazia do seu discurso apenas um canal de “assistência espiritual”; mas utilizava-o para condenar tanto a imoralidade dos pobres que em virtude da seca haviam se tornado mendigos – *É pena que muita gente (...), ficou acostumada a procurar o auxílio das famílias que deram exemplar assistência aos pobres* -, como também os ricos em razão da prática de especulação tornada comum em períodos críticos de estiagem.

No mês de julho nada houve na paróquia de excepcional. A seca acentua-se cada vez mais calamitosa. Muita desilusão diante da carestia da vida e desorganização dos serviços públicos de emergência. Enquanto isso os aproveitadores e atravessadores começam a exercitar a atividade costumeira de explorar a miséria do povo e assim começam a ‘indústria da seca’.³⁰⁰

Além das crônicas paroquiais, encontramos na Literatura de Cordel registros do discurso tradicional sobre a seca, especialmente do discurso produzido pela Igreja Católica. Como ressaltou D. Altina de Moura Lima, no passado era muito comum as pessoas da região do Baixo-Jaguaribe noticiarem não apenas os acontecimentos mais importantes, mas muitas vezes, *qualquer uma besteira* utilizando-se do cordel como veículo de transmissão.³⁰¹ Embevecido, pois, por essa dupla

²⁹⁹ Paróquia de Russas – *Livro de Tombo n° VII*. p. 55 e 61. Neste livro, se acham anotados os acontecimentos e documentos da crônica paroquial de Russas dos anos de 1955 a 1961.

³⁰⁰ Paróquia de Russas – *Livro de Tombo n° VII*. p. 61. Referindo-se à seca de 1942, Frederico de Castro Neves comenta que logo no início do ano verificava-se uma certa inquietação por parte da população rural, em virtude da “carestia exorbitante” já instalada desde os primeiros meses do ano. Segundo Neves, o adjetivo “exorbitante” utilizado pelos técnicos do governo, pode significar uma impaciência com relação às forças do mercado de alimentos que, concomitante ao primeiro sinal de seca, permitia um aumento desenfreado de preços. Todo este clima, no entanto, demonstrava a necessidade de uma rápida e eficiente intervenção governamental no mercado de alimentos e trabalho. Cf. Frederico de Castro Neves. *A Multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. op. cit. p. 141.

³⁰¹ “Tinha muita gente, de qualquer uma besteira, meu nego, tirava uma grosa. Qualquer uma coisinha que havia, aí, saía uma grosa. Disse que ali pelo Arraial (**comunidade rural próxima à cidade de Limoeiro do Norte**), tinha um povo muito, assim, muito poeta, muito fácil de saber das coisa, tirar grosa.” Depoimento de D. Altina de Moura Lima, 96 anos. Entrevista gravada no Sítio Lima, no município de São João do Jaguaribe, no dia 11/04/2000.

memória – a memória do cordel e a memória de D. Altina -, ressalto a singularidade do seu depoimento no qual memória e ficção aparecem colocados num mesmo plano, uma vez que uma possibilita a outra, ou seja, a memória alimenta o cordel ao mesmo tempo que o cordel trabalha a memória.

Demonstrando ter uma memória privilegiada e ser uma narradora por excelência, D. Altina, com uma habilidade impressionante, narrou a memória que guarda da seca de 1915 tomando como referência a Literatura de Cordel. Segundo D. Altina, *quando passou-se a seca, adepôs, criaram uns verso* intitulados de O ABC do Quinze, os quais, em um instante, a depoente passou a recordar e a “cantar” *uns dois pé* para que eu pudesse ouvir e gravar. No seu dizer, era *uma besteira* que ela aprendera ainda quando criança.³⁰²

- Agora é chegado o tempo / de nós ir todo sofrer / a pobresa num tem mais / a onde se socorrer / Pede a Deus onipotente / por vida dos inocente / nos der força pra romper.
- Bom dia nos disse o quinze / com a cara esfarruscada / eu venho ensinar a todos / uma doutrina pesada / Pois quem Deus num conhecer / a virtude que quem perder / que a riqueza num é nada.
- Conheça que eu estou dando / um conselho bem moderno / para irem conhecendo / que existe um Deus eterno / Esses homens potentado / como têm dinheiro e gado / compre chuva e dê inverno.

Agora é... A, B, C... D, né?

- Devemos pedir a Deus / que nos dê grande lembrança / de amar e servir a ele / com boa perseverança / Pidimos de quando em vez / que venha um dezesseis / trazer alguma abundância.

É, né?

- Eu temo morrer de fome / porque é uma morte feia / em falar no nome dela / foge os sangue nas veias / Aquela triste figura / vem mais bernal de cintura / mandando as vontade alheia.

É... F.

³⁰² D. Altina, lembra, que aprendeu a “cantar” O ABC do Quinze com um “criatura” que viajava em um carro de boi “do véi Luiz de Zé Medeiro.” Ao demorar-se na Passagem de Russas,³⁰² este “criatura” viu um Padre cantando O ABC do Quinze. Curioso em aprender, “ele pediu um papel; quando voltou, deram o papel, ele trouxe, aí nós aprendemo.” Segundo D. Altina, em sua casa todos aprenderam a cantar O ABC do Quinze; “mas, as outa, tudo já morrero. Também, num sei se fosse viva, sabia não.” Em seu depoimento, D. Altina revelou que ainda chegou a estudar na Tapera “com um tal de Joaquim Soares”. Mas, que foi em casa mesmo que aprendeu “a carta do ABC”: “Eu tinha muita memória, era uma coisa demais (risos), pra aprender as coisa”. Ainda a propósito de O ABC do Quinze, uma outra depoente, D. Francisca Delfina da Costa, 87 anos, recordou, com muita dificuldade, alguns de seus versos. D. Chiquinha, como é mais conhecida, disse que aprendera a cantar com sua mãe que sabia, na “ponta da lingua”, todo O ABC do Quinze.

- Fortuna tem quem contar / que o quinze se passou / quem romper esta travessia...

Como é? Agora eu me esqueci do F.

- Fortuna tem quem contar / que o quinze se passou / quem romper esta travessia... [Ah! Eu me esqueci desse pedaço, uma coisa que eu sabia tanto. Ah!] ... quem romper essa travessia / num sabe como escapou / Não temos que imaginar / que quem tiver de escapar / Deus do céu consignou.

F e G.

- Grande ribuliço há / num povo sem procissão / uns pra escapar o gado / e outos pra escapar o pão / Quinze veio de surpresa / dá balaço na riqueza / em homens de posição.

G e H.

- Honremos a seca de quinze / após essa foi pesada / tememos o dezesseis / com sua nova chegada / Quinze veio carrancudo / chegou calado e sisudo / sem dá promessa de nada.

G... H... I.

- Irmanado num povo / veio haver como sem falta / porque quinze quando veio / vinha arrancando os gravato / Aqui ninguém se ilumina / tire os seus pés da botina / e calçe minha alpergata.
- Já nós temos visto isto / no nosso quinze passado / homem de moeda grossa / que vivia do Estado / Deixai em casa os anéis / calçai alpergata os pés / e correi no coice do gado.
- Kaída esbafarida / muito mole e sem destreza / se eu num achar uma sombra / sei que morro com certeza / Fazendo muito mungango / sofra no pescoço a canga / em procissão com a pobreza.

K e L.

- Lamenta hoje o rico / ver o que tem se acabar / Os pobres também lamenta / sem terem com que passar / Mas eu sofro satisfeito / Deus me mostrará o jeito / até os meus dias chegar.

L e M.

- Muitos ricos de mal gênio / juntos com pobre malvado / quiria trazer o mundo / por si sozinho governar / Quinze disse: e eu contesto / é engano e manifesto / seja por mim iluminado.

L e M.

- Não tem no mundo quem tenha / agora o prol no certado / tudo que faz é perdido / tudo que pensa é errado / Quem romper esta travessia / que gozar mais algum dia / ficará bem alebrado. [E eu rompi a travessia, né? (risos) Tará bem alebrada?]

L, M e O

- Orgulho andava no mundo / por toda parte espalhado / junto com ele espalhou-se / o mal da broca no gado / Pelo sertão e pela serra / num mal comendo terra / morrendo seca no lado.

O, P.

- Parece que a seca trouxe / uma orde em avolante / de açoitar os fazendeiro / e quebrar os niguciante / Não respeitar a patente / e a pele de major, tenente / tudo há de sofrer bastante.

Aí foi o P? P,Q.

- Quinze veio deixar no povo / uma lembrança... / é eu pedindo desculpa / da minha ignorância / Que a presença me consume / que um corpo passando fome / me causa todas as lembranças.

Q, R.

- Rogante falava o povo / muito cheio de razão / só se falava em jogo / e em sucia vadição / Quinze chegou em janeiro / como um forte dizimeiro / na fazenda do sertão.

R e S.

- Senhores peço desculpa / se alguns tiver agravado / é por minha ignorância / deu num ser civilizado / Mas o homem que conhece / dá o ser quem merece / desculpe se está errado.

R, S e T.

- Tantos que já tinham dito / vou vender minha boiada / vendo muito bem meus queijos / e apuro minhas qualhada / Só se olhava o presente / no futuro outro momento / não se imaginava em nada.

T, U.

- Uma idéia num havia / de um castigo aparecer / só se pensava em riqueza / em sua fazenda crescer / Não havia imaginação / que era sujeito o sertão / uma seca aparecer.

U, V? É!

- Veio gente do Iguatu / Crato, Cariri e Icó / Souza, Pombal e Catolé / Patú, Mastir e Jiricó / Este pobre do sertão / tomai por estação / foram para Mossoró.

V, X.

- Xora rico e xora pobre / afinal tudo xorou / porque quinze quando veio / muitos brabo ele amansou / Agora me digo eu / que dos castigo de Deus / nunca ninguém se livrou.
- Zombando vivia o povo / do Padre do Juazeiro / chamando ele afanático / criminoso e venturoso / Ele nos dando o exemplo / que havia dez mandamento / e um só Deus verdadeiro . (...) e todos nós é com certeza / No fim do mundo há de vim / o autor da natureza / julgar os vivos e os mortos / tomar as almas dos corpos e gozar de outra grandeza.



(Foto 24 – D. Altina no momento da entrevista – Sítio Lima – São João do Jaguaribe)

Muito mais do que preservar esta fantástica memória e a historicidade destes versos, torna-se imperioso destacar o quanto a Literatura de Cordel serve de instrumento para a veiculação de um discurso tradicional sobre a seca; embora, em outros momentos, sirva para mostrar que o sertão é também o lugar da fartura e da ventura. Desta forma, os versos que compõem O ABC do Quinze, acima transcritos, muito revelam do discurso produzido pela Igreja Católica em torno da seca. Nesse sentido, apresentam a seca como o momento onde todos, indistintamente, sofrem: *xora rico e xora pobre, afinal tudo xorou; como ensinamento de uma doutrina pesada* para aqueles que insistem em não reconhecer a autoridade de Deus e não praticam as virtudes ensinadas pelo Cristo; como sendo um momento para todos lembrarem que Deus é eterno e *que a riqueza num é nada*, pois ela não compra a chuva nem mesmo produz o inverno.

Em seu ABC, a seca de 1915 é apresentada, pois, como um castigo de Deus pela super valorização do poder temporal em detrimento do eterno poder de Deus; pelos homens estarem constantemente infringindo os valores morais mais tradicionais; bem

como pelo pecado da avareza pois *uma idéia num havia, de um castigo aparecer, só se pensava em riqueza, em sua fazenda crescer. Não havia imaginação, que era sujeito o sertão, uma seca aparecer. A seca seria, portanto, o tempo propício para a expiação dos pecados e para o exercício da resignação, pois quem sofre satisfeito, Deus lhe mostrará o jeito.*

O discurso da Igreja procurava, pois, ordenar a sociedade através de preceitos morais, objetivando torná-la um todo harmônico. Com isto, não se preocupava em questionar a divisão social, uma vez que a considerava um desígnio divino.³⁰³ Ao analisar o discurso da Igreja sobre a seca, Durval Muniz parte da compreensão de que esta instituição social detém uma grande importância, destacando-se, exatamente, por realizar um trabalho ideológico que auxiliava a manutenção da hegemonia social por parte de uma certa parcela da classe dominante. Embora o discurso da Igreja fosse de matriz tradicional e já existisse antes da problematização da seca, a partir de 1877 – ano que marca o início desta problematização - sofrerá uma série de inflexões, pois, é da visão da Igreja sobre o fenômeno, que *a elite vai retirar aqueles elementos que se coadunam com a sua nova visão de mundo, mas também irá expurgar aqueles que não podiam mais ser aceitos por uma 'elite moderna'*.³⁰⁴ Portanto, como ressalta Muniz, por ser um discurso que exerce influência tanto nas concepções dos dominados como dos dominantes, sua análise apresentou-se como essencial para a compreensão de sua influência na construção do “discurso da seca”.

Uma outra variável da visão tradicional da seca presente nos discursos dos meus depoentes diz respeito à concepção naturalista, na qual a seca e a miséria da população decorrem das condições naturais próprias da região. Nesse sentido, o problema se resume exclusivamente na falta d'água, cuja a responsabilidade não é mais atribuída ao destino, à sorte, mas às próprias leis da natureza que

³⁰³ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução*. op. cit. p. 163.

³⁰⁴ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução*. op. cit. pp. 156 e 157.

escapam ao domínio e à capacidade transformadora do homem. Segundo o discurso do Sr. Euclides Ângelo Cordeiro, *a seca é uma dificuldade muito grande. Se o Ceará num tivesse seca, seria muito melhor; porque a falta do Ceará é a água mermo.*³⁰⁵

Portanto, embora a seca apareça no discurso camponês como elemento que faz parte do seu espaço e que obedece a uma sucessão cíclica no tempo, não deixa de ser vista como um elemento de desordem da natureza. Assim, o camponês identifica a seca como o elemento que perverte a rotina da natureza, que altera o ciclo natural da vida e que é responsável, sobretudo, por toda a ordem de sofrimentos que se experencia no campo.

Em seu depoimento, o Sr. João André responsabiliza a seca pelo “atraso do Nordeste” e por todos os sofrimentos que os “nordestinos” cotidianamente enfrentam. Embora reconheça que hoje seja possível utilizar, mesmo com a seca, o sistema de *aguação* na agricultura, essa prática não se torna viável em função do alto custo com a implantação e a manutenção dos equipamentos.

Rapaz, a seca traz pra mim... a seca traz dificuldade não só pra mim, pra todos nós. A seca é um negócio que atrasa o Nordeste; a seca é um negócio que bota o nordestino pa trás em tudo por tudo. Porque hoje... Nesse tempo, num tinha aguação, mais hoje mermo com a seca, o caba faz a aguação. Mais que a dispesa que ele tem com a aguação, a produção da aguação quase num dá. Por isso, eu lhe digo, a seca bota a gente pa trás em todo este sentido (risos). É, a seca é malvada; o nordestino é sofredor na seca por via disso aí. Porque a gente... a seca só traz... pela historia (...) a seca só traz misera. (...). A seca é péssima, o nordestino é sofredor na seca, nada presta, é uma vida arruinada, é uma vida fragelada (...) sei lá, nada ele faz a tempo porque vive naquela agonia toda, né? É, ele é sofredor, a seca é um negócio munto ruim. Eu... eu tenho munto a contar de seca, porque eu fui munto sofredor já de seca, né? É, eu já sofri muntas seca, anos secos aonde que eu pegasse ainda aquele tempo, eu hoje num frentava mais que... num tenho condições, né? A velhica... o tempo passou e eu fiquei velho (risos). É, é assim, foi assim. A gente... Um negócio munto sero, munto sero.³⁰⁶

³⁰⁵ Euclides Ângelo Cordeiro, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa Grande, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

³⁰⁶ João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 03/02/1999.

Esse tipo de discurso, emblemático da maneira pela qual o camponês vê o problema da seca, está vinculado diretamente ao discurso técnico sobre a seca. Na verdade, trata-se de uma produção discursiva que tem sua origem na busca de respostas para o “problema” da seca, na medida em que busca compreender suas causas e oferecer-lhe soluções. A influência desse discurso, na formação do “discurso da seca”, reside na legitimação do saber científico numa sociedade que vê a “ciência” como o saber verdadeiro e único. O discurso técnico-científico, pois, ao mesmo tempo que desqualifica o saber popular ou tradicional, se apresentará à classe dominante regional como um importante instrumento para que ela torne seu discurso convincente em termos nacionais.³⁰⁷ Por outro lado, ainda, ao fetichizar o problema da região como sendo a escassez de água, as elites deixam de considerar a questão fundiária como sendo uma das problemáticas mais sérias da região.

No discurso técnico, a seca passa definitivamente a ser encarada como um fenômeno da natureza. Desta forma, a ciência colocava, como sendo perfeitamente possível, a eliminação do fenômeno a partir de estudos científicos e de observações da natureza que oferecessem soluções de caráter técnico. Contudo, não havia uma convergência de opiniões quanto a possibilidade da ciência oferecer soluções para as secas. Assim, para uns era possível a eliminação do fenômeno, enquanto para outros só seria possível amenizar seus efeitos.

O fato é que o Brasil do final do século XIX presenciava uma disputa extremamente acirrada entre a Igreja e a ciência, na medida em que a primeira procurava combater o discurso técnico sobre a seca, que buscava as causas do fenômeno na própria natureza e não em manifestações sobrenaturais como fazia a Igreja. Para esta, as alternativas entre inverno e seca não nasciam simplesmente dos efeitos

³⁰⁷ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução*. op. cit. pp. 11 e 179.

naturais; ou seja, por trás dos fenômenos naturais, estaria a mão de Deus.

Sem distanciar-se da visão naturalista dos Srs. Euclides Ângelo Cordeiro e João André Filho, o Sr. Chiquinho Pitombeira apresenta a seca como resultado de outros fenômenos naturais como o desmatamento, a ausência de árvores e a falta de água na superfície para “atrair” a chuva, etc.

O desmatamento só é ruim pra munta coisa. Até as árvores, num tem mais árvore pa atrair a chuva. Aí, é tudo pruviente das árvores, sabe disso? Num é o toco não, num é a terra limpa não. As árvores atrai a chuva, atrai. Árvore grande, árvore muito grande atrai chuva. Um açude grande atrai chuva, sequeidão não. O calor da terra é pruviente do abafamento, do calor da terra.³⁰⁸

Essas causas apresentadas pelo “seu” Chiquinho Pitombeira para explicar o fenômeno das secas, é classificada por Durval Muniz como visão ecológica do fenômeno. Segundo a visão ecológica, a seca é pensada como consequência do desequilíbrio causado na natureza pelo próprio homem em anos de depredação e devastação. Desta forma, como nos chama a atenção o velho Pitombeira, a ausência das matas seria um fator importante para se explicar a baixa pluviosidade na região, uma vez que elas seriam de suma importância no processo de condensação de vapores, de retenção de um volume maior de água, além de servirem para o resfriamento da atmosfera.³⁰⁹

Segundo a visão tradicional do fenômeno, a seca, por ser esse elemento de trauma para a natureza e para o próprio homem, causa inúmeras transformações não só na natureza, mas no próprio cotidiano do homem camponês, uma vez que o tempo da seca marca também o tempo do não trabalho. Cabe ressaltar que em todas as minhas andanças pelo sertão das secas, percebi que este sertão emerge na memória de meus amigos de travessia dentro de uma pluralidade e

³⁰⁸ Francisco Rodrigues Pitombeira (Chiquinho Pitombeira), 86 anos. Entrevista gravada no Riachinho, no município de Russas, no dia 22/10/1999.

³⁰⁹ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução*. op. cit. p. 200.

não como uma unicidade na qual as pessoas, da maneira mais repugnante, normalmente morrem de fome.

Todavia, este sertão foi densamente descrito nas páginas dos chamados romances naturalistas do final do século XIX, entre os quais destaca-se *A Fome*³¹⁰ de Rodolfo Theophilo.

O que diria se visse um pai no delírio famélico matar o filho para comer; uma desgraçada mãe, só ossos e pelangas, morta e resupina no meio da estrada, no seio uma creancinha esqueletrica procurando sugar algumas gotas de leite do cadáver; um retirante animalizado, metido numa gruta, alimentando-se da carniça humana que encontrava nos caminhos; uma criança encontrada em uma casa abandonada à beira do caminho, fechada na camarinha, caída de fome e chupada de morcegos, que lhe cobriam o corpo como um lençol negro; um desgraçado retirante estirado na estrada, no marasmo da fome, sem forças para mover um músculo, cercado de urubús vorazes e famintos, que não esperam a morte da vítima, mas a apressam, vazando-lhe os olhos com o bico adunco, como um espinho a enterrar-se-lhe na pupila dilatada e negra (a luz apaga-se e o banquete dos corvos começa); Joaquim Punaré, um negro hediondo, feroz como uma hyena, Canindé, no delírio da fome, comendo uma criança com mel de abelha?³¹¹

Apesar de terem sido casos eventuais, estas cenas aparecem em grande parte das narrativas literárias que tematizam as secas. Trata-se, na verdade, de um discurso repetitivo que estrategicamente contribuiu para a estereotipização do sertão nordestino.³¹² Por outro lado, a subjetivação desse discurso estereotipizado possibilitou as elites da região, principalmente, terem à sua disposição imagens dramáticas que em muito enriqueceu o discurso formulado em termos reivindicatórios em nome de uma população castigada pelas secas. Contudo, é imperioso ressaltar que a fome, diferentemente das secas, é sempre constante em todos os Estados da

³¹⁰ Rodolfo Theophilo. *A Fome; Violação*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979. “Na seca de 1877, a secca-typo, eu precisava conhecer de viso um abarracamento de retirantes, precisava modelos para o romance – A Fome -, que publiquei depois. Estudei detidamente a calamidade e a psychologia do faminto. A observação dos phenomenos me convenceu de que a miseria tudo dilue de bom na alma humana.” Cf. Rodolfo Theophilo. *A Seca de 1915*. Fortaleza: Typ. Moderna – Carneiro, 1919. p. 46.

³¹¹ Rodolfo Theophilo. *A seca de 1915*. op. cit. pp. 45 e 46.

³¹² Para Durval Muniz, “(...) O esteriótipo é um olhar e uma fala produtiva, ele tem uma dimensão concreta, porque, além de lançar mãos de matérias e formas de expressão do sublunar, ele se materializa ao ser subjetivado por quem é esteriopado, ao criar uma realidade para o que toma como objeto. (...)” Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. op. cit. p. 20.

região nordestina, servindo de suporte para sustentação das formas de políticas de combate às secas.

Não obstante o teor de dramaticidade presente na fala de alguns depoentes, em virtude dos sofrimentos vivenciados nos períodos de seca, observei que os camponeses atribuem uma pluralidade de sentidos à seca, que nos impede de vê-la dentro dessa unicidade historicamente construída. De acordo com a pluralidade de sentidos atribuída às secas, que aparecem, muitas vezes, como a manifestação de um tempo bom e alegre. Contapondo-se, ainda, à visão tradicional que foi cristalizada em torno do sertão nos períodos de seca, os discursos produzidos pelos camponeses revela-o não como o espaço em que a natureza e o próprio homem ficam paralisados, mas como espaço onde sempre é possível utilizar-se, de acordo com o lugar habitado, de outras táticas que tornem possível a manutenção do cotidiano de trabalho.

Assim, serenando o espírito de observador para não perder um só detalhe do que era narrado, deixei-me conduzir por tempos e espaços, supostamente tão iguais na longa e densa travessia de suas histórias. A cada parada, em algum ponto de apoio marcado no tempo, faziam um retrospecto minucioso e eloqüente de suas vidas. Assim, num instante, uns recordavam-se, por exemplo, dos momentos difíceis, porém muitas vezes alegres, vividos durante as secas de 1915, 1919, 1932, outros, durante as secas de 1942 e 1958.³¹³ O fascinante é que as emoções pareciam estar sendo revividas novamente a cada gesto e a cada entonação das palavras; embora, conservassem consciência do presente, sentindo a experiência do hoje, analisando o ontem que já se findara.

Diante da fadiga do percurso, senti que meu corpo e minhas idéias imploravam descanso, pois a travessia realmente é longa, sendo, vez ou outra, necessário parar, não apenas para descansar, mas,

³¹³ Este recorte cronológico se justifica pelo fato das experiências vividas nessas secas terem sido as mais lembradas no processo de rememoração dos entrevistados.

sobretudo, para melhor refletir sobre a multiplicidade dos tempos através dos quais se realiza a atividade da lembrança; assim como para melhor juntar os gestos às palavras, compreendendo, neste universo, os plácidos silêncios.

Contudo, poderíamos, eu e meus amigos de travessia, repousar na sombra de um alpendre nos meses de inverno onde normalmente corre um vento úmido, frio, pelos sertões; ou, mesmo, na sombra de uma canafístula, de um juazeiro, ou de uma velha oiticica à margem de uma lagoa de águas límpidas onde voejam passaros de toda sorte, onde as garças levantam-se em branco e alto vôo; ou, ainda, à margem de um rio que desce banhando tudo que encontra pela frente, cobrindo as várzeas e afogando os troncos de velhos carnaubais. Porém, o cansaço não nos tomou com tanta benevolência. Preferi mesmo foi apeiar a sol alto; um sol que talvez fosse de meio-dia, de um dia qualquer do ano seco de 1915.³¹⁴

Estava na companhia de Raimundo Mendes Martins, velho depoente ligado por longos fios da lembrança a este ano de 1915. Uma lembrança desmesurada que acabou esculpindo, para o presente, imagens do passado com fortes traços da experiência coletiva de todos que viveram esse tempo de seca. Nascido em vinte e cinco de agosto de 1908, ele tem na seca de 1915 o início da marcação de seus referenciais familiares. Assim, com a mente voltada às lembranças caras da infância, diante da evocação familiar das paisagens que

³¹⁴ No dizer de Rodolfo Theophilo, a seca de 1915 encontra o Ceará “mortalmente ferido pela sedição de Juazeiro”; movimento político que, em 1914, pôs fim ao governo de Marcos Franco Rabelo. Insatisfeitos com a deposição de Nogueira Accioly da Presidência do Estado, em 1912, depois de uma insurreição popular que durante três dias transformou a cidade de Fortaleza em um palco de guerra, o grupo político ligado a Accioly, no qual destaca-se, entre outros, Floro Bartolomeu (maior expressão política de Juazeiro do Norte e amigo particular do Pe. Cícero) e Pinheiro Machado (chefe do Partido Republicano Conservador – PRC), transforma, principalmente, o interior do Estado, numa verdadeira guerra civil, onde cidades eram invadidas e propriedade e casas comerciais saqueadas. O objetivo deste levante, era, pois, destituir do governo Estadual o Cel. Marcos Franco Rabelo. Cf. Rodolfo Theophilo. *A Seca de 1915*. op. cit. Sobre a deposição de Nogueira Accioly em 1912 e a Sedição de Juazeiro em 1914 ver: Rodolfo Theophilo. *A Sedição de Juazeiro*. Fortaleza: Ed. Terra de Sol, 1969; João Mendes de Andrade. “A Oligarquia Acciolina e a Política dos Governadores” In. Simone Souza (Coord.). *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994; Virgínia Maria Tavares da Silva. *Crise na Política dos Governadores: o declínio dos Accioly no Ceará*. Dissertação de Mestrado – São Paulo, USP, 1982 e “Aspectos da Crise política de 1912 no Ceará”. In. Simone Souza. op. cit.; LIMA, Marcelo Ayres Camurça. “A Sedição de Juazeiro e a Guerra Civil no Ceará”. In. Simone Souza. op. cit; Ralph Della Cava. *Milagre em Juazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

atravessava, o Sr. Raimundo Mendes recorda as dificuldades que viveu junto de sua família numa época em que até as comidas agrestes estavam escassas: o xiquexique, a macambira e a mucunã. Comidas agrestes, que ele mesmo faz questão de dizer que não lhes entrava.

Nós cumemo, a negrada cumero. Ali, na Catinga do Estreito, o xique-xique foi simbora todim; os caba cumero. Ô cumer (...) a macambira eu... num me entrava. A cumida agreste, viu? Tem camarada que cumia e achava bom.³¹⁵

Segundo Rodolfo Theophilo,³¹⁶ era comum ouvir-se dizer da semelhança entre o xiquexique e a macaxeira. Semelhança esta não comprovada pelo Sr. Raimundo Mendes. De acordo com a descrição feita por Theophilo, do xiquexique *escolhiam de preferência as hastes mais novas, que privavam dos espinho, despresando o tecido celular e só se utilizando da medulla que comiam assada*. Uma outra substância explorada do xiquexique, era o suco contido em suas células, o qual, depois de sugado, servia para mitigar a sede; embora deixasse, em pouco tempo, a pessoa enrouquecida. A macambira, por sua vez, segundo a descrição do mesmo autor, depois de cozida por algumas horas e secada ao sol, *pisavam-na e da massa faziam beijús e mingãos*. Mas era a raiz da mucunã, entre todos os tubérculos, o mais tóxico. Para preparar a farinha da mucunã, era preciso reduzir *à massa as sementes, depois de privadas do duro involucro que as guarda*. Depois de pronta e lavada em nove águas, a massa devia ser *convenientemente espremida*, antes de ser levada ao fogo para ser torrada fazendo-a tomar consistência de farinha.

Demonstrando ser conhecedora das propriedades nocivas da mucunã, a mãe do Sr. Raimundo Mendes, cercava-se de todos esses cuidados quando ia preparar *aquele pãozim* que, muitas vezes, representava o único alimento do dia para toda a família.

³¹⁵ Raimundo Mendes Martins, 92 anos. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000.

³¹⁶ Rodolfo Theophilo. *História da Secca do Ceará (1877 a 1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p. 91.

Na seca de quinze, ia atrás dos carocim no mato, deste tamanho o carocim. Chegava, minha mãe pisava, quando acabar ia po beicho do rio lavar im nove água. Se lavasse im oito murria, porque é veneno. Nove água! Nós, as vez chegava a mei dia, ela pisava; nós ia cumer um bucado de madrugada. Assim mermo, aquele pedacim de pão. Fazia aquele pãozim, cumia por ali um pedacim de pão quando ia drumi.

O Sr. Raimundo Mendes, ao falar da experiência vivida na seca de 1915,³¹⁷ não apenas se representa ao reviver os caminhos de sua infância, mas compreende a função que o tempo da seca lhe atribuía através da autoridade de seu pai. Acompanhando o pai no papel de provedor do sustento da família, o menino Raimundo tinha por função ser *o apanheiro do véi*, quando este saía *corrigindo as mata tudim* atrás da mucunã ou de alguma outra *comida agreste*, que pudesse mitigar a fome da família. Não obstante as dificuldades vividas naquele período de seca, por caber ao homem o controle e direção do grupo familiar, seu pai procurava na natureza todos os recursos que lhe possibilitasse exercer as atribuições que a ele eram reservadas no contexto da esfera doméstica.

Quando foi a derradeira vez que nós fumo pa... pelejar atrás, subemo nutíça que na Mata Redonda, na Pindoba, tinha era mucunã lá. Aqui, na madrugada... O apanheiro do véi era eu, tá vendo? Aí, era bem de madrugada; aí chegemo lá, corrigimo as mata tudim, num arrumemo um carocim pum remédio. Meu pai diz: - 'agora, Raimundo, que se faz? Chegar im casa com a mão adiante e outra atrás'.

Diante de tamanha crise, onde até a mucunã estava escassa, seu pai reflete: *agora, Raimundo, que se faz? Chegar im casa com a mão adiante e outra atrás*. Com os olhos marejando em lágrimas, o velho

³¹⁷ Para Theophilo, a seca de 1915 não teve a mesma intensidade das ocorridas na segunda metade do século XIX. No quinze, observa Theophilo, verificou-se um menor deslocamento da população rural para Fortaleza, diferentemente do que ocorrera, por exemplo, na “secca-typo” de 1877-79, quando mais de cem mil retirantes migraram para Fortaleza; a importação de gêneros alimentícios foi consideravelmente menor; além do que, nas serras e no litoral, o inverno, embora tenha registrado apenas pouco mais de 700 mm., foi suficiente para criar algum milho, feijão e mandioca. Cf. Rodolfo Theophilo. *A Seca de 1915*. op. cit. p. 30. Diferentemente de 1915, “já nos primeiros meses de 1878, Fortaleza abrigava cerca de cem mil retirantes que continuavam a chegar, todos os dias, no estado mais lastimável. No dizer de Raimundo Girão, ‘cedo Fortaleza converteu-se na metrópole da fome’. (...). O teatro da miséria tornava-se visível nas colunas dos diversos jornais. Seus autores exteriorizavam o medo da condição de ser habitante de um grande aglomerado urbano e de ver suspensa a sua identidade individual.” Cf. José Olivenor Souza Chaves. “‘Metrópole da Fome’: a cidade de Fortaleza na seca de 1877-1879”. In. *Seca / Simone de Souza; Frederico de Castro Neves (Org.)*. Tanísio

Raimundo deu seqüência a sua narrativa expressando não apenas a solução encontrada por seu pai, mas, sobretudo, a disposição e a autoridade com que ele se instituiu diante do Luiz, o suposto dono de um *pé de palmeira* que o menino Raimundo, autorizado pelo pai, subiu para derrubar *o cacho de palmeira*, ou seja, a penca de coco. Disposto a mitigar a fome que a família estava passando, fazendo valer o direito de conservação, o mais sagrado de todos os direitos naturais, mesmo que para isto fosse preciso utilizar-se da força, o pai do menino Raimundo sentenciou: *'meu amigo, eu também sou dono. Derrubou o cacho de palmeira minino?'*

Quando chegueno na... no Luiz, tinha um pé de palmeira assim no terreiro. Meio valentão! **[o Luiz]** -'Raimundo, suba tire um coco naquele pé de palmeira'. Subi, truci, truci, truci, que era a moda gato, tá vendo? Derrubei, o véi passou o facão, tava de vez. - 'Suba Raimundo, derrube o cacho de palmeira'. Quando o facão bateu no cacho, o dono chegou na porta assim: - 'Ei, isso aí tem dono!' Meu pai diz: - 'Meu amigo, eu também sou dono. Derrubou o cacho de palmeira minino?' Aí, derrubei o cacho de palmeira. Enrolou lá a ponta, amarremo um cipó, saímo arrastando cabeça a baixo. Tudo serra, lá era serra, viu? Aí, quando nós cheguemo im casa, ele disse: - 'aí, Sinhá Maria'. Meu pai, só chamava minha mãe Sinhá Maria (...). Aí, fumo cumer. Os vizim ajudando, passando fume como nós, ajudando aí acabou-se logo.

Essas recordações, que o Sr. Raimundo Mendes selecionou em sua memória, são emblemáticas da maneira pela qual os camponeses constroem, em suas narrativas, uma imagem do passado. Para eles, o passado não representa um tempo vazio, destituído de significados; ao contrário, a noção de tempo, construída a partir de suas experiências de vida marcadas pelas secas ou pelos invernos, demonstra o quanto são marcadamente afetivas a relação que os camponeses mantêm com o tempo, assim como a leitura que fazem dele. Nesse sentido, o tempo é qualificado pela presença humana e pela ação dos afetos e da imaginação.³¹⁸

Vieira... [et al.] – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. (Coleção Fortaleza: história e cotidiano). pp. 50 e 57.

³¹⁸ Alfredo Bosi. "O tempo e os tempos". In. NOVAIS, Adalto (org.). *Tempo e história*. op. cit. p. 27.

Na quietude da pequena sala de sua casa, sem tirar os olhos da paisagem da infância, o Sr. Raimundo Mendes continuava restabelecendo a lembrança do passado, dando curso à travessia pelos muitos tempos e lugares de sua memória. De repente, foi despertado pela força de um passado que ainda faz vibrar os acontecimentos vividos na zona rural de Baturité, durante a seca de 1919. De forma mais amiúde, passou a relatar a travessia de Baturité para Fortaleza realizada a pé na companhia de seus pais e de um irmão mais novo.



(Foto 25 – Sr. Raimundo Mendes e esposa D. Eulália – Aldeia Velha – Tab. do Norte)

Enquanto relata as agruras do caminho, parecia colocar-se de novo em trânsito e ouvir um vaivém de vozes. A sombra de tristeza parada sobre seu olhar parecia, ainda, revelar que seu sofrimento era mais forte que a emoção do reencontro com o mundo da infância.

Decemo de cabeça a baixo, passemos im Baturité ainda de noite. De pé! Aí, fumo... fumo... fumo, passemos o dia num provemo nada. Aí, foi no outo dia, negoço de oito hora, uma casa im cima do alto: - 'Sinhá Maria, agora eu vou pidir uma esmola pa dar de comer essas duas criança!' - Eu e cumpade Zé. Cumpade Zé era novim, e eu era minino, né? Chegou lá, tava o paidegão; pegou e disse: - 'Meu amigo, me dê uma esmola pelo amor de Deus, pa dá de comer a uma criança que vem morrendo de fome!' - Entrou pa dento, tinha uma chirquinha aí de farinha, chegou e... esse deu bem na mão. - 'Taí, Sinhá Maria, dê uma coisinha a Raimundo e outa a Zé. Que home que tá aqui morre e num pede mais uma esmola. Pidi uma esmola um home, um capitão, uma esmola pelo amor de Deus, vem duas criança morrendo de fome, ele dá uma muchinha de farinha dessa' -. Aí, com isso passemos o dia todim sem nada. Foi no outo dia, pertim da Fortaleza, no outo dia as sete hora... Nesse tempo, as estação era aquelas coisinha, né? Era duas casa, era três... E aí, dava uma cabeça... Lá estava um caba tirando um coro dum boi. Ele disse: - 'Sinhá Maria, hoje nós come!' Chegou aonde tava o home, disse: - 'Meu amigo, vamo fazer um negoço. Você me arrumar uma banda desse bode'. - 'Pois não!' - 'Dou-lhe uma foice novinha na hora'. Aí, quando acabou, tratou o bode, cabou, prantou a faca tirou duas custela. -'Pronto!' Aí, marchou po saco de farinha, deu dois lito. Aí, meu pai entregou a foice. Aí, cumemo inté incher a barriga. Aí, com isso fumo... fumo a Fortaleza. É, quando chegou na Fortaleza num faltou mais nada, né?³¹⁹

Consciente de que as experiências camponesas não podem ser homogeneizadas, recorro às memórias de D. Altina de Moura Lima, que como poucas domina tão bem as artes de lembrar e de narrar,³²⁰ para demonstrar o quanto ela atribui um outro significado à seca de 1919. Segundo a sua interpretação, esta seca representa um acontecimento que foi vivido de forma absolutamente alegre.

Dezenove, foi muito bom. Dezenove foi uma seca, uma seca muito alegre, tá vendo? O povo plantaro muito, papai mermo plantou muito milho; mas, deu todo... deu todo de meia. Ninguém pastorou milho não. Aí, vinha muita gente de fora pra Lagoa. Daculá, da banda do riacho, umas fia... um povo de Raimundo Caetano, sabiam de muita brincadeira essas moça. Tinha duas moça e... e... tinha um rapaz também, Pedro Caetano, Mundico. E, aí, esse povo à boca da noite vinha lá pra casa, pra casa de Caboco, que ainda era gente desse Caboco Xavier, que ainda era gente deles. Aí, brincavam muito: os casamento, era muitas coisas que elas brincava. Os casamentos era eles ir pra aculá pra vim falar casamento (risos). Aqueles, que a pessoa desse, num é? Lam um magote de rapaz, aí davam um a uma, outo a outa, outo a outa, aquele vinha falava casamento se não, não, num fosse aí num achava nada ia simbora. Aí, voltava, aí... Há bom, nós brincava muito essas coisa. Nós

³¹⁹ Raimundo Mendes Martins, 92 anos. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000.

³²⁰ Para Walter Benjamin, o que caracteriza "os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada". Cf. Walter Benjamin. "O Narrador". In. *Obras Escolhidas*. op. cit. p. 215.

achava era muito bom, foi uma seca muito animada, num era ruim nadinha. Foi, foi seca mermo; foi toda seca. Houve uma chuva assim em fevereiro, uma chuva mei grande e pronto, num houve mais não. Mas, houve muito milho na lagoa, muita coisa, ninguém passava fome não. Era até animado, nós achava era bom (risos). Achava era bom, porque tinha muito divertimento, né? Muita coisa, muito divertimento.³²¹

Ao se buscar identificar as diferentes significações que os entrevistados atribuíram as secas, é preciso levar em conta que o espaço geográfico onde realizei a pesquisa de campo, não compreende uma unidade no que diz respeito aos seus aspectos físicos; embora o sertão nordestino tenha sido naturalizado como uma unidade espacial marcada tanto pela paisagem cinza, oferecida pela vegetação seca, como pelo chão rachado que chega a formar grandes sulcos na terra, também cinza e seca. Em virtude, pois, de não se tratar de uma unidade geográfica, e sim de um espaço composto por áreas de várzeas, de chapada e de caatinga, existe uma realidade múltipla de experiências e práticas que só se explicam se for levado em conta esses diferentes cenários que compõem a paisagem natural da região do Baixo-Jaguaribe. Nesse sentido, as diferentes maneiras de significar as experiências que foram vividas durante a seca de 1919, tanto pelo Sr. Raimundo Mendes como por D. Altina, justificam-se pelas possibilidades de sobrevivência que cada ambiente natural oferece. Ao contrário da família do Sr. Raimundo Mendes, a família de D. Altina, por morar próxima a lagoa do Lima, no atual município de São João do Jaguaribe, tinha, certamente, maior acesso a água, assim como maior possibilidade de plantar e colher alguma das culturas de subsistência que normalmente alimenta a família camponesa – o feijão, o milho, a mandioca... Portanto, em um período de seca, especialmente, o acesso a água constitui-se num mecanismo de poder e de diferenciação social na medida em que, dialeticamente, a falta ou não da água estimula ou evita a migração.

³²¹ Altina de Moura Lima, 96 anos. Entrevista gravada no Sítio Lima, no município de São João do Jaguaribe, no dia 11/04/2000.

Por outro lado, ao mesmo tempo que as lembranças de D. Altina nos mostra o aspecto do inusitado, do diferente, faz-nos ver a importância que assume a dimensão lúdica – as brincadeiras, as fantasias, os sonhos... na experiência de vida desta mulher, em especial, e dos camponeses, para pensá-los num sentido mais lato de suas vivências. Assim, o entendimento de que a seca constitui um marcador temporal na vida dos camponeses sugere não apenas a representação do sertão seco – perpassado pela fome, pela falta d'água, pelas humilhações, pela aridez do solo e das próprias pessoas...; mas, estimula outras maneiras de se conceber o sertão das secas que possam comportar à compreensão de que a seca é muito mais do que uma questão climática, inscrevendo-se na vida das pessoas como uma vivência, como algo que é afetiva e culturalmente vivido.

A exemplo do Sr. Raimundo Mendes e de tantos outros amigos de travessia, D. Altina teve sua vida atravessada pelos espectros da seca climática, que vem tornar mais aguda as dificuldades advindas de uma estrutura social que segrega, impiedosamente, a grande maioria da população rural não só do Ceará, mas de todo esse recorte espacial chamado Nordeste. Contudo, não se pode deixar de observar a dimensão lúdica presente em sua narrativa, sem a qual suas histórias de vida dificilmente serão compreendidas. Diferentemente da maneira como o Sr. Raimundo Mendes recordou a seca de 1919, D. Altina utiliza-se de uma outra tática na qual o sertão da seca representando o lugar da miséria, da fome, da tristeza, da dor, da finitude da vida, enfim, cede lugar ao sertão da seca, onde sonhar faz parte do cotidiano de seus personagens.

Todavia, é necessário enfatizar que não é meu propósito negar que a história de vida dessas pessoas compõe-se, também, de dificuldades e de emoções tristes; uma vez que é em torno da idéia de sofrimento que se origina todo o imaginário fetichizante do sertão, enquanto lugar-comum da seca, da fome, da miséria e, portanto, da tristeza. Contudo, estarei sendo extremamente injusto com os

camponeses se continuar a vê-los como pessoas embrutecidas e derrotadas.

Apesar de vários açudes e barragens terem sido construídos no Ceará entre os anos de 1915 e 1919, *que pretendiam formar uma barreira contra a falta d'água*,³²² entre todos os depoentes que vivenciaram estas secas, apenas um, o Sr. Francisco Siriaco Filho, fez alguma referência ao trabalho nas frentes de serviços. Mesmo assim, trata-se de uma memória que foi herdada de seu pai, pois, como ele mesmo observa, *era muito piqueno ainda, eu só tinha três ano, quato* na seca de 1919.

Aí, já o meu pai... Eu... Ele contava, que foi trabaiaar na Faceira. Ele e o fio mais véi, o minino, sendo minino. Ele, ganhando dois mil réis, e o minino dois tões. Ele, todo sábo vinha da Faceira. Da Faceira pra cá, com um saco na cabeça, com mercadoria da semana. O que ganhava na semana, tirava todo no furnicimento e trazia na cabeça. Mas, eu nunca fui a essa Faceira, não. (...), pegando as terras, num sei se ali é Limoeiro ou já é Russas.³²³

³²² Frederico de Castro Neves. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. op. cit. p. 88. O processo de intervenção do Estado no sertão nordestino, ao longo do século XX, contribuiu para a formulação de um campo discursivo e de um conjunto de imagens capazes de instituí-lo dentro de uma dizibilidade e de uma visibilidade que o iguala à seca, que afirma sua impotência e reserva ao seu povo a condição de “eternos” pobres coitados. Inicialmente, o termo Nordeste foi usado para designar a área de atuação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), criada em 1919 no governo de Epitácio Pessoa. Desta forma, de acordo com este discurso institucional, “o Nordeste surge como a parte do Norte sujeita às estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal.” Portanto, como nos chama atenção Durval Muniz, o Nordeste é, em grande medida, filho das secas. O início de sua gestação, no entanto, tem como marco a seca de 1877-79, em virtude da grande repercussão que teve em nível nacional e pelo considerável volume de recursos deslocados para o atendimento das “vítimas do flagelo”. Isso tudo, “fez com que as bancadas ‘nortista’ no Parlamento descobrissem a poderosa arma que tinham nas mãos, para reclamar tratamento igual ao dado ao ‘sul’”. Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *A Invenção do Nordeste e outra artes*. op. cit. pp. 68 e 70.

³²³ Francisco Siriaco Filho (Chicó), 85 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000. Ao chegar na velha casa de taipa onde morava “seu” Chicó na companhia de algumas netas e de um genro com deficiência mental, o encontrei cego e sentado numa rede, dentro de um pequeno quarto com pouca luminosidade, sem ventilação e com um cheiro desagradável. Durante a entrevista, o velho Chicó revelou-me que a dezesete anos se encontrava naquela situação. Embora tenha narrado a história de sua vida, seus dramas e alegrias, a entrevista foi marcada pela singularidade expressa no canto e nas anedotas que “seu” Chicó fez questão de contar. Entre as músicas cantadas pelo velho Chicó destacam-se algumas que ele aprendeu ainda criança, além de machinhas de carnaval e do tradicional brega Fuscão Preto, deixando-me ainda mais surpreso. No silêncio da noite, disse o velho Chicó, “num durmo. Da meia noite im diante, é só me alembando do passado. Me alembro do passado e do presente e de tudo. Dá pa eu pensar im tudo, a noite é grande. Da meia noite até o amanhecer do dia, as hora é muito maior do que essas do dia. (...) Eu passo a noite, pego no sono, acordo, passo até de manhã tumando café e fumando e cantando. Mas, cantando baxim, né? Bem baxim que as vez é só resmungando e num tenho cansaço.” Destituído de bens materiais – possuía, além da velha casa de taipa, dez braças de terra que não chega a medir um hectare -, “seu” Chicó era rico em alegria e resignação. No dia vinte e três de abril deste ano, 2002, o velho Chicó fez sua “viagem de volta”, como preferem dizer os mais velhos dos sertões quando se referem a morte.

Embora a seca seja considerada como um elemento de desordem da natureza, desarticulando, assim, o cotidiano de trabalho dos camponeses, sobretudo daqueles que praticam uma agricultura de sequeiro, como é o caso dos sujeitos desta pesquisa, os camponeses se utilizam de outras táticas de sobrevivência que vão desde as frentes de serviços, patrocinada pelo Estado, até a exploração do meio natural em que vivem.

Assim, ao reconstituir a paisagem da seca de 1932, através de fragmentos da memória de velhas e velhos camponeses, foi possível perceber, em praticamente todas as entrevistas que realizei, que as lembranças em torno desta seca estavam diretamente associadas ao trabalho na construção da Transnordestina - rodagem que ligaria Fortaleza a Salvador, atual BR 116.³²⁴

Já em 1909, a antiga Inspetoria de Obras Contra as Secas - IOCS³²⁵ incluiu, no programa de obras de seu primeiro regulamento, a construção não apenas de estradas de ferro, mas, igualmente, de estradas de rodagem. O certo, no entanto, é que até 1919 a atividade

³²⁴ A construção de estradas, como medida de “combate” aos efeitos das secas, contribuiu diretamente para a urbanização das cidades da região na medida em que “traziam capitais, saberes e mercadorias, incorporando as áreas rurais aos padrões produtivos e culturais do capitalismo mais ‘avançado’”. Segundo Frederico de Castro Neves, os funcionários oficiais que coordenavam a construção de barragens e rodovias, mesmo sem perceberem, tornavam-se dirigentes desse progresso, assumindo, por assim dizer, o papel de “novos bandeirantes” que transformavam não apenas a natureza, mas, sobretudo, as relações sociais no campo. Cf. Frederico de Castro Neves. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. op. cit. pp. 171, 172 e 174.

³²⁵ A Inspetoria de Obras Contra as Secas foi criada em 21 de outubro de 1909, pelo Decreto 7.619, no governo de Nilo Peçanha. Segundo José Batista Neto, nesta data, é aprovado o Regulamento para a organização dos serviços contra os efeitos da seca. Para Batista Neto, a intenção do Estado de intervir de forma organizada no sertão nordestino, obedecendo a uma hierarquização das ações representava, noutros termos, a introdução de relações jurídico-políticas capitalistas na região. No que diz respeito a esta intervenção, Batista Neto propõe uma periodização correspondente a três momentos: o primeiro, marca um período de dez anos entre 1909 e 1919; o segundo, representa o quadriênio 1919-1922; e, o terceiro, corresponde ao período mais longo que começa em 1922 e prolonga-se até 1934. Para Batista Neto, o ano de 1909 representa um ponto de inflexão entre a manutenção de uma política assistemática, aleatória e de ações episódicas e uma política de intervenção sistemática por parte do Estado no sertão nordestino. Cf. José Batista Neto. *Como uma luneta invertida (intervenção do Estado no semi-árido nordestino através do discurso ideológico do IOCS/IFOCS – 1909/34)*. op. cit. pp. 53, 57 e 58. Segundo Durval Muniz, a criação da IOCS representava a concretização da institucionalização das secas na medida em que esta instituição federal torna-se o local por excelência da produção de um discurso regionalista que se exarceba à medida que o Estado republicano, liderado pelas oligarquias paulista e mineira, as beneficia no que se refere às políticas públicas. Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *A Invenção do Nordeste e outra artes*. op. cit. p. 70. Sobre a institucionalização da seca, ver ainda: Alfredo Macedo Gomes. *O Imaginário Social da Seca e suas Implicações para a Mudança Social*. op. cit. p. 76.

construtiva rodoviária foi compreendida, pela Inspetoria, como algo relativamente sem importância. Todavia, foi a partir de 1932 que a obra rodoviária no Nordeste ganhou mais impulso e, conseqüentemente, mais notoriedade. Na seca de 1932, por exemplo, as obras rodoviárias assumiram um caráter de urgência, em virtude do número excessivo de trabalhadores rurais que reivindicavam a instalação de frentes de trabalho em toda a região Nordeste. Para se ter uma idéia do grande contingente de *operários flagelados*, basta dizer que em março de 1932 este contingente era de apenas 7.000 pessoas, passando em novembro do mesmo ano para 220.000 em toda a região. Desta forma, não seria possível atender aos apelos de toda a região, apenas com obras de açudagem; uma vez que exigiam instalações especiais e comportavam um número limitado de trabalhadores. Seria preciso, pois, a Inspetoria atirar-se de forma resoluta às obras rodoviárias que apresentavam maior poder de absorção de mão-de-obra, constituindo-se, assim, num *instrumento magnífico de socorro rápido e simultâneo*.³²⁶

Na verdade, o contexto político do pós-30, cuja principal característica era a centralização do Estado, fez da seca de 1932 uma “questão nacional” ligada diretamente à segurança pública. Assim, vários órgãos oficiais, ligados à assistência social e pública, envolveram-se de forma conjunta no emprego de estratégias de “combate” à seca as quais procuravam fixar os camponeses no campo através de um conjunto de obras de infra-estrutura destinadas a resolver por um lado o problema dos transportes – construção de rodovias - e, por outro, os problemas de acumulação d’água – construção de açudes e barragens.³²⁷

³²⁶ DNOCS: *Pensamento e Diretrizes*. Edição comemorativa do 75.º aniversário do DNOCS. Fortaleza, 1984. p. 39, 51 e 52.

³²⁷ Embora esteja referindo ao período de Governo de Epitácio Pessoa (1919-1922), José Batista Neto nos chama a atenção para percebermos a dupla face – uma moderna, outra conservadora – do intervencionismo estatal no semi-árido nordestino. Na verdade, o que se configura como moderno em todo esse processo nada mais é do que um intervencionismo econômico planejado. Por outro lado, o que prepondera neste processo de intervenção é justamente o seu caráter conservador, ou seja, o beneficiamento de terras privadas através da construção de obras hidráulicas. No que se refere a construção de estradas, “a preferência pelas rodovias e pelo automóvel indica que o modelo desenvolvido posteriormente pelo governo nacional-desenvolvimentista de Kubitschek e aprofundado pelo regime militar pós-64 já dá seus primeiros passos em plena República

Frederico de Castro Neves³²⁸ observa, no entanto, que embora a seca de 1932 tenha surpreendido a todos pelo seu raio de ação, sua extensão e sua devastação, a intervenção do Estado não se deu apenas no sentido de suprir à destruição das colheitas ou ao colapso da economia. As estratégias de fixar os camponeses no campo, através do emprego de tais medidas, representava, com efeito, uma tentativa de impedir o deslocamento em massa dos camponeses para as cidades, principalmente para a capital do Estado – Fortaleza, bem como para diminuir o poder de sua mobilização. Assim, logo que o Ministro da Viação e Obras Públicas, José Américo,³²⁹ percebeu a necessidade de organizar trabalho para a população, visando mantê-la em seus lugares de origem.³³⁰ Desta forma, ao contrário das secas anteriores, verifica-se, na seca de 1932, uma maior articulação entre os órgãos federal – representado pelo Ministério de Viação e Obras Públicas e pela Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), e estadual – representado pelo Departamento das Secas, criado especialmente para o enfrentamento da seca de 1932.³³¹

Velha”. Cf. José Batista Neto. *Como uma luneta invertida (intervenção do Estado no semi-árido nordestino através do discurso ideológico do IOCS/IFOCS – 1909/34)*. op. cit. p. 128 e 139.

³²⁸ Frederico de Castro Neves. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. op. cit. p. 117.

³²⁹ A participação do Nordeste no movimento de 30, fá-lo ser contemplado com duas importantes Pastas Ministeriais no Governo Provisório de Getúlio Vargas. O Ministério da Agricultura, com o cearense Juarez Távora e o Ministério da Viação e Obras Públicas com o paraibano José Américo de Almeida. Desta forma, sob a gestão de José Américo prepara-se um programa de intervenção do Governo Federal para enfrentar, principalmente, a seca de 1932. Cf. José Batista Neto. *Como uma luneta invertida (intervenção do Estado no semi-árido nordestino através do discurso ideológico do IOCS/IFOCS – 1909/34)*. op. cit. pp. 240 e 241.

³³⁰ Contudo, em 1932, quando a crise climática se acentua, o que se verifica é o surgimento de campos de concentração em algumas cidades do interior do Ceará, e, principalmente, em Fortaleza. Segundo Frederico de Castro Neves, “os campos eram áreas cercadas e vigiadas por homens armados, sob o comando do próprio Chefe de Polícia, na capital, e dos Prefeitos, que na época eram oficiais nomeados pelo Interventor Federal no Estado. (...). Ao lado destes investimentos policiais, a religião também procura estar presente nos campos, garantindo a moral das famílias. Em Fortaleza, ‘há em cada um dos campos uma capela improvisada’. (...)”. Cf. Frederico de Castro Neves. “Curral dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932)”. In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Contexto, v.15, n°29, 1995. p. 114. Ver ainda: Kênia Sousa Rios. *Campo de Concentração do Ceará: Isolamento e Poder na Seca de 1932*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001 e “A cidade do sol à sombra do fragelo”. In. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP – vol. 19, 1999*.

³³¹ No entanto, o que se observa em todo o processo de intervenção do Estado na região do sertão nordestino, através das várias instituições – IOCS, IFOCS, DNOCS, SUDENE -, é que esta intervenção esteve sempre cercada por uma concepção equivocada da região, na qual esta aparece como sinônimo da seca e do atraso. Era preciso, pois, resolver-se o problema da seca uma vez que esta representava um impecílio ao progresso e ao desenvolvimento da região e do próprio país. Com isto, a seca deixou de ser um problema meramente

Assim, logo nos primeiros meses do ano, o Ministro da Viação e Obras Públicas percebeu que 'urgia uma vastíssima organização do trabalho, para comportar os milhares de homens válidos que ainda podiam dar alguma coisa de si, antes que fossem mais devastados pela fome' e, para isso, um grande esforço deveria ser empreendido pelo governo. Mas essa percepção não foi elaborada em face da destruição das colheitas ou de um colapso da economia. As pretensões de controle da sociedade e de racionalização das atividades estatais esbarravam numa crua realidade que os jornais já percebiam, temiam pelo pior e denunciavam que 'o exército sinistro de esfomeados marcha pelas estradas em demanda de Fortaleza'.³³²

Historicamente conhecido, o problema da miséria no sertão nordestino é, decerto, muito mais um problema de ordem estrutural do que de irregularidade das chuvas, embora esta realidade de miséria seja agravada em períodos de estiagens prolongadas. Assim, a formação desses grupos de trabalho, longe de resolver o problema das secas, apenas servia para diminuir a oferta de mão-de-obra na região durante alguns meses; bem como contribuía para a manutenção das estruturas de poder locais. Referindo à seca de 1958, o vigário Pedro de Alcântara deixou registrado, no Livro de Tombo da paróquia de Russas, referente a este ano, que os administradores públicos haviam transformado *os seus mandatos em exploração demagógica com fins políticos inconfessáveis*.

A partir das reconstruções que as memórias fizeram do passado, foi possível "voltar" no tempo e aprofundar algumas das experiências que foram vivenciadas durante a seca de 1932.

Para iniciar, pois, a travessia da seca de 1932, tomo como primeira referência as lembranças que o Sr. Pedro das Neves guarda desse acontecimento vivido por ele aos sete anos de idade. Ao longo de nossa travessia, o velho Pedro das Neves foi fazendo desfilar continuamente o cosmorama do seu passado, sem, no entanto, perder seu elo de ligação com o presente. A maneira pela qual construía

regional para ser um problema de caráter nacional que exigia uma política planejada que permitisse um combate permanente ao flagelo. Esta naturalização da região como espaço da seca e do atraso, tornou-a dependente das esmolas institucionalizadas através, sobretudo, dos recursos destinados para o combate à seca. Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *A Invenção do Nordeste e outra artes*. op. cit. p. 74.

³³² Frederico de Castro Neves. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. op. cit. p. 117.

sua narrativa causou-me sempre uma feliz impressão, pois falava sempre com tanta veemência e valor que parecia colocar a própria alma em cada palavra e em cada gesto que fazia; como se estivesse procurando dar voz ao próprio corpo e dar um corpo, uma cor, um cheiro e um calor à própria voz. Assim, seu pensamento foi à procura do passado, sem, contudo, demorar-se muito para encontrar seu pai saindo para ir trabalhar na construção da rodagem, uma obra de emergência que, durante a seca de 1932, ocupou a grande maioria dos homens da região do Baixo-Jaguaribe, além de um considerável número de crianças do sexo masculino. Sobre essa imagem, imediatamente se sobrepôs a da sua mãe, *coitada*, comprando umas *coisinhas* na venda do finado Bileu para o pai pagar, quando voltasse do trabalho depois de um mês ou até mais de ausência. Era uma época de muitas dificuldades, cuja distância no tempo parece não ter sido suficiente para impedi-lo de continuar sentindo o cheiro do sabão e ouvindo o som que sua mãe fazia lavando as roupas na casa do finado Zé de Castro, *um home que tinha mais uma condiçãozinha* na região. Como também não foi suficiente para apagar de sua memória a imagem do seu irmão mais novo, em sua companhia, pelos terreiros comendo *aqueles miolinho de pau branco*. Contudo, é imperioso dar-lhe a palavra para que ele mesmo possa, com seu jeito próprio de falar, contar sua história revelando os sentidos e os sentimentos que a rememoração de seu passado fez ressurgir novamente em seu coração.

Então, o meu pai era muito pobrezim; tinha sete filho e as coisas era muito difícil. Então, em trinta e dois, houve uma seca medonha, trinta e dois. Não havia nada que o pobe comesse, e os pobe era tudo morrendo de fome. Aqui nosso chefe, com os poder de Deus, era o finado Bileu, nesse tempo pai do Dr. Manoel de Castro, né? Então, arrumou sirviço aí pelo Governo do Estado num sei como foi, e houve uma emergência na Micaela, né? Os pobe saíram, faziam aquelas turma daqueles feitor daqui e saíram pa Micaela, pa ganhar dois mil réis por mês, né? E, esses dois mil réis que ele ganhava por mês, a mamãe, que era a mulher do papai, ficava im casa com nós. Comprava no finado Bileu aquelas coisinha, pa quando papai vier com aqueles dois mil réis pagar, aqueles dois mil réis. Mamãe ia, se fornícia... o que ela se fornícia, coitada?

Milho, milho pa nós cumer aquelas xiquinha de mi torrado em vinte e vinte... quato hora; fazia umas pipoquina, né? Aí, ali nós cumia. Eu, mais um irmão mais novo que tinha, saia assim de manhazinha pos pau branco, caçar aquelas caixa de pau branco. Tirava aqueles miolinho, quebrava na peda, ele tinha um miolinho dento aí nós cumia até negoço de oito hora do dia. Aí, quando o sol esquentava, nós vinha pa casa. Chegava im casa, bibia um aguinha, pa esperar pa cumer aquele mi que mamãe dava pa nós cumer as pipoquina; e, assim, era de vinte e vinte quato hora. Quando papai chegava, as vez mês, passava mais de mês, dois mês ele vinha cá, né? Quando ele vinha à casa, ele trazia aquele dinheirim, pagava no finado Bileu, que mamãe tirava esse miozim, um sabãozim, uma coisinha que tirava, pagava. E, nisso aí, trevessou a seca de trinta e dois. Eu, buchudim, talvez eu tivesse uns cinco ano, né? Vamo na hipóte que eu tivesse mais, que vinte e cinco pa trinta e dois, né? Tinha sete ano, exatamente, sete ano. Mas, era como se diz, um buchudim que num tinha esforço de nada, né? Mau passado, coitadim. E a mamãe, deixava nós im casa e saía na casa de um home que tinha mais uma condiçãozinha, um velho, o finado Zé de Castro, né? Batia roupa lá no finado Zé de Castro, desse pessoal, aí mamãe ganhava uma coisinha. Aí, quando era de tardizinha, ela trazia as vez uma sobrinha de cumer, uma coisinha pa nós, nós cumia. Ela ganhava aquela minchariazinha, pa ir ajudando as coisa. E, assim, tirou a vidinha dele e a nossa com os poder de Deus. Foi desse jeito!³³³

Obedecendo a um intervalo que geralmente variava entre uma semana, quinze dias, um mês, ou até mais, aqueles que trabalhavam na construção da rodagem, depois que recebiam a mercadoria no fornecimento, colocavam-na sobre a cabeça e se dispunham a vencer, a pé, as léguas de distância que os separavam da família, que, muitas vezes, só tinha a macambira como alimento. Entretanto, havia casos em que a família ficava sem receber ao menos uma notícia daqueles que se “aventuravam” no trabalho da rodagem. Foi assim que D. Ana Francisca do Espírito Santo, 94 anos, diz ter ficado quando seu marido *foi pra uma rodage, nesse mundo, pa banda de Choró*. Tendo em vista a distância que separa o atual município de Quixeré e a cidade de Chorozinho ser de aproximadamente 150 km, e dada a escassez de transportes à época, é possível imaginar o grau de dificuldade enfrentada pelo esposo de D. Ana Francisca para enviar-lhe, não apenas notícia, mas, sobretudo, alguma ajuda em dinheiro ou em gêneros alimentícios. Enquanto isso, sem poder receber qualquer ajuda do

³³³ Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

marido D. Ana Francisca e suas duas filhas pequenas alimentavam-se, muitas vezes, da macambira que seu pai lhe levava *num jumentim que tinha*.

Em trinta e dois eu já tinha dois minino. Tinha essa e outa, que foi encostado a ela. Que hoje, tá com a cabeça branca do jeito da minha. E o home, foi pra uma rodage, nesse mundo, pra banda de Choró. Foi trabaiaar no Choró. E, eu, fiquei com esses minino piqueno, lá fora. Mas, num era aqui na Serra não. Era... Eu morava lá fora. E quando ele veio em casa, tava com dois mês que tinha saído, trabaiaando por esse mundo. E, eu, num tive nutícia dele. Num tinha, porque num vinha ninguém de lá e nem ele tinha por quem mandar nutícia e nem mandar nada. Saiu e chegou quando... quando deu certo. (...). Mas, eu tinha pai. O meu pai, morava era aqui na Serra. Ele morava ali pra dento, perto daqui. Ele tirava macambira aqui, nesses mato, butava num jumentim que tinha e levava pra eu lá no Quixeré; pra eu tratar e comer a massa mais os minino piqueno, os dois fio que eu tinha.³³⁴

Além da macambira, aqueles que não dispunham de outros recursos que os possibilitassem ter uma alimentação mais saudável tinham, no palmito da carnaúba, o "alimento" sempre abundante; em razão da grande reserva de carnaubais existente na região, especialmente nas áreas de influência dos rios Jaguaribe, Banabuiú, Quixeré e Palhano. Todavia, era preciso, antes, pisar o palmito até o ponto de poderem fazer *uma especie de papa grossa quase indigerivel*. Segundo o Sr. João Ivo Xavier, prefeito de Russas, alimentar-se de palmito de carnaúba *é mesmo que comer pó de serra*.³³⁵

Quanto ao trabalho nas frentes de serviços, que foram instaladas para a construção da rodagem, consistia, basicamente, em *cavar barro para fazer os barreiro*, ou seja, a elevação da rodagem. Assim, enquanto uma *turma* de homens ficava *cavando os barreiros*, outra ficava responsável em transportar, *à costa de jumento*, o barro necessário à construção da rodagem. O Sr. Raimundo Delfino Filho, disse ter passado nove meses trabalhando neste serviço de cavar e transportar barro para construção da estrada que ligaria Fortaleza a Salvador. No final dos

³³⁴ Ana Francisca do Espírito Santo, 94 anos. Entrevista gravada na comunidade do Cercado do Meio, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Quixeré, no dia 12/04/2000.

³³⁵ Cf. *O Povo*, 10 de maio de 1932. p. 02.

nove meses, no entanto, passou a trabalhar na construção da ponte que passa sobre o rio Palhano, na altura da localidade de Pedras, no município de Russas. Segundo o Sr. Raimundo Delfino, para o trabalho de construção desta ponte, foram constituídas sessenta turmas, contando, cada uma, com vinte e cinco homens. Durante *três noites e três dias* essas sessenta turmas se revezaram nos trabalhos de construção da ponte do rio Palhano.

Abro, aqui, um pequeno intervalo na narrativa para poder expressar uma singularidade percebida no ato de rememorar do Sr. Raimundo Delfino. A memória pessoal que ele guarda da seca de 1932 revelou um indício da força com que a imagem de *filho glorioso* do Nordeste, construída em torno do então Ministro da Viação e Obras Públicas, o paraibano José Américo, compôs o imaginário do homem simples do interior do Nordeste. Para o velho Raimundo Delfino, a obra de construção da rodagem só foi possível graças a pressão – *de cabra marchó* - que José Américo fez sobre o Presidente Getúlio Vargas.

Nesse tempo, o governador é o Vestúdio Vargas. Já viu falar no Vestúdio Vargas? (...). Ele num quiria butar traibaio pa pobe não. Aí, ele... Apareceu um... Eu num sei como é o nome dele. Ele chamava-se Zé Américo, né? Veio dar uma visita aqui. **(O Ministro José Américo?)** José Américo, veio dar uma visita aqui, nós todo. Aí, ele fez uma visita e foi falar com Vestúdio Vargas. Chegou lá, falou pa ele butar sirviço. Ele disse, que num ia butar não. – ‘Ô você bota ou saia que tem quem bote’. Foi logo dizendo assim. – ‘Ô você bota ou saia que tem quem bote’. Que ele num quis butar, viu? Aí, ‘ô você bota ou saia que tem quem bote’. Aí, o caba ismureceu (risos). Aí, butou esse sirviço de Furtaleza a Russas, aqui pra São Paulo (...). Eu sei que ele agüentou, agüentou nove mês. Foi fechada mermo, com quais um ano.³³⁶

Embora nenhum outro entrevistado tenha feito qualquer tipo de referência à atuação do Ministro José Américo, durante a seca de 1932, o rememorar do Sr. Raimundo Delfino nos faz pensar o quanto sua memória *está profundamente marcada por uma representação onde apenas um único político interveio na realidade, favorecendo os interesses do conjunto dos trabalhadores* do campo. Ao contrário das lembranças dos trabalhadores

urbanos marcadas pela presença de Getúlio Vargas, ou mais precisamente pelos benefícios que afirmam ter alcançado, as imagens de “bondoso” que as lembranças do velho Raimundo Delfino, trabalhador da roça, guarda não são do Presidente Getúlio Vargas e sim do Ministro José Américo. Segundo Antonio Torres Montenegro, a *articulação mais ampla de um acontecimento histórico vivido pessoalmente e o encadeamento histórico exigem ou requerem níveis de elaboração e explicação que muitas vezes não se realizam para o conjunto maior da população.*³³⁷ Mesmo tendo sido o único a fazer referência ao contexto histórico da época, o discurso do Sr. Raimundo Delfino abre uma brecha para pensarmos a respeito da história e de como ela é inventada de acordo com o lugar social do sujeito. Sendo uma invenção, sem contudo ser uma ficção, pura e simplesmente, a história é um lugar sem encontro marcado, pois é o lugar do inesperado, das incertezas, das surpresas... É nesse labirinto, onde reinam indivíduos astuciosos, táticos, que o historiador deve encontrar a história para namorar, sem, contudo, deixar de estar prevenido para acompanhá-la em sua mobilidade que leva a destruição e a reconstrução das utopias.

Retomando, pois, a narrativa das experiências vividas pelos meus amigos de travessia durante a seca de 1932, principalmente aquelas relativa ao trabalho de construção da rodagem, seguirei dando curso através da memória do Sr. Antônio Eugênio, meu primeiro depoente. Segundo o velho Antônio Eugênio, durante a seca de 1932 *as casas ficaram quais limpa de homem; só ficava mulher e aqueles bichinhos piquenos, que não podia trabalhar* na construção da rodagem. Foi assim que “seu” Antônio Eugênio, por ser o mais velho entre os filhos, já na idade de quatorze anos, deixou a cidade de União³³⁸ na companhia do seu pai

³³⁶ Raimundo Delfino Filho, 87 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 26/10/1999.

³³⁷ Antônio Torres Montenegro. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. op. cit. pp. 92, 103 e 106.

³³⁸ Antigo topônimo atribuído ao atual município de Jaguaruana. No entanto, utilizarei sua antiga denominação, pois, do contrário, estaria cometendo uma imprecisão histórica uma vez que só a partir de 30 de dezembro de 1943 o município recebe a atual designação.

para tentarem uma vaga de *cassaco*³³⁹ na obra da rodagem no município de Russas. Saíram a pé de União e quando chegaram em Russas, ficaram arranchados em baixo de uma mangueira *que tinha assim, bem pertim do fornecimento*. Passaram o primeiro dia arranchados em baixo dessa mangueira, *sem nada, com fome, porque num tinha com que comprar e num tinha quem desse*. Todavia, *a coisa melhorou muito depois que começaram, pai e filho, a trabalharem na construção da rodagem*.

Comecemo de Russas, de Russas pa... em busca da Fortaleza. Fomos até as Pedras. Aí, quando chegou nas Pedras, nós voltemo. Os outos foram pa frente, nós voltemo. Comecemo de Russas de novo, pro Limoeiro; fomos até o Espinho. Do espinho pra lá, já tinha um outo bocado de gente trabaiano pra lá. Aí, foi o tempo que o inverno pegou, aí do Espinho nós voltemo.³⁴⁰

Por ser menor de idade, o Sr. Antônio Eugênio revelou que ganhava apenas um mil e quinhentos réis, *era o que eu ganhava*. Mesmo assim, disse ter sido *cortado* do serviço por diversas vezes: *quando dava fé, cortava. Eu vinha pro fornecimento, me alistava novamente*.

A exemplo do Sr. Antônio Eugênio, durante a seca de 1932, outras crianças, com idade entre dez e quinze anos, tornaram-se responsáveis pelo sustento de suas famílias. Embora, houvesse uma determinação ministerial,³⁴¹ que proibia o alistamento de menores nas obras de "combate" aos efeitos da seca, sob a alegação de ser *extremamente oneroso* para o Estado. No entanto, infringindo a determinação ministerial, os menores apresentavam-se nas frentes de serviços que eram abertas na região, com o objetivo de se alistarem para aumentar a renda familiar que era, em fins de 1932, de meros dois mil e quinhentos réis a diária.³⁴²

Aí, em trinta e dois, eu era minino. Aí, veio um feitor, alistou eu pa trabaio na turma de minino, só minino. Aí, nós fumo ganhando... Oi!

³³⁹ Expressão comumente utilizada para designar os trabalhadores das frentes de serviços.

³⁴⁰ Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da serra do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998.

³⁴¹ Determinação ministerial expressa em telegrama n.º 1.163, de 25 de novembro de 1932.

³⁴² José Batista Neto. *Como uma luneta invertida (Intervenção do Estado no Semi-Árido nordestino através do discurso ideológico da IOCS/IFOCS – 1900/34)*. op. cit. pp. 256 e 257.

Ainda me alembro, ganhando 1\$500, 1\$500, tá rendo? Era o dinheiro dos minino, 1\$500. Eu trabaiei, trabaiei... Aí, quando foi com pedaço, com um mês ou dois, aí veio um fiscal, aí butou nós lá pa Água Fria. Aí, nós fumo pa Água Fria. O feitor, com uma ruma de minino medonha, vinte e cinco minino; era uma copa de minino medonha, tudo brincando. Aí, quando nós chegamo lá, só trabaieimo dois dias. Aí, veio outo fiscal, cortou o que foi de minino, cortou tudim. Aí, viemo simbora. Aí, chegemo na Russa, aí fumo tirar os ponto, tá rendo? Eu ainda tirei mei saco de farinha, tirei carne véia, tirei sabão, tirei açúcar, tirei a rapadura, fiz uma arrumação medonha, tá rendo? Daí, butei no carro e truxe pa cá. Nesse tempo, nós morava no Brito, incostado na Passagem. **(Passagem de Pedras, era como chamava-se o atual município de Itaiçaba).**³⁴³

Apesar dessa determinação ministerial, a direção da Inspetoria, pressionada pelas famílias alistadas, resolveu, por conta própria, ignorar a referida determinação de 25/11/1932. Com isto, passou a alistar os menores cujas famílias fossem composta de no mínimo seis pessoas. Assim, diante da pressão feita pelas famílias e da grande presença de menores nas frentes de serviços, o Gabinete Ministerial resolveu acatar a posição tomada pela direção da Inspetoria. Segundo José Batista Neto, *para se ter a importância da medida, o percentual de menores sobre o total de alistados chega a representar 15% em toda a região Nordeste.*³⁴⁴

Ao voltar para casa, depois de ter sido cortado pela última vez dos serviços na construção da rodagem, o Sr. João Delfino encontrou sua família comendo *piaba iscoteira, sem farinha* que seu pai pescava durante a madrugada no rio Jaguaribe que é, no seu dizer, o *rio grande*. Diante dessa cena, o menino João Delfino, voltando-se para o pai, disse:

- Papai, cê quer saber duma coisa, ramo simbora, ramo simbora pa lá, chegar lá o papai vai se alistar e vai trabaiair na rodagem. Aqui num é o lugar da gente morar, não. O camarada cumer piaba iscoteira, sem farinha. Aqui num é lugar não, rumbora. Aí, ele disse: - 'é meu fi, é mermo, nós vamo simbora'. Quando foi no outo dia, se ajuntemo tudo e viemo simbora.

³⁴³ João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

³⁴⁴ José Batista Neto. *Como uma luneta invertida (Intervenção do Estado no Semi-Árido nordestino através do discurso ideológico da IOCS/IFOCS – 1900/34)*. op. cit. pp. 256 e 257.

Conquanto fosse doloroso ter que “abandonar” suas moradias, a perda, por assim dizer, da esperança de poderem ser “beneficiados” com a assistência advinda dos órgãos governamentais, fazia com que muitas famílias camponesas tivessem a determinação de procurar, nas frentes de trabalho, um outro meio de sobrevivência; mesmo que para isso, fosse preciso deixar, temporariamente, o espaço vivido³⁴⁵ onde muitas vezes nasceram e cresceram.

Segundo os depoimentos colhidos, *os caçacos* ficavam amontoados em barracas que eram cobertas apenas com ramas, com palhas, ou, quando muito, com lonas. No entanto, os pais que resolviam *ir simhora para o beijo da estrada* levando toda a família, geralmente construíam suas próprias barracas, como foi o caso da família do Sr. João Delfino.

É, barraca de ramo. Cortava um bucado de ramo, cubria por riba, pronto. Cortava só as furquia, tá rendo? Butava as travessa e butava a rama por riba, né? Aí, pronto; o camarada armava a rede e ia se deitar. Pegava sereno, pegava tudo.

Localizadas nas margens da própria estrada de rodagem que estava sendo construída, esses abarrancamentos, por serem destituídos de qualquer infra-estrutura, contribuíam, em grande medida, para a inobservância dos hábitos de higiene cotidianos entre aqueles que se encontravam abarrancados. Os “banheiros”, por exemplo, ficavam bem próximos dos locais onde se encontravam construídas as barracas que “abrigavam” as centenas de trabalhadores. Segundo o depoimento do Sr. João Delfino, em virtude da seca, não havia pastagem para alimentar a *tropa medonha de jumento* que eram utilizados no trabalho da rodagem. Assim, quando era no período da noite, os jumentos faziam, da fava que os *cassacos* tinham por alimento diário, sua refeição noturna.

³⁴⁵ O conceito de espaço vivido, que será melhor discutido na terceira parte deste trabalho, é tomado de empréstimo a Armand Frémont. *A Região, Espaço Vivido*. op. cit.

Agora o comer desses jumento, você acha até graça, era a fava que a gente cumia, tá rendo? Você sabe, comer, num tinha; aí, o pessoal butava pra fora, nera? Era muita gente. De noite, piava naquele cagadeiro, lá onde fazia o sirviço. De noite, a gente só via era o estalo – tá, tá, tá -, os bicho istalando as fava nos dentes, tá rendo? E o istrumo do pessoal, era a fava purinha.

Quanto ao estado sanitário da região, não poderia ser dos melhores. Entre os fatores que contribuíram diretamente para o surgimento de algumas doenças que passaram a grassar, sobretudo, nas frentes de serviços, destacam-se: a recrudescência da estação seca, a grande concentração de pessoas, a inobservância de hábitos higiênicos e a falta de uma assistência médica as centenas de pessoas que se achavam abarrancadas. Dentre as doenças que foram lembradas, alguns entrevistados recordaram com mais pavor a epidemia de paratifo, em razão desta ter ceifado a vida de diversas pessoas, como ressaltou o Sr. Euclides Ângelo Cordeiro.

Trinta e dois, entrou uma seca muito grande, muito ruim. Aí, ele **(referindo-se ao pai dele)** mandou nós trabalhar na estrada, nessa BR, lá do Choró, na dirmatação dela. Vinha na dirmatação. Deu uma impidimia muito grande, lá morreu diversas pessoas. Aquela tal de paratifo, uma doença que tinha, matava dipressa. Tinha uma febre medonha.³⁴⁶

Segundo D. Altina de Moura Lima, as pessoas ficavam impossibilitadas de andarem em virtude da virulência com que a doença se manifestava. Em razão da epidemia ter feito um grande número de vítimas, passou a ser comum ver-se, pelos caminhos, as vítimas da doença serem transportadas em redes; principalmente, aquelas que se encontravam trabalhando na construção da rodagem.

Vixe Maria! Morreu muita gente. Na rodage mermo, morreu muita gente. E veio passar muita gente duente daculá de baixo, das Flores, passava gente em rede que num podia mais andar, num é? Aí, diciam com eles em rede.³⁴⁷

³⁴⁶ Euclides Ângelo Cordeiro, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa Grande, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

³⁴⁷ Altina de Moura Lima, 96 anos. Entrevista gravada no Sítio Lima, no município de São João Jaguaribe, no dia 11/04/2000.

Ademais, o descaso com a questão social, por parte dos órgãos responsáveis em gerenciar essas frentes de serviço, era absoluta. Além do atraso no pagamento dos trabalhadores das frentes de serviço – *Diz que lá, chegava aqueles dia que era pra haver paga, num aparecia dinheiro e deixa esperar pra quando aparecer, pra quando aparecer*³⁴⁸ –, verificava-se, ainda, a agiotagem e a corrupção na distribuição de vales e na venda de gêneros alimentícios.³⁴⁹

Segundo Frederico de Castro Neves, referindo-se à seca de 1958, as verbas de emergência, que eram liberadas a fundo perdido, foram permanentemente manipuladas por políticos, administradores ou comerciantes com o objetivo de tirar proveito político ou econômico da situação de crise.

(...). A chamada 'indústria da seca' desenvolve-se em ritmo acelerado durante a seca de 58, em que a mobilidade dos retirantes era uma ameaça aos 'currais' tão zelosamente guardados pelos cabos eleitorais. O medo de perder os votos fazia com que os políticos se desdobrassem para conseguir obras ou algum donativo que assegurasse a presença dos 'seus' eleitores nos municípios de origem. As obras valorizavam as terras através de um sistema de estradas e abastecimento d'água ou irrigação, mas nada era cobrado ao proprietário, que, ao contrário, deixava de pagar os salários aos seus empregados, já que estavam todos alistados no DNOCS ou DAER e recebiam salários do governo. Assim, um círculo vicioso se mantinha e tornava as áreas do semi-árido cada vez mais vulneráveis à seca.³⁵⁰

Afora a experiência vivida por aqueles que se dispuseram a enfrentar os trabalhos na construção da rodagem, outras formas de trabalho foram experienciadas durante a seca de 1932, sobretudo, por aqueles que permaneceram em seus locais de origem. O Sr. João Pereira Cunha, por exemplo, revelou que, antes do seu pai ir trabalhar

³⁴⁸ Ana Francisca do Espírito Santo, 94 anos. Entrevista gravada na comunidade do Cercado do Meio, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Quixeré, no dia 12/04/2000.

³⁴⁹ Cf. José Batista Neto. *Como uma luneta invertida (Intervenção do Estado no Semi-Árido nordestino através do discurso ideológico da IOCS/IFOCs – 1900/34)*. op. cit. p. 260.

³⁵⁰ Frederico de Castro Neves. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. op. cit. pp. 185 e 186.

na rodagem, o ajudava no corte da macambira. Contudo, depois que seu pai, acompanhado dos dois filhos mais velhos, resolveu alistar-se na obra de construção da estrada, já em fins de 1932, "seu" João, juntamente com seus irmãos mais novos, ficaram em casa trabalhando na produção de trança de palha de carnaúba, enquanto sua mãe costurava os chapéus para serem vendidos; possibilitando-os, assim, comprar, no dizer do velho João Pereira, *algum alimentozim pa gente comer*.

Ele **[referindo-se ao pai]** ia tirar macambira, me levava. Mas, eu que num trabaíava quais nada ainda. Juntava aquelas macambira. Tirava, e eu saía juntando aí dento do saco. Mas, que eu num trabaíava não. Em trinta e dois, não. Eu num fui não, fiquei im casa mais mamãe fazendo trança, viu? E meus irmãos mais piqueno, viu? Fazendo trança de chapéu e mamãe costurando. Nós vendia e comprava algum alimentozim pa gente comer. (...). Aí, foi a rodage. Ainda passou quato dias e meio lá, viu? Na rodage. Carregava muita terra im costa de animal, viu? Meu pai, sim senhor! Meu pai. Ele e dois irmão mais véio, meu. (...). Aí, era chuva de dia e de noite lá, (...) trinta e três. Aí, foi, ele vei simbora (...) pa prantá roçado.³⁵¹

Apesar do rigor que os poderes públicos, principalmente através da imprensa, atribuíram à seca de 1942, que nos faz vê-la como um acontecimento homogêneo, os relatos de memória de meus amigos de travessia possibilitaram-me, por sua vez, perceber a pluralidade de sentidos que as várias experiências vividas atribuíram a este acontecimento - seca - no ano de 1942. Como ressaltou o Sr. Eduardo Soares de Lima,³⁵² as secas são *conforme os tempo, conforme as condições da gente*. Assim, ao mesmo tempo que para alguns a seca representou um momento de extrema miséria, para outros, como o Sr. Pedro das Neves, *foi uma beleza*.

Quarenta e dois, eu me lembro. Que a seca de 42, pra mim, foi uma beleza. É, a seca de 42 eu num passei penúria, não. Graças a Deus, eu tinha as coisa, né?.³⁵³

³⁵¹ João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista gravada no Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.

³⁵² Eduardo Soares de Lima, 78 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, 26/08/1999.

³⁵³ Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

Para o Sr. Raimundo Delfino Filho, no entanto, se a seca de 1942 não chegou a ser nenhuma *beleza*, deu, ao menos, para ir *se virando* com o que se conseguiu colher na roça, haja vista ter caído algumas *chuvinhas* na região; diferentemente da seca de 1932, quando teve que se alistar no trabalho da rodagem e passar a viver, juntamente com seus pais e irmãos – entre eles o Sr. João Delfino Bezerra –, em uma barraca coberta com *um bucado de ramo* nas margens da estrada que estava sendo construída. Por outro lado, “seu” Raimundo Delfino ressaltou que *no mato, nesse tempo, tinha caça e no rio tinha peixe*.

Quarenta foi inverno, quarenta foi inverno. Quarenta e dois foi iscaso, seco, seco. (...). Dava aquela chuvinha, a gente prantava aquelas coisinha, aí, pegava aquela coisinha e ia se virando. Deus dava um jeito da gente passar. Se virava no rio, pescando no rio; se virava no mato. No mato, nesse tempo, tinha caça e no rio tinha peixe.³⁵⁴ [Caracterizar o espaço – morava próximo ao rio]

Tomando, pois, como referência apenas esses dois fragmentos de memória, ressalto que, de modo geral, a seca de 1942 não significou, para os entrevistados, um tempo de muitas dificuldades, sendo, portanto, caracterizada como um simples *ripiquete*.

Entretanto, como já foi assinalado, as experiências vividas no sertão, sobretudo as relativas aos anos de secas, não podem ser homogeneizadas. Nesse sentido, o Sr. Francisco Vieira da Silva revelou que em virtude das dificuldades que enfrentou na seca de 1942, resolveu emigrar,³⁵⁵ sozinho e a pé, para o Estado do Piauí. Antes, porém, trabalhou na construção de uma rodagem entre as cidades de Iguatu e Campos Sales – ambas no alto Jaguaribe. Em sua narrativa,

³⁵⁴ Raimundo Delfino Filho, 87 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 26/10/1999.

³⁵⁵ Segundo Caio Prado Jr., o processo migratório nordestino “se tornará particularmente ativo depois da grande seca de 1877-80, que despovoará o interior nordestino do Ceará até a Bahia. As regiões beneficiadas por esta emigração serão o vale amazônico (graças à extração da borracha), o sul da Bahia (produção do cacau em progresso); finalmente e sobretudo S. Paulo, o grande pólo de atração”. Cf. Caio Prado Jr. *História Econômica do Brasil*. 7ª ed. Atualizada, São Paulo: Brasiliense, 1962. p. 208. Citado por Denise Aparecida Soares de Moura. “Andantes de Novos Rumos: a Vinda de Migrantes Cearenses para Fazendas de Café

“seu” Francisco Vieira destacou, ainda, que, além da seca, vivia-se, em 1942, um tempo de guerra – *uma guerra da Alemanha* -; que muito dificultou sua travessia pelas “estradas” a caminho do vizinho Estado do Piauí.

Era, foi seca horrorosa. Saí daqui pro Piauí. Não, ainda trabalhei na rodage aí entre Iguatu e Campos Sales. Ainda trabalhei, uns dois mês nessa rodage. Daí, eu fui pro Piauí; sozinho. Era guerra, seca, o maior trabalho pa você passar nas barreiras. Home num passava, rapaz novo num passava de jeito nenhum. Uma guerra da Alemanha, em quarenta e dois. Foi começada em trinta e seis, foi acabada em quarenta e quato. Dez ano de guerra.³⁵⁶

No Piauí, “seu” Francisco Vieira permaneceu por seis anos.

Durante todo esse tempo, morou *em muitas currutelas* e trabalhou na extração da maniçoba, *um pau que você furando o pé dele, ele vaza leite*; o qual, segundo “seu” Francisco, é utilizado como matéria prima para *fazer burracha*. Do Piauí, *vazei pa Goiás de pé*. Passava o dia caminhando e *à noite arranchava nas fazendas, só de noite*. No Estado de Goiás, por sua vez, “seu” Francisco chegou a trabalhar numa mina de mica – *mica, é um minério de isolamento; qualquer aparei que tiver luz elétrica, tem que ter ele* - e a morar em várias cidades, entre as quais destacou Porto Nacional e Miquelândia, como tendo sido as que mais gostou. Depois de cinquenta e um anos morando fora do Ceará, “seu” Francisco retorna a Tabuleiro do Norte, no ano de 1993, já com a saúde bastante debilitada. Além de ser uma vítima do diabetes, “seu” Francisco revelou ter um caroço que, segundo ele, já tinha *lhe tomado a boca do estômago todo*.

Paulistas em 1878”. In. *Revista Brasileira de História – dossiê: travessia: migrações*. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 17, n° 34, 1997. p. 130.

³⁵⁶ Francisco Vieira da Silva, 75 anos. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000. Segundo Frederico de Castro Neves, as formas de relacionamento envolvendo retirantes e autoridades, estabelecidas pelo regime do pós-30, irão permanecer, pelo menos em alguns aspectos, na seca de 1942. Todavia, a possibilidade do Brasil envolver-se na Segunda Guerra Mundial, apresentava-se como um elemento a fornecer características peculiares a este momento. Decerto, isto favorecia uma intervenção direta no mercado de trabalho e alimentos, a exemplo do que ocorrera em 1932. Para Neves, o clima de guerra não deixou de favorecer o emprego de soluções autoritárias, por parte do Estado, no “enfrentamento” dos efeitos políticos, sociais e econômicos de mais uma crise climática no Nordeste. Cf. Frederico de Castro Neves. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. op. cit. p. 141.



(Foto 26 – Sr. Francisco Vieira – Aldeia Velha – Tabuleiro do Norte)

Deitado em uma rede, com a aparência física denotando o estágio avançado da(s) doença(s), o Sr. Francisco falava com intervalos que eram, quase sempre, intercalados por excessos de tosse. Confesso, que cheguei a ficar arrependido de ter iniciado a entrevista, que não se prolongou por muito tempo. Certamente, foi a experiência mais sofrida que vivenciei em toda a travessia que realizei pelos sertões do Baixo-Jaguaribe. Ao retornar à sua casa em meados do mês de julho de 2001, fui informado que “seu” Francisco Vieira da Silva havia falecido em maio do ano de 2000; portanto, um mês depois de me ter concedido o direito de registrar suas memórias.

Em termos estatísticos, a seca de 1958, em relação à seca de 1932, registrou um maior percentual referente à população afetada que subiu de 9%, em 1932, para 13% em 1958. Segundo Frederico de Castro Neves, *a seca de 1958 alcançou tamanha repercussão que não só transformou a chamada ‘questão regional’ em ‘problema nacional’, como, a partir de então, ‘o Nordeste passa a se configurar como um problema de segurança nacional’*.³⁵⁷

Conquanto a seca de 1958 tenha tido uma grande repercussão em todos os setores da sociedade, ganhando, assim, o estatuto de grande seca, nos relatos de memória de meus amigos de

³⁵⁷ Cf. Frederico de Castro Neves. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. op. cit. p. 179.

travessia, esta seca, ao mesmo tempo que é significada pelo sofrimento, aparece como a significação, por assim dizer, de um tempo marcado pela normalidade de suas vidas. Segundo o velho Antônio Eugênio, que passou a seca cortando e vendendo macambira, o ano de 1958 *foi seco, mas era boa*.

A seca de 58 foi pra nós... foi muito boa. Foi seco, mas era boa. As coisa era favorável. Feijão aí pra comprar não faltava, carne não faltava, peixe era o que você queria tinha. E foi uma seca boa que a gente passou, foi 58. Achei ela ruim não.³⁵⁸

Das secas passadas, D. Estelita Crispim Gomes revelou que tem mais lembrança da seca de 1958. Contudo, em seu relato de memória, D. Estelita não ressaltou as agruras que normalmente aparecem descritas nos relatos sobre secas. Ao contrário, D. Estelita fez questão de dizer que em 1958 *foi muito bom*.

Cinqüenta e oito eu tem bem lembrança, muita lembrança mermo. Até um resguardo eu passei, im 58. No 58, nós morava no Poço do Barro, foi a onde nasceu a mãe desse minino. Cinqüenta e oito foi muito bom, muita gente achava rim; mas, eu achei bom. Porque pelo meno de peixão nós cumia munto, todo dia munto peixe; água, que o açude era chei. Era uma beleza!³⁵⁹

Se tomarmos como referência a literatura, os jornais, os discursos políticos, e tantos outros que associam a seca a um tempo de miséria e desgraça as mais diversas, é estranho ver e ouvir camponeses - como o Sr. Antônio Eugênio, como D. Estelita... - falar de seca como *muito boa* ou de ano seco como *muito bom*. Que significado podem ter essas afirmações, ainda mais quando são feitas por sujeitos que já haviam atingido a maioridade, ele com quarenta e ela com vinte e oito anos de idade, não sendo, portanto, mais nenhuma criança, nem mesmo adolescente? O que pude inferir, no entanto, da leitura que fiz dos vários depoimentos produzidos na arte de rememorar o passado, é

³⁵⁸ Antônio Eugênio da Silva, 81 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 14/09/1998.

que o inverno, para esses velhos camponeses, é fartura independente da incidência ou não das chuvas. O depoimento a seguir, do Sr. João Pereira Cunha, é emblemático no que diz respeito a essa associação fartura/inverno. Por outro lado, ainda, é preciso considerar, sobretudo na experiência vivida por D. Estelita, a presença do açude que proporcionava, além da fartura de água e de peixe, a prática da agricultura de vazante.

Foi dando ênfase as "artes de fazer" – *que manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula*³⁶⁰ - que o Sr. João Pereira Cunha recordou a seca de 1958. Segundo o velho João, na seca de 1958, embora os bichos não tenham tido *o gosto de comer uma fóia verde*, em sua casa não *subero o que foi pricisão*.

Ói! Cinquenta e oito, prá seca como eu tô dizendo, bicho num teve gosto de comer uma fóia verde. Mas, eu tratava as vacas de meu cunhado com macambira cunzinhada com sal, viu? Era leite... Todo dia quando o Sr. chegasse na minha casa, o Sr. quisesse jantar qualhada, tinha, viu? Sobrava, tinha seis minino já, já seis fi naquela época, eles cumia leite, mas sobrava leite aí. Meus fi num subero o que foi pricisão, eu cumprava as coisa era de saco: saco de farinha, saco de açúcar e essas coisa toda. Criava um... um... Tinha um criar de bode até bom; a muier criava muita galinha, nós criava... nós criava porco, quem que sabia o que era pricisão, né? Graças a Deus, não.³⁶¹

Embora a seca tenha para o velho João Pereira o significado de *muito sofrimento*, sua fala deixa transparecer as práticas de reapropriação do espaço vivido quando diz: *agora aqui a gente toda vida distroce seja o que for*. Essas "artes de fazer", mesmo remontando as astúcias dos antepassados mais distantes, não podem estar dissociadas das experiências por ele vividas.

Sem poder trabalhar na agricultura, em virtude da falta de chuvas, "seu" João Pereira passou a seca de 1958 trabalhando no corte

³⁵⁹ Estelita Crispim Gomes, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 26/08/1999.

³⁶⁰ Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano: I. Artes de fazer*. op. cit. p. 47.

³⁶¹ João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista gravada na comunidade do Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.

da macambira para alimentar o gado do seu cunhado e, sobretudo, para ser vendida aqueles que, nas várzeas, trabalhavam no fabrico da cera de carnaúba.

A seca? Rapaz, o que significa só é muito sofrimento (risos). Agora aqui a gente toda vida distroce seja o que for. Cinquenta e oito foi a seca mais seca que deu aqui nesse lugar, mais que num deu... o mato que nasceu, o mato uma foinha, mais o mato que nasceu no chão num ficou desse tamãe aí, viu? (...). Seco, mais foi seco. Mais também tem uma coisa, ninguém soube o que foi precisão não senhor. Naquela época, quinhentos mil réis, viu, tivesse quinhentos mil réis pa você ir a rua fazer a feira, podia levar um jumento bom que você... você... você num trazia a mercadoria que cumprava, viu. Todo os domingos eu tinha quinhentos mil réis. Eu vendia macambira a um home lá dos Patos, Figueredo, iam buscar onde eu morava. Ele vinha buscar quarta saía quinta, vinha sábado pra sair domingo (...) lá de frente da minha casa. Comecei a fazer um (...) justo com ele, setenta arroba pu semana. Trinta e cinco, sete, na quarta e quarenta no sábado.³⁶²

Conquanto soubesse que sozinho não reunia condições para cumprir com o compromisso que assumira junto ao Sr. Figueredo, "seu" João Pereira resolveu fazer um "justo" com seu cunhado e compadre Zé para juntos cortarem, na caatinga, a quantidade de macambira que havia negociado com o Sr. Figueredo.

Eu sabia que eu num tirava essa macambira, mais tinha meus cunhados. Aí, falei com o cumpade Zé (...). (...) compade João nós tira. O gadim dele também pouco nesse tempo, nós tira. Pouco mais, haja gente querendo entrar no nosso justo, entrar, entrar. E o home dizia, o home dizia assim: - 'tanto vocês tire macambira, como eu compro'. Rapaz, quando bateu o inverno pa cinquenta e nove, quando bateu o inverno, eles tava levando já duzentas e tantas arroba de macambira pu semana daqui, daqui. Mais tinha uma coisa, quando bateu a chuva num precisou mais de macambira. Ele já tava levando duzentas e tantas arrobadas de macambira. E eu dizia a ele: - 'Luiz, na semana tu num vai se preocupar com dinheiro não. Basta no sábado, quando tu vinher, tendo o que é bom pa gente fazer a feira do domingo certo, certo. Todos os domingo nós tinha aquele total.

Desta forma, durante a seca de 1958, segundo o depoimento do Sr. João Pereira Cunha, os camponeses que moravam nas várzeas do rio Jaguaribe ocuparam-se do corte da carnaúba para o fabrico da cera; enquanto, aqueles que moravam na serra ocuparam-se

³⁶² João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista gravada no Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.

do corte da macambira, que era vendida para o consumo do gado daqueles que se beneficiavam da cera da carnaúba.

Nóis aqui, eu achava bom. Eles lá se virava nas carnaúbas, cortava carnaúba, fazia cera, e trazia e dava o dinheiro pa comprar macambira a nós, viu? (risos). Qualquer maneira, nós se refrigerava da carnaúba também.

Portanto, essa dupla tática de explorar a natureza do lugar, revela que a seca não chega a paralisá-la de um todo. Assim, mesmo não sendo possível o desenvolvimento da agricultura, por ser a atividade mais comprometida com a falta de chuvas, a natureza em volta lhes oferecia outras possibilidades de poderem adquirir recursos que os permitissem, todos os domingos, *ir a rua fazer a feira*.

O Sr. Zacarias Francisco de Almeida, por sua vez, revela que já trabalhou muito cortando madeira e fazendo carvão para ser vendido na cidade de Russas. Conquanto esse trabalho lhe fosse comum também no período do inverno, ele revela que em época de seca representava um bom inverno.

Hoje im dia eu... Pra mim eu num estranho mais não, né? Agora no começo não, nas seca aí eu estranhei muito que a gente num tinha costume, né? Nem nada. Hoje não, hoje a gente tudo... a gente vim a gente faz, né? Trabeiá de machado, cortei muita madeira de machado, munta mermo, fazia caivão pa vender. Era no verão e no inverno, já fiz muito. (...). Tudo na seca, agora eu faço como o outo, era um inverno bom. Porque tudo que a gente ia fazer tinha, tinha vantagem. O camarada ganhava pouco, mais naquele pouco chegava pa fazer tudo, porque tudo tinha com fartura.³⁶³

Atravessado pela idéia de fartura, pois *tudo* que se fazia *tinha vantagem*, o discurso do velho Zacarias está construído em oposição às frugalidades atuais. Este tempo de fartura reimaginado pelo velho camponês, metaforicamente transforma a seca num *inverno bom*, por ser sinônimo de fartura e não simplesmente de chuva.

³⁶³ Zacarinhas Francisco de Almeida, 84 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/08/1999.

Por outro lado, ainda, muito mais do que mostrar, através do seu discurso, que a seca não paralisa todas as atividades produtivas do homem camponês, "seu" Isac rompe com a idéia de que ela é uma permanência: *pra mim eu num estranho mais não, né? Agora no começo não, nas seca aí eu estranhei muito que a gente num tinha costume, né?*

Um outro depoente, o Sr. Amaro José da Silva, disse não ter se "aperriado" na seca de 1958. Segundo "seu" Amaro, na medida em que iam secando os "poços" no rio Jaguaribe, as pessoas que moravam mais próximas as suas ribeiras aproveitavam para fazer suas plantações. Esse tipo de prática agrícola, conhecida como lavoura de vazante, é comumente desenvolvida no leito dos rios e nas margens dos açudes à medida que o nível das águas vai baixando. Aproveita-se, assim, tanto a umidade profunda do terreno como o limo fertilizante que fica depositado no solo após o recuo das águas.

Em 58, teve muita gente aqui, mas num se aperriemo demais, porque essas terras onde vai pu rio, (...) tinha um poço, aí, o poço foi secando e a gente prantando. Inda deu muito capim. Peixe aí, peixe miúdo, tinha peixe grande não, era peixe miúdo.³⁶⁴

Portanto, os significados que os depoentes atribuíram à seca, através das imagens que descreveram em suas narrativas, estabelecem um contraponto com as imagens que a visão tradicional da seca cristalizou em torno do sertão. Segundo essas imagens, em período de seca, o sertão transforma-se num lugar sem movimento e num espaço de desolação e de paralisia tanto da natureza como do próprio homem, já que a produção e o trabalho que os vinculam ficam paralisados.³⁶⁵ Todavia, essa memória da agonia, da morte lenta de pessoas e animais em decorrência da sede e da fome – tão fortemente explorada pela literatura naturalista - é uma memória que pouco

³⁶⁴ Amaro José da Silva, 90 anos. Entrevista gravada na comunidade do Alto do Ferrão, no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000.

³⁶⁵ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução*. op. cit. pp. 92 e 93.

aparece nas histórias de vida daqueles que me guiaram pelos sertões do Baixo-Jaguaribe.

Segundo a visão tradicional, a seca encerra todas as manifestações de alegria e de canto dos camponeses na medida em que ela representa o lugar da tristeza. Assim sendo, a seca não significa apenas falta de água, apresentando-se como sinônimo do choro, do desespero, da paralisia e da mudez.³⁶⁶

Referindo-se ao discurso literário, Durval Muniz diz que embora as obras que compõe a literatura regionalista tenham visões distintas acerca de algumas questões, elas guardam entre si uma unicidade em relação à imagem que passam da seca. Procurando apreender essa unicidade, Muniz revela que a seca é abordada a partir do ponto de vista individual, representado nos vários personagens que participam da trama das histórias. Portanto, a grande preocupação dos literatos era mostrar as repercussões ao nível da psicologia individual, sem, no entanto, interessar as condições sociais que o indivíduo pertencia.

A seca abria um vácuo de afeições, era a quadra das separações, dos desencontros, de desgraças por amor, de violência, da morte de entes queridos. A seca surge neste discurso literário como aquele fenômeno que dá origem a sentimentos como a saudade e a inveja e, ao mesmo tempo é o momento de ocorrência de injustiças, de doenças, etc. Portanto, a seca é vista aqui sobretudo pelas suas repercussões para o ser humano, tomado como indivíduo na sua totalidade, material e espiritual.³⁶⁷

Há, todavia, uma enorme tensão se compararmos essas imagens que foram exaustivamente descritas pelos literatos do final do século XIX e início do século XX, nas quais a seca provoca *um vácuo de afeições* e representa *a quadra das separações, dos desencontros, de desgraças por amor, de violência, da morte de entes queridos...*, com os relatos de memória dos entrevistados.

³⁶⁶ Idem, ibidem. p. 97.

³⁶⁷ Idem, ibidem. p. 229.

O Sr. Eduardo Soares de Lima, por exemplo, ao atravessar em sua narrativa os acontecimentos que experienciou durante a seca de 1932, quando trabalhou na construção da rodagem de Pacajus a Chorozinho, recordou, numa mesma relação, a seca, a morte e a festa.

Trinta e dois, eu me lembra munto como fosse hoje, num lugar chamado Bonduê, Bonguê, nós trabaivava aí eu vi munto assim: uma barraca aqui, outa ali, outa acolá, na beira da estrada, né? Um defunto aqui, uma festa ali; um defunto acolá, uma festa acolá; e era o pau rodando, uns cantando excelença, que hoje nem uso mais, e o tambor véi rodando e o pessoal dançando, ligavo nada não. Eu vi munto isso em cinquen... em trinta e dois, ali naquele bicho... do Pacajus pra cá, num lugazim que chama Banguê. Era seca e morte e festa, só o pessoal morrendo de doençal medonho. Morria... morreu munta gente em cinquenta... em trinta e dois.³⁶⁸

De acordo, pois, com o relato de memória do “seu” Eduardo, é possível inferir a existência de outras práticas vividas pelos camponeses em períodos de seca, que não aquelas descritas por Durval Muniz a partir das referências oferecidas pelas obras literárias que tomaram por tema a seca.

Outros relatos de memórias revelaram, ainda, que independente do tempo de seca, o sertão da alegria permanece vivo através do canto, das brincadeiras e das festas. Nesse sentido, coloco mais uma vez em suspeita as interpretações que representam o sertão enquanto lugar-comum da seca e da tristeza. Pois, como tão bem ressaltou o Sr. Américo Simão de Freitas, o sertão das festas era o sertão de *todo tempo*.

Era de seca, de inverno, num tinha essa história não. Im trinta, nós passemo no Barracão, foi um ano escasso, toda noite tinha uma festa (risos). Im trinta, toda noite tinha uma festa numa casa véia que tinha lá im riba do alto, toda noite nós brincava. Um tio meu era tocador, eu ajudava a ele bater um bumbo quando havia. Sei que era bom!³⁶⁹

Ao recordar a seca de 1958, outra entrevistada, D. Francisca Delfina da Costa, revelou que, enquanto ficou em casa

³⁶⁸ Eduardo Soares de Lima, 78 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 28/08/1999.

³⁶⁹ Américo Simão de Freitas, 79 anos. Entrevista gravada na Lagoa Grande, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

*agarrada na trança da palha de carnaúba, na companhia dos filhos menores, seu esposo e os dois filhos mais velhos foram trabalhar no açude do Barracão³⁷⁰ em Russas. Porém, o que mais me chamou a atenção no depoimento de D. Chiquinha foi o fato de ela ter ressaltado que seu esposo *ainda vinha era cantando, de longe nós avistava a voz dele cantando, quando vinha aos sábados em casa trazer a mercadoriazinha.**

Passava a semana lá. Quando era dia de sabo, ele mandava os minino, os dois minino, o Raimundo e o finado João; os minino vinha. Quando era na outa, os minino ficava e ele vinha de pés, de pés. Pois era meu fi, ainda vinha era cantando, de longe nós avistava a voz dele cantando, ele vinha cantando. Trazia a mercadoriazinha; a fava, aquela fava preta, e carne véia. Aquele arroz preto, chamava boga, um tal de boga. Essas coisa que trazia do Barracão.³⁷¹

De acordo com os depoimentos que foram sendo tecidos com os fios da memória de velhas e velhos camponeses, o sertão das festas atravessa tanto o sertão dos invernos quanto o sertão das secas. Assim, podemos contradizer as imagens que tornam homogênea, no tempo e no espaço, as experiências camponesas nos períodos de seca. Como foi possível perceber, o espaço camponês não representa simplesmente o espaço da seca, da miséria e da tristeza, onde todas as manifestações de alegria são paralisadas.

Embora reconheça que a memória possui um nível imaginativo em que operam a invenção, o desejo e a fantasia,³⁷² não acredito que o passado recordado pelos camponeses entrevistados nesta pesquisa seja pura idealização nem apenas uma maneira de demonstrar o descontentamento com o presente. Assim, através de suas memórias, meus amigos de travessia fizeram-me perceber que as

³⁷⁰ O açude de Santo Antônio, ou açude do Barracão, como é mais conhecido na região, teve suas obras iniciadas na seca de 1919. Na época, segundo o Sr. Chiquinho Pitombeira, carregava-se “água lá do Peixe im dois carro de boi” para fazer o “alicerce do açude”. Entretanto, só em 1929, dez anos após o início das obras do referido açude, foram concluídos os trabalhos de sua barragem; cuja disponibilidade de armazenamento, segundo informação obtida no jornal *O Povo* de 15 de março de 1932 - p. 07, ficou na ordem de 36 milhões de m³ de água. Ainda segundo o velho Pitombeira, na seca de 1932, fizeram o “encascamento” da parede do açude até o nível da cota sete. E, em 1958, como já foi assinalado, promoveu-se o “alinhamento da parede da barragem”.

³⁷¹ Francisca Delfina da Costa (Chiquinha), 87 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 26/10/1999.

imagens da fartura, da ventura, da alegria, enfim, da vida, não representam apenas um sonho, uma invenção da imaginação camponesa. Na verdade, ao mesmo tempo que essas imagens representam aspectos da realidade cotidiana do sertão, são centrais na composição dos seus sentimentos e de suas sensibilidades.

Conceber, pois, o sertão apenas como o lugar da seca que paralisa a natureza e o próprio homem, como o lugar da fome e da sede, da tristeza e da dor, do sofrer e do morrer, significa esvaziá-lo da sua historicidade. Desta forma, o sertão dos bons invernos e, sobretudo, o sertão das festas não é mera idealização de um mundo que só existe nos sonhos de velhos camponeses.

Todavia, é preciso deixar claro, ao fazer essa afirmação, que não estou desconsiderando o fato da memória ter a força de transformar o passado naquilo que posteriormente gostaríamos que ele tivesse sido, dando eco a cenas desejáveis e silenciando as indesejáveis.³⁷³ Decerto, muitos dos depoentes ao recordarem o passado, sobretudo os momentos de seca, produziram um esquecimento em relação aos sofrimentos, na medida em que deram maior ênfase aos momentos de alegria. De todo modo, a atividade da lembrança, ao se realizar através da multiplicidade dos tempos, foi estruturando o cotidiano camponês tendo como uma de suas principais referências as secas. A percepção destes momentos, que se cruzam temporalmente, tornou possível trabalhar o passado a partir de um tempo marcado pelas secas, o qual se explicou e ganhou consistência a partir de suas próprias vivências.

Portanto, como procurei demonstrar ao longo deste capítulo, as elites nordestinas tiveram sempre o interesse em manter viva a memória das secas, da miséria, da fome, do sofrimento e da dor. Por outro lado, como já foi assinalado, os camponeses demonstraram, através dos relatos de suas memórias, o quanto são múltiplos os

³⁷² Durval Muniz de Albuquerque Jr. "Violar Memórias e gestar a História". op. cit. p. 45.

³⁷³ David Lowenthal. "Como conhecemos o passado". op. cit. p. 98.

significados que guardam do sertão e das secas. Desta forma, contrapondo-se a essa memória construída pelas elites, os camponeses mantêm viva uma outra memória, que é a memória dos bons invernos, do trabalho, da fartura, da alegria, das festas e dos amores poéticos. Nesse sentido, é preciso compreender que imanente à memória da seca “escondem-se” estratégias políticas distintas.

Mesmo sendo plurais as paisagens do sertão das secas, confesso que sou tentado pelo desejo de continuar a travessia. No entanto, não podia prosseguir sem antes ter registrado suas reminiscências, as experiências por eles vividas junto aos seus familiares e amigos durante as secas que marcam o tempo de suas vidas. Pois, é a partir destas experiências vividas, destas imagens que as lembranças esculpiram do passado, que construo minha narrativa.

Segunda Parada: o camponês e as enchentes.³⁷⁴

"O inverno é pior do que a seca"
Raimundo Delfino Filho



(Foto 27 – inverno de 1999 - Chapada do Apodí – Jaguaruana)

O tratamento que a elite nordestina deu aos problemas da região ao longo do século XX, e ainda continua dando, transformou a seca no mais importante elemento de identificação da região, a qual,

³⁷⁴ Nesta travessia, onze foram os guias: Raimundo Nonato da Costa, Francisco Rodrigues Pitombeira (Chiquinho Pitombeira), Ana Francisca do Espírito Santo, Altina de Moura Lima, Onofre Augusto dos Santos, Maria Pereira de Almeida (Lili), Francisca Delfina da Costa (Chiquinha), Egilda Delfino Nascimento, João Pereira Cunha, João Delfino Bezerra e José Gomes Barbosa (Zeca de Raiel).

segundo o discurso regional, é a responsável pela desorganização da economia rural nordestina e, conseqüentemente, pela pobreza e miséria de sua população.

Não obstante, como foi demonstrado na primeira parte deste trabalho, assim como no capítulo anterior, o sertão nordestino não pode ser concebido dentro de uma linearidade marcada pela presença constante da seca, que a tudo paralisa. Tomando como referência a região do Baixo-Jaguaribe, podemos dizer que, além dos invernos regulares, as grandes invernadas têm, em grande medida, e, paradoxalmente, marcado as sensibilidades dos mais velhos do sertão. De acordo com os depoimentos produzidos pelos sujeitos desta pesquisa, inferimos o quanto são equivalentes, na experiência de vida dos entrevistados, os eventos secas e cheias.

Sendo assim, é preciso, novamente, abrir o livro de suas memórias para compreender os sentidos que foram atribuídos às experiências vividas nos períodos dos grandes invernos de 1917, 1924, 1960 e 1974, quando a região do Baixo-Jaguaribe foi violentamente banhada pelas águas de seus rios, especialmente do Jaguaribe. Estas experiências, por sua vez, constituem-se em referências fundamentais na marcação do tempo de suas memórias.

* * *

Segundo Rodolfo Theophilo, o rigorosíssimo inverno de 1917 foi *um dos maiores que o Ceará tem tido, principalmente no sertão, onde caíram chuvas diluvianas, trombas d'água, inundando tudo.*³⁷⁵ Apesar da grande quantidade de chuvas verificadas em Fortaleza durante os cinco primeiros meses de 1917, o rigor deste inverno, segundo Theophilo, fez

³⁷⁵ Para demonstrar a intensidade das chuvas neste inverno, Theophilo utilizou-se de dados estatísticos fornecidos pelo Presidente do Estado, em Mensagem pronunciada em maio de 1917. Nesta Mensagem, o Presidente do Estado detalhou a quantidade de chuvas caídas em Fortaleza entre os meses de janeiro a maio de 1917: “Durante o mez de janeiro em que nas epochas normaes é grande a estiagem, mesmo depois de manifestado o inverno, cahiram nesta capital 464 mill. de chuva, sendo ainda maior a quantidade cahida no interior. No mez de Fevereiro, ordinariamente secco, se apresentou com a cota de 267 mill.; no de Março figurou a de 313; no de Abril ainda por anomalia apenas 182 mill. e até 31 de Maio a quanto alcançam estes

sentir-se muito mais no interior do Estado do que no litoral; diferentemente do inverno de 1899, quando o pluviômetro da cidade de Fortaleza atingiu a marca de 2.644 mm. Referindo-se, pois, a intensidade com que o inverno de 1917 alcançou o sertão do Ceará, Theophilo comenta:

Não julgo assim pela inundação do Aracaty. Esta cidade foi sempre alagada nos grandes invernos. Em 1866 eu estava no collegio e lembro-me dos horrores que contavam os collegiaes filhos daquelle terra, da inundação d'aquelle anno. É muito humano achar o dia de hoje peor do que o de hontem. O que determinou o rio Jaguaribe ter entrado naquella cidade e chegado a logares em que jamais attingira, foi o arrobamento de muitos açudes em suas cabeceiras.³⁷⁶

Entre as regiões do Estado, a zona jaguaribana, sobretudo a parte que compreende o Baixo-Jaguaribe, foi a mais atingida pelo excesso das águas de 1917.

Me lembro, foi uma seca medonha... uma cheia medonha; derrubou casa. Tinha um criatura, que tinha umas casa, ficando assim pra baixo da rua, aí dizia: - 'Ah! Caiu a casa de fulano; caiu a casa de sicrano'. com pouco ele dizia: - 'Ah! Caiu a casa de fulano'. Com pouco mais... - 'Ah! Caiu a minha' (risos). A dele foi mais... Aí, tinha um home, que eu chamava tio Raimundo Luiz, chorava porque a casa dele tinha caído. Aí, disseram assim: - 'Seu Raimundo, num chore não, que como Deus butou a cheia, também pode butar alimento pra você levantar uma casa'. Levantou mior do que a que tinha. Porque você sabe, quem espera por Deus num cansa, não. (...). Eu conhecia essas casa tudim, ficou só os troço, só os troço. Isso aí eu conto e num é mentira, que eu me lembro, me lembro.³⁷⁷

Não apenas as cidades que ficam situadas próximas ao leito dos rios tiveram suas casas inundadas e destruídas como nos informou o relato do Sr. Raimundo Nonato da Costa; nos campos, as lavouras foram igualmente destruídas, e os criatórios de animais reduzidos, em virtude, principalmente, do avanço das águas do Jaguaribe.

dados, tinha cahido 454 mill. de chuva, perfazendo um total de 1.680 mill., altura superior a quantos invernos registram as chronicas do Ceará.” Cf. Rodolfo Theophilo. *A Seca de 1915*. op. cit. p. 150.

³⁷⁶ Cf. Rodolfo Theophilo. *A Seca de 1915*. op. cit. pp. 113, 114, 149 e 150.

³⁷⁷ Raimundo Nonato da Costa, 95 anos. Entrevista gravada na localidade da Canafistula de Baixo, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000.

A exemplo das secas, as cheias constituem-se num momento de quebra da vida cotidiana dos camponeses do Baixo-Jaguaribe, sobretudo, por interferir na normalidade do trabalho agrícola. Por outro lado, essa quebra não significa uma total paralisação das atividades agrícolas, uma vez que só as áreas de maior influência dos rios, especialmente do Jaguaribe, são as mais atingidas por suas enchentes. De qualquer forma, o que se verifica é uma alteração no cotidiano de trabalho do camponês que passa a viver, muitas vezes, da assistência governamental e da caridade pública, embora a estação chuvosa seja favorável. Acoplada a mesma lógica dos discursos da seca, as imagens e os enunciados construídos em torno da cheia procuram reiterar a miséria e os infortúnios vividos pela população. Portanto, dentro da mesma rede discursiva armada nos períodos de seca, nas grandes invernadas, as elites locais deitam a miséria da população embora tenham por propósito embalarem seus próprios projetos políticos.³⁷⁸

Embora um ou outro dos meus amigos de travessia tenham relatado alguma experiência vivida durante a cheia de 1917, como foi o caso do Sr. Raimundo Nonato da Costa, um número maior de depoimentos me foi dado acerca da grande cheia de 1924 que, de forma indelével, ficou marcada na memória dos mais velhos da região.

Antes, porém, de adentrar em algumas dessas memórias, recorro ao Livro de Tombo da Paróquia de Russas, para apoiar-me um pouco nas memórias do Mons. Raymundo Hermes Monteiro sobre a

³⁷⁸ Diferentemente da calamidade de 1915 – “em que o Estado foi horripelmente acossado pela secca” -, a calamidade de 1917 foi consequência do excesso de chuvas em todo o Estado do Ceará. Procurando, pois, atender aos clamores que chegavam dos mais distantes sertões, o Presidente do Estado, Dr. João Thomé de Saboya e Silva, baixou o decreto n.º 26, de 20 de março de 1917, abrindo um crédito da ordem de 20:000\$000 como verba de “socorros públicos”. Porém, achando insuficientes os recursos de que dispunha, recorreu ao Governo Federal solicitando auxílio para “socorrer” da “miseria com que esteve a braços a população das regiões assim assoladas” pela grande cheia. Atendendo, pois, a solicitação que lhe fôra feita, o Governo Federal colocou, à disposição do Estado, a importância de 1000:000\$000: “Essa quantia foi distribuída pelos municípios, na proporção de suas necessidades e tendo-se em consideração a urgente restauração da lavoura. Foram nomeadas comissões, que, de acordo com os sindicatos agrícolas creados em diversos municípios, puzeram por obra as providencias que se fizeram precisas.” Cf. *Relatório – março de 1916 a maio de 1917* - apresentado ao Ex. Dr. João Thomé de Saboya e Silva – Presidente do Estado. J. Saboya de Albuquerque – Secretário dos Negócios do Interior e da Justiça. Fortaleza: Typ. Moderna, 1917.

cheia de 1924. Segundo os relatos escritos neste livro, o ano de 1924 começou sem do céu cair uma só gota d'água. Não obstante, contrariando a expectativa de seca que consumia a todos, a partir do dia 24 de janeiro passou a chover quase cotidianamente até o dia primeiro de julho deste mesmo ano.

(...). O rio Jaguaribe transbordou com impetuosidade submergindo as terras marginaes em uma altura e largura como nunca se viu nos maiores invernos até hoje conhecidos. Basta dizer que desde os taboleiros que fica ao lado da ponte da Cidade até o sopé da serra do Apodi as canôas navegavam sem interrupção como se fosse em um grande lago, com distancia de tres leguas e mais de uma extremidade a outra.

Pelas ruas da cidade as águas corriam impetuosamente e o quadro da Matriz ficou coberto d'água, e somente pela frente das casas que ficam ao lado do nascente do quadro da Matriz não corria água. Algumas casas da ponta da rua da Igreja de S. Sebastião, ao lado do sul, foram invadidas pelas águas; e outras mais não foram, devido a tapagens de tijolos com cimento, que, nas portas, fizeram os seus habitantes.

(...).

As familias salvaram-se trepadas em girau dentro de suas casas invadidas, sofrendo em fome e pedindo em gritos, socorro, até que aparecesse uma canôa que as conduzisse para a serra, os taboleiros ou a cidade.³⁷⁹

Segundo o Mons. Raymundo Hermes Monteiro, em virtude da *afflição do povo*, uma comissão de pessoas de destaque da cidade de Russas foi procurá-lo, em sua residência, a fim de pedir-lhe para telegrafar ao Presidente do Estado solicitando outros *soccorros*, além dos três contos de réis que já havia sido anunciado.

(...). Attendendo a *afflição do povo*, telegrafhei ao Sr. Arcebispo Metropolitano Dom Manuel da Silva Gomes, pedindo a este que, junto ao Presidente do Estado, intercedesse por nós; e logo depois o Sr. Presidente anunciou ao Prefeito desta cidade maiores soccorros.³⁸⁰

O próprio Arcebispo Metropolitano, Dom Manuel, *em momento tão angustiante para nós, veio, sem fazer esperar, mitigar os nossos soffrimentos. O pae dos pobres*, como ficou conhecido Dom Manuel, enviou, ao Mons. Raymundo Hermes, a quantia de três contos de réis para que pudesse,

³⁷⁹ Paróquia de Russas – *Livro de Tombo n° IX*. p. 46.

³⁸⁰ Idem, *ibidem*. p. 46.

juntamente com outras pessoas de sua confiança, distribuir entre os mais necessitados da *freguesia* de Russas. Além da ajuda recebida de Dom Manuel, outras foram enviadas pela Associação Comercial, pelo vigário geral e pelas senhoras de caridade de Fortaleza.

Recebi ainda de Fortaleza, para os inundados desta freguesia, a quantia de dois contos novecentos e cinquenta mil reis, sendo dois contos remetidos pela Associação Comercial, quinhentos mil reis recebidos do Exmo. Sr. Vigario geral e quatrocentos e cinquenta mil reis, enviados pelas senhoras de caridade, o que tudo destribui da forma acima indicada.³⁸¹

Mesmo estando em tratamento de saúde na cidade de Fortaleza, o Pe. Zacharias Ramalho, paroco de Russas, arrecadou outros recursos que foram enviados *ao seu digno irmão pharmaceutico José Ramalho, Prefeito da cidade.*

Antes de tomar esses discursos, que falam sobre a situação de *aflição do povo* durante a cheia de 1924, como documentos de uma verdade, é preciso entendê-los como construtores desta verdade. As cheias, assim como as secas, são acontecimentos produzidos, em grande medida, pela repetição regular de determinados enunciados que procuram não só dar visibilidade ao real como instituir outros reais.³⁸² Nesse sentido, por ser um tema capaz de emocionar, mobilizar e agenciar recursos financeiros, com vistas a “amenizar” os sofrimentos, a pobreza e a miséria “provocada” pelos excessos das águas, as elites da região jaguaribana mobilizam-se no sentido de converter a crise climática – representada agora pelas cheias dos rios que cortam a região e não mais pela seca – em um instrumento de pressão, de apelo que justifica tanto as campanhas de arrecadação quanto a presença do Estado na região. Portanto, com uma força discursiva semelhante ao discurso da seca, os discursos em torno das cheias tendem a reificar as

³⁸¹ Paróquia de Russas – *Livro de Tombo n° IX*, p. 46.

³⁸² Segundo Durval Muniz, “os discursos não se enunciam, a partir de um espaço objetivamente determinado do exterior, são eles próprios que inscrevem seus espaços, que os produzem e os pressupõem para se legitimarem”. Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *A invenção do Nordeste e outras artes*. op. cit. pp. 23 e 24.

imagens de misérias e horrores que a região, paradoxalmente, enfrenta.

Seguindo mais ou menos o mesmo estilo de descrição do Mons. Raymundo Hermes Monteiro, alguns dos meus amigos de travessia descreveram, em suas narrativas, as conseqüências materiais e sociais provocadas pela intensidade das chuvas na região do Baixo-Jaguaribe. Assim, mesmo dizendo não mais lembrar *desses tempo*, que a sua *lembrança acabou-se, num é mais como era*, o Sr. Chiquinho Pitombeira revela que em razão da cheia ter sido *muito cumprida, tudo era de nado*. Assim, quando uma canoa ia resgatar alguma pessoa nas regiões mais ribeirinhas encontrava-a geralmente em cima de um jirau com *a água bem perto dele, e o camarada as vez com a panelinha im cima do jirau pa cunzinhar num sei o que*. "Seu" Chiquinho Pitombeira conta, ainda, que antigamente era contado o morador das ribeiras do Jaguaribe que não possuísse uma canoa grande *pa tirar um gado pa serra*,³⁸³ o que demonstra, por outro lado, a regular ocorrência de bons invernos na região.³⁸⁴

Parece ser modelar, ainda, o depoimento dado por D. Ana Francisca do Espírito Santo, quando ela alcançou em sua rememoração, o tempo dos pesados invernos de 1917 e 1924. Segundo D. Ana Francisca, a cheia de 1924 *foi grande e foi mais durável do que a de 1917*. Embora sua família tenha sido obrigada a abandonar temporariamente a casa onde moravam, em virtude do prolongamento da cheia do rio Jaguaribe, D. Ana Francisca ressaltou que *ainda por Deus* as águas não havia carregado sua casa. Contudo, *uns pé de cajarana e de ata*, que seu pai havia plantado no *terreiro* as águas levaram *tudim*.

³⁸³ Francisco Rodrigues Pitombeira, 86 anos. Entrevista gravada no Riachinho, no município de Russas, no dia 22/10/1999. Segundo Lauro de Oliveira Lima, "por causa das cheias" era comum "ao lado de cada casarão, na várzea, debaixo de uma latada," existir "uma canoa bem calafetada, cautela tomada mesmo em sítios distantes da beira do rio." Cf. Lauro de Oliveira Lima. *Na Ribeira do Rio das Onças*. op. cit. p. 66.

³⁸⁴ No dizer de Rodolfo Theophilo, "o Ceará é uma terra incompreensível"; pois, "quem viu a falta d'água em 1915 e vê o excesso d'água em 1917 confirma o dizer do povo": "aqui ou é oito ou oitenta". Cf. Rodolfo Theophilo. *A Seca de 1915*. op. cit. p. 39. No entanto, apesar desta expressão - "aqui ou é oito ou oitenta" - ser bastante popular entre os cearenses, a meu ver, ela não se adequa a marcação dos períodos de inverno, pois o que se observa, ao longo do século XX, por exemplo, é a ocorrência de várias estações chuvosas que não chegaram a atingir os excessos de uma cheia; bem como outras que, embora registrasse pouca intensidade de chuvas, não se traduziram em seca.

Nós... nós saimo de lá, a casa ficou cheia d'água. Entrou com... maior que a de dezessete. Mas... mas, ficou a casa. Só ficou, assim, as paredes da rabeira. Ainda por Deus, que num carregou a casa. As árvore que nós tinha, uns pé de cajarana, que papai sempre prantava uma coisa por os terreiro: pé de cajarana, tinha pé de ata... Essas coisa assim, a cheia de vinte e quato carregou. Quando nós votemo pra casa da cheia, passou a cheia que nós voltemo, as árvore que nós tinha, a água tinha levado tudim. Que a cheia foi grande, foi grande e foi mais durável do que a de dezessete. Em dezessete, foi ligeira. Quando foi com quato dia, as água já tinha baixado muito, muito, muito. Mas, em vinte e quato, rendeu muito.³⁸⁵

Ao contrário da experiência vivida por D. Ana Francisca, D. Altina de Moura Lima, olhos perdidos nas lembranças de sua vida na roça, descreveu, com muita originalidade, a experiência vivida durante a estação chuvosa de 1924. Em sua narrativa, D. Altina lembrou que embora tenha ficado *perto da casa, perto da estrada* a cheia de 1924, a exemplo da de 1917, não chegou a *botar* água na casa de seus pais. D. Altina comenta que ainda chegou a ver seu pai *pescando, dando lance perto da estrada*. *Eu, ainda me lembro de ver ele pescando ali pertim da estrada*. Apesar da *fartura d'água* ter sido a realidade mais visível, D. Altina, envolvida mais e mais pelas lembranças da grande cheia, relatou ter havido ainda muita *fartura de legumes*.³⁸⁶

Conquanto D. Altina tenha ressaltado em seu relato de memória que *nos canto mais alto* ainda foi possível a colheita de alguns legumes, segundo a crônica paroquial – citada anteriormente, incalculáveis foram os prejuízos verificados não só nas plantações, como nos animais que morreram afogados e nas cercas destruídas, durante a cheia.³⁸⁷

³⁸⁵ Ana Francisca do Espírito Santo, 94 anos. Entrevista gravada na comunidade do Cercado do Meio, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Quixeré, no dia 12/04/2000.

³⁸⁶ Altina de Moura Lima, 96 anos. Entrevista gravada no Sítio Lima, no Município de São João do Jaguaribe, no dia 11/04/2000.

³⁸⁷ Segundo o Desembargador José Moreira Rocha, Presidente do Estado, o rigor da estação chuvosa de 1924 não permitiu que o Estado atingisse “o índice global da receita do exercício de 1923”, em virtude dos prejuízos causados, principalmente na lavoura, pelo excesso de chuvas: “Se no exercício de 1924 as inundações que flagelaram o Estado, destruindo e retardando colheitas, não permitiram fosse alcançado o índice global da receita do exercício de 1923, o maior que fôra registrado no Ceará, não impediram, no entanto, ultrapassasse a receita arrecadada a que fôra obtida no exercício de 1922 e de muito a que fôra orçada.” *Mensagem apresentada a Assembléia Legislativa do Ceará*, em 01 de julho de 1925, pelo Desembargador José Moreira Rocha, Presidente do Estado. Fortaleza: Gadelha, 1925.

Além das cheias de 1917 e 1924, está presente nas memórias de meus amigos de travessia o grande inverno de 1960 que, igualmente, inundou a região do Baixo-Jaguaribe.

Depois do ano de 1959 ter apresentado uma boa estação chuvosa, propiciando, desta forma, uma excelente colheita e fazendo rios, açudes e lagoas aumentarem seus níveis de água, o ano de 1960 inicia-se sem nenhum sinal favorável a inverno que pudesse animar o homem simples do campo. Contudo, a partir do dia cinco de janeiro começaram a cair as primeiras chuvas em todas as regiões do Estado.³⁸⁸

Já no mês de março, os rios Jaguaribe e Banabuiú “corriam” com grandes volumes d’água. Vários eram, ainda, os riachos que não mais comportavam o excesso das águas que insistiam em alargar, para ambas as margens, sua extensão. Dezenas de açudes, em vários municípios do Estado, já haviam arrombado, além de casas e casebres destruídos. Tendo em vista, pois, a intensidade com que as chuvas caíam em todo o Estado, temia-se que em pouco tempo o inverno de 1924 fosse suplantado.

Não obstante, o grande temor vivido pelas autoridades locais e estaduais e, especialmente, pela população do Baixo-Jaguaribe, residia na possibilidade de rompimento da barragem do açude Orós, ainda em construção,³⁸⁹ em virtude das grandes chuvas caídas em sua bacia hidrográfica. Diante do eminente perigo de rompimento da barragem, o Dr. Osmar Fontenele, chefe do Serviço de Piscicultura do DNOCS, recebeu, na manhã do dia 22/03/1960, telegrama informando-o a respeito da gravidade da situação no Vale do Jaguaribe e, mais especificamente, a situação da barragem do Orós.

³⁸⁸ Em Fortaleza, por exemplo, registrou-se, nesse dia, vinte e cinco milímetros de chuva. No dia seguinte, seis de janeiro, dia consagrado aos Reis Magos, as chuvas foram ainda mais copiosas. Com características bem próximas ao discurso literário, o jornal *O Povo* assim descreveu a chegada das chuvas: “Cairam as primeiras chuvas de 1960, na terra cearense. Foi o melhor cartão de visita que os céus enviaram aos sertanejos nesta entrada de novo ano. Tudo se transformou. A natureza perdeu aquele aspecto carrancudo e tornou-se alegre e comunicativa. Transmitiu alegria ruidosa ao homem que labuta cotidianamente no amanho do solo. (...)”. *O Povo*, 13 de janeiro de 1960. p. 09.

³⁸⁹ As obras de construção do açude Orós, foram concluídas no ano de 1961.

(...). No entanto, trombas d'água de mais de 250 milímetros, caídas na bacia hidrográfica, motivaram a maior enchente, já observada. As quatro horas da madrugada de hoje, na ponte de Iguatú, o Rio Jaguaribe marcava 35 pés, ou seja, aproximadamente onze metros e meio de lâmina d'água. Houve, portanto, uma elevação de seis metros em menos de 15 horas. Apesar de não haver muita possibilidade de salvamento da barragem, somente poderemos informar, com precisão, dentro de vinte horas. (...).³⁹⁰

Neste mesmo telegrama, pedia-se, ainda, a cooperação da imprensa, para que pudesse servir de canal de comunicação com as populações afetadas pelas águas do rio Jaguaribe, principalmente aquelas que eram ribeirinhas ao grande reservatório em construção, a fim de mantê-las informadas a respeito da gravidade da situação, bem como recomendar a desocupação das áreas mais críticas.

Segundo Dom Aureliano Matos, primeiro bispo de Limoeiro do Norte, cujo bispado compreende toda a região do Baixo-Jaguaribe, caso a barragem do Orós viesse a se romper, as cidades atingidas pela inundação ficariam reduzidas a menos de 50%, uma vez que as águas passariam pela região com uma lâmina de quatro a seis metros, conforme afirmavam os engenheiros. Todavia, mesmo que as cidades não fossem destruídas nessa proporção, segundo a avaliação de Dom Aureliano Matos, já era certo que as terras que compõem o vale do rio Jaguaribe ficaria, por algum tempo, imprestáveis para plantações agrícolas.

A construção das cidades ameaçadas foi toda feita de tijolo e barro. E não resistirão, por conseguinte, ao embate das águas. As enchentes quando pequenas, morosas, trazem grandes prejuízos, porém, deixam as terras fertilizadas. Mas nas proporções desta, o vale será varrido, ficando imprestável, por algum tempo, para as plantações. Desde agora, precisamos promover uma conjugação de esforços, maior ainda do que se fez até agora, para que possamos restabelecer, embora demoradamente, a normalização da vida econômica e social da região, no caso de que o arrombamento ocorra.³⁹¹

³⁹⁰ *O Povo*, 22 de março de 1960. p. 01 e 02.

³⁹¹ *O Povo*, 26 de março de 1960, p. 08.

Ainda segundo *O Povo*,³⁹² a menos que as chuvas cessassem por alguns dias na região compreendida pela bacia hidrográfica do Orós, permitindo, com isto, a vazão, pelo túnel e pela galeria do açude, de grande parte da água retida na barragem, seria possível evitar-se uma grande catástrofe na região do Vale do Jaguaribe.

Diante da gravidade da situação, a 10.^a Região Militar de Fortaleza iniciou, no dia 23/03/1960, o envio de tropas e viaturas para as áreas ameaçadas ou já atingidas pelas enchentes do rio Jaguaribe. Este tipo de intervenção militar, freqüentes em períodos de seca, consistia, basicamente, no fornecimento de alimentos, remédios, barracas e transportes utilizados na transferência das populações ribeirinhas, bem como de outras áreas igualmente ameaçadas pelas águas.

Diante da ameaça crescente de arrombamento do açude Orós, as populações das cidades e varzeas do Baixo Jaguaribe, estão vivendo o maior drama de toda a sua história. Como medidas de precaução e orientados pelas autoridades e o exército, essas populações já abandonaram suas residências, estando agora alojadas em vilas e sítios localizados em terrenos mais elevados, onde ficarão a salvo das águas do Rio Jaguaribe. (...).³⁹³

Das cidades mais próximas ao rio Jaguaribe, Russas, por estar situada em terreno mais elevado, era a que menos apresentava problemas com a enchente do rio Jaguaribe. Apenas com o rompimento da barragem do Orós é que a cidade poderia ser inundada. Todavia, como medida de segurança, a população deslocou-se para locais que apresentassem maior segurança. Segundo o jornal *O povo* de 25/03/1960, *até ontem calculava-se que 1000 pessoas haviam deixado as margens do rio em Russas.*

A exemplo da cidade de Russas, a cidade de Quixeré, por ter sido edificada num ponto mais alto, não estava sob o eminente perigo de uma inundação. Desta forma, a população que morava nas

³⁹² Idem, *ibidem*. p. 08.

³⁹³ *O Povo*, 25 de março de 1960, p. 02.

várzeas do rio Jaguaribe, pôde ser deslocada tanto para a cidade, ficando alojadas em casas residenciais, no mercado público e em grupos escolares, como para as localidades mais próximas da “serra” do Apodi.

Não obstante, a cidade de Limoeiro do Norte, por ser uma espécie de ilha, em virtude de estar localizada entre dois braços do rio Jaguaribe e bem próxima ao rio Banabuiú,³⁹⁴ estava em alerta geral. Na manhã do dia 24 de março, o vigário geral da cidade, monsenhor Otávio Alencar Santiago, os capitães do exército Arribamar e Frota Leite, bem como os membros da comissão de *evacuação*, procuravam, através do microfone da Rádio Vale do Jaguaribe, convencer a população a deixar a cidade no menor espaço de tempo.

(...). Por volta das 10 horas, quando chegaram as notícias desalentadoras e alarmantes do Orós, as pessoas que ainda se encontravam na cidade trataram de passar para a margem oposta do rio, conduzindo o pouco que podiam. Muita gente saiu só com a roupa do corpo. Assim, estabeleceu-se um verdadeiro ‘Rush’ e dentro de poucas horas, Limoeiro do Norte tinha um aspecto triste: o comércio fechado, as residências abandonadas, a praça da Bandeira deserta.³⁹⁵

Através dessa matéria publicada pelo jornal *O Povo*, é possível inferir que muitas pessoas resistiram ao fato de terem que deixar o espaço vivido - embora fosse, muitas vezes, miseravelmente vivido - por não quererem se desfazer dos lugares com os quais se achavam fortemente ligados - suas casas, seus caminhos...

Assim como Limoeiro do Norte, Itaiçaba era outra cidade seriamente atingida pelas águas das enchentes dos rios Jaguaribe e Palhano. Utilizando-se de canoas, a população desta cidade fez a travessia do rio Jaguaribe para alojar-se, debaixo de árvores ou em casas de parentes, nas localidades de Barreira Vermelha – parte mais alta do município -, Tracoen, Brito, Serra do Ereré, entre outras.

³⁹⁴ O rio Banabuiú é um afluente do rio Jaguaribe, cujas águas dos dois rios se encontram nas proximidades da cidade de Limoeiro do Norte.

³⁹⁵ *O Povo*, 25 de março de 1960, p. 02.

Segundo o jornal *O Povo*,³⁹⁶ Jaguaruana era, entre as cidades do Baixo-Jaguaribe, a menos assistida pelos *socorros* enviados pelo Governo do Estado às populações do Vale jaguaribano. Desta forma, além da falta de gêneros alimentícios, o município ressentia-se da falta de lanchas e botes que possibilitassem o transporte da população para os Tabuleiros situados na margem esquerda do rio Jaguaribe. Para agravar a situação de *abandono* vivida por sua população, o município de Jaguaruana encontrava-se incomunicável com o resto do Estado, uma vez que a cidade estava sem telégrafo e não possuía nenhuma estação de rádio amador.

Em virtude, pois, das cheias do rio Jaguaribe engrossadas pelas águas do Banabuiú, calculava-se, em fins do mês de março de 1960, que o número de desabrigados na região do Baixo-Jaguaribe chegasse, aproximadamente, a cinqüenta mil pessoas, as quais, por sua vez, começavam a sofrer os efeitos da fome e das doenças. Certamente, este número veio a crescer depois que a barragem do Orós não suportou a pressão das águas e rompeu-se inundando grande parte da região do Baixo-Jaguaribe.

A descrição das misérias e horrores, “provocados” pelo “flagelo” das águas, veiculada, principalmente, pelos jornais de Fortaleza, tentava compor a imagem de uma região desolada e ávida a receber a assistência das instituições governamentais, bem como da caridade particular. Como medida emergencial-assistencialista, reforçadora dos laços patrimoniais que sempre caracterizou os investimentos de socorro efetivados pelo Estado, o Governo, o Exército e vários órgãos administrativos estiveram mobilizados no sentido de enviar, para diversas cidades do vale jaguaribano, viaturas conduzindo víveres, leite em pó, alimentos, medicamentos e vestuário para serem distribuídos entre os desabrigados.

Entre os acontecimentos que mais marcaram a memória daqueles que experienciaram a cheia de 1960 na região do Baixo-

³⁹⁶ Idem, 28 de março de 1960.

Jaguaribe, destacam-se, evidentemente, a presença do Exército na região e o rompimento da barragem do Orós.

Segundo o Sr. Onofre Augusto dos Santos, na cidade de Russas foi organizado pelo *batalhão do exército, um acampamento medonho* onde eram distribuídos, a cada três dias, os gêneros alimentícios entre a população mais atingida pelas enchentes. Em seu depoimento, o velho Onofre ressaltou a disciplina com que o Exército realizava a distribuição das mercadorias.

Então-se o pessoal achava que isso lá era negócio pa chegar e entrar, e coisa... Mas, num era assim. Nós passava três dia, quando era no terceiro nós ia, chegava lá ele já sabia, já conhecia.³⁹⁷

Apesar de haver um certo rigor na distribuição dos alimentos, segundo o relato do "seu" Onofre, os soldados do Exército reclamavam que havia determinadas pessoas que todos os dias se faziam presentes na fila da distribuição. Desta forma, "seu" Onofre revelou ter sido, certo dia, interrogado pelo comandante da operação de socorros, a respeito de um grupo de pessoas que sempre acompanhava os moradores da Lagoa das Bestas na hora da distribuição das mercadorias.

Nesse tempo, num era Lagoa de Santa Terezinha, era Lagoa das Bestas. – 'Me diga uma coisa, esse pessoal é tudo da Lagoa das Bestas?' – Não, senhor! É o pessoal que acompanha nós. – 'Não, mais num pode ser assim. Nós tamo dando a você... porque nós tamo dando cumer a vocês de três em três dias, esse pessoal aqui todo dia tá tirando, o pessoal todo dia é tirando. Aí, então nós... o Governo num pode aguentar desse jeito.' Aí, o comandante: - 'Tô errado ou tô certo?' – Não, o senhor tá certo. – 'Agora você vai apontar quem é e quem num é.' – Tá certo! Aí, aponteí tudim. Esses caba num foro mais, nunca foro lá mais não. (...). Enquanto teve cheia lá, nós se fornecemo, né?

Embora os militares tivessem imposto uma lógica operatória que objetivava disciplinar a distribuição dos gêneros alimentícios, os camponeses procuravam, de uma forma ou de outra, subverter a

³⁹⁷ Onofre Augusto dos Santos, 77 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 21/10/1999.

presença dessa lógica, por haver entre ela e os seus usuários, uma distância facilmente percorrida pelas astúcias daqueles que não se conformavam e, por isso mesmo, buscavam alterá-la. Para Michel de Certeau, *esses modos de proceder e essas astúcias de consumidores compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina*.³⁹⁸ Quanto à atitude do Sr. Onofre, de denunciar as táticas de consumo utilizadas por alguns camponeses, além de demonstrar que elas não eram homogêneas, indica a existência de práticas de poder tacitamente construídas entre os soldados do Exército e os camponeses.

Como medida de disciplina e de prevenção ao aparecimento de algum surto epidêmico na região, as autoridades responsáveis pela distribuição dos gêneros alimentícios passaram a condicionar o fornecimento da mercadoria à vacinação da população que procurava os acampamentos do Exército a fim de receber os auxílios do Governo. No entanto, segundo o depoimento de D. Lili, Maria Pereira de Almeida, essa medida não foi bem aceita pela população que, muitas vezes, preferia não receber a mercadoria a ter que se submeter à vacinação.

Quando eu cheguei lá, só tira... Eu já tava na fila, só tira mercadoria quem vacinar; eu saí da fila vim imhora. Eu num vim sem nada, porque minhas irmãs me deram.³⁹⁹

Essa resistência expressa por D. Lili, que preferiu não receber a mercadoria a ter que se vacinar, pode ser encarada de forma ambígua, tecida ora com fios sombreados de ignorância, ora com fios claros da liberdade, do livre arbítrio. Assim como tantos outros camponeses, D. Lili, ao se conformar, resistia; e ao resistir, se conformava. Noutras palavras, ao mesmo tempo que se conformava em não receber a mercadoria, resistia à imposição da vacina por parte do

³⁹⁸ Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. op. cit. pp. 41 e 42.

³⁹⁹ Maria Pereira de Almeida (Lili), 77 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 22/10/1999. Viúva e mãe de quinze filhos, D. Lili mora sozinha numa pequena casa de taipa, tendo, como vizinha, uma de suas filhas. Embora marcada pelo sofrimento, D. Lili conserva uma alegria que pôde ser percebida todas as vezes que com ela estive.

Exército; e ao resistir a estratégia impositiva do Exército, se conformava em não receber a mercadoria de que tinha direito.⁴⁰⁰ Levar em conta essa resistência é uma maneira de reconhecer as posições táticas que cada sujeito assume dentro das relações de poder. Não podemos pensar, pois, os sujeitos históricos caminhando sempre dentro da linha que os mecanismos de poder oferecem através das estratégias de disciplinarização do tecido social. Essas linhas, na verdade, não comportam todos os atores sociais em virtude, justamente, da historicidade de cada indivíduo.

Ao contrário de D. Lili, D. Chiquinha não resistiu a “obrigação” de ter que tomar a *vacina dos orós* para fins de receber a mercadoria. Todavia, em virtude de ter tomado a vacina, D. Chiquinha disse ter passado *uma semana derrubada*, ou seja, doente.

A do Orós eu via falar. Sim! Os Orós. Eu fui, que... Eu levei foi vacina, lá. Que saiu a vacina, eu quais morro, tive foi duente, essa vacina dos Orós. Naquele tempo que tava dando cumer, né? As mercadoria, que só dava se se vacinasse. Aí, eu fui, fui obrigada. Era uma vacina no braço e a injeção no outro braço. Mas, quando a minha saiu, eu passei uma semana derrubada.⁴⁰¹

Enquanto D. Chiquinha relembrou a *vacina dos Orós*, sua irmã, D. Egilda Delfino Nascimento, fez um grande esforço para lembrar *uns versim dos orós*. Como ressaltai anteriormente, ao narrar as memórias que D. Altina de Moura Lima guarda da seca de 1915, era comum as pessoas da região noticiarem os fatos cotidianos utilizando a Literatura de Cordel como veículo de comunicação. Apesar do esforço para lembrar os *versim dos Orós*, D. Egilda apenas conseguiu trazer de volta, à sua lembrança, alguns fragmentos destes versos. No entanto, justificou que quando estivesse sozinha, iria *cantar todim*.

⁴⁰⁰ Marilena Chauí. *Conformismo e resistência*. op. cit. p. 124.

⁴⁰¹ Francisca Delfina da Costa (Chiquinha), 87 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 26/10/1999.

Meu castanhão se acabou, foi a água do Orós que levou. / A água vai para o Limoeiro, Russas, Aracati / O prejuízo que ficou aqui, seu dotô, foi a água do Orós que arrombou ô, ô, ô ...

Era bunito, mais eu me esqueci, rapaz. Você num tá vendo. Eu sou muito... No dia em que o Sr. saí, eu vou cantar todim. A gente se lembra, mas, nessa ocasião, num se lembra não. É, meu fi.⁴⁰²

Diferentemente da “memória involuntária”, que Duval Muniz chama de reminiscência, a “memória voluntária”, traduzida pelo mesmo autor como lembrança, requer um tempo para organizar os estímulos, pois trata-se de uma recomposição do passado, não sendo possível, nesse sentido, o seu acesso direto. *A recordação é pois um trabalho de organização de fragmentos, reunião de pedaços de pessoas e de coisas, pedaços da própria pessoa que bóiam no passado confuso e articulação de tudo criando com ele um “mundo novo”.*⁴⁰³

Embora a estação chuvosa tenha sido muito rigorosa em toda a região do Vale do Jaguaribe, segundo o relato de memória do Sr. Onofre Augusto dos Santos, foi possível plantar e colher nas *terras altas*. Não obstante, *nos baixo num deu nada não*.

Essas terras daqui é boa e é ruim. Porque o inverno grande, lá... Você andou na minha casa, você andou hoje de manhã, lá tem canto que inverno grande atola, atola, atola até os bicho.⁴⁰⁴

Conquanto tenha sido possível desenvolver nas *terras altas* algumas culturas agrícolas como o feijão e o milho, certo foi a difícil situação que as populações dos vários municípios tiveram que enfrentar, em virtude da completa desorganização da atividade agrícola e, portanto, da vida econômica da região.

Passados cinquenta anos da cheia de 1924 e quatorze da cheia de 1960 que provocou o arrombamento da barragem do açude

⁴⁰² Egilda Delfino Nascimento, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

⁴⁰³ Durval Muniz de Albuquerque Jr. “Violar Memórias e Gestar a História”. In. *Clio*. op. cit. p. 43.

⁴⁰⁴ Onofre Augusto dos Santos, 77 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 21/10/1999.

Orós, a região do Baixo-Jaguaribe seria mais uma vez inundada por outra grande enchente no ano de 1974.

De acordo com a crônica paroquial assentada no Livro de Tombo n.º VIII da paróquia de Russas, os dois primeiros meses do ano de 1974 já anunciavam mais um *colossal inverno* na região jaguaribana. Seguindo a regularidade dos meses de janeiro e fevereiro, o mês de março *entrou com seus cântaros cheios de água*. Em razão, pois, das grandes chuvas caídas em toda a região do Vale do Jaguaribe no primeiro trimestre do ano, os sangradouros dos açudes Orós e Banabuiú começaram a liberar um grande volume de água. Logo, toda a população jaguaribana começou a estremecer, com o progressivo aumento do nível das águas que corriam no leito dos rios Jaguaribe e Banabuiú. Entretanto, em meados do mês de março, iniciaram-se os festejos em homenagem a São José *com as alegrias do bom inverno ou menos do exagerado chuveiro*, além das comemorações relativas ao quinquagésimo aniversário da cheia de 1924.

No dia 29 de março, o riacho Araibú, que passa dentro da cidade de Russas, registrou sua primeira cheia. No entanto, duas outras cheias, ocorridas nos dias 14 e 24 de abril, deixaram inundados alguns bairros da cidade, desabrigando, por conseguinte, diversas famílias que passaram a ter como abrigo a residência dos padres Jesuítas e alguns prédios públicos do município. Segundo a mesma crônica paroquial, as águas respeitaram apenas a avenida Dom Lino e as demais ruas paralelas em direção ao bairro Bela Vista – antigo Tabuleiro da Santa Cruz, ou, simplesmente, Tabuleiro dos Negros como era popularmente chamado.

As varzeas do Araibú até o rio Jaguaribe tomaram, com exceções dos altos lombos de terra, o aspecto amazônico! Gente a espirrar de suas casas em procura de abrigo! A cidade regorgitava de gente assombrada e faminta.⁴⁰⁵

⁴⁰⁵ Paróquia de Russas – Livro de Tombo n.º VIII, p. 10.

Sem dar nenhuma trégua, as chuvas continuaram a cair durante todo o mês de abril. Desta forma, nas últimas semanas do mês das "águas mil",⁴⁰⁶ *as águas dos açudes e rios subiram assustadoramente e, como muita gente afirma, em alguns lugares atingiu as marcas de 1924, que foi a maior cheia da memória popular.*⁴⁰⁷

De todas as cidades do Baixo-Jaguaribe, apenas Russas *teve o centro enxuto em toda a extensão da rodagem e da av. D. Lino em direção ao Tabuleiro.* Por outro lado, as demais cidades da região, de Limoeiro do Norte a Aracati, inclusive parte de Quixeré e de São João do Jaguaribe, foram inundadas pelas águas dos rios, especialmente o Jaguaribe, que corriam com impetuosidade.⁴⁰⁸

Segundo o relato de memória do Sr. João Pereira Cunha, a cidade de Jaguaruana ficou ligada à zona rural do município através das águas.

Ave Maria! (...). Ali passei agarrado numa cerca que tinha assim, desse lado assim, água pu o pescoço, água de cheia, de cheia, água de cheia. Ali, ali, mais o meno ali da Mundinha do Serrote, da casa do Serrote pa frente uma coisinha até o rio, você num pisava im coisa seca, não. Era só dento d'água de cheia. Dali de nós, pegar canoa, pegar canoa lá do outro lado do rio, a canoa ia por dento, por dento. (...). Nós, nós ia ali... Nós... nós... nós pega aqui no beicho do mato a canoa, viu? Aqui no beicho do mato, e... e... e nós pegar a canoa e barrava lá no INPS, lá dento da rua, viu? (...). Água, foi água, foi água. Só que nesse tempo, num tinha esse açudal, viu? Hoje, não, as água fica muito presa, fica muita água presa.⁴⁰⁹

Assim como ocorreu na cheia de 1960, a cidade de Russas tornou-se o centro operacional de assistência das vítimas das enchentes ocorridas na região do Baixo-Jaguaribe no ano de 1974. Desta forma, a cidade abrigou tanto o comando da base aérea da FAB, que ficou hospedado na residência paroquial, como o comando das equipes da Marinha e do Exército que ficou hospedado na residência do Prefeito

⁴⁰⁶ O mês de abril, geralmente marca o clímax das chuvas nos sertões do Ceará. Assim, tornou-se comum o uso desta expressão.

⁴⁰⁷ Paróquia de Russas – *Livro de Tombo n.º VIII*, p. 11.

⁴⁰⁸ Paróquia de Russas – *Livro de Tombo n.º VIII*.

⁴⁰⁹ João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista gravada na comunidade do Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.

municipal, o Sr. Aurino Estácio de Souza. Quanto aos equipamentos utilizados na *operação resgate*, foram deslocados para a cidade de Russas *muitos helicópteros e lanchas*.

A exemplo das medidas de “combate” às secas, historicamente marcadas pelos interesses político-eleitorais das lideranças locais, as elites políticas da região procuravam manter sob seu controle o andamento das operações de ajuda às vítimas das enchentes, com vistas a não quebrar o costumeiro padrão paternalista de socorro aos pobres. Dessa maneira, o resgate das populações mais ribeirinha, bem como a distribuição de alimentos eram oportunidades para se renovar os laços entre as lideranças locais e aqueles que viviam, especialmente, nas áreas mais distantes da zona urbana.⁴¹⁰

Como medida de “socorro” às vítimas das enchentes, o Governador do Estado, Cel. César Cals de Oliveira Filho, autorizou a distribuição de roupas, alimentos, medicamentos e barracas de lona para abrigar as famílias que haviam perdido suas casas principalmente em consequência das cheias dos rios.

... Até hoje, o Governo Estadual e o INAN já distribuíram 327 toneladas de alimentos num total de 400 mil cruzeiros e a Secretaria de Saúde enviou 137 mil doses de vacinas contra tifo e medicamentos diversos.⁴¹¹

Das 327 toneladas de alimentos, o município de Jaguaruana foi contemplado com vinte e sete toneladas, além de medicamentos, abrigos e barracas. Outras vinte e uma foram enviadas à cidade de Limoeiro do Norte pelo Grupo Especial de Socorro às Vítimas das Calamidades Públicas - GESCAP. No entanto, o município de Quixeré, a exemplo de outros municípios, reclamava que a ajuda enviada pelos órgãos oficiais não estava sendo suficiente para atender aos milhares de desabrigados daquele município.

⁴¹⁰ Sobre as práticas de negociação entre os retirantes e as autoridades urbanas ver: Frederico de Castro Neves. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. op. cit.

⁴¹¹ *O Povo*, 22 de abril de 1974, p. 12.

Além das medidas de “socorro” implantadas pelo Governo Estadual, a Igreja e voluntários da sociedade civil procuravam participar da mobilização que objetivava minimizar o sofrimento de grande parte da população do Baixo-Jaguaribe. Desta forma, o Bispo Diocesano, Dom Pompeu Bezerra Bessa, ofertou à paróquia de Russas a quantia de Cr\$ 1.100,00 (mil e cem cruzeiros) em benefício das vítimas da cheia.

... Por essa razão foi organizada a caritas paroquial sob a coordenação de D. Maria de Fátima Pedregal para o atendimento às necessidades dos flagelados da cheia. Foi entregue à coordenadora a quantia de Cr\$ 2.000,00 por conta da oferta supra do episcopado e da paróquia. Além disso, a caritas paroquial organizou por intermédio das Profas. Maria Gilvanize de O. Pontes e Eliete Pequeno e de Da. Zina Moreira Gonçalves e Raimundo Simplício da Costa uma distribuição de auxílio à mãe aflita no valor de Cr\$ 10,00 (dez cruzeiro) para cada uma. O total da distribuição foi de Cr\$ 1.580,00 (mil quinhentos e oitenta cruzeiros). (...).⁴¹²

Embora fosse possível analisar essas iniciativas como estratégias de controle e reprodução das relações sociais baseadas no clientelismo e no paternalismo, prefiro vê-las dentro de um sentimento de solidariedade para com as vítimas das cheias; uma vez que nessas ocasiões é comum ver-se a sociedade civil mobilizar-se no sentido de organizar campanhas de arrecadação e distribuição de donativos, procurando, assim, dar um sentido mais humanitário às medidas de “socorros” empreendidas pelos órgãos públicos.⁴¹³

Segundo o jornal *O Povo*,⁴¹⁴ era grave a situação em todo o interior do Estado. No entanto, entre as cidades do Baixo-Jaguaribe, Itaiçaba foi uma das que mais sofreu com as enchentes dos rios Jaguaribe e Palhano. Invasa pelas águas, Itaiçaba teve cerca de dois terços de sua população desabrigada. Uma outra cidade que ficou ilhada pelas águas do Jaguaribe foi Jaguaruana, que, em fins do mês de abril, já registrava mais de três mil pessoas desabrigadas. Neste mesmo

⁴¹² Paróquia de Russas – *Livro de Tombo n.º VIII*, p. 11.

⁴¹³ Frederico de Castro Neves. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. op. cit. p. 200.

⁴¹⁴ *O Povo*, 22 de abril de 1974.

período, o saldo das inundações na cidade de Quixeré chegava a 250 casas destruídas e mais de mil pessoas desabrigadas. Limoeiro do Norte era outra cidade em estado crítico. Com sua zona rural bastante atingida pelas águas dos rios Jaguaribe e Banabuiú, Limoeiro contava com mais de dois mil desabrigados. Tabuleiro do Norte, por sua vez, além dos quase três mil *flagelados*, apresentava sérios problemas nos meios de comunicação e de transportes em virtude das péssimas condições das vias de acesso ao município. Na cidade vizinha, São João do Jaguaribe, o número de desabrigados pelas enchentes era de aproximadamente oitocentas pessoas.

De acordo com o GESCAP, o número oficial de desabrigados em todo o Estado do Ceará, em fins do mês de abril, chegava a cento e doze mil pessoas. No entanto, a região do Baixo-Jaguaribe foi, entre todas as regiões do Estado, a mais seriamente atingida pelas águas.⁴¹⁵

Passados onze anos da cheia de 1974, a região do Baixo-Jaguaribe voltou a ser inundada, por mais uma grande cheia, no ano de 1985. No entanto, a exceção do Sr. Antônio Eugênio que enalteceu a pessoa do então Governador Gonzaga Mota, os demais entrevistados praticamente não atravessaram, em seus relatos de memória, as experiências vividas durante o período da grande invernada.

Gostaria de ressaltar, ainda, que entre meus amigos de travessia, não há um consenso sobre qual dessas cheias foi a maior. Embora essa questão não se apresente como sendo de fato a mais importante neste momento, não posso deixar de recorrer a *uma maica na carnaúba lá no pé do serrote, ali, aonde a cheia tinha inchido, tá rendo?*⁴¹⁶ para chamar a atenção a respeito dos lugares da memória que ainda conservam vestígios da cheia de 1924, testemunhando, assim, a sua grandiosidade. Estes vestígios, que não se fizeram apagar com o tempo, são agora matéria das lembranças do Sr. José Gomes Barbosa.

⁴¹⁵ *O Povo*, 01 de maio de 1974, p. 12.

⁴¹⁶ João Delfino Bezerra, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

Pra mim, a histora, foi a maior cheia. Agora, eles aí diz que a cheia de oitenta e cinco foi mais. Mas, lá pra nós, não. Que tá a marca na porta, lá donde era a casa véia, do finado meu pai, tá a marca na porta, a marca da cheia, viu? E, agora em oitenta e cinco, num butou lá aonde tava a marca da cheia.⁴¹⁷

Embora na próxima parada de nossa travessia, as imagens do sertão dos invernos continuem a ser exibidas, elas serão minimizadas em razão da agonia, da morte e da angústia que a epidemia de malária provocou em todos aqueles que atravessaram o sertão das doenças.

Terceira Parada: o camponês e as doenças.⁴¹⁸

"A malara, foi um mal medonho"
João Miguel de Souza



(Foto 28 – Sr. João Miguel e esposa – Divertido - Russas)

⁴¹⁷ José Gomes Barbosa, 82 anos. Entrevista realizada na comunidade do Tracoen, no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000.

⁴¹⁸ Nesta travessia, treze foram os guias: Euclides Ângelo Cordeiro, Altina de Moura Lima, João Miguel de Souza, João Pereira Cunha, Antônio Eugênio da Silva, Raimundo Sabino da Silva (Coró), Onofre Augusto dos Santos, Francisco Abel Lino (Chico Abel), Eduardo Soares de Lima, Conrado José da Silva, Raimundo Mendes Martins, Ana Francisca do Espírito Santo e João André Filho.

É bastante comum se encontrar, na vastíssima bibliografia sobre as secas, a correlação entre estas e o aparecimento de grandes epidemias, que, em muito, contribuem para ceifar a vida de parte da população afetada pelo “flagelo” das secas. Rodolfo Theophilo, por exemplo, em seu estudo *Variola e Vacinação no Ceará*, descreve, com impressionante riqueza de detalhes, o desenvolvimento da varíola nas secas de 1877-79, 1888 e 1900. Segundo Theophilo, *a varíola era a companheira inseparável das seccas e estas são por sua vez o mal congênito da terra cearense.*⁴¹⁹

Não obstante, como observa Barão de Studart,⁴²⁰ *fóra das epochas de secca o Ceará tem sido também accommettido de serias epidemias, como aconteceu em 1851 com a Febre Amarela, em 1862 com o Cholera e, mais recentemente, como pretendo demonstrar neste capítulo, com a malária que, nos anos chuvosos de 1937 e 1938, vitimou grande parte da população do Baixo-Jaguaribe.*

Embora o Sr. Euclides Ângelo Cordeiro e a D. Altina de Moura Lima tenham feito alguma referência à epidemia de paratifo que grassou na região do Baixo-Jaguaribe durante a seca de 1932, fazendo, por conseguinte, um grande número de vítimas, nenhuma outra grande epidemia, a exceção da malária, foi matéria das lembranças de meus amigos de travessia. Desta forma, ao rememorarem o sertão das doenças, a malária apresentou-se como elemento comum a todos aqueles que se dispuzeram a contar-me suas histórias de vida. Recolhendo, pois, alguma dessas lembranças, farei, a partir de agora, a travessia pelo sertão das doenças. Gostaria de ressaltar, no entanto, que, assim como o fiz na travessia pelos sertões das secas e das cheias, nesta, utilizei-me, também, da fonte hemerográfica para melhor estabelecer um nível de compreensão sobre os efeitos que a epidemia de malária produziu na região do Baixo-Jaguaribe durante os anos de 1937 e 1938. Todavia, é imperioso ressaltar que a doença é sempre a

⁴¹⁹ Rodolfo Theophilo. *Variola e vacinação no Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. p. 5.

⁴²⁰ Guilherme Barão de Studart. *Climatologia epidemias e endemias do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. p. 48.

experiência do limite que nem o corpo e muito menos as palavras conseguem traduzi-la em toda a sua extensão. É como se o sofrimento provocado pela doença inscrevesse a morte no vivo.⁴²¹ Em outras palavras, quero dizer que não existe um discurso pleno sobre esse acontecimento, dado os limites da linguagem para falar dos infortúnios do corpo.

(...), a população está vivendo dias de angustia. Não é possível descrever o que se passa no trecho compreendido entre Aracati e Morada Nova.⁴²²

De modo geral, as narrativas colhidas são compostas por imagens que relacionam, especialmente, a doença e o trabalho, a fartura e a fome, a morte e a forma como eram enterrados aqueles que não suportaram a virulência da epidemia. Os sentidos que essas imagens sugerem variam de acordo com as experiências vividas por cada sujeito. Nesse sentido, nas narrativas que os camponeses construíram é possível perceber as múltiplas relações que perpassam as várias falas; fazendo com que estas falas assumam um significado de coletivo apesar do caráter pessoal da narrativa.

Durante os primeiros trinta anos deste século, podemos observar, a partir das informações que se tem disponíveis acerca da mortalidade e morbidade, que a presença da malária era extremamente freqüente em todos os continentes, sobretudo entre as populações rurais.⁴²³

Segundo Lauro de Oliveira Lima, a epidemia de malária, sem precedentes na região do Baixo-Jaguaribe, *foi transportada para o Nordeste, em 1935, pelos navios franceses, que vieram a Natal numa viagem de*

⁴²¹ Jacques Revel e Jean-Pierre Peter. "O Corpo: o homem doente e sua história". In: Jacques Le Goff e Pierre Nora. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1995. p. 155.

⁴²² Depoimento de um comerciante de Russas, publicado no jornal *O Povo* do dia 20 de abril de 1938.

⁴²³ Rita Barradas Barata. *Malária e seu controle*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998. p. 18.

*estudos meteorológicos, usando balões, com o objetivo de colher dados meteorológicos para estabelecer o tráfego aéreo entre a África e o Brasil.*⁴²⁴

Não havendo um rigoroso estado de alerta, a malária entrou na região jaguaribana no ano de 1937 e, em pouco tempo, converteu-se numa grande epidemia, apesar da Saúde Pública do Estado negar a virulência do surto malárico na região. No ano seguinte, quando a terrível epidemia foi finalmente reconhecida, já havia milhares de enfermos entre as populações urbana e rural.

O Jornal O Povo, no dia 30 de julho de 1937, publica uma matéria sobre o impaludismo no município de União⁴²⁵ na qual o Prefeito da cidade, o farmacêutico Antônio Freitas, relatava como sendo desolador o estado sanitário do seu município, bem como o de Aracati.

Pode reafirmar pelo O Povo que o atual surto de impaludismo, naquela zona, é muito mais grave do que se pensa. Rara é a casa de União, fora da cidade, onde não há um ou mais doentes. E na própria sede do município já se registram diversos casos. O comércio e a lavoura vêm sentindo, por sua vez, as conseqüências do mal, pois grande parte da população está impossibilitada de exercer as suas atividades normais.⁴²⁶

Ao narrarem as experiências vividas durante a epidemia de malária, os camponeses apresentaram uma relação direta entre a doença e o trabalho, na medida em que ressaltavam um conjunto de limitações relativas à capacidade vital daqueles que contraíram a doença. Desse modo, relatam sobremaneira a incapacidade que sentiam para desempenhar as atividades cotidianas tendo em vista estarem acometidos por um mal-estar acentuado que provocava, entre outros sintomas, dores de cabeça e a perda de apetite o que eram seguidos por acessos febris intermitentes ou contínuos como relembra o Sr. João Miguel de Souza:

A malara, rapaz, eu num tô alebrado o ano, mais eu acho que foi im 37, teve uma malara. Aqui eu tive muito duente da malara, tremia

⁴²⁴ Lauro de Oliveira Lima. *Na Ribeira do Rio das Onças*. op. cit. p. 455. Confira, também: Rita Barradas Barata. *Malária e seu controle*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998. p. 44.

⁴²⁵ Antigo topônimo atribuído ao atual município de Jaguaruana.

⁴²⁶ *O Povo*, 30 de julho de 1937, p. 04.

rapaz, uma hora dessa assim dava um fri mais medonho do mundo com pedacim batia febre e o caba começava a tremer, tremia, tremia aquele pedaço aí miorava, tumava aquele chá de aí, aí tinha umas pilhazinha amarelinha chamava atrebina a gente tumava passava, né? E assim fui levando. Passei uns pouco de tempo, bem uns quato mês com essa duença. E quando eu miorei, fiquei bom aí meu pai pegou, papai pegou, papai pegou, rapaz, que quais que morre, papai teve muito duente.⁴²⁷

Os acessos da doença eram sempre acompanhados, num primeiro momento, da sensação de frio, náuseas, calafrios e vertigem, evoluindo para tremores intensos e generalizados atingindo temperaturas crescentes que mantinham a febre alta e o calor intenso durante três ou quatro horas. Relembrando a intensidade da malária da qual o seu pai foi vítima, o Sr. João Miguel descreve um momento de acesso agudo da doença em que seu pai teve uma dessas vertigens.

Teve uma noite, rapaz, que o papai teve tão duente; eu acho que era da febre, dá aquela atrevalia, né? Aí ele me chamou, tava deitado na rede aí ele me chamou; o que foi papai? Ele apontava assim pa cumieira da casa: - 'olha tem dois caba de Lampião atrepado aculá atrás de me matar, num sabe?' (risos). Aí eu dizia: - é não papai. - 'É lastá, vá buscar a vara mode eu cutucar.' Aí, eu ia buscar a vara. - 'Cutuca aí!' Aí eu cutucava num tinha nada, né? (risos). Mais quais que morre rapaz, ficou muito duente mais graças a Deus escapou. Mais aqui na Ribeira, teve casa de morrer três pessoa, né? Da malára! Teve muita gente que morreu.⁴²⁸

O Sr. João Pereira Cunha, lamentando não ter no momento uma pessoa do seu tempo para confirmar o seu depoimento, lembra que todos em sua casa, exceto ele, foram acometidos da doença. Em razão disso, ele passou a cuidar dos doentes da casa, embora lhe faltassem conhecimentos e recursos para amenizar a crise vivida por seus familiares.

Eu lutava com esse povo, eu fazia caldo pa esse pessoal, lá im casa parecia um hospital, só se via gente chorar, só se via gente gemer, só, é, era assim. E eu bataiando, e eu lutando com esse povo, e eu, ficou eu na Lagoa Vermelha que num teve malara.⁴²⁹

⁴²⁷ João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Divertido, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

⁴²⁸ João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Divertido, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

⁴²⁹ João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista gravada no Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.

Os ataques de malária provocavam redução da capacidade de trabalho e conseqüentemente perda da produtividade, em razão do tempo do trabalho ter passado a ser regido pela doença. Nesse sentido, o Sr Antônio Eugênio recorda que apesar de ter sido acometido pelo surto da malária a exemplo de todos da sua casa, continuou a desempenhar, mesmo com dificuldade, as tarefas cotidianas até o sofrimento irromper no limite máximo de si mesmo.

Meu serviço era dentro de casa, pro rio pescando, praqui praulá. Quando foi adepois, ela bateu em cima de mim e eu tremia comostodo. Quando deixava de tremer pegava a tarrafa e vinha pro rio pescar, só isso. E lá vai, lá vai. Depois, rapaz, não deu mais não! Depois eu caí mesmo que não tinha jeito. Tremia por desgraça, quando acabava de tremer caía dentro de uma rede e ficava como morto dentro de uma rede, febre como o diabo aí não podia trabalhar. Aí! pra encurtar a história, quase que eu vou me embora que ela deu forte mermo.⁴³⁰

A memória do trabalho subtraída dos depoimentos colhidos, confunde-se em grande parte com a memória que se tem da epidemia de malária. Isto se explica, em virtude do tempo do trabalho não ser marcado nem pelo relógio, nem pelo calendário agrícola, e sim pela doença. Nas lembranças do Sr. Raimundo Sabino da Silva as imagens do trabalho são acompanhadas dos acessos da malária.

Foi a doença mais pesada que eu peguei na minha vida. (...), você amanhecia, acordava bomzim, como eu cansei de ir pus mato trabaiair, ficava perto de casa, cansei de ir, levava uma cabaça d'água chega lá dava malara aí eu caía dibaxo duma sombra. Podia, eu bibia cinco lito (...), o senhor beber cinco lito d'água, d'água era dento de pouco tempo. Sei que com aquela febre medonha, aquela ânsia medonha você tomava aquela água aí que quando, aí ia miorando. Quando você miorava uma coizinha, com licença da palavra, aí você botava aquela água todinha pra fora, aí você miorava uma coizinha. Quando era no outo dia as merma zora, era o mermo pancão e assim a gente sofreu aí uns oito mês, de seis a oito mês, uma coisa assim.⁴³¹

⁴³⁰ Antônio Eugênio da Silva, 81 anos. Entrevista gravada na Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998.

⁴³¹ Raimundo Sabino da Silva (Coró), 79 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999.

Como parece ser comum no sertão, não foi a seca o elemento de desorganização econômica e social nos anos de 1937 e 1938, e sim a epidemia de malária que vitimou cerca de 34.425 pessoas em toda a região. Diante desse enorme contingente de pessoas acometidas pela doença, faz-se necessário ressaltar que só no município de União foram inscritas para tratamento 23.566 pessoas, conforme dados fornecidos pelo Jornal *O Povo* do dia 22 de abril de 1938.⁴³²

É importante explicitar, ainda, que essa desorganização pôde ser sentida diretamente na agricultura, que se fez refletir as conseqüências do mal, pois grande parte da população ficou impossibilitada de exercer as suas atividades normais, malgrado os anos de 1937 e 1938 terem sido anos de invernos regulares.

Não obstante a epidemia de malária ter limitado as condições da força de trabalho dos camponeses, minimizando a sua produtividade e, conseqüentemente provocando uma menor intensidade na produção agrícola, os depoimentos colhidos teceram a imagem da fartura neste período, a qual é compartilhada por todos.

Teve inverno, teve inverno, inverno. Por Deus que im nós abateu lá im casa, já as pranta já tava tudo pegado já, viu. Primeiramente, foi um dia cumeçou com (...) Chico meu irmão mais véio morrendo o corpo foi simbora lá prá fora, ficou. Pois foi outo, e foi indo, e foi indo e eu ficando mais o Dionísio meu irmão. Nós assim, ficou só eu e ele. Nós trabaiando no roçado. O papai e outo pessoal im casa tudo aduecero, tudo duente lá fora. E eu, até que um dia, dia desse eu fui caçar, fumo caçar de noite, matemo dois tatu. O tatu verdadeiro era uma caça assim como nem uma galinha, uma caça que num tem carrego de jeito algum viu. Aí (...) deixar lá im casa, deu as hora dele chegar e nada, e nada, e nada. Nessa brincadeira, meu senhor! Esperei até ditardizinha ele num foi, aí digo assim: Dionísio fez foi (...), aí fui mimbora prá fora. Aí quando eu cheguei lá fora tava arriado, arriado, a dor de cabeça, dava febre com a dor de cabeça (...) era um sofrimento, dava febre medonha. Ora tava morrendo, tremendo, se acabado de frio; outa hora era pegando fogo. Era assim, viu. Duença horrive. Acabou com muita gente nesse lugar. (...). Ave Maria, meu fi, num gosto nem de me alembrar! Sufri muito,

⁴³² Em virtude da dimensão que o surto epidêmico ganhava na região do Baixo-Jaguaribe, Hercílio Costa e Silva, telegrafista da cidade de Limoeiro, “redigiu uma comédia denominada ‘O Mosquito da Malária’, que foi encenada, no Teatro Moderno, no domingo, 29 de setembro de 1938, tendo como atores a elite cultural da cidade. O objetivo era esclarecer o povo que não acreditava no mosquito transmissor.” Cf. Lauro de Oliveira Lima. *Na Ribeira do Rio das Onças*. op. cit. p. 455.

chorei só, muitas vezes chorava muito lá puro o roçado. (...), ia olhar as pranta pur lá, eu me lembrava de ver tão pouco dia era nós tudim de magote, o papai, tudim, nós tudo dento do roçado e eu me achar sozim numa situação daquela vendo a hora morrer um (...). Era, era, era época de tristeza mermo viu.⁴³³

A memória que o Sr. Onofre Augusto dos Santos guarda da malária está efetivamente associada às fartas lembranças do inverno de 1938: *a malara foi um mal medonho, é. Mais também foi invernao*. Por um instante, o velho depoente passou a recordar aquelas paisagens tão conhecidas dos seus olhos em outros tempos: *essas lagoa tudo incheru, tinha peixe por todo canto, pa onde você ia tinha peixe*.⁴³⁴ Apesar do caráter agudo da epidemia de malária que vitimava a todos na região neste período, o velho Onofre recortava para si mesmo aquelas paisagens pretéritas navegando em suas saudades pelas águas calmas das lagoas de então.

Ao rememorar esse mesmo passado, o Sr. Antônio Eugênio recolhe as já dispersas lembranças e nos conta que apesar do inverno e da fartura, por exemplo de melancia, a fome campeava ao lado da doença.

Foi nada meu irmão, foi ano bom de inverno, bom de inverno, melancia, o cercado era auvim. Aí não, não coma que faz mau, não coma que faz mau. Carne de porco também, que nesse tempo Zé Vana matava muito porco e era uns porco grande, não carne de porco também num coma não que faz mau. Nada fazia mau, nada fazia mau! Mais o povo tudo arricioso, o cercado era auvim de melancia, aí não tinha quem comesse com medo e num fazia mau não, nada fazia mau. Agora o quê? A gente só vivia doente e aí tinha medo de comer, mais num fazia mau não. Mais foi um ano bom de inverno, mais a gente doente de que servia? Tinha o comer e não podia comer!⁴³⁵

A memória, por ser uma construção social, está constantemente sendo reelaborada. Partindo desta compreensão é que percebo, na narrativa do “seu” Antônio Eugênio, como o presente serve

⁴³³ João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista gravada na comunidade do Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.

⁴³⁴ Onofre Augusto dos Santos, 77 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 21/10/1999.

de parâmetro para a reconceitualização do passado; ou seja, hoje ele avalia os discursos acerca da malária que foram construídos no período e que dizem respeito, sobretudo, ao medo coletivo de comer determinados alimentos, quando diz que *nada fazia mau, nada fazia mau!*. Contudo, faz-se necessário esclarecer que os discursos variam de acordo com as experiências vividas por cada sujeito. Nesse sentido, o medo justificava-se em razão das conseqüências advindas da ingestão de alguns alimentos como ressalta o mesmo depoente.

Nesse tempo tinha fatura, o inverno foi bom, mais ninguém não podia comer não, porque o povo era não, não coma. Aí com licença da palavra se você comesse e se você sentisse ela, o Sr. comesse um pedaço de melancia, uma banana assim que desse prá você comer, com pouco tempo, com licença da palavra, que você provocasse você adormecia os dentes tudim de tão azedo que saía. Uma coisa sem forma rapaz! era azeda que sei lá como diabo era aquilo. E tinha uma coisa, quando saía era aquela colda amarela, parecia assim uma tinta. Era, a bicha era nojenta. A água, água você bibia também tem uma coisa, a água você podia carregar, chegava ali o povo carregando um baldo desse de litro você bibia, chega, aí com pouco era só beber e botar prá fora azeda que chega adormecia os dentes, a bicha era nojenta.⁴³⁶

Paradoxal a esses discursos, é o depoimento que o Sr. Onofre Augusto dos Santos dá, quando justifica o método pelo qual ele curou a sua doença. Segundo o depoente, não foram os comprimidos de atebрина que provocaram o seu restabelecimento, mas sim as melancias quentes que comeu no roçado.

Agora eu iscapei a malara, eu tinha a malara iscapei, iscapei fácil da malara porque eu num tumei remédio não, tumei atebrina, atebrina eu tumei, mais eu curei a malara com melancia quente, no roçado, cumendo. Cumendo melancia quente iscapei. Porque ela também tinha um negóço, ela tinha um negóço, o camarada fosse, o camarada fosse ter resguardo com ela murria logo, murria logo porque num cumia, né? A malara era tão grande que caía a pele da língua todinha e num podia cumer, é, num podia cumer, caía a pele da língua. É um mal medonho, dá uma febre horrive. A malara dava uma febre medonha.⁴³⁷

⁴³⁵ Antônio Eugênio da Silva. 81 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998.

⁴³⁶ Antônio Eugênio da Silva. 81 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998.

⁴³⁷ Onofre Augusto dos Santos, 77 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 21/10/1999.

Da mesma forma, comendo melancia quente no roçado, o Sr. Francisco Abel Lino disse ter se curado da malária. Segundo “seu” Chico Abel, além da malária ter provocado *fastio no povo, quando vinha um médico*, orientava uma dieta na qual não se podia comer quase nada; a não ser, *caldo de arroz*.⁴³⁸

Lá em casa tinha um gado, nós tirava o leite todim. Enchia uma panela muito grande de leite, panelona de barro. Nesse tempo, usava era panela de barro. Aí, cunziava o leite. Eu, passava o dia oferecendo leite a esses duente. Que a malara, deu fastio no povo. Aí, esse povo era um fastio, num tinha quem quizesse beber esse leite. (...). Truce uma sacada de mi, cheia. Cheguei, fui fazer cumer pra esse povo. Relar, fazer canjica pra dá o povo. Ora! Uma canjica de leite, né? Era bom. Num tinha quem quizesse. E bem... Aí, meu pai... Eu contando a história, meu pai disse: - ‘Oi! Amanhã vai buscar uma melancia pra mim. Que já sei que o remédio dessa malara é fruta, é melancia’. Aí, eu fui mermo. No outo dia, fui e comi melancia lá, e truce melancia pro véi. E, ele cumeu, miorou, e, aí, os outo tudo cumia. E, cajarana. Eu digo: - Oi! Ninguém vai mais fazer dieta aqui nessa casa. É pra cumer, o que aparecer é pra cumer. Aí, levantei tudim, num morreu nenhum da malara, né? Levantei tudim.⁴³⁹

Segundo o depoente Eduardo Soares de Lima⁴⁴⁰, não foi a malária que matou um número considerável de pessoas na região, mas a fome que passaram, embora os roçados estivessem recobertos de feijão, melancias, batatas, jerimuns... haja vista os anos de 1937 e 1938 terem apresentado uma boa estação chuvosa como foi assinalado anteriormente. Assim como “seu” Eduardo, o Sr. Conrado José da Silva acredita que a fome fez, igualmente, a sua ceifa ao lado da moléstia.

Na malara, me lembro como se fosse hoje. Na malara, eu já era rapaz, já. No tempo da malara, foi ano de muita fartura: feijão, mio, nesses cercado, melancia, jirimum. Mas, quem é que ia cumer? Num tinha quem cumesse. Não, ninguém cumia não. Morreu tanta gente, morreu tanta gente no tempo da malara. Mas, morreu de fome. (...). Arroz? Arroz, era butado no fogo, quando ele cunzinhava, passava... quando ia butar no fogo, lavava em duas água, butava na panela com um bucado

⁴³⁸ Segundo Lauro de Oliveira Lima, “(...) no início da peste, os curandeiros locais aconselhavam rigorosa dieta aos doentes (...)” Cf. Lauro de Oliveira Lima. *Na Ribeira do Rio das Onças*. op. cit. p. 455.

⁴³⁹ Francisco Abel Lino (Chico Abel), 83 anos. Entrevista gravada na comunidade do Bixopa, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000.

⁴⁴⁰ Eduardo Soares de Lima, 78 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 26/08/1999.

d'água, quando ele ia acochando, ia pulando, tumava aquele caldo. Era só... Despejava numa urupemba. Já tinha uma urupemba de passar aquele feijão, aquele arroz; só bibia o caldo. Aí, quando... Aquela carne era butada no fogo, quando ela cunzinhava, era passada na urupemba, só bibia o caldo. (...). Leite? Leite era cunzinhado três vez. Butava no fogo, quando ele subia, tirava pro lado, tirava aquela nata, quando ele baixava, butava de novo. Quando ele subia, tirava pro lado, tirava aquela nata. Tirava a nata três vez do leite, pra poder nós beber uma coisinha. (...). Aí, eu mandei essa minha irmã butar feijão, uma panela de feijão no fogo, feijão novo. Eu mandei ela butar. Quando ela butou, eu mandei ela jogar pão de mio dento e fazer um pirão. Pirão de pão de mio, com feijão e nata de leite. Comi, chega fiquei logo...Quando foi nesse dia, eu num tremi, no outo dia de manhã eu num tremi mais e acabou-se. Tava morrendo era de fome, era.⁴⁴¹

Preocupados com o avanço da epidemia de malária em toda a região do Baixo-Jaguaribe, o Sr. Raimundo Mendes Martins e a sua esposa, D. Eulália, resolveram emigrar para o município de Baturité, onde residiam alguns de seus parentes, com medo que a malária fizesse de vítima o *magote de minino* que tinham. Iniciada a viagem, na primeira parada para preparar o almoço, D. Eulália começou a sentir os sintomas da doença; *tinha pegado a malara*. Segundo o Sr. Raimundo Mendes, D. Eulália *foi sofrendo no camim* durante toda a viagem; quando *dava aquela hora, batia a sezão danada*. Por dois meses, D. Eulália sofreu com febres e com fortes dores de cabeça, além, é claro, do tremor que os acessos da doença provocava em seu corpo. *Nada sirvia*; até que um dia, quando ia à cidade de Baturité comprar algum remédio, "seu" Raimundo Mendes foi interrogado por um velho amigo de nome Pompeu: *'Meu amigo, pra onde vai nessa carreira?'* Respondendo, pois, a indagação que seu amigo lhe fizera, "seu" Raimundo disse-lhe: *Vou comprar remédio pa muier, que é uma sezão danada e tá com dois mês de sezão*. Ao tomar conhecimento da situação em que se encontrava D. Eulália, Pompeu véi, recomendou que "seu" Raimundo lhe desse, como remédio, o chá da folha da manga maracá:

- 'Ora, rapaz! Talvez você tenha no terreiro da casa, tenha, um remédio pra ela'. Que é? 'Basta você dá dois chá a ela de manga maracá; ela fica

⁴⁴¹ Conrado José da Silva, 76 anos. Entrevista gravada na comunidade do Tomé, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Quixeré, no dia 12/04/2000.

boa'. Eu cheguei, disse a ela, aí curri pa caçar. Foi, fui torrar massa. Aí, os minino tudo era piqueno. Raimunda... 'Nem, vá na carreira ali no pé de mangueira, traga um bucado de foia pa me fazer um chá pa mamãe'. Ela fez o chá, mas, tava tremendo, num bebeu. Quando parou, miorou, bebeu. No outo dia, deu bem fraquim. Bebeu outo chá, pronto, desapareceu. Chá da manga, da foia, maracá. É o remédio.⁴⁴²

Em seus relatos de memória sobre a epidemia de malária, meus amigos de travessia deixaram entrever, ainda, a maneira como eram realizados os enterros na região. Nesse sentido, farei brevemente uma descrição desses enterros, chamando atenção para alguns procedimentos que julgo terem sido intensificados em razão, sobretudo, da grande quantidade de óbitos ocorridos neste período em virtude da epidemia de malária.

Tendo em vista que as medidas oficiais não foram proporcionais à extensão da epidemia e, por outro lado, os períodos de chuvas terem sido bastante acentuados, sendo necessário ainda considerar que o número de doentes contava-se aos milhares, sobretudo, nas zonas rurais e que eles achavam-se impossibilitados de viajar para os centros urbanos dada as condições das estradas não serem favoráveis, além dos sentidos construídos em torno da doença os quais já foram minimamente comentados, verificou-se um aumento substancial no número de vítimas fatais.

O Jornal *O Povo* do dia 20 de abril de 1938 publica uma matéria sobre *O Impaludismo no Baixo – Jaguaribe* na qual informa que na cidade de Russas em apenas oito dias foram assinaladas sessenta mortes, sem falar nos cemitérios localizados em povoados distantes. Na mesma matéria, pôde ser encontrada ainda a narrativa de um acontecimento que torna possível estabelecer um nível de compreensão acerca da singularidade daquele momento do qual o vigário da mesma cidade pôde experimentar como testemunha ocular.

⁴⁴² Raimundo Mendes Martins, 92 anos. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000.

O vigário, Padre Vital, com uma dedicação de apóstolo, fôra atender a um dos inúmeros chamados para confissão. Em viagem, avistou um pobre homem que tombara sobre um lamaçal, à beira da estrada. Socorrendo-o, o bondoso sacerdote constatou que se tratava de um acesso de impaludismo. E soube que o infeliz era o unico de sua casa que se conservava com saúde e por isso viéra até a cidade comprar uma mortalha para a sogra. No caminho, a molestia o atacara daquela forma traiçoeira e impiedosa... Isso prova que somente com as visitas domiciliaries poderá ser atenuada a situação.⁴⁴³

Segundo o Sr. Onofre Augusto dos Santos, se não fosse a Providência Divina teria morrido a maior parte da população do município de Russas neste período. Dada a grande quantidade de óbitos no município, o velho Onofre relata as dificuldades que se tinham para se carregar os cadáveres. Segundo ele, já para o final da epidemia, eram os jumentos e algum outro caminhão que passaram a fazer os transportes dos cadáveres da zona rural para o cemitério da cidade.

No município de União, como assinaiei anteriormente, mais de 23.000 pessoas foram acometidas pela doença. Em seu depoimento, o Sr. João Pereira Cunha narra que todos os dias era grande o cortejo de mortos que vinham dos Afogados, do Rancho Fundo, de Santa Luzia, da Lagoa Vermelha..., para o cemitério da cidade. Ele ainda lembra que aquelas famílias que tinham uma melhor condição social, quando morria algum de seus membros, mandavam fazer um caixão para enterrá-los. Por outro lado, aqueles que não possuíam meios econômicos, realizavam os seus enterros tendo por base uma mísera rede que, certamente, servia-lhe em vida. Cabe aqui apenas destacar que uma leitura mais atenta da memória do Sr. Antônio possibilita perceber as próprias contradições sociais, vividas na região neste período, que se revelam no modo de como eram enterrados os seus mortos.

Com o desenvolvimento espantoso da malária e com a taxa de mortalidade atingindo percentuais inimagináveis, a população encontrava-se em estado de alerta, pois rara foi a casa em que a

⁴⁴³ *O Povo*, 20 de abril de 1938.

doença não se alojou. Segundo D. Ana Francisca do Espírito Santo,⁴⁴⁴ *só quem morava aqui na serra, num teve malara, não. Não obstante, quem morava lá fora, do Quixeré pra lá, pra varge, pra banda da varge, era pirigoso ser ferruado pelo mosquito da malara, que, segundo D. Ana Francisca, só picava as pessoas no período da noite, uma vez que, durante o dia, eles era oculto. Assim, por conferir proteção relativa aos indivíduos isoladamente, tornou-se comum ao povo de lá do baixo, a onde era perseguido, o uso de mosquiteiro como medida preventiva à picada do mosquito.*⁴⁴⁵

Com efeito, aqueles que tinham seus corpos picados pelo mosquito, muitas vezes não se demorava para terem suas vidas ceifadas; não lhes sendo possível traduzir os momentos agonizantes em que sentiam os seus corpos, finitamente mortais, cada vez mais se apagando. A morte do pai narrada pelo Sr. Antônio Eugênio sintoniza a dimensão dessa tênue distância entre a vida e a morte.

E meu pai trabalhava lá no finado Herculano, bonzinho, não sentia nada, aí quando foi um dia de manhã amanheceu o dia se sentindo que estava doente, dizendo ele que estava doente. Aí, não sei se era uma gripe, não sei de que ele estava doente, que aí tomou uma pilha do mato foi, tomou uma pilha de mato, foi e tomou uma pilha com pouco tempo ele sentiu que queria tremer, ele disse: - 'rapaz, é a malara que quer me dar!' Aí foi e tomou a pilha da malara, uma tal de apebina, foi só tomar, no mais que ele aturou, se ele aturou uma hora, aturou muito dentro da rede. Aí quando eu dei fé, aí ele pegou a se remexer só o que fez foi um gestozim na boca, aí ali ele liquidou, aí morreu. Ele já tinha uns 70 anos, era meio velho! Era um velho forte, ele trabalhava muito.⁴⁴⁶

A morte, efetivamente, é uma problemática que ultrapassa a linguagem. Ela, na verdade, representa o inverso da linguagem. Nesse sentido, quero chamar a atenção para a linguagem do corpo quando este chega no limite da sua existência: (...), aí ele pegou a se remexer só o que fez foi um gestozim na boca, aí ali ele liquidou, aí morreu. (...). Contudo, parece claro que no desaparecimento do corpo este ainda

⁴⁴⁴ Ana Francisca do Espírito Santo, 94 anos. Entrevista gravada na comunidade do Cercado do Meio, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Quixeré, no dia 12/04/2000.

⁴⁴⁵ O mosquito transmissor da malária é cientificamente denominado de *anopheles gambiae*.

⁴⁴⁶ Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998.

consiga ao menos emitir uma palavra; que embora pertença à ordem daquelas que são indizíveis muito embora de uma forma ou de outra procuremos escutá-la em meio ao seu silêncio.⁴⁴⁷

No município de União, segundo o Sr. João André Filho, houve muitas pessoas que morreram e não tiveram quem pudesse carregar os corpos para o cemitério, o que obrigava a polícia a realizar tal tarefa. Dos Cardeais para a Jureminha, já na fase final da epidemia de malária, o Sr. Antônio Eugênio lembra que havia apenas duas pessoas para carregar os defuntos: o Joaquim Neném e o João da Luzia. Recorro à memória do Sr. Raimundo Sabino, no entanto, para descrever o modo como eram conduzidos os corpos das vítimas que moravam na zona rural para o cemitério.

Nesse tempo se carregava numa rede, num pau, num sabe? Dois a diante, dois atrás nós pegava. Vem vindo lá dos Cardeais ou lá da Jureminha, fosse lá donde fosse, aqueles quato tinha que vim botar a baxo na casa de Antônio Severiano, aí tomava um forgozim. Aí chegava no sumitero tinha um caixão das alma como se diz, né? A gente butava dento aquele caixão aí levava de volta, vinha pu sumitero tirava aquela pessoa na rede butava dento a cova e guardava o caxão. Aí, vez quando nós chegava im casa, já tinha outo. Quem tava miorzim uma coisinha era pa carregar os outos e era assim, um sofrimento medonho.⁴⁴⁸

Quanto ao sepultamento, abria-se uma pequena vala sobrepondo uns sobre os outros os cadáveres, de modo que os últimos ficavam bem próximo da superfície da terra. Este serviço era feito de forma acelerada, pelo fato de ser grande o número de mortos por dia.

Nesse tempo não era caixão, era rede. Morria só era amarrar os põe da rede, levava pro cemitério. Quando chegava no cemitério lá era só butar no chão, o coveiro cavava a cova rebojava dento. Tinha cova de botar dois, era desse jeito. (...), era só chegar amarrar os põe da rede, botava uma ponta nas costas um na frente outro a trás, passaram foi dias nesta penúria.⁴⁴⁹

⁴⁴⁷ Jacques Revel e Jean-Pierre Peter. "O Corpo: o homem doente e sua história". In. Jacques Le Goff e Pierre Nora. *História: novos objetos*. op. cit. pp. 153 e 154.

⁴⁴⁸ Raimundo Sabino da Silva (Coró), 79 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999.

⁴⁴⁹ Antônio Eugênio Da Silva, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998.

Entretanto, antes de prosseguirmos na travessia, gostaria de ressaltar que apenas o Sr. Raimundo Sabino fez referência ao *caixão das almas*, ao passo que todos os outros depoentes referiram-se apenas à rede como único esquife possível àqueles que tiveram os seus corpos mortos pela malária. A minha preocupação em fazer essa observação, se inscreve muito mais na idéia de chamar a atenção para a singularidade expressa no depoimento do “seu” Raimundo Sabino, do que desconsiderar a veracidade da sua fala. A rigor, a questão da “verdade” no depoimento oral precisa ser pensada levando em consideração que os exercícios da memória forçam nosso espírito a fazer um vai-e-vem entre acontecimentos, tempos diferentes e lugares distintos. Com isto, não devo concentrar minha preocupação em saber se o entrevistado falou ou não a “verdade” no momento da realização da entrevista. Contudo, é imprescindível, ao historiador que trabalha com oralidade, estar atento para perceber qual a verdade construída pelo entrevistado e porque ele construiu de uma forma e não de outra.

Depois de atravessarmos, nesta segunda parte do trabalho, os sertões das secas, das cheias e das doenças - situações que em muito desarticulam o cotidiano de trabalho do camponês, embora não paralise todas as relações de trabalho e produção desenvolvidas na região -, a travessia prosseguirá, agora, pelos espaços do campo e da cidade, buscando apreender os significados que os entrevistados atribuíram a esses dois espaços.

“Gosto mais dos mato, tem mais costume nos mato; nunca morei em cidade”

João André Filho

Embora tenha cruzado solitariamente muitas veredas de roça, foi na companhia de velhas e velhos camponeses que realizei a travessia por diversos lugares cujas lembranças fez aproximar tanto a saudade do desejo como a hostilidade do esquecimento. Assim, ao longo da travessia, com o pensamento voltado às lembranças do passado, alguns depoentes foram revendo cenas de terna felicidade que lhes marcaram a vida na medida que descreviam, do espaço feliz de outrora, as imagens carregadas de farturas e venturas. Outros, no entanto, descreveram com imagens de hostilidade alguns espaços do passado que foram vividos com muitas dificuldades.

Portanto, das narrativas colhidas, procurei recuperar como matéria para minha reflexão as práticas/vivências que consubstanciam uma forma de estar e representar o lugar em que vivem e/ou viveram meus depoentes. Assim, a partir de suas experiências de vida, os camponeses demonstraram o quanto são marcadamente afetivas as relações que eles mantêm com o lugar, assim como a leitura que fazem do mesmo. Nesse sentido, a exemplo do tempo, o lugar é qualificado pela presença humana e pela ação dos afetos e da imaginação.

Decerto, as imagens rememoradas não representam um composto de idéias tranqüilas, nem muito menos idéias definitivas. A

rememoração de qualquer espaço vem sempre acompanhada e enriquecida por novas imagens.⁴⁵⁰ Desse modo, movidos pelo desejo e pela imaginação, muitos de meus interlocutores produziram uma interpretação pessoal ao rememorarem os lugares de outrora. No entanto, no entrelaçamento das memórias, reconstrói-se a imaginação coletiva dos lugares cujas imagens da fartura e da ventura sobrepõem-se às imagens da miséria e da desventura.

Nesse sentido, meus depoentes têm nas secas e nos invernos, um marcador espacial de excelência, na medida em que tanto as secas como os invernos representam uma vivência através da qual organizam não apenas as noções de espaço e de tempo, mas suas próprias vidas.

Não obstante o mundo rural esteja sendo redesenhado no que diz respeito tanto a seus aspectos naturais como culturais, a maneira pela qual cada camponês interpretou os espaços vividos possibilita uma leitura sempre afetiva do espaço. Ao reconstruírem, pois, seus territórios, os camponeses têm como principal referência, não apenas um simples espaço geográfico, mas os diversos sentidos e significados que a ele são atribuídos. Sendo assim, podemos pensar que o espaço não existe concretamente; o que existe, de fato, é o lugar, sendo, portanto, o espaço um lugar significado.

Michel de Certeau,⁴⁵¹ em sua obra *A Invenção do Cotidiano*, trabalha com a idéia de bipolaridade entre as categorias espaço e lugar, para pensar o espaço real vivido como resultado de uma construção efetivada pelos sujeitos a partir de suas práticas e experiências. Certeau procura definir, pois, o espaço como um "lugar praticado", ou seja, como resultado de práticas sociais, e o lugar como um conjunto de elementos que coexistem dentro de uma certa ordem.

⁴⁵⁰ Gaston Bachelard. *A poética do espaço*. op. cit. p.19.

⁴⁵¹ Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano: I. Artes de fazer*. op. cit.

Compreender, pois, os dispositivos afetivos, muitas vezes tenuamente articulados, presentes no olhar dos camponeses, parece-me ser uma maneira de compreender o quanto meus amigos de travessia estão culturalmente enraizados nesse lugar-sertão. Nesse sentido, a travessia realizada na companhia de velhas e velhos camponeses pelos lugares que guardam nas lembranças, possibilitou-me chegar a alguns desses dispositivos afetivos, os quais podem ser traduzidos nas formas do desejo, do prazer e da repulsa em relação aos espaços do campo e da cidade.

Primeira Parada: O lugar sertão. ⁴⁵²

"Nasci pra morar na roça, nos matos, na história matuta"

João André Filho



(Foto 29 – casa do Sr. Antônio Eugênio da Silva – Pacatãha – Chapada do Apodí – Jaguaruana)

Apesar da produção discursiva em torno das secas ter construído uma série de imagens clássicas que dão visibilidade à natureza do sertão, como sendo uma natureza indócil na qual o sol é

⁴⁵² Nesta travessia, onze foram os guias: Onofre Augusto dos Santos, Maria Júlia dos Santos, Raimundo Sabino da Silva (Coró), Pedro das Neves Cavalcante, Zacarias Francisco de Almeida (Isac), Euclides Ângelo Cordeiro, Rosa Maria de Almeida, Antônio Eugênio da Silva, João Miguel de Souza, Luzia Maria da Silva e Estelita Crispim Gomes.

sempre inclemente, a terra é sempre estorricada, seca e causadora de sofrimentos, em que a cor da paisagem é sempre a cinza, *onde só o mandacaru, o juazeiro e o papagaio são verdes*,⁴⁵³ os camponeses têm uma forte vinculação com o lugar como parte integrante da sua própria identidade social e cultural. Nesse sentido, ao longo da travessia, busquei apreender os significados que meus depoentes atribuíram aos lugares, onde moram ou moraram, muito mais pelo prisma dos elementos culturais e sociais do que pelos aspectos físicos, geográficos, econômicos, ou demográficos.

Segundo Armand Frémont, as bases econômicas ou demográficas não permitem perceber a totalidade das relações que unem os homens aos lugares. Assim, para avançar no conhecimento das relações que os homens mantêm com os lugares que constituem uma determinada região, será preciso, pois, modificar a perspectiva de estudo a despeito dessa relação. Para isto, no entanto, faz-se necessário compreender que o homem não é um objeto neutro no interior da região como nos chama a atenção Frémont. Nesse sentido, o processo de apreensão dos espaços acontece desigualmente na medida em que as transparências da racionalidade que envolvem a relação dos homens com a região *são perturbadas pelas inércias dos hábitos, pelas pulsões da afectividade, pelos condicionamentos da cultura e pelos fantasmas do inconsciente*.⁴⁵⁴

O espaço vivido produz, pois, as realidades regionais cujos componentes são administrativos, históricos, ecológicos, econômicos, e mais profundamente, psicológicos. Desta forma, a região não é um objeto com realidade em si, mas um espaço vivido. Nesse sentido, é preciso captá-la onde ela existe, ou seja, na maneira pela qual os homens a vêem.

⁴⁵³ Segundo Durval Muniz, o romance de trinta foi, em grande medida, responsável pela instituição dessas imagens clássicas em torno da seca. Cf. Durval Muniz de Albuquerque Jr. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. op. cit. p. 121.

⁴⁵⁴ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. p. 16 e 17.

A região, se existe, é um espaço vivido. Vista, apreendida, sentida, anulada ou rejeitada, modelada pelos homens e projectando neles imagens que os modelam. É um reflexo. Redescobrir a região é pois procurar captá-la onde ela existe, vista pelos homens.⁴⁵⁵

Portanto, é imperioso compreender que as relações do homem com o espaço não expressam dados que são imanentes ou inatos. Ao contrário, essas relações *combinam-se numa experiência vivida que, de acordo com as idades da vida, se forma, se estrutura e se desfaz*. Desta forma, o espaço vivido deve integrar uma dupla dimensão do tempo que se caracteriza no tempo histórico e no tempo pessoal; assim como deve integrar, também, o movimento que representa o deslocamento no tempo e no espaço.⁴⁵⁶

Objetivando, pois, neste tópico, discutir as relações entre meus depoentes e o(s) lugar(es) que de uma forma ou de outra permanecem vivos em suas memórias, recorro, ainda, à Ecléa Bosi,⁴⁵⁷ para lembrar que as paisagens são imagens de um real indefinido e móvel que se estendem tanto fora como dentro de nós. Dessa forma, ao atravessá-las, torna-se impossível separar a memória do sonho e a memória do vivido.

Consciente, portanto, dessa tênue relação entre memória e sonho, e memória e vivido, encontrei, na noção de espaço segundo Gaston Bachelard, um outro caminho possível para pensar as dimensões culturais na produção do espaço. Segundo Bachelard, o espaço é vivido com todas as parcialidades da imaginação.

o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação.⁴⁵⁸

⁴⁵⁵ Idem, *ibidem*. p. 17.

⁴⁵⁶ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. p. 23 e 26.

⁴⁵⁷ Ecléa Bosi. “ir. Lembrar”. In. Carlos Rodrigues Brandão. *Memória sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. op. cit. p. 7.

⁴⁵⁸ Gaston Bachelard. *A poética do espaço*. op. cit. p. 19.

Porém, foi a noção de espaço vivido desenvolvida por Armand Frémont, que me possibilitou melhor compreender o apego que, de modo geral, meus amigos de travessia demonstraram ter em relação ao mundo rural, o qual está enraizado numa vivência cultural que, por vezes, parece servir de identidade única entre os camponeses e o lugar que habitam. Este, decerto, não representa simplesmente o espaço, mas o local onde nasceram; onde começaram a vida e aprenderam a ver o mundo; onde criaram laços afetivos com a família, com a vizinhança e com a própria natureza. Todo esse enraizamento, como observa Frémont, revela o quanto *os lugares pertencem aos homens e os homens pertencem aos lugares*.⁴⁵⁹

Este sentimento de pertença que une os homens aos lugares, e, mais especificamente, os camponeses ao espaço rural, está em grande medida marcado pelo valor sentimental que estes atribuem à terra, pois esta não representa um simples pedaço de chão; compreendendo, assim, o território familiar que foi, muitas vezes, herdado dos “antigos”. Entretanto, mais que uma simples extensão de terra, o território familiar é demarcado pelo espaço da casa, do roçado, dos currais, dos chiqueiros, enfim, por todos os espaços com os quais se encontram afetivamente ligados.

⁴⁵⁹ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. pp. 176 e 177.



(Foto 30 – terreiro da casa de Sr. Antônio Eugênio – Pacatonha - Jaguaruana)

Assim, mergulhado em suas saudades, o Sr. Onofre Augusto dos Santos falou-me do pedaço de chão em que mora como se fosse o seu mundo, o único mundo que herdara dos seus pais e que lhe ficara para sempre grudado na alma. Cheio das paisagens do passado, o depoente não conseguiu esconder o quanto dolorida lhe ficava a alma, ao lamentar o que o tempo fizera dos *muito farelo* deixados por seus pais.⁴⁶⁰

E aí vai... vai se acabando assim mermo, vai se acabando assim mermo. É por isso que hoje, como eu tô lhe contando assim, o meu pai, minha mãe que era irmã do pai... do finado aí do compade Zé, deixou muito farelo e no fim num ficou com nada. Deixou muito farelo de coisa, mas, no fim num ficou com nada. Se acabando... vai se acabando divagazim assim, vai indo se acaba. Se acaba, porque hoje é como já dito, donde se tira e num bota, nada vai pra frente não. Se aqui houvesse um inverno bom, se houvesse uns dois ou três ano de inverno bom, aqui era muito bom de... de... de se viver. Mas, do jeito que vai não.⁴⁶¹

⁴⁶⁰ Segundo Marilena Chauí, “(...) diante da impotência presente e da falta de esperança num futuro melhor, o passado opera como referencial para o imaginário elaborar a diferença temporal, fazendo do passado um outro tempo possível.” Cf. Marilena Chauí. *Conformismo e Resistência*. op. cit. p. 157.

⁴⁶¹ Onofre Augusto dos Santos, 77 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 21/10/1999.



(Foto 31 – Sr. Onofre e D. Maria Júlia – Lagoa de Santa Teresinha – Russas)

Atravessando um pouco mais o rio de sua vida, D. Maria Júlia descreve com muito zelo e com mais riqueza de detalhes os *farelo* deixados pelos pais de seu esposo. Por um instante, passou a rever toda aquela terra que fora um dia “rica” e “poderosa”. Terra que embora hoje se apresente como decadente, como terra do “já teve”, encontra-se inscrita na memória dos que nela viveram todas aquelas paisagens relativas a um tempo de fartura, todos os aspectos materiais que compunham a riqueza da terra, assim como não poderia deixar de ser todas as figuras humanas que naquele lugar fizeram histórias.

Ave Maria! Aqui quando... eu chorava... no tempo que eu namorava com ele, eu chorava pra vim pra cá. Que era lugarzim bom, lugar rico. Na casa do meu sogro, eu vinha passar, lá de noite assim a gente via era o alvo, aí era os paiol da farinha. E hoje em dia quem tá esse povo? Os curral chei de gado, o curral do meu sogro era chei de gado. Era de duas, quais duas lata de gás tirava de leite. A minha casa começou a gotejar no ano que eu me casei, minha casa começou a gotejar; aí, ele disse assim: - ‘Maria Júlia, nós vamo lá pra casa do papai passar uns dia enquanto endereita essa casa.’ Aí, nós fumo. A gurdura... butaro nós num quarto, a gurdura do queijo caía na berada da minha rede. E hoje em dia a gente num vê mais isso, pode cumer um queijo se cumprar, pode cumer uma quarte de queijo se cumprar. Meu sogro muito... meu sogro, agora eu faço como o ditado, num era rico não mais era bem

rimidiado, bem arrimidiado. Era paiol de farinha, curral de gado, chiqueiro de ovêia de dizer que num era só... só trinta ovêia não. Munta ovêia, ele matava de duas, três na semana. Quando ele matava, ele era gente muito boa, num foi porque morreu não, mas era gente muito boa pra mim. (...). Este Onofre, agora eu faço como o ditado, possuía tanto gado; mas, hoje em dia, ói. Se acabou assim, tempo de seca, eles aqui, né? Mas aqui, aqui... aqui era lugar rico. Sabe como era lugar rico, tinha era uma casa de farinha, tinha era uma casa de farinha. Era um lugar rico, eu chorava pra vim pra cá. E hoje, agora eu faço como o ditado, num saio porque o canto deu viver é aqui.⁴⁶²

Ao contrário do Sr. Onofre, que herdou dos pais a terra em que mora, o Sr. Raimundo Sabino da Silva, assim como o seu irmão o Sr. Antônio Eugênio da Silva tiveram que comprar na década de 1960 o “pedaço” de terra onde moram na Pacatanha, localizada no alto da serra do Apodi, no município de Jaguaruana. Seduzido pela boa fertilidade das terras da “serra”, “seu” Coró, como é mais conhecido, relata a maneira pela qual veio morar na terra que hoje lhe pertence.

Eu vim... eu vim... eu vim... eu cheguei aqui no dia 15 de janeiro de sessenta e quatro, dia 15 de janeiro de sessenta e quatro, onze hora da noite eu cheguei aqui. Eu vim aqui trabaia, um homem dono dessa terra... eu vim aqui trabaia, ele (...) esse roçado aqui... Aí, eu tenho muita vontade de morar aqui; que eu via as terra boa da gente trabaia, né? Aí um dia, nós conversando, eu digo: eu queria que achar um fi de Deus que me desse uma morada aqui que eu vinha mimbora pra cá. Ele disse: 'você vinha mermo?' Eu digo, vinha. 'Apôs eu lhe dou, dou uma morada lá fora na estrada'. Nesse tempo, a estrada era aqui. Aí, eu levantei uma casa ali aonde tem esses peim de pau. Aí, com a continuação do tempo aqui, com dez ou doze ano ele foi simbora pa Fortaleza e quiria vender essa terra. Aí, eu comprei essa terrinha. Aí, inda hoje eu tô morando aqui.⁴⁶³

A ida para serra, primeiro como morador e depois como proprietário da *terrinha* onde mora até hoje, significou para “seu” Coró ter melhores condições de trabalho e de vida, embora, no primeiro momento, ainda estivesse atrelado ao dono da terra, ou seja, numa condição de sujeição que está, necessariamente, ligada ao fato de ser ele um morador da terra do patrão.

⁴⁶² Maria Júlia dos Santos, 72 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 25/10/1999.

⁴⁶³ Raimundo Sabino da Silva (Coró), 79 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, no município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999.

Este sentimento de pertencimento aos lugares que muitas das vezes são habitados desde a infância, revelou-se com toda força quando o Sr. Pedro das Neves ressaltou que nunca *quis saber de negócio de morar de cidade não*. Abandonar a *caatinga*, representava, para o velho Pedro das Neves, deixar para trás o próprio universo familiar, ou seja, o espaço onde seu pai sempre morou; por outro lado, representava, ainda, abandonar o espaço do seu trabalho, a terra que lhe garantia o sustento.

Eu quiria mermo morar como eu moro, assim, no interior, pa puder trabaiair. Na cidade que que a gente fazia? Vou nada! Eu... Toda vida eu fui home de morar nas catinga. Morava... Meu pai morava nas catinga, eu morava nas catinga e hoje comprei essa propriedadizinha com os poder de Deus, eu ainda muito novo pa trabaiaá, com os poder de Deus pa trabaiair.⁴⁶⁴

Dentro, pois, das relações que unem os camponeses ao mundo rural, o espaço familiar, aqui entendido como aquele que alimenta, protege e tranquiliza, é a expressão que melhor dimensiona o enraizamento destes ao espaço vivido do sertão. Simbolicamente, o espaço agrário dos camponeses se confunde com os mistérios do corpo materno, através das imagens da fecundação, da nutrição e da proteção.

O primeiro espaço é o do seio materno. (...). Em seguida, na metamorfose do corpo, a adolescência exprime-se também por uma mutação do espaço. Entre o desenvolvimento do corpo e do espaço existe uma quase-solidariedade. O ninho materno é ao mesmo tempo invólucro, proteção, nutrição, comunicação... Não continuará o espaço a ser sempre um pouco isso?⁴⁶⁵

Para Armand Frémont, a demonstração desta simbologia ganha o mais absoluto sentido quando o homem se acha deslocado num espaço que já não é o seu de origem. Nesse sentido, tomando um homem citadino como exemplo, Frémont diz que este *não se aventura na*

⁴⁶⁴ Pedro das Neves Cavalcante, 74 anos. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

*floresta, onde não se sabe encontrar o caminho, onde as árvores são anônimas e onde o seu corpo se sente estranho, vulnerável, angustiado.*⁴⁶⁶

Embora as percepções e as pulsões sejam individuais, a criação das formas do espaço é quase sempre obra coletiva. Como anteriormente foi assinalado, as relações do homem com o espaço combinam-se numa experiência vivida, a qual varia de acordo com as idades da vida; ou seja, o espaço vivido, desde a mais tenra idade, é um espaço social. Nesse sentido, Frémont chama a atenção para a necessidade de sabermos distinguir os componentes presentes na atividade representativa deste espaço social.

A apreciação mais delicada é ainda a que deve distinguir na actividade representativa a parte respectiva do prático e do afetivo, do funcional e do mágico, do material e do mental. Todos estes componentes se encontram na criança e provavelmente no adulto; (...).⁴⁶⁷

Assim, na maneira pela qual o Sr. Pedro das Neves representou o espaço social da caatinga, fica evidente tanto o apelo ao recurso afetivo – *Meu pai morava nas Catinga...* - quanto ao recurso da funcionalidade do espaço – *Eu quiria mermo morar como eu moro, assim, no interior, pa puder trabaiair* -.

Em seus relatos de memória, os camponeses demonstraram o quanto é forte o sentimento de localidade entre eles. Nesse sentido, o Sr. Zacarias Francisco de Almeida qualifica o espaço do campo como um espaço bem definido, cuja extensão abrange a casa, o roçado, a mata, enfim, os espaços do descanso e do trabalho.

Eu gosto é do campo, é. Eu gosto é do campo, que aqui, agora eu faço como o outo, eu amanheço o dia sei pa onde é que eu vou. Amanhece o dia, eu me arrumo, vou po meu roçado, po meu... cortar madeira, pa minhas luta. Ir pa rua, ir pa rua fazer o quê? Eu num vou beber, num tenho dinheiro pa brincar, num tenho dinheiro... E aqui a vida é outa, pa gente que mora aqui, muito diferente mermo, muito diferente.⁴⁶⁸

⁴⁶⁵ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. pp. 47 e 48.

⁴⁶⁶ Idem, *ibidem*. p. 50.

⁴⁶⁷ Idem, *ibidem*. p. 27.

⁴⁶⁸ Zacarias Francisco de Almeida, 84 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/08/1999.

Se na fala do “seu” Isac, as fronteiras do campo aparecem tecidas de forma inequívoca na forte coerência dos hábitos, o espaço da cidade é desenhado com traços que demonstram características distintas do meio rural, ou seja: espaço do não-trabalho e do desregramento social.

Segundo Raymond Williams, o imaginário social, motivado pelas atitudes emocionais dos homens, define o espaço do campo como lugar da subsistência e o espaço da cidade como lugar das aventuras humanas. Outros significados, no entanto, são atribuídos a ambos os espaços, a partir de conotações positivas e negativas. Em sua positividade, *“o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples”*; enquanto *“à cidade associou-se a idéia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz”*. Não obstante, as associações negativas construídas em torno destes dois espaços, representa, por um lado, *“a cidade como lugar de barulho, mudanidade e ambição”*, e, por outro, *“o campo como lugar de atraso, ignorância e limitações”*.⁴⁶⁹

Assim como “seu” Isac, o Sr. Onofre Augusto dos Santos disse que morando na cidade os filhos teriam caído logo *na brincadeira e na brincadeira num vai*. Paradoxalmente, a vida na cidade, segundo o velho Onofre, é mais dispendiosa; ao mesmo tempo que deixa a pessoa preguiçosa. É curioso perceber, no entanto, que esta representação da cidade como o lugar do não-trabalho, é a mesma que os cidadãos têm quando o olhar é inverso.

Eu morando na rua eu fico priguiçoso, eu aqui num fico priguiçoso não. O dia amanhece, eu já tô na minha luta. Eu indo pa rua, só me levanto com sol alto. Chego da rua, amarro a rede, só me levanto o sol já altão.⁴⁷⁰

Embora reconheça que a vida na cidade em muitos aspectos é mais fácil do que no campo, o Sr. Onofre conta que tem prazer de

⁴⁶⁹ Cf. Raymond Williams. *O Campo e a Cidade: na História e na Literatura*. op. cit. p. 11.

morar na Lagoa de Santa Terezinha mesmo não tendo as facilidades de antigamente.

Ói, da hora que você passou lá im casa, eu trabaiei até agora. Eu só vim ter... Eu só vim agora, porque eu me vexei. Porque só pa dá água os bicho lá... Eu butei cinco carga d´água pa dá água pos bicho lá.

Um outro aspecto relativo ao espaço da cidade, que foi destacado nas entrevistas, apresenta esta, como sendo o espaço da violência. Segundo o Sr. Euclides Ângelo Cordeiro, é muito comum escutar no rádio a notícia de que um assaltante matou um velho de sessenta ou setenta anos para roubar-lhe *a mincharia que ele tem no bolso, que num vale nada, num dá nem pra ele tomar uma cerveja*. Diante de toda essa violência, que *ninguém sabe intender*, é que "seu" Euclides confessa não querer morar na cidade.⁴⁷¹

Referindo-se as cidades industriais, Raquel Rolnik nos mostra que os componentes da violência urbana transcendem aos aspectos da criminalidade meramente. Ela seria, noutros termos, a expressão clara da cidade dividida que faz seus habitantes viverem em um estado de tensão permanente.

(...) A violência urbana (dos crimes e mortes, dos acidentes de carro, da destruição da natureza, da precariedade da habitação, das explosões de revolta) é a expressão viva do caráter contraditório da cidade industrial – ela é, ao mesmo tempo, potência de criação e destruição, catalisadora de energia e máquina de morte. (...).⁴⁷²

Segundo D. Rosa Maria de Almeida, no campo, diferentemente da cidade, ainda é possível armar-se uma rede e dormir de forma tranqüila sem ter *quem bata na porta da gente*. Não obstante, muito mais do que expressar a tranqüilidade vivida no campo, D. Rosa Maria de Almeida ressaltou o quanto os mais velhos do sertão se

⁴⁷⁰ Onofre Augusto dos Santos, 77 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 21/10/1999.

⁴⁷¹ Euclides Ângelo Cordeiro, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa Grande, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

⁴⁷² Raquel Rolnik. *O que é cidade*. 2.^a edição. São Paulo: Brasiliense. p. 81 e 82.

reconhecem no espaço em que vivem, uma vez que é deste espaço que eles retiram, através do trabalho agrícola e da criação de animais e aves, a subsistência de toda a família.

A minha vida aqui é mais tranquila, é mais descansada do que lá. (...). Aqui você arma a rede, dorme tranquilo num tem quem bata na porta da gente. E lá, se num for uma coisa bem sigura, os próprios vizim mermo faz mal a gente. E aqui não, aqui nós cria, nós come, nós... ajuda muito a nós, né? E lá, a gente indo pa rua, precisa acabar com tudo, porque só vai lá cumer, né? Só vai lá cumer e durmir, porque na rua ele num tem o que fazer e aqui não. Aqui, amanhece o dia ele vai pa uma luta dele, eu fico aqui, eu vou praqui, eu vou pracula, e, assim, a gente tá passando, né? Na rua é diferente, na rua só se você tiver... tem que ser tudo cumprado, né? E aqui é uma galinha, é uma coisa, é outa, a gente cria, já tem o intertimento mermo da vida da gente, né? E lá não, é diferente⁴⁷³

Desta forma, o espaço rural, enquanto espaço vivido, apresenta-se como o lugar conhecido, como lugar sem imprevistos, portanto, lugar da segurança quanto ao futuro e quanto à reprodução da própria vida, lugar onde os deslocamentos se dão sem esforço, sem que sejam previamente programados, sem longa perda de tempo. Ao contrário do ambiente rural, como observa o Sr. Antônio Eugênio, a cidade representa a perda da espontaneidade, o espaço do retraimento mesmo quando as possibilidades físicas do camponês se mantêm elevadas.

Enquanto eu puder me bulir por aqui, eu não vou, é. Eu vejo muitos véi que trabaiava aqui na serra, véi rebusto que andava daqui pra acolá, deram pra morar na rua, chegou na rua, se tinfiaram de vez dento da rede, já morreram quais tudo. Porque é o primeiro sinal, a pessoa véi se tinfiou dento de uma rede, não tem pra onde ir, endurece o joelho, endurece tudo, pronto, nutiliza e morre; como muitos têm morrido. Uns pouco que eu conheci, que foram pra Barauna, já morreram tudim. Se eles tivessem aqui, ainda tavam andando. Eu vou ficar por aqui mermo.⁴⁷⁴

Segundo o depoimento do velho Antônio Eugênio, os camponeses enfrentam grandes dificuldades de adaptação no espaço da

⁴⁷³ Rosa Maria de Almeida, 69 anos. Entrevista gravada na Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/08/1999.

cidade. Dentre as razões que podem explicar essas dificuldades, encontra-se a diminuição da sociabilidade dessas pessoas, uma vez que o espaço social restringe-se pela própria separação de parentes e amigos que continuaram residindo no espaço de origem.

Assim, em virtude da diminuição do raio de sociabilidade, são poucos os locais onde os camponeses se reconhecem no espaço da cidade. Como ficou evidenciado em muitos depoimentos, a igreja e o espaço da feira representam o local aonde mais os camponeses se reconhecem quando estão na cidade. “Seu” Antônio Eugênio, por exemplo, relatou que quando vai passar dois ou três dias numa *barraca* que ele possui na cidade de Jaguaruana, sobretudo no período de comemoração dos festejos em louvor a N. Sra. Sant’Ana, o que ele mais estranha é não ter para onde ir além da igreja.

Às vezes eu saio daqui, vou ali pra festa, passo dois dias, três, por lá, quando é no domingo não tem pra onde ir. Vou pra missa, quando vem da missa vou pra casa. Aí, quando chego im casa, pronto, me toco dento de casa, num tem pra onde ir. Saio de tardzinha de novo, pra ir pra Igreja de novo. Ano passado eu fui, terminou a missa vim pra casa, aí, fiquei dento de casa, me deitei, quando foi negócio de duas horas mais ou menos, eu digo: - Vou pra rua. Fui pra rua, cheguei lá foi mermo que entrar pra dento dum cemitério; não via ninguém, só via solidão. (...). Eu vou morar lá numa porra dessa, vou nada. **(A festa ocorre sempre na última semana do mês de julho)**

Não obstante, mesmo continuando a viver no espaço de origem, ou seja, no campo, o espaço da velhice é normalmente vivido como um retraimento às avessas de todo o espaço conquistado ao longo da vida. No entanto, para muitos camponeses, cujo sentimento de pertencimento ao lugar é bastante forte, ter que abandonar o espaço vivido, significa, para eles, acelerar todo o processo de retraimento. Foi por esta razão, que o Sr. João Miguel de Souza, juntamente com sua esposa, desistiram de ir morar em Fortaleza.

Aí, quando foi depois, tem um dotor lá que eu me trato, um dia nós fumo lá pa esse dotor. Peguemo a conversar, eu, o Neto e ele. Aí ele foi

⁴⁷⁴ Antônio Eugênio da Silva, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998.

e perguntou: - 'o senhor tem vontade de morar aqui?' Eu digo: - Não doutor, eu num tinha não. Agora meu minino, pejeja muito. Eu já tô assim quais querendo vim. Aí, ele bateu no Neto, disse: - 'Rapaz, num traga seu pai praqui não, num traga praqui não. Aqui é bom tá certo, mais ele chegando veve preso, num sabe? Num sai pa canto nenhum e aí vai maltratando a ele e aí é arriscado morrer mais depressa do que lá.' Ai, Neto foi e concordou. Aí, resolvi e num fui mais não. Posso ir, mais se eu tiver como se diz (...) que eu num possa mais fazer coisa nenhuma, o jeito que tem é ir, né? Mais enquanto eu puder me mexer puraqui, num vou não.⁴⁷⁵

Portanto, o espaço vivido da velhice obedece a um retraimento natural, no qual o espaço de sociabilidade restringe-se tanto em função do desaparecimento de parentes e amigos do convívio cotidiano, como pelas alterações que se processam nas relações com os mais jovens, além, é claro, das mudanças que naturalmente ocorrem no corpo. Segundo Armand Frémont, (...) *no comboio, o casal de pessoas idosas chega muito antes da hora da partida, receia ter-se enganado na linha, vive na angústia da próxima paragem, prepara-se para descer muito antes da hora. As distâncias-tempo complicam-se, alongam-se, tornam-se um peso.* (...).⁴⁷⁶

No que se refere às alterações nas relações com os mais jovens, ficou evidente, em praticamente todos os relatos de memórias de meus amigos de travessia, que o campo, e mais especialmente, o espaço da casa representa, ainda, o espaço da calma e da tranqüilidade. Foi ressaltando esse espaço da calma e da tranqüilidade, que D. Maria Júlia disse preferir morar nos *mato* do que na cidade por não gostar de *muito influência, não*; embora tenha nascido e vivido, até os seus vinte e três anos de idade, no antigo Tabuleiro dos Negros na cidade de Russas.

Dou muito valor não. Nasci e me criei lá, mais num dou muito valor não. Dou muito valor é aqui os mato, porque aqui é calmo. Num gosto de tá im muito influência, não. Eu num vivo de samba, mas, lá uma vez, eu vou olhar uma festa. Mais de dizer que eu tô... Taí um raidim, mais eu pouco eu abro ele; num gosto de zuada não. E de primeiro, no meu tempo, era mais calmo no Tabuleiro. E agora, é chei de casa, aqui e

⁴⁷⁵ João Miguel de Souza, 80 anos. Entrevista gravada na comunidade do Divertido, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

⁴⁷⁶ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. pp. 33 e 34.

aculá é uma televisão, é uma... Eu num gosto de televisão, num dou muito valor a televisão, não. Aí, eu gosto daqui porque é mais calmo.⁴⁷⁷

Em seu depoimento, D. Maria Júlia deixa entrever o quanto a inserção social não representa a vida toda, da mesma forma como o espaço social não é todo o espaço vivido.⁴⁷⁸ Assim, se no passado, no tempo de sua juventude, D. Maria Júlia *chorava pum um samba*, no presente, ela prefere dividir a solidão de sua pequena casa de taipa com o seu esposo Onofre, ou, quando muito, desfrutar do convívio familiar na casa da sua filha Graça.

Aqui, é só eu e ele. Ele vai pu ali, pu a casa da Graça, ali pu a Capela, tá um pedaço. Quando eu vejo que o sol tá mais fri, eu vou. Quando chega aqui, ainda... ainda tá com ar de dia, com ar de dia a gente tá puraqui. Quando eu acabo de rezar... Eu nunca deixei de rezar dento da minha casa, taí meu ruzarim. Oi, meu ruzarim é no punho da rede. Quando eu acabo de rezar, me deito, boto um bucadim de fumo no cachimbo, fumo, ali começo a me balançar, quando defé eu tô durmindo, quando defé eu tô acordada, quando defé o galo canta, quando defé o dia amanhece aí eu me levanto. Aí eu vou fazer um chá pra ele, vou fazer um café pra mim, é assim. Aí, se eu puder eu barro a casa, se eu num puder eu num barro.

A casa para os velhos camponeses representa, pois, um espaço único pelas suas mais simples significações. Ao mesmo tempo que é abrigo e lar, a casa representa o universo da intimidade, o lugar do descanso e da tranqüilidade. A cidade, por sua vez, representa o inverso dessas significações, ou seja, é o espaço da *confusão* e da *zuada* como ressalta D. Luzia Maria da Silva.

Não, gosto não. Gosto não rapaz, que a coisa é cheia de confusão; zuada pra cá, zuada prali, pra aculá. Só gosto mermo tá assim num canto isolado, quanto mais isolado mior. Eu acho muito bom aqui, porque quando é assim de noite, a gente se deita num tem zuada e a cidade não, num dá pra mim. Não sei como é que eu... Eu tem duas fia que mora na rua, na cidade, eu nunca, é muito difiço eu ir pa durmi lá porque eu num me dou com zuada. Logo tem essas televisão, tem gravador, as minina abre de noite vão até de... pedaço da noite, é aquela zuada medonha (risos). Dá pra mim não, eu quero aqui mermo. No dia que eu me deito cedo, imhora que eu num durma, porque eu

⁴⁷⁷ Maria Júlia dos Santos, 72 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Teresinha, no município de Russas, no dia 25/10/1999.

⁴⁷⁸ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. p. 36.

tenho uma perca de sono danada, mas eu quero tá sussegada num canto, num quero tá com zuada, ouvindo zuada não.⁴⁷⁹

Ademais, o universo familiar da casa representa a negação do tempo e da morte, pois, os antepassados continuam a ela associados. Isto, decerto, dá a segurança e a satisfação do enraizamento.⁴⁸⁰

Segundo Bachelard, não é somente no presente que reconhecemos os benefícios da casa. Ao contrário, como explica o autor de *A Poética do Espaço*, os verdadeiros bem-estares têm um passado o qual se localiza em todas as diversas moradas de nossa vida, uma vez que é nessas moradas que guardamos os nossos tesouros dos dias antigos.⁴⁸¹

Foi assim, associando memória e imaginação, que D. Estelita Crispim Gomes, ao narrar a história de sua vida, evocou as lembranças de sua antiga morada nas Melancias.

Rapaz, eu tenho mais saudade... O que eu tinha mais... Tinha saudade e ainda tem vontade de morar lá, é nas Melancias. Que o açude é bem pertim, quando enche é uma fartura d'água, é. A morada nas Melancias era muito bom, que eu tenho... que eu tinha muita vontade de morar; mas, o marido num quer mais morar lá, não. Porque ele num tem mais condição de trabaia, ele num... ele num trabaia mais im roça. (...). Nas Melancias eu achei... Eu adorei nas melancias. E era lugar bom da gente morar, era e é muito bom. Fartura de água, de peixe, vazante pa quem tem prosperidade de trabaia... É, tudo é muito fácil aculá.⁴⁸²

O sertão, enquanto espaço vivido, se revela, pois, como um espaço "associativo" por excelência. Segundo Armand Frémont, nas sociedades tradicionais os lugares distinguem-se menos por uma função do que por uma associação de funções.⁴⁸³ Nesse sentido, as imagens que as lembranças de D. Estelita recortam da época em que morou nas Melancias são compostas por um ambiente muito mais amplo do que o

⁴⁷⁹ Luzia Maria da Silva, 73 anos. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, localizada em cima da chapada do Apodi, no município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999.

⁴⁸⁰ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. p. 130.

⁴⁸¹ Gaston Bachelard. *A Poética do Espaço*. op. cit. p. 25 e 26.

⁴⁸² Estelita Crispim Gomes, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 26/08/1999.

⁴⁸³ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. p. 136 e 137.

espaço físico da casa, ou seja, nas Melancias tinha-se a fartura de água, de peixe, além das vazantes, que possibilitavam a atividade da agricultura mesmo no período do verão.

A casa do camponês pode ser, pois, apresentada numa quase infinidade de tipos de expressão. Desta forma, além das virtualidades já referidas, outras se combinam e oferecem, igualmente, uma melhor compreensão deste espaço, ao redor do qual, na maioria das vezes, reúnem-se a maior parte das funções. Dessa maneira, a casa ao mesmo tempo que é lugar de habitat, ela está estreitamente associada, sobretudo nos períodos de invernos, à acumulação de água nos rios, açudes e lagoas, assim como à terra fecunda que possibilita o trabalho agrícola.

Assim, nas narrativas colhidas, foi possível perceber que as demarcações de espaço físico revelam-se como espaços de experiências que os qualificam e os historizam.⁴⁸⁴

⁴⁸⁴ Ivone Cordeiro Barbosa. *SERTÃO: UM LUGAR-INCOMUM o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. op. cit. p. 34.

Segunda Parada: o não lugar – a cidade.⁴⁸⁵

“Aí, morando na cidade, à força, tô passando pela vida sem viver”
João André Filho



(Foto 32 – Cidade de Russas - 1994)

⁴⁸⁵ Nesta travessia, quatro foram os guias: Estelita Crispim Gomes, João André Filho, João Pereira Cunha e Maria Rocha Pereira.

Não resta dúvida que as cidades desempenham um papel privilegiado na estruturação do espaço na medida em que elas concentram o essencial dos serviços indispensáveis ao funcionamento de uma economia de troca. Nesse sentido, embora não se possa perceber a totalidade das relações que unem os homens aos lugares tendo apenas como referência as bases econômicas ou demográficas, não posso deixar de fazer algumas considerações acerca do jogo das forças econômicas, enquanto um elemento importante na apreensão do espaço vivido.

Desta forma, no que diz respeito aos fluxos de mercadorias, efetuam-se numa via de mão dupla, ou seja, para a cidade e a partir da cidade. Para a cidade convergem os produtos agrícolas com a finalidade de, por um lado, satisfazer as necessidades da população urbana, e, por outro, ser novamente expedida. O que parte da cidade, no entanto, são produtos de consumo ou de equipamento necessários aos que habitam o espaço rural.⁴⁸⁶

No que diz respeito as trocas de serviços não materiais, ou seja, os fluxos de informações, estes exercem, assim como as trocas de mercadorias, um papel importante na estruturação do espaço urbano. Entre as muitas atividades que são concebidas como sendo essencialmente urbanas destacam-se: os serviços administrativos, responsáveis tanto pela regulação entre o Estado e a população, quanto pela regulação entre a sociedade global e a sociedade regional e local; os serviços sanitários, responsáveis pela manutenção da saúde da população; os serviços escolares e de informação, pois permitem a transmissão do saber e a sua difusão espacial; os serviços prestados pela rede dos bancos, os quais asseguram o fluxo de capitais; além,

⁴⁸⁶ Segundo Raquel Rolnik, a organização da economia urbana está “baseada na divisão de trabalho entre campo e cidade e entre diferentes cidades. Quando esta divisão do trabalho se estabelece, a cidade deixa de ser apenas a sede da classe dominante, onde o excedente do campo é consumido para se inserir no circuito da produção propriamente dita. Desta maneira, o trabalho de transformação da natureza é iniciado no campo e completado na cidade, passando o camponês a ser consumidor de produtos urbanos e estabelecendo-se então a troca entre cidade e campo.” Cf. Raquel Rolnik. *O que é cidade*. op. cit. p. 27.

ainda, dos serviços de lazer que possibilitam a recreação do espírito e do corpo.⁴⁸⁷

Embora todas estas atividades estejam presentes nas cidades que compõem as sedes dos nove municípios pesquisados, elas se diferenciam no que concerne ao nível de excelência dos serviços prestados à população. No que diz respeito aos serviços de saúde, embora todas as cidades possuam, ao menos um hospital mantido pelo município, as cidades de Limoeiro do Norte e Russas destacam-se em relação às outras cidades do Baixo-Jaguaribe por oferecer à população de toda a região um número maior de especialidades clínicas e odontológicas. No que se refere à instrução pública, todas as cidade da região possuem escolas ligadas à rede municipal e estadual de ensino, bem como estabelecimentos particulares, a exceção da cidade de São João do Jaguaribe. As cidades que apresentam um maior número de escolas privadas, no entanto, são: Limoeiro do Norte, com oito escolas; e Russas, com seis. Quanto aos serviços bancários, apenas as cidades de Russas, Limoeiro do Norte e Tabuleiro do Norte, possuem mais de uma agência bancária. Já em relação aos estabelecimentos comerciais e industriais, embora haja uma semelhança geral em torno destas atividades, algumas cidades apresentam traços específicos no desenvolvimento de suas funções econômicas. No que se refere ao setor industrial, os municípios de Jaguaruana, Limoeiro do Norte e Quixeré têm como principal atividade econômica a agroindústria.⁴⁸⁸ Jaguaruana destaca-se, ainda, como um dos principais pólos produtores de redes de dormir do Estado do Ceará. Afora a agroindústria, destacam-se, na região, dois outros setores industriais: o setor

⁴⁸⁷ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. pp. 63 e 64. Para Rolnik, “a relação morador da cidade/poder urbano pode variar infinitamente em cada caso, mas o certo é que desde sua origem cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política. Assim, ser habitante de cidade significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos.” Cf. Raquel Rolnik. *O que é cidade*. op. cit. pp. 21 e 22.

⁴⁸⁸ As agroindústrias instaladas na região do Baixo-Jaguaribe são: Jáisa, Melão Doçura, Agroindústria Baquit e Ipioca – no município de Jaguaruana; Empresa Tropical de Irrigação de Hortaliças, Del Monte e Agripec – no município de Limoeiro do Norte; Del Monte – no município de Quixeré.

calçadista, que se encontra instalado no município de Russas através das fábricas da Dakota Nordeste e da Lukre; e o setor de laticínio instalado no município de Morada Nova através de uma unidade da Parmalat.

Conquanto se possa, do ponto de vista camponês, caracterizar a cidade como um não-lugar, em virtude de não haver um reconhecimento identitário, os mais velhos do sertão demonstraram possuir uma sensibilidade mais geral em relação a este espaço. Embora essa sensibilidade não possa ser de modo geral traduzida nas formas do desejo e do prazer, ao menos, suscita-lhes o reconhecimento da funcionalidade do mundo citadino no que diz respeito, por exemplo, aos aspectos da assistência médica e educacional. Portanto, a visão que os camponeses têm da cidade é orientada por uma relação paradoxal baseada na repulsa e na necessidade.

Nos relatos de memória, que meus depoentes fazem de suas experiências de vida, revelam o quanto a noção de espaço está associada à dimensão das relações entre os homens. Nesse sentido, embora alguns depoentes tenham demonstrado em suas narrativas que suas experiências de vida são marcadas pela mudança de ambiente e pelo conflito gerado por novas relações culturais, percebe-se a permanência de traços significativos da vivência rural resistindo à mudança, por entenderem que viver na cidade significa adequar-se a uma dinâmica absolutamente diferente da que vivem no campo.

Portanto, neste tópico, pretendo discutir a maneira pela qual meus depoentes interpretam o espaço da cidade, tomando como referência a discussão de Marc Augé sobre os lugares e os não-lugares. Nesse sentido, na medida em que o mundo rural pode ser definido como um lugar identitário, relacional e histórico, características que segundo Augé demarcam o "lugar antropológico", a cidade, por ser o

contraponto desse lugar, se definirá, para grande maioria dos camponeses entrevistados, como um não-lugar.⁴⁸⁹

Segundo o discurso tradicional, a seca, por ser um elemento de trauma para a natureza e também para o próprio homem, representa a causa que obriga, por assim dizer, os camponeses a terem que *deixar sua terra, deixar seu espaço, deixar, portanto, seu universo, para se lançar ao desconhecido, àquele espaço difuso e impreciso.*⁴⁹⁰

No entanto, apesar da seca alterar o cotidiano dos camponeses, os discursos que foram colhidos na pesquisa de campo, diferentemente do discurso tradicional, pouco associaram a seca à idéia de fuga, de busca de novos lugares e de nova vida. Na verdade, meus depoentes demonstraram uma série de outras táticas utilizadas na manutenção da vida, as quais passaram a compor o cotidiano dessas pessoas sobretudo nos períodos de secas. Contudo, não posso negar que a seca representa um importante marcador espacial na vida dos camponeses de um modo geral. Somada aos problemas de ordem estrutural, a seca, em grande medida, é responsável pela perda do espaço vivido, do lugar querido.

Sobre essa característica nômade dos camponeses, D. Estelita Crispim comenta que seus pais migraram do interior do Rio Grande do Norte para Fortaleza e depois para as Melancias, no município de Morada Nova, em busca de melhores condições de vida.

Já, já andei muito. Já andei muito, já. Tanto depois de casada, como im solteira. Meus pai morava noutos canto, né? Porque ele num achava bom ande vivia, né, aí, caçava outo canto quando ele melhorava das condições. Era, era por causa das secas. Era assim, desse jeito. E de Fortaleza pra cá, pras Melancias, foi por causa de duença, né? Tirou nós que tava vendo a hora morrer. E mamãe também, e mamãe também num era sadia não, vivia duente. Aí, foi o causo dele ter tirado também

⁴⁸⁹ “Reservamos o termo ‘lugar antropológico’ àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. (...), o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa”. Marc Auge. *Não-Lugares*. p. 51.

⁴⁹⁰ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução*. op. cit. pp. 93 e 94.

nós, foi por causa de mamãe, era muito duente. E eu sei que as coisa é assim mermo, o caba anda, anda, anda, quando dafé o caba tem que parar, né? O caba num pode viver só andando no mundo, tem que o caba fazer um paradeirozim um pedaço.⁴⁹¹

No entanto, se no discurso de D. Estelita as secas e as doenças aparecem como as responsáveis pelo fato dos camponeses se verem obrigados a abandonar, mesmo que temporariamente, o espaço vivido pelo qual se acham afetivamente apegados, não podemos responsabilizar a seca por todo o processo de mudanças que tem ocorrido na vida camponesa; uma vez que ela apenas agrava as desigualdades sociais que as estruturas de poder, excessivamente excludentes, fazem reinar não somente nos sertões cearense, mas, nos sertões nordestinos de um modo geral.

Apesar dos anos de 1942 e 1943 terem sido – no dizer do Sr. João André - *escasso, quase seco*, não foi propriamente a seca climática, e sim a seca que se revela no próprio homem, que o deixa seco como o patrão de Fabiano, personagem criado por Graciliano Ramos em seu romance *Vidas Secas*, a responsável pela volta de João Prego para o Norte do país. João Prego era um senhor que morava no Curralim da Barra, local onde residia a família do Sr. João André nos anos *escasso, quase seco* de 1942 e 1943. Embora tivesse nascido na Amazônia - *o pai dele tinha vindo de lá em mil e oitocento... -*, João Prego, ao ver a mobilização por parte do Governo e o conseqüente movimento das pessoas procurando se alistar como “soldados da borracha”,⁴⁹² revelou para o pai do “seu” João André que enquanto tivesse *macambira*

⁴⁹¹ Estelita Crispim Gomes, 69 anos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 26/08/1999.

⁴⁹² Segundo o Sr. João André, a medida encontrada pelo governo para “socorrer” as localidades que mais tinham sido atingidas pelos efeitos da estiagem, foi “soltar” as pessoas – “pai de famia com a famia toda” - que estivessem dispostas a emigrar para a Amazônia. “Aí, dipois, os americano inventaro de vim buscar a rapaziada; aí, foi que foi gente.” Em seu depoimento, ao recordar algumas das pessoas que emigraram para Amazônia neste período, “seu” João André criticou a “solução” encontrada pelo governo de fornecer “passage” para “os miserave” poderem “ir pu Amazona” como medida de “combate” à seca. Em sua avaliação, o velho João André ressaltou que era “munta falta de intidimento. Porque eu acho, que o governo do Estado era po mode ele ter tomado as providença de não ter deixado o povo dele sair pra outo... outo canto, nera?” Ao governo, contudo, interessava menos “o povo dele” e muito mais o esforço de adequar o

pra mim, pa meus neguim chupar não voltaria para a Amazônia; nasci lá, mas num vou. Entretanto, João Prego *teve um desgosto, sentiu-se mal, injuriou-se* com a falta de caridade da esposa de um compadre seu, que se negou a trocar um peixe por um pouco de farinha, embora tivesse em sua casa, armazenada num caixão, doze alqueires de farinha.

Ele [**João Prego**] pescava no rio da Barra. Quando, um dia, ele foi pescar matou um bucadim de peixe. Aí, num tinha farinha pa comer com peixe. (...). Aí a mulher fez, pegou o peixe, escolheu e mandou pa casa do compade dele, pa trocar pu farinha. Que lá o home era impresaro, era rico, munta farinha. Aí, a criança foi com o peixe pa trocar. Ele, ficou na mente dele trazer a farinha, trocar pu peixe. Chegou lá, a dona da casa... o velho num estava em casa, o dono da casa... quem tava era a dona da casa, disse pa criança, pu burreguim: - 'meu filho, hoje já viero deixar peixe aqui; eu num quero, não. Aí ele foi... bichim voltou pa trás com peixim. (...). Esse impresaro a gente conhecia, caixão de farinha que pegava... naquela época, era surrão de farinha, carregava em costa de burro; era surrão... caixão que pegava vinte e quato surrão de farinha o caixão, vinte e quato; doze, doze alqueire, entendeu? (...). Bichim voltou pa trás, voltou com o peixe... morrendo de fome. (...). Quando voltou o minino com o peixe, ele foi disse (...), foi e disse pa mulher: - 'mulher, tu conserta esse peixe, bote no fogo, esmague e dê o caldo as crianças'... Vixe Maria! É triste, né?... 'que eu vou a rua, vou ver se tem passage. Se tiver passage, tô me alistando hoje'. (...). Quando chegou, se alistrou; voltou pa trás, na merma tarde, no mermo dia... - 'mulher, ajunta a troçadinha vamo butar dento um saco, vamo durmir lá im União'... Que nesse tempo, era União... 'vamo durmir lá, pa de madrugada nós saí (...) no pau-de-arara pra Fortaleza, pro curral.' Ajuntaro os trocim, viero, chegaro aqui, passaro a noite, quando foi amanhã pela manhã, subiro no pau-de-arara e foro embora.⁴⁹³

país às necessidades que as conjunturas nacional e internacional lhes sugeria. Foi assim que “munta gente” da região do Baixo-Jaguaribe emigrou para a Amazônia nos anos de 1942 e 1943.

⁴⁹³ João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 03/02/1999. A primeira parte da viagem, que tinha como destino Fortaleza, era feita em um pau-de-arara que saía da cidade de União, muitas das vezes, de madrugada. Era preciso, pois, aos que íam embarcar, sobretudo aqueles que moravam na zona rural do município, “dormirem” à noite no próprio local do embarque, ou seja, debaixo de um pé de “tamarino grande” onde as pessoas se “arranchava”. Depois de uma viagem demorada e cansativa, em virtude do desconforto do transporte e das péssimas condições das estradas de rodagem, os “socorridos” da seca, quando chegavam em Fortaleza, eram levados para “uma casa” que foi apelidada, segundo o velho João André, de “curral”. Tratava-se, na verdade, da hospedaria Getúlio Vargas, que, segundo Frederico de Castro Neves, foi inaugurada no dia 15 de março de 1943, objetivando atender a “dois planos estratégicos do governo brasileiro naquele momento: controlar a mobilidade da população retirante durante as secas e participar efetivamente do esforço de guerra aliado com a produção da borracha amazônica”. Cf. Frederico de Castro Neves. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. op. cit. p. 151. Conquanto, fosse apelidada de “curral” a hospedaria Getúlio Vargas representava, ao menos, o destino certo para aqueles que tinham os seringais da Amazônia como destino e faziam “escala” em Fortaleza. No entanto, ao chegarem no Norte eram “soltos” como se “fosse animais”: “Um caba que foi, adipois voltando, disse: - ‘Não, seu João, lá ninguém tinha padrim não. A gente chegava lá, eles... saia... a gente mermo é quem saia se oferecendo aqueles... aqueles... aqueles povo, home de propriedade chei de dinheiro, bando de siringal. (...)’. Só sei, que com poucos dia, ninguém sabia o que era fome; tinha comer. Mas, que a gente sofria munto, lá”. João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 03/02/1999. Sobre a

Ferido em sua honra, agredido pela desfeita de sua comadre, humilhado pelo poder de uma pessoa que ele estava acostumado a considerar igual as demais, mas que, naquela situação, mostrava-se, tão somente, como uma desagregadora dos laços de compadrio e de solidariedade que caracterizam as relações sociais no campo, João Prego resolveu refazer a travessia de volta para a Amazônia, dizendo: *adeus, União,*⁴⁹⁴ *se a minha alma tiver vergonha, aqui ela não vem mais.*⁴⁹⁵

Múltiplas são, pois, as situações que levam os camponeses a abandonarem seu lugar, seu espaço, seu universo, pois é assim que vêm a terra onde vivem. Mesmo tendo um apego exagerado ao seu lugar, alguns dos personagens desta travessia têm suas experiências de vida marcadas pela mudança de ambiente e pelo conflito gerado por novas relações culturais. No entanto, mesmo vivendo no espaço da cidade, percebe-se, no cotidiano desses camponeses citadinos, a permanência de traços significativos da vivência rural.

Nesse sentido, o relato do Sr. João André Filho, ao mesmo tempo que informa a respeito das contingências que o levaram, juntamente com sua família para a cidade de Jaguaruana no ano de 1979, expressa o seu apego à vida do campo, como se nenhum outro mundo, além do rural, pudesse existir dentro dele. Assim, mesmo morando na cidade a mais de duas décadas, o espaço rural continua sendo, por assim dizer, objeto de contemplação e de desejo para o velho João André.

hospedaria Getúlio Vargas, ver também: M^a Neyára de O. Araújo. *A Miséria e os Dias. (História Social da Mendicância no Ceará)*. São Paulo, Hucitec, 2000.

⁴⁹⁴ Antigo topônimo atribuído ao atual município de Jaguaruana.

⁴⁹⁵ Segundo Gnaccarini, “o certo é que, embora sempre esperançoso em que a retribuição seja observada, ‘quem dá sempre acha que deu de menos – e, inversamente, que recebe sempre acha que recebeu demais. O que dá *nunca cumpre* suficientemente sua obrigação, o que recebe *nunca merece* suficientemente a ajuda a que tem ‘direito’. Tal é a regra do bom-tom; a ‘infração destes padrões acarreta ressentimentos profundos e duradouros’. (...)”. Cf. José César Gnaccarini. *Latifúndio e proletariado: formação da empresa e relações de trabalho no Brasil rural*. op. cit. p. 134. [grifo do autor]

Peguei olhar prá amanhã, pro que eu possuía: munta criação, uma lomba de gado, munta propriedade e tal. E peguei a olhar prá aquilo e lembrando: meu Deus, isso aqui é hoje e num é amanhã! Com vida minha se não tem futuro prá minha família, tem pra mim eu sou velho mermo - no tempo que num era velho, mais já tinha idade -, mais prá minha família num tem futuro; porque graças a Deus num faltava nada prá eles, mais com a continuação o que vai ser dessa multidão de gente? Digo, vamo partir prá outa coisa, morar, passar uns dois ano lá na cidade prumode desarnar esse povo, o meno prá aprender assinar o nome. Aí, a mulher achou que era vantage - 'é mermo, tal e tal'-. Aí, mandei, mandei a família prá cá, ficaro aqui, butaro na escola né, tudim. (...). E eu fiquei lá nas propriedades, só aguentei dois ano (risos). Fico nada, aqui! Vou mimbora, vou prá casa. Eu deixo isso aqui, vendo uma parte de... de... de troço e tal; e vou ficar... fico lá e fico aqui, de fato! (...). Mais, o caso da família, eu hoje me acho aqui; que eu num nasci prá morar im cidade.⁴⁹⁶

Apesar de morar na cidade de Jaguaruana desde o ano de 1979, as dificuldades de adaptação são crescentes o que provoca, por extensão, a diminuição de sua sociabilidade. Em seu depoimento, o velho João André diz não se acostumar *com o dismantêlo do pessoal* pelas ruas *correndo, gritando, falando palavrão, jogando bola...* Desse modo, morando na cidade sem gostar, "seu" João André diz estar passado pela vida sem vivê-la.

Porque eu num nasci pra morar im cidade. Não, num nasci. Óia, óia o meu sangue. Óia, eu num nasci pra morar im cidade não. Nasci pra morar no suburbo, nasci pra morar na roça, nos mato e tal, na história matuta. Nasci pra morar nos mato, num foi im cidade. Aí, morando na cidade à força, tô passando pela vida sem viver (risos). Eu tô passando pela vida sem viver, porque quando a gente tá num canto que num tá gostando e sem poder se arretirar daquele canto, tá passado pela vida sem viver; é ou num é? (...). Ai de mim se num tivesse família, porque já tinha arribado a mais tempo. Mas, que tem família, né?

É fascinante perceber, no depoimento do Sr. João André, que apesar da alteração radical sofrida na sua vida em função da mudança para a cidade, ainda sobrevivem nele os sentimentos de amor ao mundo rural no qual nasceu, cresceu e tornou-se homem; de amor ao trabalho e a tantas outras formas de viver que caracterizam a vida no campo.

⁴⁹⁶ João André Filho, 72 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 03/02/1999.

Se eu num tivesse uma proprietadizinha ali, prá lutar com gadim e tal, eu logo tinha vindo mimbora, voltado lá prá minha serra, morar sozinho. (...). Vinte anos, fazer vinte ano; num é moleza! É muitos dia né? Mais eu num me acostumo não. Eu passo quais o dia lá no ponto, né, junto com os bicho, tangendo prá lá; tapando buraco duma cerca; tangendo pra qui, prá acolá, mais num gosto de rua não. Sostô né, nascer esse povo assim! Apois eu sou deles (risos). Mais que tive uma família graças a Deus, fôro estudar. Morrendo hoje deixo uma família tudo lendo, prá que melhor! Tenho gente, diversos empregados. É, empregados do saber. Ói, já é muita coisa; se eu fico lá, né?

Desse modo, os espaços do campo e da cidade não podem ser separados em temporalidade e espacialidade, uma vez que homens e mulheres, em seu dia-a-dia, articulam o passado com o presente, na medida em que, no espaço da cidade, procuram reinventar hábitos e costumes que lhes eram peculiares no ambiente rural.⁴⁹⁷

Mesmo reinventando no espaço da cidade, hábitos e costumes peculiares ao ambiente rural, o Sr. João André revelou o quanto é forte o desejo de voltar a morar na serra, *de ficar lá nos mato*, por não gostar da cidade. Em seu depoimento, o velho João André falou, com uma sombra de tristeza no olhar, do mal estar que as relações sociais experienciadas na cidade lhe causam.⁴⁹⁸

Deus abençõe a nossa cidade, mais eu num gosto da cidade. Eu gosto... Eu vou lhe dizer uma coisa pra você: ainda antes de ontem, eu tava dizendo pa muier: - Se eu fosse... se tivesse saúde, você, a gente, (...) nós ia lá pa essa terra que tem aí do outro lado do rio, ficar lá nos mato. Porque lá nos mato, eu num quizesse tá dentro de casa, aí eu ia olhar os animais que tem e andar por dentro dos mato como foi a minha vida; porque toda a vida eu gostei. Mas, nunca gostei da cidade. Eu sou tão assim com a cidade, que eu tem esses ano todim, é difiço eu butar uma cadeira na calçada pa me sentar um poquim. Eu boto lá na área que tem por trás, pa num tá vendo o movimento. (...). Que eu tô vendo aquele desapovo do povo, aquela falta de... de... de respeito, aquela, aquela dionestidade e tal. Por isso eu digo, eu num nasci pra morar im cidade. Porque eu vejo uma coisa daquela num risisto, fico disiguado e eu num vendo nem ouvindo tá mior pra mim. Tá ou num tá? É melhor. É tanto que eu boto a cadeira na calçada, ali, um pedacim, logo eu tô levando a

⁴⁹⁷ Célia Toledo Lucena. *Artes de lembrar e de inventar*. op. cit. p. 20.

⁴⁹⁸ Segundo Antonio Paulo Resende, as mudanças que o ritmo veloz da modernidade provocam, sobretudo no espaço da cidade, não acontecem sem perplexidade e resistência de muitos. Referindo-se a cidade do Recife da década de vinte, Resende diz que “nem todos se sentiram seduzidos pelas invenções modernas, pela renovação dos hábitos, por uma concepção de tempo que exigira mais pressa, pela ruptura com práticas de convivência social enraizadas”. Cf. Antonio Paulo Resende. *(Des) Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. op. cit. p. 57

cadeira lá pa área detrás, ficar lá. Porque só faço ouvir naqueles beco aquelas conversa, mas, num tô vendo, só faço ouvir, né?

Este conflito vivido pelo velho João André no espaço da cidade revela o quanto são fugidias as polaridades que marcam o lugar e o não-lugar. Como ressalta Augé, o lugar nunca é completamente apagado, da mesma forma que o não-lugar nunca se realiza totalmente.⁴⁹⁹ Portanto, a permanência de todo esse legado de sentimentos, faz com que os mais velhos do campo não queiram abrir mão, sem nenhuma resistência, do espaço vivido que cada um deles construiu ao longo de suas vidas.

Dessa forma, apegado por laços afetivos ao espaço rural, o Sr. João Pereira Cunha, ao contrário do Sr. João André, não acompanhou a sua família para a cidade de Jaguaruana em fins da década de sessenta. Apesar dos seus setenta e oito anos de idade, continua residindo, sozinho, em sua pequena casa localizada no Açude do Coelho, a dezessete quilômetros da cidade de Jaguaruana. Assim, no calor das recordações mais antigas, "seu" João Pereira falou da solidão em que vive no presente.

Né vida pa cristão não, viu. Né vida pa gente não. A gente mora assim porque a gente topa tudo, né? É topa tudo, mais é coisa tristonha viu. Né vida a gente viver só não, viu! Aqui, aqui é porque a minina aí sempe, toda vida, hoje é porque vocês tão aqui elas tão cismada sem saber quem é; ainda vem aqui hoje ainda, num sabe? elas sempe gosta de vim aqui. Ispanam a casa, aí faz um café, faz uma coisa; a gente sempe distrai qualquer coisa. Eu às vez vou também pouco pu meus trabaio prá aculá, mais que num é vida pa gente não; anoitecer ou amanhecer numa casa a gente sozim, é muito, é muito triste viu.⁵⁰⁰

Em meio às lembranças do passado, sobretudo àquelas relativas ao mundo do trabalho, o velho João Pereira lamentava não possuir mais tanto vigor físico para trabalhar como antes. Com a visão já bastante prejudicada, ele diz estar mais próximo do fim da vida. Na verdade, talvez pouco tenha o que olhar para frente, embora tenha

⁴⁹⁹ Marc Augé. *Não-Lugares*. op. cit. p. 73 e 74.

⁵⁰⁰ João Pereira Cunha, 78 anos. Entrevista gravada no Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.

muito o que olhar para trás. Nesse sentido, a distância do tempo parecia apagar-se nas suas lembranças, de tal forma que o mundo de solidão vivido no presente fosse, por alguns instantes, repovoado pelas gentes do passado; pelas vozes e sons do passado; pelos cenários do passado.

Apesar de lamentar a solidão em que vive, “seu” João Pereira diz compreender o fato da sua esposa, D. Maria Rocha Pereira, preferir morar na cidade; embora ela tenha nascido, se criado e ficado *quais véia* morando no Açude do Coelho. Não obstante, revela, também, que não se acostuma na cidade em virtude do hábito que as pessoas têm de dormirem tarde, o que faz permanecerem com as luzes acesas até altas horas da noite.

A muier nasceu e se criou, ficou quais véia morando nesse lugar; mais hoje ela num qué mais vim prá cá (...) de jeito algum. E eu num tiro razão não. Aí, eu num me acostumo lá. Aqui eu tenho isso viu, anoitece eu num sei, sei, sei durmir no claro não; tinha a luz ali, uma lamparina, enquanto eu tô na luta fazendo as arrumação, uma coisa, quando é pa eu durmir apago a luz, viu. Lá fora num vai, vai... Taí, esse moço aí vai mais o outo, vai pa... vai pa... vai pa... vai pa Limoeiro só chega de dez pa onze hora; enquanto isso a luz é acesa, a casa todinha, aí eu num sei durmi no claro de luz viu. Pronto, eu num me dou lá de jeito algum.

Mesmo lamentando o fato do Sr. João Pereira continuar morando sozinho no Açude do Coelho, D. Maria disse não ter mais vontade de voltar a morar na serra, embora gostasse muito do lugar no tempo em que morava lá. Além de não ter mais vontade de voltar a morar na serra, D. Maria revelou não poder abandonar seus filhos, sua casa, nem muito menos o trabalho na pequena tecelagem de redes instalada na parte detrás de sua casa.

Ah! Meu irmão, eu tenho a maior pena dele. Mas, ele num quer tá mais a gente aqui na rua; eu num tenho o que fazer, né? Mas, que eu tenho pena. Às vez... Pela minha vontade, ele vinha simhora morar mais a gente aqui na rua. Que eu acho que o canto dele é aqui, mais que ele num quer vim. Num posso obrigar ele vim a força, né? Pa chegar aqui, todo tempo ficar falando. (...). Quando ele vem, ele fala é muito: - ‘Eu vou ficar numa coisa dessa, ninguém dorme de noite, zuada até meia noite. Num tem jeito,(...) eu num posso abandonar meus fi aqui, minha

casa, meu movimento, esse trabalho de fio **[Fio de algodão utilizado na produção de rede]** e tudo, né?⁵⁰¹

Em seu relato, D. Maria destacou, ainda, a vida de sacrifício que as pessoas que moram na serra, principalmente as mulheres, enfrentam. Assim, conservando as imagens do lugar atrasado e com poucas possibilidades para o trabalho, D. Maria Rocha referiu-se, com insistência, a uma permanente situação de dificuldades que não a faz enxergar perspectivas de mudança.

Mas o mais, como se diz, morar na Serra é muito sacrifício como você sabe, né? Você viu lá a situação do povo. Mas, no tempo que a gente morava lá as coisa era mais fácil, havia inverno, né? Havia fartura também. (...). Agora a vida lá da Serra é dura, é muito difícil de a gente viver lá, a gente trabalhava no pesado. A muié lá num tem saúde, porque todo mundo trabalhava no sol, na... apanhando feijão, algodão, fazendo tudo. Mas a vida lá é dura, num é mole não.

Desta forma, é importante perceber, além das imagens que meus depoentes construíram do campo e da cidade, as justificativas que deram para a mudança do espaço rural para o espaço urbano. Entre as justificativas apresentadas, posso destacar, de modo geral, as “facilidades” que a vida urbana proporciona. Cabe ressaltar, no entanto, que a referência a essas “facilidades” apresentou-se, de forma mais regular, nos depoimentos das mulheres.⁵⁰²

Nesse sentido, movida pelo desejo de poder oferecer aos seus filhos uma outra oportunidade de vida, D. Maria viu-se “obrigada” a mudar para a cidade de Jaguaruana em 1968, com o objetivo claro de possibilitar aos seus filhos ingressarem na escola de maneira mais regular.

Casei muito nova, com dezessete ano, né? Tive uma ruma de fi, 14 fi ainda (risos). Mas, graças a Deus num me arrependi porque tudo são bom pra mim, tudo são bom filho e me sinto muito satisfeita com isso. Eu morei esse tempo todim na Serra, até... Nós viemo pra cá im

⁵⁰¹ Maria Rocha Pereira, 67 anos. Entrevista gravada na cidade de Jaguaruana, no dia 18/08/1999. O município de Jaguaruana é um dos principais centros de produção de redes de dormir do Estado do Ceará.

⁵⁰² Célia Toledo faz essa mesma constatação ao analisar o processo de migração de um grupo de sítiantes de Barbacena – MG, para a periferia da cidade de São Paulo, no início dos anos de 1960. Cf. Célia Toledo Lucena. *Artes de lembrar e de inventar*. op. cit. p. 45.

sessenta e oito. Aí, a gente foi obrigado a mudar por causa da escola dos munino, nera? Lá num tinha escola, a gente sofria muito pos minino estudar lá. (...). Quando a gente chegou, ainda era muito difiço. Os meus fi ainda era piqueno, ainda, uma parte deles. Mas, a gente tinha, a gente trazia um poquim de ricurso da... da... das prantação, né? Do gado, a gente criava gado, criava criação e tudo. Aí, o negoço, a gente butou pa estudar e foi miorando e todo mundo querendo alguma coisa, né? Que meus fi, nenhum, nunca ficou nenhum reprovado um ano; todos os ano eles passava. Às vez, ficava assim de recuperação, né? Mas, nunca ficou um fio meu assim im escola dum ano po outo, não. Aí, foi miorando, né? Foi todo mundo trabaiar, todo mundo foi.

Apesar das dificuldades experienciadas no início da vida na cidade de Jaguaruana, em razão sobretudo dos filhos serem ainda pequenos, D. Maria confessa que na cidade, *como se diz, as coisa foi mior, né?* Hoje, D. Maria diz se sentir *muito sartisfeita* por ver todos os seus filhos trabalhando e, principalmente, por alguns ter concluído um curso de graduação na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, na cidade de Limoeiro do Norte.⁵⁰³

Mas, eu tinha a maior vontade de ver eles estudar e graças a Deus tive bom proveito da vida deles; porque eles vieram e quiseram mermo, né? Hoje im dia, tem quato pa ser formado, né? E tem três cumeçando também. Se Deus quiser eles vão conseguir.

As esperanças e a valorização depositadas na instrução revelaram-se, ainda, em outras falas. De um modo geral, o desejo de poderem ver seus filhos e netos se qualificando significou para os entrevistados maior mobilidade social. Como ressaltou o Sr. João André Filho, *morrendo hoje deixo uma familia tudo lendo, pra que melhor! Tenho gente, diversos empregados, (...) empregados do saber.*

Sobre a relação campo e cidade no discurso camponês, gostaria de ressaltar, ainda, que ao mesmo tempo que os mais velhos do campo cultivam um sentimento de repulsa à cidade, o campo, muitas vezes, não passa de um espaço do desejo localizado apenas na memória. Trata-se, cada vez mais, de um lugar cuja descrição é fruto das experiências vividas em épocas passadas, bem como da sua

⁵⁰³ A Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM) é uma unidade da Universidade Estadual do Ceará.

idealização. Ao narrarem suas histórias de vida, meus amigos de travessia falaram sempre do sertão que eles têm dentro deles, demonstrando, desta forma, o quanto o sertão parece mesmo ser “a alma de seus homens”.

Assim como todas as sociedades, o campo, evidentemente, não se constitui num espaço imutável. Desta forma, não podemos entendê-lo separado por fronteiras estanques do espaço da cidade. O contato entre esses dois espaços exprime-se por mudanças, conflitos, movimentos, mutações... que demonstram o quanto o campo *já não é o lugar onde todos imaginam se conhecer. As suas distâncias, os seus ruídos, os seus ritmos, as suas trilhas, as suas cores, os seus esquecimentos, as suas lembranças, mudam ou parecem mudar com mais velocidade. As pessoas – sobretudo as mais velhas - vão se sentindo, aos poucos, aprisionadas por um cotidiano mais largado do passado, com os olhos fascinados ou intimidados pelo novo.*⁵⁰⁴ Isto nos faz compreender que muito mais importante do que buscar a homogeneidade desta geografia, torna-se fundamental buscar suas descontinuidades.⁵⁰⁵ Todavia, este assunto é para uma outra travessia.

⁵⁰⁴ Antônio Paulo Resende. *(Des) Encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. op. cit. p.72.

⁵⁰⁵ Armand Frémont. *A região, espaço vivido*. op. cit. p. 159.

Entre lembranças e saudades.

*“Agora terminou, já to cansado.
É só outa vez, quando você vier, aí eu tenho outas história pa contar.”*

João Delfino Bezerra

Ecoam-se suspiros cansados. Enfim... depois de tantas paradas chegamos ao final de nossa longa travessia. Para aquele que acha que viu tudo, devo assegurar que muitas *outas história* ficaram por ser contadas e muitos sertões ficaram por ser descritos. São sertões que vivem dentro de cada um dos meus narradores e que, agora, estão vivos também dentro de mim. Pois, narrador e pesquisador, se não se completam (?), ao menos estão os dois presos, atados, num mesmo fio.⁵⁰⁶ Foi justamente assim, preso, atado, empurrado para dentro das narrativas como se fosse parte integrante das histórias, que me senti durante a travessia que realizei pelos sertões do Baixo-Jaguaribe.

Apesar dos suspiros cansados, necessito de um pouco mais de fôlego pois desejo olhar para trás, avistar o passado, as experiências vividas durante minhas andanças por esses sertões de terra seca e molhada, quente e empoeirada, *pegajenta e melada*.⁵⁰⁷ Muitas foram as

⁵⁰⁶ Carlos Rodrigues Brandão. *Memória/Sertão*. op. cit. p. 161.

⁵⁰⁷ Expressão tomada de empréstimo a Gilberto Freyre. Cf. Gilberto Freyre. *O Nordeste*. op. cit. p. 41.

situações vividas na tentativa de estilhaçar o uníssono em torno dos sertões do Ceará. Para isso, mais do que atravessar diversos pedaços de sertões e as várias temporalidades que marcam o tempo da memória de meus amigos de travessia, foi preciso buscar o olhar direto, o testemunho - sem intermediário - que o camponês dá de si mesmo. Da matéria recolhida de suas memórias, procurei, pois, construir minha narrativa, tendo o cuidado, aqui e ali, para não perder de vista os significados que os próprios camponeses atribuem às suas experiências e às suas vivências, bem como a maneira pela qual tendem a reinterpretar suas experiências passadas no contexto em que vivem no presente.

Acompanhar, pois, o curso ordinário de suas experiências, ao mesmo tempo que me fez ver o quanto à vida nesses sertões comporta práticas e situações diversas, possibilitou-me colocar em dúvida os discursos que historicamente têm homogeneizado os múltiplos significados de que são detentores esses espaços.

Neste trabalho, a vida se tornou História. Para isso, procurei, no ato de narrar, interpretar as experiências de vida - de velhas e velhos camponeses - que aos poucos foram voltando à superfície desse poço sem fundo que é a memória. Muitas outras, no entanto, continuam submersas à espera de alguém que possa, numa conversa, mesmo informal, trazê-las de volta à superfície. Aqui fica o apelo àqueles que se dispõem a irem ao encontro dessa gente miúda. Do lugar de minha experiência, posso testemunhar que para além do labor acadêmico, encontraremos, no grande patrimônio que é a memória, uma fonte inesgotável de reflexões sobre nossa própria vida, fazendo-nos voltar para dentro de nós mesmo. *O narrador*, diz Ecléa Bosi, *tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam*.⁵⁰⁸

⁵⁰⁸ Ecléa Bosi. *Lembranças de velhos*. – 3. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 85.

Vivemos envolvidos em um turbilhão de pequenas coisas, motivados a continuar tocando a vida sempre para a frente. Poucos são os que têm o hábito de olhar a própria experiência, o que foi feito e o que se deixou de fazer. Quase sempre precisamos que alguém ou algo, muitas vezes uma dificuldade, nos empurre nessa direção. Sou agora compelido a olhar para trás, não para perguntar-me se faltou dizer alguma coisa, pois sei que muito ainda há para ser dito, mas para compartilhar algumas, entre muitas lembranças que ficaram emolduradas em minha memória. Jamais esquecerei os abraços que recebi; os apertos que minhas mãos receberam de tantas outras mãos calejadas por uma vida de trabalho; os beijos que velhas e velhos camponeses deram em minha cabeça, na hora em que me cobriam de benção; os rostos queimados pelo sol e enrugados pelo tempo, a expressarem a alegria do nosso reencontro... São lembranças afetivas que representam, para mim, a parte mais importante deste trabalho.

Tenho a certeza de que a rica travessia pelos sertões do Baixo-Jaguaribe poderia ter sido narrada de diferentes maneiras; entretanto preferi contá-la a partir dos temas que as memórias dos entrevistados recortaram no processo de rememoração das mesmas. Se não foi a melhor maneira de contar, pois sei que vários aspectos abordados merecem ser aprofundados, ao menos espero que possa instigar a realização de novos projetos de pesquisa.

Entre lembranças e saudades, num instante, passei a olhar as dezenas de fotos e de fitas onde se encontram gravadas inúmeras histórias de vida, onde se misturam sofrimentos, alegrias, sonhos, saudades, amores, canto e poesia. São histórias carregadas de significados que dão sentido à vida de dezenas de velhas e velhos camponeses que tive o prazer de conhecer durante a travessia pelos sertões do Baixo-Jaguaribe. Além das dezenas de fotos e de fitas, tenho diante de meus olhos o gravador, meu principal instrumento de trabalho, meu ouvido artificial, com o qual colhi as inúmeras histórias. Colher essas histórias, foi minha atividade principal, minha satisfação

interior, pois sabia que, mais do que intérprete dessas histórias, num sentido, estava furtando, da bagagem da morte, fotos e fitas gravadas, possibilitando, assim, que meus amigos de travessia continuassem vivos.

Fontes e Bibliografia

I – Fontes Orais

Altina de Moura Lima. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 11/04/2000.

Altina Delfino dos Santos. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

Amaro José da Silva. Entrevista gravada na comunidade do Alto do Ferrão, no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000.

Américo Simão de Freitas. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa Grande, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

Ana Francisca do Espírito Santo. Entrevista gravada na comunidade do Cercado do Meio, no município de Quixeré, no dia 12/04/2000.

Antônio Eugênio da Silva. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, no município de Jaguaruana, no dia 15/09/1998.

Antônio Ribeiro de Souza. Entrevista gravada na comunidade do Brito, no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000.

Conrado José da Silva. Entrevista gravada na comunidade do Tomé, no município de Quixeré, no dia 12/04/2000.

Eduardo Soares de Lima. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 26/08/1999.

Egilda Delfina Nascimento. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

Estelita Crispim Gomes. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 26/08/1999.

Euclides Ângelo Cordeiro. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa Grande, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

Eulália Mendes. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000.

Francisca Delfina da Costa. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 26/10/1999.

Francisco Abel Lino. Entrevista gravada na comunidade do Bixopá, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000.

Francisco Girão Sobrinho. Entrevista gravada na comunidade da Palestina, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

Francisco Rodrigues Pitombeira. Entrevista gravada na comunidade do Riachinho, no município de Russas, no dia 22/10/1999.

Francisco Sirlaco Filho. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

Francisco Vieira da Silva. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000.

João André Filho. Entrevista gravada na cidade Jaguaruana, nos dias 03/02 e 18/08/1999.

João Delfino Bezerra. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

João Martins de Souza. Entrevista gravada na comunidade do Peixe, no município de Russas, no dia 19/03/1997.

João Miguel de Souza. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa Grande, no município de Russas, no dia 23/08/1999.

João Pereira Cunha. Entrevista gravada na comunidade do Açude do Coelho, no município de Jaguaruana, no dia 01/02/1999.

José Benedito de Almeida. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 21/10/1999.

José Gomes Barbosa. Entrevista gravada na comunidade do Tracoen, no município de Itaiçaba, no dia 05/04/2000.

Luzia Maria da Silva. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, no município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999.

Maria Júlia dos Santos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/10/1999.

Maria Lourdes Almeida. Entrevista gravada na comunidade do Riachinho, no município de Russas, no dia 25/10/1999.

Maria Pereira de Almeida. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 22/10/1999.

Maria Rocha Pereira. Entrevista gravada na cidade Jaguaruana, no dia 18/08/1999.

Maria Sinhá de Souza. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 27/10/1999.

Onofre Augusto dos Santos. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 21/10/1999.

Pedro das Neves Cavalcante. Entrevista gravada na comunidade Vazantes, no município de Morada Nova, no dia 08/04/2000.

Raimundo Delfino Filho. Entrevista gravada na comunidade do Canto da Cruz, no município de Palhano, no dia 26/10/1999.

Raimundo Mendes Martins. Entrevista gravada na comunidade da Aldeia Velha, no município de Tabuleiro do Norte, no dia 10/04/2000.

Raimundo Nonato da Costa. Entrevista gravada na comunidade da Canafístula de Baixo, no município de Limoeiro do Norte, no dia 13/04/2000.

Raimundo Sabino da Silva. Entrevista gravada na comunidade da Pacatanha, no município de Jaguaruana, no dia 02/02/1999.

Rosa Maria de Almeida. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 25/08/1999.

Valdemar Pereira da Silva. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 26/08/1999.

Zacarias Francisco de Almeida. Entrevista gravada na comunidade da Lagoa de Santa Terezinha, no município de Russas, no dia 26/08/1999.

II – Jornais

O Rosário (Aracati) – 31/10/1915; 13/10 - 27/10 – 10/11 – 24/11 – 08/12 e 26/12/1917.

Jornal Pequeno (Aracati) – 25/02 e 18/03/1917.

O Povo (Fortaleza) – 1932; 1937; 1938; 1958; 1960; 1974; 1985.

III – Relatório/Mensagem/Livros De Tombo

Relatório – maio de 1916 a maio de 1917 - apresentado ao Ex. SNR. Dr. João Thomé de Saboya e Silva. J. Saboya de Albuquerque – Secretário dos Negócios do Interior e da Justiça. Fortaleza: Typ. Moderna, 1917.

Mensagem - apresentada à Assembléia Legislativa do Ceará em 1º de julho de 1925, pelo Desembargador José Moreira Rocha, Presidente do Estado. Fortaleza: Gadelha, 1925.

Livros de Tombo N° V - VII - VIII - IX – X: Paróquia de Russas.

IV – Livros, Teses De Apoio E Obras Literárias

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial, 1500-1800*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000. – (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução*. Dissertação de Mestrado em História apresentada à UNICAMP. Campinas, SP: 1988. (mimeo)

ANDRADE, Manuel Correia de. *Espaço, Polarização e Desenvolvimento (A teoria dos pólos de desenvolvimento e a realidade nordestina)*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

ARAÚJO, M^a Neyára de Oliveira. *A miséria e os Dias: história social da mendicância no Ceará*. São Paulo, Hucitec, 2000.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papyrus, 1994. – (Col. Travessia do século)

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *O Ar e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARATA, Rita Barradas. *Malária e seu controle*. São Paulo: EDITORA HUCITEC, 1998.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. *SERTÃO: UM LUGAR-INCOMUM o sertão do Ceará na literaturado século XIX*. – Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

_____. *Da Terra de Ninguém à Terra dos Homens: Experiências, Lutas e representações dos posseiros da Serra da Ibiapaba-Ce*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciência do Desenvolvimento Agrícola da UFRRJ. Itajaí – Rio de Janeiro, 1990.

BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol (Natureza e Costumes do Norte)*. 5 ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

_____. *Praias e Várzeas; Alma Sertaneja*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

BARROS, Miguel Costa. *Itaiçaba: pedacinho gostoso do Ceará*. Crato-Ce: Província, 1995.

BERNARDO, Teresinha. *Memória em Branco e Negro: um olhar sobre São Paulo*. Tese de Doutorado - Ciências Sociais, PUC - SP: 1993.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe (org.). *(Re) Introduzindo a história no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos*. – 3. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAID, Enília da Cruz Moraes (Coord.). *Diagnóstico Florestal do Estado do Ceará*. Fortaleza: PNUD/FAO/IBAMA/SDU/SEMACE, 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Editorial Cone Sul/Editora UNIUBE, 1998.

BRITO, Gilmário Moreira. *Pau de Colher: na letra e na voz*. São Paulo: EDUC, 1999.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DARTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 5ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FRÉMONT, Armand. *A Região, Espaço Vivido*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. 6.ed. – Rio de Janeiro: Record, 1989.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação da Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. "O senso comum como um sistema cultural". In. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. "O inquisidor como antropólogo: uma analogia e suas implicações". In. *A micro-história e outros ensaios*. São Paulo: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

GNACCARINE, José César. *Latifúndio e proletariado: formação da empresa e relações de trabalho no Brasil rural*. São Paulo: Editora Polis, 1980.

GOMES, Alfredo Macedo. *O imaginário social da seca e suas implicações para mudança social*. Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada a UFPE – Recife: 1995.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

GUERRA, Paulo de Brito. *A Civilização da seca*. Fortaleza: DNOCS, 1981.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSBAWN, Eric J. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques (Org.) *As Doenças têm História*. Lisboa: Terramar, 1997.

_____. *História e Memória*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

LE ROY LADURIE, Emmanuel. *Montaillou, povoado occitânico, 1294-1324*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LIMA, Lauro de Oliveira. *Na Ribeira do Rio das Onças*. Fortaleza-Ce: Assis Almeida, 1997.

LUCENA, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. - São Paulo: Siciliano, 1995.

MARGEM/Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. – N. 5 – São Paulo: EDUC, 1996.

MENDES, Francisco Fabiano de Freitas. *Tudo era seco: Fome, Fala e Poder em "Vidas Secas"*. Monografia de Graduação em História apresentada a UECE, Fortaleza: 2000.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória*. São Paulo: Contexto, 1992.

MORAES, Marieta de (org.). *História Oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1994.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. *"Trabalhadeiras" e "Camarados": relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica*. Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFPA, 1993.

NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. – Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

NETO, José Batista. *Como uma luneta invertida (intervenção do Estado no semi-árido nordestino através do discurso ideológico do IOCS/IFOCs – 1909/34)*. Dissertação de Mestrado em História apresentada a UFPE – Recife: 1986.

OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. 11ª ed. São Paulo, Ática, 1991.

OLIVEIRA JR., Gerson Augusto de. *Torém: Brincadeira dos Índios Velhos*. - São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desportos, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *O Discurso Fundador*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

_____. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *Discurso e Leitura*. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

_____. *Terra à Vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. - São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

PAULINO, Francisco Souto. *Nordeste, poder e subdesenvolvimento sustentado discurso e prática*. Fortaleza: Edições UFC, 1992.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. *Arte e Ofício de Artesão: história e trajetórias de um meio de sobrevivência*. Tese de Doutorado, USP, 1988.

QUEIROZ, Rachel. *O Quinze*. 36 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1987.

RESENDE, Antônio Paulo. *Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 2.^a edição. São Paulo: Brasiliense.

SALES, Antônio. *Aves de Arribação*. Rio de Janeiro, José Olympio; Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1979. Col. Dolor Barreira, v. 4 (1^a ed., 1914. Publicado primeiramente como Folhetim, no jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, a partir de janeiro de 1903).

SANTANA, Charles D'Almeida. *Fatura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980*. São Paulo: Annablume, 1998.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.) *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOARES, Hidelbrando dos Santos. *Agricultura e reorganização do espaço: a rizicultura irrigada em Limoeiro do Norte – Ce*. Dissertação de Mestrado em Geografia apresentada a UFPE. Recife, 1999.

SOUSA, Eusebio de. *Album do Jaguaribe*. Belém: Empresa Graphica Amazonia, 1922.

STUDART, Guilherme Barão de. *Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997 (ed. Fac-sim. Fortaleza: Typ. Minerva, 1909).

THEOPHILO, Rodolfo. *História da secca do Ceará (1877-1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

_____. *A Secca de 1915*. Fortaleza: Typografia Moderna, 1919.

_____. *A Fome. Violação*. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

_____. *Variola e Vacinação no Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. (Fac-simile da edição publicada em 1904).

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

THOMPSON, E. P. "Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial". In. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. "O termo ausente: experiência". In. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1981.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. "Cultura". In. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

V – Artigos de Apoio

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. "Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste". In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 14, n° 28, 1994.

_____. "Violar Memórias e gestar a História". In. *CLIO – Revista de Pesquisa Histórica da Universidade Federal de Pernambuco* - n° 15. Recife, Universitária, 1994.

_____. "'Quem é frouxo não se mete': violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino". In. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP* n° 19. São Paulo, SP, 1999.

_____. "As Malvadezas da Identidade". In. *Nordeste: identidade, imagens e literatura*. Cadernos NUDOC, Série História, n° 17. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996.

_____. *História: a arte de inventar o passado*. s/d. (mimeo)

ANDRADE, Maria Antônia Alonso de. "Relações de Trabalho e Relações de Poder: Perfil de duas Áreas Geopolíticas". In. *Relações de Trabalho & Relações de Poder: Mudanças e Permanências – Vol. 1*. Mestrado de Sociologia – UFC, Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais (NEPS), Fortaleza: 1986.

ANTONACCI, Maria Antonieta. "Cultura, trabalho, meio ambiente: estratégias de "empate" no Acre". In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 14, n° 28, 1994.

_____. "Reservas Extrativistas no Acre: E Biodiversidade: Relações entre cultura e natureza". In. *Projeto História: Revista do*

Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP n° 18. São Paulo, SP, 1999.

BENJAMIN, Walter. "O Narrador". In. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, Alfredo. "o tempo e os tempos". In. NOVAES, Adalto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos. "O Estado e os programas de apoio à pequena produção". In. *Revista de Ciências Sociais* – vol. X. n° 1 e 2. Fortaleza: 1979.

CHAVES, José Olivenor Souza. "'Metrópole da fome': a cidade de Fortaleza na seca de 1877-1879. In. *Seca / Simone de Souza; Frederico de Castro Neves (Org.); Tanísio Vieira... [et al.]* – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. (Fortaleza: história e cotidiano)

COSTA, Cléria Botelho da. "Uma História Sonhada". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 17, n° 34, 1997.

FERNANDES, Maria Esther. "A 'história de vida' como instrumento de captação da realidade social". In. *Cadernos CERU* - n°6 – Série 2 – 1995.

FERRAZ, Maria do Carmo B. "Oligarquias rurais: reflexões sobre o sertão nordestino". In. *Relações de Trabalho & Relações de Poder: Mudanças e Permanências – Vol. 1*. Mestrado de Sociologia – UFC, Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais (NEPS), Fortaleza: 1986.

GARRIDO, Jean Del. "As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate". In. *Revista Brasileira de História*. ANPUH/Marco Zero, vol. 13, n° 25/26, São Paulo: set. 92/ago.93.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. "Da Conquista e Implantação dos Primeiros Núcleos Urbanos na Capitania do 'Siará Grande'". In. SOUZA, Simone (Coord.). *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. "A velhice de velhos trabalhadores". In. *Cadernos CERU* - n°6 – Série 2 – 1995.

HARRITS, Kirsten e SHARNBERG, Ditte. "Encontro com o 'contador de histórias': um processo de aprendizado mútuo". In. *História Oral* – Revista da Associação Brasileira de História Oral. N° 3, junho de 2000.

KOCKA, Jürgen. "Um Retorno à Narração? Em defesa de uma argumentação histórica". In. APAH – Associação Paranaense de História. *História – Questões & Debates*. Ano 13 - N° 24, 1996.

KURZ, Robert. "A ditadura do tempo abstrato". In. *LAZER numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

LISBOA, Arrojado. "O Problema das Secas". Conferência realizada em 25/08/1913. Publicada nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Vol. XXXV, 1913. In. *DNOCS. Pensamento e Diretrizes*. Edição comemorativa do 75.º aniversário do DNOCS. Fortaleza, 1984.

LOWENTHAL, David. "Como conhecemos o passado". In. *PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP n° 17*. São Paulo, SP, 1998.

MACIEL, Laura Antunes. "A Comissão Rondon e a conquista ordenada dos sertões: espaço, telégrafo e civilização". In. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP n° 18*. São Paulo, SP, 1999.

MALATIAN, Tereza Maria. "Memória e Identidade entre Sapateiros e Curtumeiros". In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Contexto, vol. 16, n° 31 e 32, 1996.

MONACO, Maria de Lourdes/ROSA, Zita de Paula. "História Oral: uma utopia? In. *Revista Brasileira de História*. ANPUH/Marco Zero, vol. 13, n° 25/26, São Paulo: set. 92/ago.93.

MONTENEGRO, Antônio Torres. "A construção da memória". In. *Cadernos CERU - n°6 – Série 2 – 1995*.

_____. "História oral, caminhos e descaminhos". In. *Revista Brasileira de História*. ANPUH/Marco Zero, vol. 13, n° 25/26, São Paulo: set. 92/ago.93.

_____. "História em campo minado (subterrâneos da violência)". In. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n° 10, 1993.

MOTTA, Alda Brito da. "Notas sobre a visão de mundo do camponês brasileiro". In. *Revista de Ciências Sociais, v. X, n° 1-2*, Fortaleza, 1979. p. 54.

MOURA, Denise Aparecida Soares de. "Andantes de Novos Rumos: a vinda de migrantes cearenses para fazendas de café paulistas em 1878". In. *Revista Brasileira de História – dossiê: travessia: migrações*. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 17, n° 34, 1997.

NEVES, Frederico de Castro. "Curral dos Bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932)". In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Contexto, vol. 15, n° 29, 1995.

_____. "Imagens do Nordeste". In. *Nordeste: identidade, imagens e literatura*. Cadernos NUDOC, Série História, n° 17. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996.

NORA, Pierre. "Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares" In. *Projeto História*, n. 10, PUC - São Paulo: 1993.

NOVAIS, Adalto. "Sobre tempo e história". In. NOVAES, Adalto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

PINTO, Júlio Pimentel. "Os muitos tempos da memória". In. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP* n° 17. São Paulo, SP, 1998.

POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento, Silêncio" In. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 2, n.3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. "O que faz a história oral diferente". In. *PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP* n° 14. São Paulo, SP, 1997.

_____. "Algumas reflexões sobre a ética na história oral". In. *PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP* n° 15. São Paulo, SP, 1997.

RESENDE, Antônio Paulo. "O Recife: os espelhos do passado e os labirintos do presente ou as tentações da memória e as inscrições do desejo". In. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP* n° 18. São Paulo, SP, 1999.

REVEL, Jacques e PETER, Jean-Pierre. "O Corpo: o homem doente e sua história". In. LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

ROMANO, Jorge. "'Identidade e Política': Representação e construção da identidade política do campesinato". In. *Relações de Trabalho & Relações de Poder: Mudanças e Permanências – Vol. 1*. Mestrado de Sociologia – UFC, Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais (NEPS), Fortaleza: 1986.

SAMUEL, Raphael. "História local e História oral". In. *Revista Brasileira de História*. Vol. 9, n° 10, ANPUH/Marco Zero, São Paulo: set.89/fev.90.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi e KHOURI, Yara Aun. "Biodiversidade, Sociodiversidade e Exclusão" – Entrevista com Laymert Garcia dos Santos. In. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP* n° 18. São Paulo, SP, 1999.

SANTOS, Milton. "Lazer popular e geração de empregos". In. *LAZER numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

SILVA, José Borzacchiello da. "O Algodão na Organização do Espaço". In. SOUZA, Simone (Coord.). *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

SIQUEIRA, Jorge. "O imaginário das secas". In. *Revista do Departamento de História*. n°8, FAFICH/UFMG, 1989.

_____. "O Direito da Fala (Violência e Política em Vidas Secas)." In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, v. 12, n° 23/24, set. 91/ago.92.

THOMSON, Alistair. "Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias". In. *PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP* n° 15. São Paulo, SP, 1997.

VEIGA GAETA, Maria Aparecida Junqueira. "A Cultura Clerical e a Folia Popular". In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 17, n° 34, 1997.

_____. "A fala dos lugares perdidos: a cidade do desejo". In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Contexto, vol. 15, n° 30, 1995.